E Libris Tho: Russel

Nov: Coll: Oxon: quon

Socii qui ob. 31mo: Jul: 178


LVIZ DE CAMOIS. PRINCEPE DOS POETAS DE PORTVGAL

ECCOS,
QUE O CLARIM DA FAMA DA':
POSTILHAÕ
DE APOLLO.

MONTADO NO PEGAZO, GIRANDO o Universo, para divulgar ao Orbe literario as peregrinas flores da Poezia Portugueza, com que vistosamente se esmaltaõ os jardins das Musas do Parnazo.

ACADEMIA UNIVERSAL.

Em a qual se recolhem os crystaes mais puros, que os famigerados Engenhos Lusitanos beberaõ nas fontes de Hipocrene, Helicona, e Aganipe.

ECCO I.

DEDICADO

AO NOSSO FIDELISSIMO MONARCHA

D. JOSEPH I.

POR

JOSEPH MAREGELO DE OSAN.

)(✠)(

LISBOA:
Na Offic. de Francisco Borges de Souza.
Anno de MDCCLXI.

DEDICATORIA.

PRoſtrado a voſſos pés, Senhor, offereço
O fructo, que atéqui tenho colhido
Do meu trabalho, e ſendo recebido
Por Vós, terei o premio, que appeteço.
Naõ ſer offerta propria reconheço,
Tudo o que he neſtes verſos incluido;
E quando nada tenhaõ merecido,
Eu a voſſa attençaõ naõ deſmereço.
O meu goſto ſeria ter-vos dado
O recreio mayor, a mayor gloria:
Porèm o meu intento foy fruſtrado.
Mas poſſo ter ao menos a vangloria, (do)
Que o voſſo Auguſto Nome aqui grava-
Me fará digno de immortal memoria.

PROLOGO.

PArece ley, e passa a ser costume,
Que em reverencia de qualquer volume,
Que com parto jucundo
Sahe do ventre do prélo á luz do mundo,
E na berlina, que lhe doura o ferro,
Coberta de carneira, ou de bezerro,
Corre sem descançar por varios modos,
Servindo-lhe de pés as mãos de todos;
Que hum Prologo adiante
Traga em lugar de archote bem flãmante,
Que lhe venha aclarando
O *quis*, *quibus*, e *quid*, *quomodo*, e *quando*:
Inda que esteja claro quanto encerra,
E tenha o livro o fructo á flor da terra.
Tambem do dito Prologo a elegancia
Tem outra circunstancia,
Que he a posse pacifica, que goza,
De naõ ser nũca em verso, sẽpre em proza.
Item, que o Leitor sempre sem desvio
Benevolo ha de ser, e ha de ser pio;
E inda que com Herodes aparente,
Sempre ha de ser de Eneas descendente:
Por isso, sem perigo,
Ha de chamar ao seu Leitor amigo,

Q

Que assim foy sempre usado, (do;
Quer seja, ou naõ, seu sogro, ou seu cunha-
Ou nas noites passadas
Lhe matasse seu pay ás punhaladas.
Pois tratá-lo de tu nunca lhe esquece,
Como se desde a escóla o conhecesse,
E ambos n'um Mestre andassem,
Podendo muy bem ser que o tu tyranno,
Topar fosse c'um Rey muy deshumano,
Que elle naõ conhecesse,
Nem saiba q̃ tal Rey no mundo houvesse;
Porque hum Livro volante
Corre, sem que lhe ponhaõ o pé diante,
E como por dinheiro se reparte,
Chegar póde o tal livro a toda a parte,
Aonde houver dinheiro, sem desdouro,
Em ouro, ou prata, ou cobre, e ainda
em couro
Narrar tambem o Prologo se obriga,
Do trabalho, que teve, e da fadiga,
Em escarafunchar tanta memoria
Guardada nos archivos,
Por dar á patria gloria, (vivos.
Bom nome aos mortos, melhor fama aos
Isto nunca se escuza,
Que nos Prologos todos assim se uza,
O pedir a quem ler que naõ censure,
[illegible]es de ler, e que depois murmure,
Tambem

Tambem está bem posto,
E aquillo de escrever por dar lhe gosto;
Isto, e mil cousas bôas,
Humas palavras taõ tabelliôas,
Em fraze costumada,
Que todas valem pouco mais de nada.
Temos Prologo, sim, mas differente,
E naõ lá como o escreve a outra gente.
Primeiramente, seja este em verso,
Que a clara Musa canta:
Saiba-se no Universo,
Que outro valor mais alto se levanta;
E neste grande caso,
Naõ fazemos da Proza nenhum caso,
Porque sem alboroto
Em proza falla alli qualquer maroto:
Sem ser cousa donoza,
Em proza falla a Dama mais formosa,
E esta tal formosura
Se está na mór altura,
Bem que da discriçaõ ande na escóla,
Se he formosa, está dito, ha ser tola:
E a criança de mamma sem ser gente,
Pay, e mãy, chama em proza balbuciente;
E os rapazes ás amas, sem cortejo,
Tambem em proza pedẽ paõ cõ queijo.
As prozas finalmente aqui se calaõ,
Por ser idioma em que todos fallaõ.

Aq

Aqui mais culta fraze procuramos,
Por isso em verso agora prologamos.
Pois amigo ao Leitor tambẽ naõ chamo,
Inda que a todos amo ,
Porq̃ , ou distante, ou proximo elle seja,
Faço o que manda a Santa Madre Igreja:
E ainda que inimigo o encontrara
Por fé talvez que a hum inimigo amara;
Porque me naõ dissesse o Evangelho ,
Que nem de graça tomo o seu conselho.
Tratar de tu o Leitor, he grosseria,
Naõ me ensinaraõ tanta cortezia
Ha de aqui ser tratado ,
Conforme o seu estado.
Se for Religioso , com decencia,
Digo que lêa su Reverencia;
Pois a Reverendissima,que se usa,
Naõ lha quer aqui dar a minha Muza.
Se for Capucho, póde ler Vossáde ,
A tudo o mais lhe dou Paternidade.
Se for Leigo, lhe digo sem affrontas ,
Que naõ lêa, que reze pelas contas,
Porque o ler lhe he vedado ,
Bem que dê pelo livro o seu cruzado.
Se for Conimbricence bom estudante,
Lêa senhor Doutor, será bastante;
Se for homem sem outro sobrescrito ,
Lêa Vossa Mercê, e tenho dito ;

Se

Se for pelaõ, com o meſmo ſe contente,
E naõ ſeja inſolente,
Querendo a Senhoria,
Que ſe reſerva para a fidalguia;
E a da meya tigella
Tambem aproveitar-ſe póde della.
Com os criados da caſa,
Com quem gente muy bõa naõ faz vaza,
E com os Titulos, tenho conveniencias,
Para dizer-lhes: lêam Voſſellencias.
Aos Principes naõ mando,
Que eu naõ ſou atrevido, nẽ zombando,
E ſe me ponho a geito,
Só mando que lhes peço o meu reſpeito.
Que ha de hum vilaõ roim, ha de hum
magano.
Mandar ler a hum Monarcha ſoberano!
E pelo atrevimento
Ninguẽ lhe dá c'ũ páo! Dera-lhe eu cẽto.
Naõ reparaõ que taes facilidades
Saõ herezias contra as Mageſtades?
E herege da politica obſtinado
Merece em auto publico queimado.
Diverſo tratamento
Teraõ as Damas de alto firmamento,
Que a habitaçaõ do Ceo ás taes Senhoras
Divinas as faz ſer em poucas horas;
E eu tantas reſpeitando immunidades
Lhes

Lhes digo: lêaõ Voſſas Divindades.
As demais Damas bellas
Conſultadas em Soes, Luas, e Eſtrellas,
Que ja cõ preſumpções de mais formoſas,
Naõ querẽ ſer Jaſmins, nem ſer ja Rozas,
E Angelicas, ainda eu o duvido,
Pois haõ de pôr o ponto mais ſubido,
Com a belleza tem, ſem menoscabo,
Na cara de Anjo, effeitos de diabo;
Com razaõ digo a eſtas formoſuras:
Lêaõ voſſas celeſtes diabruras,
Porque aſſim cuido que melhor as trato,
Dando-lhe as diabruras de barato.
Que ſe eſtas divindades endiabradas
Quizerem por diſcretas ſer tratadas,
Tratem de ler, e naõ ſe cifre tudo
Do toucador no cryſtallino eſtudo,
Que a idolatrar-lhe enſina
A imagem da belleza por divina.
Deſta regra ſe tira
Maravilha fatal, que o mundo admira;
Admira o meſmo Apollo tal Poeta
Rara na erudiçaõ, e na brandura,
Inda que os meſmos Aſtros inquieta.
Ama do verſo a fraze ſempre pura,
Campa no mundo todo por diſcreta,
Aondeiſó lhe aggrava a formoſura.
Eſta decima Muſa

Tem

Tem mais que ſciencia infuſa.
A qui no Livro brilha hũ ſeu Soneto (to.
Na idéa, e aſsũpto, em tudo o mais diſcre.
Quanto aqui vay eſcrito,
Naõ leva meu mais que eſte ſobreſcrito,
Pois para ſe amanhar o tal Livrinho,
Cada Poeta entrou com o ſeu verſinho,
Como quem bota eſmóla cada dia
Das almas na bacia:
Tambem como quem pede
Miſſa pedida para S. Mamede,
A modo de quem chora,
E lhe reſpondem: eu naõ tenho agora:
E elle bate a outra porta ſem pirguiça
Até que junta eſmóla para a Miſſa.
Da meſma ſorte andey pelo meu modo
Té que de muitas partes fiz hum todo,
Como a filha das agoas Neptuninas,
Que hum pintor com deſtreza,
Querendo retratar tanta belleza,
Juntou muitas bellezas peregrinas,
E das feiçoens melhores
Eſcolheo as mais bellas,
E aſſim de todas ellas
Fez a copia da Deoſa dos amores;
Pois deſſe meſmo modo,
Se compôs deſte livro a parte, e o todo,
Como o paſſaro, em cujo corpo cabe,
(En

(Eu nunca o ouvi, nem vi, nem ſey a que ſabe)
Veſtir as gallas, e compor as modas,
Com as pennas, que veſtem as aves todas,
E deſte modo pobre ſe condena,
Atirar-lhe cada huma a ſua penna,
Ficando elle deſpido com deſdouro;
Pois aſſim ficará o livro em couro,
Se vem cada Poeta, e delle cobra
O qne o livro tomou, que he a ſua obra.
Mas aſſim como na ave he patarata
O que della ſe conta,
Aſſim dos que chafurdaõ a fonte grata
Tambem ſerá affronta
Tomar o que me déraõ, naõ forçados,
Em ſuas obras ſeletas:
Porèm ſe ſaõ Poetas,
Naõ ſerá muito ſejaõ corcovados.
Cenſurem, ou naõ cenſurem,
Murmurem, ou naõ murmurem
Critiquem, ou naõ critiquem, a iſſo digo,
Que eſſas cenſuras nada tem commigo,
Inda dellas appello,
Sem temer que me façaõ amarello.
Mas ſe todos conſtantes,
Pōem de participantes
O livro, eſtou perdido,
Deos lhes tire tudo iſſo do ſentido.

A col-

A collecçaõ formosa
De tanta consonancia numerosa
O Leitor me agradeça,
Leva no livro huma galante peça.
E se o livro, de fato
Naõ presta: porque foy taõ insensato
O Leitor galhofeiro,
Que veyo a dar por elle o seu dinheiro?
Nisto naõ ha trapassa,
Porque este livro naõ se dá de graça,
Pois cada versinho
A seu Author custou bom dinheyrinho,

Vale.

LI-

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informaçoens, póde-se imprimir a Collecçaõ de obras, que se apresenta, e quer dar ao Prélo em dous tomos, com o titulo: *Eccos, que o Clarim da fama dá*, Joseph Maragelo de Osan, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisbôa no Paço de Palhavaã 8. de Janeiro 1760.

Trigozo. Silveiro Lobo.

DO

Approvaçaõ do M. R. P. M. Jubilado Fr. Joseph. da Madre de Deos, Examinador das Tres Ordens, Consultor da Bulla, e Examinador Synodal no Patriarchado &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

VI o Livro, que se pertende reimprimir, e todos os mais papeis, de que trata esta petiçaõ, e em todas estas Obras Poeticas naõ achey cousa alguma opposta á pureza da nossa Santa Fé, ou bons costumes. V. Excellencia mandará o que for servido. Convento de N. Senhora de Jesus de Lisbóa 27 de Janeiro de 1760.

Fr. Joseph da Madre de Deos.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir, e depois torne para se dar licença para correr. Lisbóa 3. de Fevereiro de 1760.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Approvaçaõ do M. R. Diogo Barboza Machado, Academico da Academia Real &c.

SENHOR.

A Colleçaõ de Poezias, aſſim ſagradas, como profanas, que ſe perende imprimir, naõ contèm couſa al-uma contra as Leys de V. Mageſtade; tge mandará o que for ſervido. Lisbôa qude Feverciro de 1760.

5.

Diogo Barboza Machado.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornerá á Meſa reviſto pelo Reviſor, para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Libôa 11 de Fevereiro de 1760.

valho. D. Velho. Caſtello.
Car Siqueira. Pacheco.

SEG

SEGUNDAS LICENC,AS

Do Santo Officio.

PO'de correr. Lisboa 10 de Fevereiro de 1761.

Trigozo. Silverio Lobo. Carvalho.

Do Ordinario.

PO'de correr. Lisboa. 20 de Fevereiro de 1761.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

Do Paço.

TAixaõ para correr em desoito vintens. Lisboa 10 de Abril de 1761.

D. Velho. Castello. Fonseca.

IN-

INDICE

Das obras, que neste tomo se contèm.

Acçaõ

Coim-

PRO-

PROTESTAÇAÕ DA FÉ

SONETO.

NO Mar destes discursos rezumido
Da barca sigo da Romana Igreja
O sagrado Farol, para que esteja
A seus dictames tudo submettido.
Se alguma cousa tenho proferido
Que a seus Decretos contraposto seja,
Por retractada a dou: porque me veja
Do' naufragio de absurdos eximido.
Desta sorte esta Obra he bem que siga
A derrota ; evitando os desacertos
Da borrasca dos erros inimiga:
Pois navegando pelos rumos certos
Da Verdade Catholica, prosiga
Seus applauzos no porto dos acertos.

INTRODUCÇÃO POETICA.

I.

ERA do anno a Eſtaçaõ primeira;
Em q̃ de Colchos o animal luzido
Acaba no Zodiaco a carreira
Depois da porta ao anno ter abrido:
E fugindo dos peixes, derradeira
Eſtaçaõ do Inverno deſabrido,
Luzes promette ao Ceo, flores á terra
Nas auzencias do frio, que deſterra.

II.

E o dourado véllo ſacudindo
Das geadas do Inverno rigoroſo,
Eſtá ſobre campo de ouro deſcobrindo
Hum bordado de prata muy viſtoſo:
Indo com a dourada ponta abrindo
Caminho neſſe campo luminoſo,
Pizando ayroſo lucidas eſtrellas,
Mais rico de eſplendor que todas ellas.

III.

E já por ſua ordem vem andando ;
Da Eſtrella de Cythéra acompanhado ,
Aquelle , em que Tonante disfarçando
A mageſtade , o mar paſſou a nado ,
Quando a filha de Agenor furtando ,
Antes do caſamento celebrado ,
Quiz moſtrar na armaçaõ ſó apparente
O que depois ſeria realmente.

IV.

Mas Febo,q̃ apreſſado o vem ſeguindo
Com garrochões de luz ſórtes fazia ,
Tirando ſettas , e rojões brandindo ,
No terreiro do Ceo ao Boy corria :
Sobre Pyrois montado vem ferindo ,
Menos com rayos , mais co' a bizarria ,
E tomando das pontas certo agouro ,
Sortes lhe vem fazendo , como a touro.

V.

O generoſo bruto eſtimulado
Das eſtrellas , que Febo luminoſo
Nas ilhargas lhe emprega , accelerado
Buſca o contrario com rancor fogoſo :
Logo por rédeas de ouro ſoffreado
Ouro puro maſtiga , e precioſo ,
Pregando em campo de ouro a fina prata
De que calçada traz a bruta pata.

VI.

VI.

Vio-ſe mais gentil, mais engraçado,
Mais rico de eſplendores Febo ardente,
De galla mais viſtoſa vem trajado
Bordada de ouro puro, e refulgente:
Os rayos, que n'outra hora vibra irado,
Saõ luz agora pura, e innocente,
Publicando por linguas de fulgores,
Que vem dar luz á terra, galla ás flores.

VII.

Mais bello ſe levanta, mais luzido
Da tumba de cryſtal, em que eſpirára,
E nella á ſepultura conduzido,
Entre horrores da ſombra caminhára:
Onde a formoſa Thetis eſcondido
No mauſoléo das ondas o enterrára,
Sepultando diſcreta, amante, e grata
Hum corpo todo de ouro em muita prata.

VIII.

O Ceo, que acompanhára á ſepultura
O cadaver com tochas rutilantes,
Que accendera na noite mais eſcura,
Como ſignaes da dor, o luto, que antes
Arraſtar-lhe fizera a ſórte dura,
Muda em gallas de luz mais roçagantes,
Multiplicando agora em alegria
O que entaõ padecera de agonia.

IX.

E as exequias triftes, que entoára
Por bocca de nocturnas pardas aves,
Que na fombra cruel de luz avara
Gemeraõ triftes, e voáraõ graves:
Agora quando as fombras defampara,
Troca em muficas brandas, e fuaves
Por bocca de cantores paffarinhos,
Que a córos eftaõ cãtando nos raminhos.

X.

E os lugubres fignaes, q̃ entaõ lhe da-
Neffa torre do Ceo funebres finos, (vaõ
Quando á morte funeftos fe dobravaõ,
No metal menos, que na dor mais finos:
Em repiques alegres commutavaõ,
Effes Ceos atroando cryftallinos,
Refpondendo do ar as avefinhas,
E no prado tocando as campainhas.

XI.

Na terra a Deofa Flora debuxava,
Sentada em verde eftrado, fubtilmente
Formofa Primavera, que igualava,
Se naõ vencia, effe Orbe tranfparente:
E nas flores da terra arremedava
As eftrellas do Ceo refplandecente
Com tal arte, e primor, tal galhardia,
Que a terra novo Ceo fe parecia.

XII.

XII.

Para o rico bordado ſe ſervia
Da ſeda, que lhe offrecem lindas flores,
Das quaes com deſtra maõ ſubtil fazia
De cores mil finiſſimos lavores:
E com ellas ao campo reveſtia,
Cortando-lhe veſtidos de mil cores,
Engaſtando por pedras precioſas
As lagrimas da Aurora mais luſtroſas.

XIII.

Veſte de verde eſcuro amenos prados,
Miſturando mil caſtas de boninas,
E nos montes, e oiteiros levantados
Fórma de melhor ouro novas minas:
Pintando de cor d'ouro os namorados
Giraſoes, que ás esféras cryſtallinas
Deſpedem ſaudoſos mil ſuſpiros,
A ſua dor moſtrando nos ſeus giros.

XIV.

As penhas, q̃ outro tempo preſumidas
Na igualdade c'os aſtros competiaõ,
Agora das hervinhas reveſtidas
Na formoſura aos aſtros excediaõ:
Do preſidio das flores guarnecidas,
Aos Ceos na gentileza deſafiaõ,
Pertendendo ficarem neſta guerra
Como os aſtros no Ceo, aſtros na terra.

XV.

Ambares no jardim refpira a rofa,
Em throno de efmeraldas fublimada,
Servindo-lhe de guarda numerofa
Os efpinhos, que em roda a tem cercada:
Fraldelim traz de purpura viftofa,
Com rica guarniçaõ de ouro bordada,
Recuperando agora o que no Eftio
Perdeo de formofura, galla, e brio.

XVI.

O cravo, que afpirava a fer reinante
Na cheirofa Républica das flores,
Traja galla de purpura flammante,
Sahindo-lhe ao rofto vivas cores,
De ver que taõ formofo, e roçagante
Haja de conhecer outros mayores,
Sentindo com tal ancia efta agonia,
Que a Aurora lhe receita huma fangria.

XVII.

O jafmin, que das flores na pureza
Pertende fe lhe julgue a primazia,
Temendo fer vencido nefta empreza,
De receyo, e temor branco fe enfia:
Por ver que pofta em campo, e em defeza,
Lhe compete a açucena em bizarria,
Temendo, com razaõ, que a fua prata
A victoria lhe alcance muy barata.

XVIII.

XVIII.

O lyrio d'outra parte o vencimento
Se promette muy certo da victoria,
Por ſe ver taõ formoſo em luzimento,
Que vence o Rey mayor em pompa, e glo-
Fazendo do luzir merecimento, (ria:
Naõ vendo que o luzir ſó he vaã gloria;
Porèm eſta razaõ, que allega o lyrio,
Julgaõ todas as flores por delirio.

XIX.

Vendo a roſa que o lyrio rebellado
Conſpira contra a ſua mageſtade,
E que pertende a coroa ter do prado,
Aſpirando á ſuprema dignidade:
Entra em grande temor, mayor cuidado;
E para caſtigar-lhe a necedade
Manda marchar em alas as boninas
Com librés de mil cores peregrinas.

XX.

Marchando na vanguarda valoroſos,
De roçagante purpura trajados,
Por Capitães os cravos oloroſos,
Com botas de eſmeralda vaõ calçados:
Taõ bellos, taõ gentîs, e taõ formoſos,
Que elles ſó ſaõ a flor dos mais ſoldados,
E nas botas, que calçaõ ao guerreiro,
Levaõ eſporas azues de cavalleiro.

XXI.

XXI.

Seguem-se logo postas em fileira
Outras flores com cargos differentes,
Levaõ as açucenas a bandeira
Com esmaltes de ouro refulgentes:
Cadaqual quer na gloria ser primeira,
Mostrando-se á porfia diligentes;
Até a mesma rosa alli se via
Armada da forçosa picaria.

XXII.

Logo em seu seguimento vaõ marchan-
Qual gente militar de Infantaria, (do,
E na sonóra caixa vay tocando
Com compassada maõ destra a cachia,
A cujo som se ouve ir disparando
Bálas de olores a mosquetaria,
E atirando fogosas as cravinas,
Causando no contrario mil ruinas.

XXIII.

Nesta, pois, Estaçaõ deliciosa,
Em que o mundo de novo recupera
Quanto a Estaçaõ do Inverno rigorosa
Lhe roubou triste, lhe furtou sevéra:
Neste tempo, em que a terra mais formosa
Traja gallas de linda Primavera,
Quiz Apollo se abrisse a Academia,
Por reformar de novo a Poesia.

XXIV.

XXIV.

Como ouvia dizer ,ſe murmurava
Sem reſpeito nenhum, ou cortezia,
E que o vulgo ignorante motejava
Com ſolta lingua a nobre Poeſia:
Sendo o que niſto mais ſe adiantava
O que della talvez nada entendia;
Quiz que ſe conſultaſſe no Parnaſo
O que era bom fazer-ſe neſte caſo.

XXV.

A Cyllenio pedio que intervieſſe
Em negocio taõ grave, taõ preciſo,
E que ás Muſas irmaãs aviſo deſſe,
Para vir ao Parnaſo de improviſo:
E que elle aſſiſtir tambem quizeſſe,
Porque c'o parecer do ſeu juizo,
Como taõ grave, douto, e acertado,
Veria eſte negocio em bom eſtado.

XXVI.

Pôem-ſe gentil Cyllenio accelerado
As azas taõ ligeiras, como ayroſas,
E navega ſobre ellas eſtribado
Por golfos de cryſtal maré de roſas:
Os ventos, quando o vem taõ apreſſado,
As proprias azas tem por vagaroſas,
Dando ao filho de Maya a primazia,
Aſſim nos vôos, como em bizarria.

XXVII.

Vinha o filho de Maya taõ formoſo,
Como em florîdo Abril ameno prado,
Alegre, e juntamente mageſtoſo,
O grave deſmentindo com o agrado,
Entre grave, e ſevéro, amoroſo;
E de Helycona ao boſque já chègado,
Co' a lyra acorde de ouro, que tócava,
As Muſas ao Parnaſo convocava.

XXVIII.

Era taõ doce o ſom, que ſendo ouvido
No Ceo, no ar, na terra, nos rochedos,
Lhe deraõ juntamente attento ouvido
Aſtros, e aves, homens, e penedos:
Sendo tanto de todos applaudido,
Que ouviraõ mudos, e eſcutáraõ quedos;
Sǒ Ecco, que das grutas o ouvia,
Por bocca das cavernas reſpondia.

XXIX.

Naõ tocava melhor, quando attrahia
O citharedo Anfiaõ rochedos duros,
E ao ſom da doce lyra deſprendia
Os riſcos, e penhaſcos mais ſeguros,
Quando á famoſa Thebas conſtruîa
C'o brando do ſeu ſom ſeus fortes muros,
Levando atraz da cithara ſuave
O toſco monte], o rochedo grave.

XXX.

Aſſim todas as Muſas, que aſſiſtiaõ
Na floreſta cheiroſa entre as boninas,
E com Flora gentil ſe divertiaõ
Junto ás agoas da fonte cryſtallinas,
Sendo os cryſtaes undoſos, que corriaõ,
Eſpelho a ſuas faces peregrinas,
Attrahidas da muſica, que ouviraõ,
Ao cume do Parnaſo ſe ſubiraõ.

XXXI.

Intimou-lhes Cyllenio o ſeu mandado,
Que da parte de Apollo lhes trazia,
E logo alli ficou determinado
Por commum parecer ao certo o dia,
Como lhes pareceo mais acertado,
Para poder abrir-ſe a Academia:
E com iſto Cyllenio ſe deſpede,
E co'as azas do vento as proprias mede.

XXXII.

Em quanto o dia fixo naõ chegava,
E as Muſas ſe preparaõ com cuidado,
De apregoar a fama naõ ceſſava
O congreſſo, que eſtá determinado:
Todo o Poeta já ſe apparelhava,
Eſperando eſte dia alvoroçado;
Só Momo, que iſto ſoube, eſcarnecia,
Fazendo do tal caſo zombaria.

XXXIII.

XXXIII.

Era Momo inimigo declarado
De Apollo, cujas obras naõ gostava,
E por ver que he de todos celebrado
Publicamente delle murmurava:
E vendo agora o tempo accommodado,
Ter com elle razões determinava,
Apparelhando já para a peleja
As armas, que lhe dava a torpe inveja.

XXXIV.

Já vinha a bella Aurora destoucando
A madeixa gentil de seus cabellos,
Do mesmo Sol os rayos desprezando
Por menos elegantes, menos bellos:
E sobre os verdes campos orvalhando,
Começava de prata a guarnecê-los,
Restituindo ao campo, ás flores, e aves
A graça, o cheiro, as musicas suaves.

XXXV.

O ledo passarinho, que dormia
Entre os viçosos ramos do loureiro,
E c'o somno da noite refazia
O trabalho, que teve o dia inteiro,
Tanto que vio a luz, que apparecia,
A sauda cortez, e lisonjeiro,
Cantando ao som da fonte, q̃ correndo,
Nas pedrinhas, q̃ encontra, vay tangendo.

XXXVI.

XXXVI.

As flores, que de noite adormecidas
Descançavaõ entre camas olorosas,
Das lagrimas da Aurora humedecidas
Se levantaõ mais lindas, mais formosas:
E dos cheirosos leitos já erguidas,
Cortezia á manhaã fazem ayrosas,
Porque a viraçaõ branda, que corría,
Com muito ar cortezes as fazia.

XXXVII.

Zefyro brandamente respirando
As orvalhadas flores sacudia,
E com a mimosa planta tropeçando
Ora se levantava, ora cahia:
Outra vez crespas ondas remedando,
O prado em mar de rosas convertia,
Onde em golfos navegaõ de vapores
Feitas náos do jardim todas as flores.

XXXVIII.

Atraz da roxa Aurora caminhava,
Pelas portas entrando do Oriente,
O flammante Planeta, que rodava
Em coche de crystal resplandecente,
E de abrazado fogo arremessava
Ligeiras settas com rigor valente,
Brando, e cruel, trazendo em seus ardores
Bom dia ao campo, e má tarde ás flores.

XXXIX.

XXXIX.

Efte era, pois, o dia celebrado
Pelo neto gentil do velho Athlante,
Para o qual com as Mufas ajuftado
O congreffo deixára relevante:
Vem todos para o monte celebrado,
De Mercurio guiados, que adiante
Caminhava, querendo fer primeiro
Por moftrar-fe cortez, e lifongeiro.

XL.

Chegaõ do monte ao cume, onde fuften-
Quatro finas columnas bem lavradas (taõ
Huma nobre fachada, em que fe oftentaõ
A natureza, e arte já efgottadas:
Mais graça, e formofura lhe accrefcentaõ
Verdes heras em troncos dilatadas,
Que na porta viftofas fe enlaçavaõ,
Dando mais graça ás pedras, q̃ abraçavaõ.

XLI.

Já entra a numerofa companhia
No facro monte a Apollo acompanhan-
Cujo afpecto benigno parecia (do,
Mais luzente q̃ o Sol, quando efpalhando
Denfa nuvem, que o rofto lhe cobria,
Apparece das ondas triunfando:
Paffados os primeiros cumprimentos,
Manda tomar a todos feus affentos.

XLII.

Calliope formosa, a quem he dado
O verso heroico, grave, e magestoso,
Occupava hum assento marchetado
Com niveo dente do animal forçoso,
A quem Bellona vio no campo armado
Feito andante castello bellicoso:
Trajava primavera de lavores,
Semeada de fructos, e de flores.

XLIII.

Clio n'outra cadeira se sentava,
Onde por déstra maõ se vem lavradas
As historias antigas, que mostrava
Presentes, sendo que eraõ já passadas:
Na preciosa galla, que trajava,
Outras tambem se viaõ debuxadas,
Representando assim mortas figuras,
Como se foraõ vivas escrituras.

XLIV.

Logo n'uma cadeira de safira
Erato junto a Clio se diviza,
Erato, aquella Musa, cuja lyra
Os corações alegra, e suaviza:
Aquella, a cujos rogos flexas tira
O cego Deos, que mata, e tyranniza;
Roupas azues de fina seda veste,
Que a fazem parecer cousa celeste.

XLV.

No quarto aſſento leda ſuccedia
Thalia, a cujo cargo he commettido
Compôr a doce, e branda poeſia,
Que arrebate, e ſuſpenda o grato ouvido:
Hum véo, que a branca neve deſafia
Na candidez, lhe ſerve de veſtido;
Mas como o véo em tudo era taõ raro,
He nuvem pouca para Sol taõ claro.

XLVI.

A quinta era Melpomene choroſa,
Das lugubres tragedias inventora,
Mas naõ lhe tira o triſte o ſer formoſa,
Que antes he mais formoſa quãdo chora:
Bem como he mais bizarra, mais viſtoſa
Quando lagrimas verte a bella Aurora;
Qual a roſa, que eſtá mais engraçada
Quando amanhece em lagrimas banhada.

XLVII.

Terpſicore gentil, ayroſa, e bella,
N'um bordado cochim lugar tomava,
Feito de prata, e ouro, cuja téla
Ao natural as flores retratava:
Eſta, de quem lições tomar anhéla
O Thrace Orfeu, na cythara tocava, (ta,
Juntando ás cordas de ouro a maõ de pra-
Com que huns enlea, outros arrebata.

XLVIII.

XLVIII.

Em settimo lugar se vê sentada
A que na gentileza era a primeira,
Euterpe linda, bella, e engraçada:
Vestia de huma seda muy ligeira,
Com canutilho de ouro repassada,
Da cor, que tem a fresca larangeira,
Quãdo opprimida está cõ pomos de ouro
Manifestando á vista o seu thesouro.

XLIX.

Cadeira de crystal resplandecente,
Emulo no resplandor da luz mais pura,
Mais luzido que o Sol mais resulgente,
Occupa hum novo Sol na formosura,
Polymnia, aquella Musa, que eloquente,
A gentileza com a sciencia apura,
Taõ formosa, que nescia parecia,
Taõ sabia, que ser feya merecia.

L.

Na ultima cadeira magestosa,
A quem varias estrellas esmaltavaõ
Com invençaõ taõ rara, e primorosa,
Que hum novo Ceo na terra retratavaõ,
Urania se sentava taõ formosa,
Que as outras Musas todas duvidavaõ.
Se excedia o poder da natureza
Hum prodigio taõ raro da belleza.

LI.

Todas tinhaõ capellas de boninas
Colhidas na formoſa madrugada ,
Quando as portas do Oriente cryſtallinas
Abrio a eſpoſa de Tithon nevada :
Salpicadas de cores peregrinas ,
Qual roxa , qual azul , qual encarnada ;
Mas posto ſaõ formoſas as capellas ,
Ellas ſaõ mais formoſas , e mais bellas.

LII.

Vem-ſe em nichos eſtatuas levantadas
Dos Poetas , que mais as merecèraõ
Pelos verſos , e obras celebradas ,
Que com grande trabalho compuzeraõ :
Homéro alli ſe vê , por quem armadas
Sette nobres Cidades contendèraõ ;
Mas em vaõ , que a talento taõ profundo
He patria pouca o dilatado mundo.

LIII.

Huma eſtatua de jaſpe bem lavrado
A Ennio Tarentino figurava ,
Ennio, que entre os eſtrondos de ſoldado
O deſcanço das Muſas conſervava :
Eſtava de verdes heras coroado
Miſturadas com ouro , em que moſtrava
Poderem-ſe juntar n'um ſó ſujeito
Diſcreta penna , valoroſo peito.

LIV.

LIV.

N'um porfido efculpido o Mantuano
Admirações, e pafmos infundia,
Moftrãdo hum naõ fey que mais q̃ de hu-
Com q̃ refpeito ainda concilîa: (mano,
Defronte delle eftá Venufiano,
Outro famofo heróe na Poefia;
Em fim, alli fe vem outros pintados
Dos antigos, que faõ mais affamados.

LV.

Via-fe muito ao vivo retratado,
A efpada n'uma maõ, na outra a penna;
Camoens, o mor Poeta, o mor Soldado,
Que vio Bellona, conheceo Camena:
Aquelle ingenho nunca affás louvado,
Que quanto mais nos louva, nos condena,
Sendo calumnia noffa os feus louvores,
Que pagamos com tantos desfavores.

LVI.

Junto a efte tambem fe defcobria
Miranda, o que do celebre Mondego
Nas faudofas prayas affiftia,
Arguindo de louco, amente, e cego
Ao que dentro nas Cortes fe attrevia
Paffar a vida fem algum focego;
Claro a feus pés o rio fe defcobre
De arêas rico, de corrente pobre.

LVII.

Huma eſtatua de murta coroada
Aquelle grande ingenho repreſenta,
Que á corrente do Lena limitada
De Aganipe as correntes accreſcenta:
A branda Primavera alli pintada
Ramilhetes de flores lhe appreſenta
Por maõ das bellas Tagides formoſas,
Que hõrou cõ verſos, illuſtrou cõ proſas.

LVIII.

Via-ſe aquelle Cyſne Luſitano,
Que em numeroſo métro levantado
Tanto illuſtrou ſeu nome ſoberano,
Que n'um, e outro Pólo he celebrado:
Cujos verſos fizeraõ mais ufano,
Do que o Troyano féro debellado,
O valoroſo Ulyſſes, que ſe preza
Mais deſta penna, que daquella empreza.

LIX.

Hum verde ramo de viçoſa planta
A cabeça de Sá tem coroado,
Aquelle, cuja Muſa ao Ceo levanta
O valoroſo esforço ſublimado
Dos Portuguezes com viveza tanta,
Com eſtylo taõ alto, e levántado,
Que em cada verſo ſeu, em cada canto
Fulmina hum rayo de terror, e eſpanto.

LX.

LX.

Outros muitos alli ſe diviſavaõ
Em porfidos, e marmores lavrados,
Entre os quaes mais illuſtres ſe moſtravaõ
Os Cyſnes Portuguezes celebrados:
Alli tambem mulheres naõ faltavaõ,
De ingenhos taõ ſublimes, e elevados,
Que nas famoſas obras, que deixáraõ,
Columnas a ſeus nomes levantáraõ.

LXI.

No meyo deſta ſala ſublimado
Hum throno eſtá de fina pedraria
Com miudos lavores debuxado,
Mais fulgente que o Sol ao meyo dia,
Quando em chámas de luz morre abraza- (do:
Nelle ſentado Apollo preſidia,
Tendo junto a ſi para o conſelho
O ſabio neto do forçoſo velho.

LXII.

Geral ſilencio a todos foy mandado
Pelo Deos, que he do monte Preſidente,
O qual desde o ſeu throno levantado,
Com tom de voz ſonora, e vehemente,
Com geſto hũ pouco grave, e carregado,
Que moſtra aos olhos o que n'alma ſente,
Ao congreſſo, que junto o attendia,
Eſtas formaes palavras proferia:

LXIII.

LXIII.

Diſcretos moradores deſte monte,
A quem ſó dos mortaes he concedido
Beber as agoas deſſa clara fonte,
Em que ingenho, e ſaber eſtá eſcondido,
Tempo creyo ſer já que a todos conte
O que ha muito tempo tenho ouvido,
Naõ ſem mágoa, por ver taõ deſprezada
A noſſa arte taõ nobre, e celebrada.

LXIV.

Naõ era antigamente concedida
Entrada neſte monte a qualquer gente,
Nem era no Parnaſo admittida
A que douta naõ foſſe, ou eloquente:
Hoje porèm ſe vê introduzida
Ignorante, e diſcreta juntamente:
Dizem-me ſe concede aqui entrada
Sem que ſeja pedida, nem rogada.

LXV.

Naõ era aſſim antigamente, quando..;
Mas aqui o naõ deixa ir por diante
Da noite o negro filho, que eſcutando
Attento eſtava, eſperto, e vigilante
Dentro de opaca nuvem eſpreitando,
E com voz, e com geſto petulante
Eſtas palavras diz eſcarnecendo,
Nas de Apollo invejoſo desfazendo:

LXVI.

Antes ſempre aſſim foy no tempo anti-
Como agora ſuccede no preſente, (go,
O que provar-te logo aqui me obrigo
Com manifeſta prova claramente:
Nem cuides que he por ſer teu inimigo,
Mas porq̃ o genio meu me naõ conſente
Deixar que nos louvores te dilates
Deſta caſa, que o foy ſempre de orates.

LXVII.

Mas ſe crer-me naõ queres, porq̃ enten.
Que venho aqui cõ animo danado, (des
E da verdade minha te defendes
Com capa de naõ ſer-te affeiçoado;
Quero tentar agora ſe te rendes,
Fazendo a pontaria de outro lado:
Leamos nas Hiſtorirs os louvores,
Que ſe daõ deſta caſa aos moradores.

LXVIII.

Eſtas ſim, que eſtaõ livres de ſuſpeita,
Que fallaõ ſem liſonja claramente,
Onde naõ apparece contrafeita
A mentira com capa de innocente,
Onde o que he feyo, e máo ſe naõ enfeita
Com capa de virtude, que o deſmente;
Leamos, e verás que o que te digo
Naõ procede de ſer teu inimigo.

LXIX.

LXIX.

Alumno deste monte foy Querilo,
Aquelle grande ingenho, que escreveo
A Historia de Alexandre em tal estylo,
Que as glorias de Alexandre escureceo
Desórte, que querendo hum dia ouvî-lo,
A si proprio taõ outro pareceo,
Que entendeo q̃ a inveja assim lhe ordena
Para taõ grande espada taõ má penna.

LXX.

Mas em fim, naõ me espãta q̃ escrevesse
Com estylo taõ baixo, e mal limado,
Porque quem como eu aos teus conhece,
Esse conceito delles tem formado:
Pasma-me porèm muito pertendesse
Ser do grande Alexandre premiado;
Já entaõ se tirava de ser bruto,
Como agora succede, grande fructo.

LXXI.

Fez com elle Alexandre este concerto,
De que qualquer dos versos, q̃ mostrasse
Que estava escrito com primor, e acerto,
Com talento de ouro se pagasse:
Mas que, se algũ se achava naõ estar certo
O erro hum bofetaõ bom lhe custasse:
Oh quanto bofetaõ hoje se dera
Se hum contrato como este se fizera!

LXXII.

LXXII.

A' viſta da promeſſa cobiçoſo
Querilo naõ deſcança até que veja
Embolſado o metal mais precioſo,
Que por premio alcançar em vaõ deſeja;
Mas ſahio-lhe o contrato taõ lucroſo,
Que a paga, álèm de grande, foy ſobeja;
Porque em ſendo tres paginas paſſadas
Elle já eſtava morto ás bofetadas.

LXXIII.

Naõ tenhas eſta hiſtoria por ſonhada,
Entendendo que he méro fingimento
Naſcido da vontade depravada
Com que teu nome deslustrar intento:
Amey ſempre a verdade, nem me agrada
Uſar de cauteloſo penſamento,
Que o ſer acautelado he graõ baixeza,
Que naõ diz bem com minha natureza.

LXXIV.

Nem fallo de Helimon, ou de Carcino
Outros heróes. Mas eis-que Clio bella
Com geſto taõ bizarro, e peregrino,
Qual na noite ſerena alegre eſtrella,
Reprehendendo de Momo o deſatino,
A practica lhe corta, e atropella, (nos,
Dizendo: Em vaõ pertendes desluſtrar-
Que o dizer mal de nós he mais louvar-
nos.

LXXV.

LXXV.

Naõ foraõ nas idades taõ famosos
Todos esses Heróes, que celebramos,
Se naõ tivessem tantos invejosos,
Quantos pelas Historias encontramos:
Cuidas q̃ a inveja os fez menos honrosos?
Enganas-te, porque se os veneramos
He só porque invejosos nos mostráraõ
Serem grandes, pois delles murmuráraõ.

LXXVI.

Se te prezas de ser bem entendido,
Verás que este discurso he bem fundado;
Porq̃ ninguem he de outro accõmettido
Sem ter prendas que o façaõ invejado:
Se naõ, mostra quem fosse conhecido
Por letras, ou por armas affamado,
De que se naõ refira que tivesse
Quem desdourar seu nome pertendesse.

LXXVII.

Que torre viste tu, que ameaçasse
Escalar esses orbes de diamante,
A quem ligeiro o passo naõ cortasse
Igneo parto da nuvem scintillante?
Viste algum dia flor, que naõ murchasse
O rigor do Planeta radiante,
Ou fonte, cuja linfa clara, e pura
Naõ sentisse do gelo a prizaõ dura?

LXXVIII.

LXXVIII.

Pois aſſim como a torre alta deſpreza
Do rayo a furia firme, em pé ficando,
E rî a flor, emblema da belleza,
Dos rigores do Sol linda triunfando,
E cobra a fonte a antiga ligeireza,
Por linguas de cryſtal victores dando,
Aſſim ficaõ mais nobres, mais luzidos
Os ingenhos, que foraõ mais mordidos.

LXXIX.

Jágora vês que o noſſo abatimento
Glorias ſaõ para nós, e ſaõ louvores,
Razaõ porque nos fica o ſentimento
De que mais naõ fizeſſes, ou mayores:
Deſpreza embora, naõ nos dás tormento,
Accreſcentas favores a favores,
Que ſe a tua calumnia nos infama,
Eſſa meſma por grande nos acclama.

LXXX.

Mas quero de outro modo cõvencer-te,
Naõ ſó com a razaõ, mas com a hiſtoria,
Pois que della tambem queres valer-te
Para roubar ao monte a antiga gloria:
Ouve tudo o que della hey de trazer-te,
Que naõ pódes negar, porque he notoria,
E ficarás de todo conhecido
Por mal intencionado, e fementido.

LXXXI.

Já começava a bella contendora
A revolver annaes da antiguidade,
Que escapáraõ da fouce cortadora
Do tempo féro, da vorás idade:
Mas Momo, que a verdade naõ ignora,
A que deixe este intento a persuade,
Por suspeitar que ficará corrido
De que vindo a vencer, torne vencído.

LXXXII.

Muitos em cada seculos famosos,
Clio por sua ordem vay contando,
Alguns delles em guerras valorosos,
Que as pennas co' as espadas aparando,
Sendo de Marte filhos bellicosos,
O saõ tambem de Apollo doce, e brando;
Porque no mesmo peito bem se encerra
Furor das Musas c'o furor da guerra.

LXXXIII.

Disse: E qual o vencido combatente
Na batalha cruel, e sanguinosa
A perdida victoria tanto sente,
Que a vida de pezar lhe he enojosa:
Assim raivoso Momo impaciente
Da victoria de Clio gloriosa,
Tanto sente a victoria alli perdida,
Que antes perder quizera a propria vida.

LXXXIV.

LXXXIV.

Revolve na cançada fantasia
Mil imaginaçõẽs sobre o que faça,
Tornar a contender he bizarria,
Mas perder outra vez he mor desgraça:
Ir-se sem responder he cobardia,
Se responde, outra perda o ameaça,
Confessar-se vencido he ser medroso,
Contender novamente perigoso.

LXXXV.

Quer ir-se, e quer ficar-se juntamente,
Quizera responder, e mais calar-se,
Mas descobrindo em tudo inconveniente
Naõ póde, inda que quer, determinar-se;
Attonito, pasmado, indifferente
Já vay a responder, torna a pasmar-se,
Vay-se, mas volta logo, e se podera
Inda ficára, mudo respondera.

LXXXVI.

Em fim, a responder se apparelhava;
Quando batendo irado o solio puro
Apollo contra elle fulminava,
Naõ já brando, mas forte, bravo, e duro:
He possivel, ó Momo, lhe gritava,
Que sendo tu por nascimento escuro
Parto da noite, ouzado te attrevas
Oppor á minha luz as tuas trevas?

LXXXVII.

LXXXVII.

Se o ficares vencido te he penoſo,
Torna-te a ti a culpa, que o quizeſte,
Quando com má tençaõ, peito orgulhoſo
Ultrajar minha gloria te attreveſte:
Sente agora o caſtigo rigoroſo,
Que por taõ grave culpa mereceſte,
E ſabe que quem mais do juſto falla
A's vezes com pudor vencido cala.

LXXXVIII.

Aſſim dizia. E logo ſocegado,
Com ſemblante rizonho, e carinhoſo,
Do throno de çafyras ſemeado
Falla a todo o congreſſo numeroſo:
Diz-lhe que ha muito tem determinado
Envergonhar a Momo preſumptuoſo
De modo, que naõ poſſa mais em diante
Maquinar-lhes calumnia ſimilhante.

LXXXIX.

Mandando publicar por todo o mundo
As obras dos famoſos Luſitanos,
De ingenho grande, de ſaber profundo,
Cujos doutos eſcritos ſoberanos
O tempo gaſtador, e furibundo
Pertendera acabar entre os humanos,
E a naõ tê-lo atégora reprimido,
Os tivera de todo conſumido.

XC.

XC.

Por tanto lhes mandava que juntassem
Estas obras, que andavaõ espalhadas,
E juntas brevemente as publicassem
Para serem de todo celebradas;
Porque naõ era justo que ficassem
Entre o esquecimento sepultadas,
Podendo-lhes servir de defensivo
Contra Momo invejoso, e vingativo.

XCI.

Acabou. Logo todos se ausentáraõ,
Applaudindo de Apollo a providencia:
As obras espalhadas ajuntáraõ
Depois de graõ trabalho, e diligencia,
E pelo mundo todo as divulgáraõ,
Naõ obstante de Momo a resistencia,
Que raivoso de inveja pertendia
Esta gloria tirar á Poesia.

TRIUNFO REGIO
RECOPILADO EM HUMA
EPANAFORA
POETICA,

Em que se descrevem os Festejos, que os habitantes da Villa de Setubal dedicárao ao Senhor Rey

D. JOAÕ V.
DE GLORIOSA MEMORIA,

Na entrada que fez na mesma Villa em 20 de Junho de 1711.

Passa Sua Magestade da Corte para Azeitaõ.

OBSERVAÇAM I.

I.

DOurava o Sol cõ bellos resplandores
Do alegre Junho as agradaveis horas,
Com gallas de luzeiros superiores,
Vestindo plantas, adornando auroras:
Amalthéa colhia as varias flores,
Que Mayo lhe offertava, e brilhadoras
Eraõ do agrado com gentîs caricias
Thesouro ameno em cofre de delicias.

II.

Das aves a républica diffufa
Formava, madrugando a luz primeira,
Huma doce lifonja, mas confufa,
Ou grata confufaõ, mas lifonjeira:
Na folfa natural, que naõ recufa
No artificio imitar a verdadeira,
Filoméla entre os ramos modulava,
Progne gemia, a Rola fufpirava.

III.

Beijava os pés o Tejo reverente
Da coroada Ulifféa, que retrata,
Formando-lhe na liquida corrente
Lenço de neve, e lamina de prata:
Vagavaõ feus cryftaes taõ brandamente
Pela campanha das efcumas grata,
Que foraõ claro efpelho, em que queria
Compor-fe a esféra, e reveftir-fe o dia.

IV.

Quando o Grande Monarcha Lufitano,
Magnanimo Joaõ, no nome quinto,
Deixando o feu Palacio Soberano,
Com breve digreffaõ, termo fuccinto,
Da caça procurou o emprego ufano,
No intricado das filvas labyrintho,
Deftinando Azeitaõ, com gofto jufto,
A feu recreyo domicilio augufto.

V. Na-

V.

Naquelle Alcaçar ſingular ſe via,
Que algum tempo já foy com luz notoria
Esféra relevante, que admittia
Do reſplendor de Aveiro a excelſa gloria;
Com grave perfeiçaõ ſe prevenia
Eſta eſtancia feliz, para memoria
De que ſempre com dita ſublimada
Fora de illuſtres Principes morada.

VI.

He eſte ſitio de Azeitaõ viſtoſo,
O mais alegre, que conhece o mundo,
Nas flores, de q̃ abunda, o mais formoſo,
Nos fructos, que produz, o mais fecundo:
Tanto na freſca amenidade ayroſo,
Como na verde perfeiçaõ jucundo,
Paraiſo de allivios celebrado,
Penſil frondoſo, Elyſio cultivado.

VII.

Salutifero ſempre, pela immenſa
Multidaõ de recreyos, com que admira,
No continuo regálo, que diſpenſa,
No benevolo vento, que reſpira:
A magoa, que ſe julga mais intenſa,
Contra a ſaude alli nunca conſpira,
Porque o bem das delicias ſingulares
Lhe vem ſempre benigna pelos ares.

VIII.

Viſinho ſendo dos fragoſos montes
Da Arrabida, ſe ſangra em prateadas
Liquidas vêas de perennes fontes,
Na copia puras, no cryſtal nevadas:
Na viſta de apraziveis Orizontes,
As triſtezas deſterra mais pezadas,
Sendo contra a penoſa tyrannia
Valle de gloria, e ſelva de alegria.

IX.

Nas ribeiras naõ falta a copia grata
Do cryſtallino humor, que ſe deriva
De esféra toſca, exhalaçaõ de prata,
Quando mais bella, entaõ mais fugitiva:
Até que o prado com delicias ata
Tanta undoſa lindeza ſucceſſiva,
Encontrando os nevados reſplandores
Prizaõ fragrante em carcere de flores.

X.

Diſcorrem tantas copias tranſparentes
Por entre os arvoredos, que arrogantes
Saõ dos valles eſtatuas florecentes,
Ou da montanha ruſticos gigantes:
Complicados os ramos eminentes,
Parecem nos ſeus vinculos conſtantes,
Na varia pompa, que o Outono perde,
Torres de ſombra em Babylonia verde.

XI.

As aves na ſonora relevancia,
Attendendo das flores a excellencia,
Com juſta emulaçaõ, já da fragrancia
Apuraõ de ſeus eccos a cadencia:
Summamente invejoſas da elegancia,
Nunca intentaõ ceder da competencia;
Aſſim contendem cada inſtante graves,
Bellas as flores, muſicas as aves.

XII.

Entráraõ no Palacio, em que podia
Do alinho ſuperior o luxo bello,
Se naõ prodigio ſer da galhardia,
Luzir ao menos do primor modello:
De huma, e de outra alegre gallaría
A grande Praça viraõ, que o deſvélo
Popular de palanques adornára
Com grata diſtinçaõ, policia rara;

XIII.

Da Baranda tambem, que ſe dilata
Sobre a praya, a largueza ſucceſſiva
Do Porto celebráraõ, que huma grata
Aos olhos fórma ſempre perſpectiva:
Donde o Sado entre circulos de prata
Multidaõ de navios exceſſiva
Coſtuma recolher todos os annos,
De Hollandezes, Suécos, e Britanos.

XIV.

Da Provincia efte Rio Trantagana
Se deriva em modica corrente,
Veloz fahindo com violencia ufana
Para as ultimas partes do Occidente:
Da famofa Salacia, que Romana
Colonia fe applaudia antigamente;
Mais rico dos cryftais, que involve puros,
Fertiliza os diftrictos, banha os muros.

XV.

Até que difcorrendo por efpaço
De nove legoas com rumor furiofo,
Junto a Setuval moftra fer hum braço
Do Gigante das agoas caudalofo:
Nefte fitio, com mais defembaraço,
Defendido do incurfo procellofo,
Porto lhe conftitue taõ profundo
Melhor da Europa, e fingular no mundo.

XVI.

Na margem fua providente a fórte
A fabrica conferva das Salinas,
Em que o calor do Sol, e o vento Norte
Formaõ copias de Sal taõ cryftallinas:
Pois fe conduz em nautico tranfporte
A's partes Boreaes, de que benignas
Utilidades deixaõ feus effeitos,
De que recebe ElRey grandes direitos.

XVII. De

XVII.

De tal modo, que póde ſem desdouro
De alguma affectaçaõ, vangloria grata;
Muito mais que o Pactólo, rio de ouro,
Chamar-ſe o Sado já Rio da prata:
Que como de riquezas hum theſouro
Concede á gente,que em ſeu Sal contrata;
Por cauſa do Commercio lucrativo,
He Setuval o Empório mais altivo.

XVIII.

Na copia da diverſa peſcaria
Eſte Rio tem tal fecundidade,
Que, matando-ſe tanta cada dia,
Parece creſce mais a quantidade:
Com nenhuma maritima porfia
Jámais póde extinguir-ſe a immenſidade;
Sendo o ſeu peixe, no ſabor prezado,
A todo o mais do Reyno avantajado.

XIX.

Todo o genero delle em repetida
Continua multidaõ produz a ſórte,
Ou nas prizoens da rede perca a vida,
Ou ferido do anzol encontre a morte:
Inda aquelle,que avulta em mais creſcida
Grandeza,com que rompe as ondas forte,
Sentindo a fiſga, que o penetra aguda,
O bravo arrojo em deſalento muda.

XX. Do

XX.

Do Alem-Tejo o diſtricto prolongado
Delle recebe ſucceſſiva copia,
Porque aſſim ſeu deſejo ſaciado,
Deſte alimento naõ padeça a inopia;
Tambem para outras partes com cuidado
Fazer ſe manda a diligencia propria,
Sendo a todos, com grande provimento,
Igualmente regálo, que ſuſtento.

XXI.

Reſulta deſta proſpera abundancia,
Que ſe logra com tanta diligencia,
A peſcatoria inſaciavel ancia
Huma vez a deſgraça, outra a opulencia:
Pois talvez, por lucrarem mais ganancia,
Encontraõ do naufragio a contingencia;
Duvidoſo proveito, em que a fortuna
Se moſtra mais avara, que opportuna.

XXII.

Outros ſahindo deſte Rio undoſo
A navegar por mares inclementes,
Penetraõ com deſignio cobiçoſo
Eſtrangeiras Regiões, Climas ardentes;
Que o genio dos mortaes, taõ deſejoſo
De conſeguir riquezas differentes,
Naõ ſe enfaſtia, por coſtume antigo,
De buſcar o ſeu lucro entre o perigo.

XXIII. Já

XXIII.

Já desse Seyo Arabico remoto,
O furibundo pelago visitaõ,
E da America o mar, que esteve ignoto,
As vélas dilatando solicitaõ:
Já por industria sábia do Piloto,
As prayas opulentas ver meditaõ
Da insigne Goa, que se julga ufana,
Em concha crystallina, Perla Indiana.

XXIV.

Recolhem-se talvez, sem do adquirido
Se mostrar satisfeito o seu cuidado,
Ficando da molestia consumido,
Por naõ ser o interesse consummado:
Natural appetite taõ seguido
Do humano peito a lucros inclinado,
Em quem nunca he possivel que se vede
Do ouro a fome, da cobiça a sede.

XXV.

He deste Rio a transparencia grata,
Em todo o tempo, que se vê quieta,
Espelho prateado, em que retrata
Seus luzeiros o Delphico Planeta:
E quando triste remontar-se trata
Do dourado Zenith, buscando a méta
Do Occidēte,a formar-lhe entaõ se attre-
Urna de prata em tumulo de neve. (ve

XXVI. De

XXVI.

De eſtãpa ſervem ſeus cryſtaes taõ pu- (ros,
Que debuxaõ, ſem traça de artificios,
Deſta admiravel Praça os altos muros,
Soberbas Torres, nobres Edificios:
Aſſim ſe oſtentaõ com razaõ ſeguros
Contra os mais bellicoſos maleficios;
Porque o desfeito aljofar lhes deſtina
Foſſo argentado, e baze cryſtallina.

XXVII.

Alegres ſe moſtravaõ recreando
Os Infantes a viſta no curioſo
Quadro do Rio tranſparente, quando
Lhes retratava allivio taõ goſtoſo:
As bandeiras diverſas tremolando,
Por impulſos do Zephiro amoroſo,
Os navios faziaõ ſer nas cores
Matizados jardins de errantes flores.

XXVIII.

Luiz Joſeph tambem nella aſſiſtia,
Illuſtrando na ingenua gravidade
Dos Souſas a elevada Fidalguia,
Dos Tavares a egregia qualidade:
Setuval vangloriosa appetecia
A tanto Alumno mais ſublimidade,
Vendo que exalta nos caprichos raros
Timbres antigos, e brazoens preclaros.

XXIX. Ou-

XXIX.

Outros muitos da Corte acompanháraõ
A seu Monarcha nesta illustre empreza,
Que com grave decoro sublimáraõ
Deste triunfo a celebre grandeza:
Cujos nomes, se aqui se relatáraõ,
Como se deve a taõ summa nobreza,
Esta noticia fora, por diffusa,
Naõ só fastidiosa, mas confusa.

XXX.

Em silencio se fiquem, que impossivel
He que memoria deste excesso faça,
Como tambem do numero plausivel
Das pessoas taõ nobres desta Praça:
Que todas, com desvélo indefectivel,
Porque o gosto feliz se satisfaça,
Recebendo jactancia repetida
Acompanháraõ pompa taõ luzida.

XXXI.

Se nunca os mais solicitos primores
Da Arithmetica pódem ter cautélas
Para explicar o computo das flores,
Ou referir a copia das estrellas:
Menos posso eu dizer os superiores
Assistentes de tantas ditas bellas,
Se em finezas venciaõ tributarias
As muitas flores, as estrellas varias.

XXXII. Con-

XXXII.

Concurſo naõ levou taõ numeroſo,
Nem taõ luzido, o Rey de Macedonia,
Quando o Solio lucrou taõ decoroſo,
Que perdera Darîo em Babylonia:
Nem de Anchiſes o filho taõ piedoſo,
Depois que debellára a terra Auſonia,
Quando a Turno ſoberbo dera a morte
Merecendo a Lavinia por Conſorte.

XXXIII.

Nem Romulo, que a Regia Dignidade
Logrou (com damno do Sabino adverſo)
Daquella taõ magnifica Cidade,
Que ſe applaude Cabeça do Univerſo:
Porque neſta geral feſtividade,
O faſto ſe admirava taõ diverſo,
Que em ſeu triunfo eſplendido ſe via
Mais nobre multidaõ, mais fidalguia.

XXXIV.

Pois neſte taõ belliſſimo Congreſſo
De pompas ricas, celebre theſouro,
Quanto brilhava, tudo foy exceſſo,
Quanto ſe via, nada foy desdouro:
Cifrárаõ nelle as opulencias preço,
Puzeraõ liberaes as minas ouro,
Adornos a vangloria relevantes,
O brio joyas, o primor diamantes.

XXXV.

Porque neste espectaculo taõ grato,
Como em bello compendio rezumia
Luzimentos pomposos o apparato,
Caprichos pontuaes a galhardia:
Inexplicaveis perfeiçoens o ornato,
Resplandores gentîs a bizarria,
Fastos o alinho, aromas o recreyo,
Lustres o pundonor, gallas o asseyo.

XXXVI.

Em seus matos naõ chega a ser violenta
A caça, porque entaõ melhor se estima
A Lebre, que o seu curso mais alenta,
A Perdiz, que o seu vôo mais anima:
O Veado tambem gosto accrescenta,
Sem que veloz os impetos reprima,
De Acteon, que a Diana vio curioso,
Retratando inda o fado lacrimoso.

XXXVII.

Neste verde Paiz mellifluas aves,
Do natural instincto persuadidas,
Constituem républicas suaves,
Em breves domicilios divididas:
Nellas dispõem com providencias graves
As doçuras do gosto appetecidas,
Do nectar puro liquidos tributos,
As flores convertendo em doces fructos.

XXXVIII.

Nem carece tambem da copia amada
Daquellas plantas, que Lyſeo conſigna,
Para ſerem com fórma moderada
Da triſteza aprazivel medicina:
A multidaõ naõ falta dilatada
Das outras, que Cybelles predomina,
Para lhe ſerem por annuncio fauſto
Votiva offerta, e ruſtico holocauſto.

XXXIX.

Nem menos deſſas arvòres frondoſas,
Que ſaõ da amada paz taõ competente,
Se naõ preſagio em ſórtes venturoſas,
Symbolo grave, inſignia floreſcente:
A Pallas ſe dedicaõ generoſas,
De cujos fructos naſce a providente
Fecundidade de oleo, que goſtoſo
Compõem o nome de Azeitaõ famoſo.

XL.

Neſte ſitio ſe oſtenta edificado
Hum Convento com nobres reſplandores
A San Domingos ſendo conſagrado,
Patriarcha de inſignes Prégadores:
Onde aſſiſte com zelo reformado
O fervor das virtudes ſuperiores,
Reſplandecendo nelle a Santidade
Com Sacro Culto, ardente actividade.

XLI. Jun-

XLI.

Junto se admira a fabrica sublime
Dos Regios Alencastres, alta gloria,
Que na grandeza Soberana exprime
De Aveiro a summa exaltaçaõ notoria:
Cujo Alcaçar Supremo he bem se estime
Por singular esplendida memoria
Dos brazoens generosos, com que a fama
Seu timbre illustra, seu decoro acclama.

XLII.

Neste Augusto Palacio, que admirado
Logra taõ singular celebridade,
Para seguir da caça o desenfado
Se achava a Portugueza Magestade:
Assistido do séquito estimado
De illustres Cavalheiros, que a vontade
Do Monarcha, que foy bem dirigida,
Sempre merece ser muito applaudida.

XLIII.

Luzida sociedade lhe faziaõ
Os Augustos Infantes, Superiores
Amantes heliotropios, que seguiaõ
De tanto Sol os claros resplandores:
Se já com doce affecto naõ bebiaõ
Na fonte dos beneficos favores
Mimoso agrado, como na formosa
Luz que idolatra a debil Maripo sa.

XLIV. O

XLIV.

O Infante Dom Francifco generofo
Se oftentava com brios Soberanos,
Prototypo de prendas mageftofo
Nas auroras de Abril, na flor dos annos:
Promettendo nos timbres de animofo
Domar os inimigos mais tyrannos
Se com força talvez agigantada
Vibrar a lança, ou efgrimir a efpada.

XLV.

Dom Antonio tambem, que vaticina
No feu nome felices feguranças
De lograr Portugal, com gloria digna,
Alegres ditas, altas efperanças:
Pois a fortuna humilde já lhe inclina
De feus velozes giros as mudanças;
Porque feja em Reaes fublimidades
Pafmo do mundo, affombro das idades.

XLVI.

Dom Manoel naõ menos, que defcobre
Antes dos annos taõ prudente avifo,
Já fe nos moftra com prefagio nobre
Armado Adonis, Militar Narcifo:
Na tenra idade refpeitofo encobre
Das venturas o cumulo precifo,
Indicando feliz com forte egregia
Magnanimo vigor, indole Regia.

XLVII. De-

XLVII.

Destes Altos Infantes assistido
O Luso Athlante, que ditoso impéra,
Sustentando em seus hombros taõ luzido
Do dilatado Imperio a Augusta Esphera:
De hum devoto desejo commovido,
Visitar determina a Casa austéra
Da Arrabida, no mundo celebrada,
Deserto inculto, e rustica morada.

XLVIII.

Reprimia de hum zephiro animado
Monstro Andaluz as repugnancias summas,
Sendo nas ondas do suor banhado
Baxel errante em pélago de escumas:
E como a força de seu fogo irado
O pé robusto lhe calçou de plumas,
Era correndo accelerada setta,
Vivente exhalaçaõ, veloz Cometa.

XLIX.

Já dos Grandes penetra acompanhado
Das fragosas montanhas as larguezas,
Labyrintho de brenhas intricado,
Babylonia confusa de asperezas:
Já do bosque vencendo o desusado
Intratavel concurso de estreitezas,
Entre penhas taõ rusticas descobre
Thesouro rico em domicilio pobre.

L.

O Sagrado Convento vio naquellas
Rudes ostentaçoens das rochas brutas;
Pois repartidas pelo monte as céllas,
Saõ da aspereza penitentes grutas:
Sem corredor algum para as cautéllas
Da calma, ou tempestades resolutas,
Mostrando neste agreste desconcerto
Mais rara perfeiçaõ, mayor concerto.

LI.

Naõ deixou de causar-lhe summo agra-
Da curiosa Igreja o grande asseyo, (do
Por nella se encontrar recopilado
Quanto na perfeiçaõ serve de enleyo:
Transluzia o primor mais alinhado,
Motivando no parco mais recreyo,
Porque a virtude santa da pobreza
Naõ perde os privilegios da belleza.

LII.

Na Capella Mayor, no adorno rara,
Se admirava da Arrabida a Senhora,
Que em peregrina veneravel Ara
Feliz se exalta, singular se adora:
Naquelle inculto monte, que preclara
Elegeo, para ser brilhante Aurora,
A seus devotos sempre facilita
Celeste a protecçaõ, segura a dita.

LIII.

Admirado da graça meritoria,
Que a toda a graça solicita inveja,
Na propria Igreja divizava a Gloria,
Vendo a Gloria assistir na propria Igreja:
Que, como tanto Sol com luz notoria,
Por ser Throno da Gloria, se corteja,
He muy preciso que com justo abono
Assista a Gloria onde está seu Throno.

LIV.

Debayxo desta rustica montanha,
Obrada pela propria natureza,
Tambem vio de hũa lapa a gruta estranha
Em rude proporçaõ, tosca grandeza:
Pela parte que o mar soberbo a banha,
Dous porticos se vem, que na largueza
Communicaõ da luz a formosura
A' bronca esphera, opáca architectura.

LV.

Por pavimento tem toscos penedos;
Por guarniçoens roturas differentes;
Por paredes os asperos rochedos;
Por abobada as penhas eminentes:
Seria origem de confusos medos,
Se nas suas planices competentes
Naõ fora da Capella, que descobre,
Archivo singular, ou Claustro nobre.

LVI.

Dentro, pois, deste concavo Edificio,
De incultas rochas humido Orizonte,
A quem servem, sem moldes do artificio;
De columnas os jaspes deste monte:
Se adora sempre com fervor propicio,
No Soberano Altar, que está de fronte;
A Santa Margarida, que he no exemplo
Da fé Sacrario, da virtude Templo.

LVII.

Hum luzido Oratorio se venera
Naõ longe, em quatro faces dividido;
Do Humanado Creador, decẽte esphera,
A's ternuras de Infante reduzido:
De hum jardim, que vistoso se exaggera,
Se ostenta nobremente guarnecido,
Fundaçaõ, que publîca a gloria justa
Da grandeza de Aveiro sempre Augusta.

LVIII.

De outras muitas Capellas a lindeza
No districto notou deste deserto,
Applaudindo no tosco da aspereza
Naõ sómente o primor, mas o concerto;
Mas tanto que alli Phebo á gentileza
Do claro dia pôs limite certo,
Este sitio deixando appetecido,
Para Azeitaõ se volta divertido.

LIX.

Apenas a Thitonia luz formoſa
Reſplandeceo no cryſtallino Emporio,
Logo, com diligencia cuidadoſa,
Se diſpôs o exercicio venatorio:
Outra vez deſte monte a ſelva umbroſa
Se penetrava com fervor notorio,
Naõ falta o goſto no diſtricto inculto,
Augmenta-ſe o prazer, creſce o tumulto.

LX.

Refreava o Monarcha preeminente
Com maõ brioſa a colera arrogante
De hum ginete, que foy no fogo ardente
Hyprogripho veloz, Pegaſo errante:
E ſe naõ lhe domára a furia urgente
Do aureo freyo a rémora brilhante,
Parecera, no impulſo que o ſoccorre,
Rayo que rompe, exhalaçaõ que corre.

LXI.

Deſcobre, porque nada alli ſe occulte,
Todo o fragoſo ſitio da eſpeſſura,
Sem que o paſſo a ſeu genio difficulte
Intratavel retiro, ou penha dura:
Pois para que mais goſto lhe reſulte
Deſta alegre liſonja, que procura,
Examina, do allivio deſejoſo,
Todo o monte intricado, e valle umbroſo.

LXII.

(to,
Eis q̃ hum cervo veloz pertende occul-
Com temeroſo curſo arrebatado ,
Os ramos penetrar do boſque inculto ,
Nos ramos naturaes boſque animado :
Perſeguido das vozes do tumulto
Venatorio , que o ſegue accelerado ,
Por mais que quer livrar-ſe na fugida ,
Com Regia bala perde logo a vida.

LXIII.

Porque o deſtro Monarcha dirigindo
Os ajuſtados pontos da eſcopeta ,
Fez com ſeu tiro deſpenhar cahindo
Eſte monſtro veloz , ruſtica ſetta :
Se bem que a regalîa preſentindo ,
De taõ valente peregrino Athleta ,
De ſeu galhardo brio temeroſo.
Cahio proſtrado , e ſe rendeo medroſo.

LXIV.

Já paraõ junto de huma fonte fria ,
Que entre muros de flores ſe moſtrava
Serêa de cryſtal , que adormecia
Os ſentidos nos eccos , que animava :
Mas quando no creſpuſculo ſentia
Que moribundo o Sol agonizava ,
Vertia triſte neſta auzencia breve
Rios de prata em lagrimas de neve.

LXV. Se

LXV.

Se já naõ parecia em refplandores,
De tranfparente aljofar defatado,
Nafcendo alegre em thálamo de flores
Cifne fonoro, rouxinol nevado:
Porque os bellos cryftaes murmuradores,
Entre as delicias de hum viftofo prado,
Eraõ, no feu fufurro bem compofto,
Imán do agrado, e rémora do gofto.

LXVI.

Alli fe chega a turba venatoria
Junto ás delicias defta fonte amena,
Por mitigar no allivio de huma gloria,
Da fadiga do monte a debil pena;
Já dos dourados rayos a vangloria
Occultava do Sol a luz ferena,
E Thetis nos feus humidos efpaços
Lhe abria as portas, lhe offertava os bra-
(ços.

LXVII.

Aos ginetes applicaõ diligentes
As efporas, deixando a clara fonte;
Do ruido dos paffos taõ vehementes
Se abála o valle, fe eftremece o monte:
Outra vez pelo allivio mais contentes,
Atropellando as fombras do Orizonte,
Bufcavaõ do Palacio a regalía,
Chegada a noite, concluido o dia.

Par-

Parte Sua Mageſtade de Azeitaõ para Setuval, e chega ao campo do Anjo da guarda.

OBSERVAÇAM II.

I.

QUando hum goſto agradavel ſe me- (dita,
Coſtuma ſempre, com razaõ notoria,
Ser preſagio ditoſo de huma dita,
Ou preludio aprazivel de huma gloria:
Na complacencia anticipada incita
Para novas delicias à memoria,
Sem que admitta, prevendo o ſeu feſtejo,
Tregoas o allivio, ferias o deſejo.

II

Iſto no Povo ſe obſervou famoſo
De Setuval, por ſórte deſtinada,
Querendo do ſeu Rey taõ generoſo
Ver a preſença ſummamente amada:
Porque o ſeu grande amor taõ cobiçoſo
Se moſtrou deſta gloria deſejada,
Que anticipando affectos applaudia
Taõ ſuſpirado bem, tanta alegria.

III. Em

III.

Em quanto a ſeu benevolo deſvélo
Eſta alegre fortuna lhe tardava,
Sentindo auzencias com prudente zelo,
Das dilaçoens amante ſe queixava:
Já naõ ſabia quando o logro bello
Lhe daria os recreyos, que eſperava,
Sendo deſtes exceſſos de ſaudoſo
Feliz conſolaçaõ, premio amoroſo.

IV.

Que no relogio ſempre dos amantes,
Que impacientes fogem das demoras,
Eternidades ſaõ poucos inſtantes,
Seculos largos as ligeiras horas:
Mas as Regias grandezas relevantes,
Foraõ de tanto allivio precurſoras,
Inferindo de pompa taõ galharda
A ventura que eſpera, o bem que aguarda.

V.

A preſença Real, que eſtava auzente,
Suſpirava já ver com zelo amante,
Pertendendo lograr, como preſente,
O grato bem, que eſtava inda diſtante:
O deſejo lhe dobra mais vehemente
A pertençaõ do affecto vacillante,
Porque hũa gloria auzente he na tardança
Magoa da idéa, offenſa da eſperança.

VI. He

VI.

He a auzencia hum pezar originado
Pela falta de hum goſto appetecido,
Que quando ſe medita imaginado,
Entaõ mais penaliza repetido:
Mortifero veneno do cuidado,
Em doces eſperanças divertido,
Officina tyranna do tormento,
Morte do goſto, ſuſpenſaõ do alento.

VII.

He no rigor, que o coraçaõ maltrata,
Parociſmo, que acerbo o mortifica,
Pois na lembrança, com triſteza ingrata,
O ſuſto augmenta, a confuſaõ duplica:
Entre as anguſtias, que o temor dilata,
As ancias nos gemidos multiplica,
Sendo no mal de taõ nociva ſórte
Vivo ſepulchro, laſtimoſa morte.

VIII.

He no amoroſo mar de huma alegria
Tormenta, que o baxel do penſamento
Moleſta opprime, ſendo na porfia
Hum goſto o norte, ſe a deſgraça o vento:
Porque de allivio confundindo o dia,
A noite ſó deſcobre do tormento,
Porque padeçaõ com mortal preſagio
Perdas os olhos, a rizaõ naufragio.

IX. He

IX.

He na ſaudade de hum cuidado abſorto
Martyrio triſte, disfavor nocivo,
Vive, mas deixa o coraçaõ por morto,
Morre, mas fica o ſentimento vivo:
Sem ter remedio, nem fingir conforto
He ferida efficaz, golpe exceſſivo,
Sentimento cruel, da morte enſayo,
Symptoma da alma, da affeiçaõ deſmayo.

X.

He da luz, que ſaudoſa ſe pertende,
Groſſeira nuvem, deſabrido eclipſe,
Entre as varias memorias, com q̃ offende,
Delirio da razaõ, de amor doudice:
Eſpada, que aleivoſa ſó depende
Do debil fio de hum favor felice,
Monſtro do mal, esphinge da alegria,
Da dor Chiméra, e do regálo Harpia.

XI.

Sempre o pezar na dilaçaõ confunde
Todo o juſto prazer, que ſe pertende;
Porque magoas intrinſecas diffunde,
Quando nas eſperanças ſe defende:
Por mais que do diſcurſo lhe redunde
Allivio, nunca o damno ſe ſuſpende,
Que o golpe da ſaudade deſabrida
Penetra o coraçaõ, ſuffoca a vida.

XII. Se

XII.

Se bem que na distancia se renova
Do intenso amor a châma successiva;
Porque a fineza do querer se prova
Quando a vista do amado bem se priva;
Todo o cuidado com vehemencia nova,
No sentimento acerbo mais se aviva,
Que a cithara do affecto mais serena,
Melhor se affina quando toca a penna.

XIII.

Com tudo, desta Praça o requintado
Desejo ingenuamente cuidadoso,
A fineza acredita no magoado,
O desvélo realça no saudoso:
O fervor da esperança anticipado
Lhe representa o bem muy vagaroso,
Que sempre para as ancias da memoria
He remissa a ventura, e tarda a gloria.

XIV.

No relogio da auzencia o sentimento,
Por mais que o coraçaõ queira occultá-lo,
Faz que as horas só corraõ do tormento,
Nunca jámais chegando as do regálo:
Assim parece o mal no soffrimento
Eterno, sem que possa moderá-lo,
Para que seja no affecto vacillante
Seculo triste o limitado instante.

XV. Mo-

XV.

Molesto foro, que a tyranna inveja
Costuma impôr na pertençaõ mais grata;
Porque o summo favor, que se deseja,
Sempre para a fineza se dilata:
Quiçá para que indicio claro seja
Nas graves diligencias com que trata
De procurar allivios taõ supremos,
Que faz excessos, que executa extremos.

XVI.

Que, como ha de lograr com gloria ju-
Taõ rara protecçaõ na Regia vista, (sta
Do tormento da auzencia naõ se assusta,
Porque espera que o seu favor lhe assista:
No excelso allivio desta sórte Augusta,
He bem que dos tormentos já desista,
Fazendo no alvoroço successivo,
Que o lustroso se admire no festivo.

XVII.

Que de Carthago imite as alegrias,
Na pompa Militar dos Africanos,
Quando Annibal com tantas primazias
Vencedor nella entrava dos Romanos;
Ou que siga as plausiveis usanîas
Dos lauros, que na Curia Soberanos
Conseguio Mario, quando taõ constante,
De Jugurtha rebelde entrou triumphante.

XVIII. Que

XVIII.

Que faça iguaes applausos ás grandezas,
Que logrou de Alexandre o nome invicto,
Dominando com béllicas grandezas
A vastissima Persia, o nobre Egypto:
Ou quando combatia as Fortalezas
Com numero de mortos infinito
Das Cidades, que fama tem notavel,
De Tyro insigne, e Thebas formidavel;

XIX.

Mas do Nosso Monarcha a prodigiosa
Grandeza deve ser mais decantada,
Merecendo com sórte respeitosa
Huma immortal memoria respeitada:
Nos volumes da idade mais famosa
Ficará com razaõ posterizada,
Sem que lhe possa obstar o tempo vario,
Mais q̃ Alexandre, que Annibal, q̃ Mario.

XX.

Assim de Tubal este illustre assento,
Hoje de Marte generoso hospicio,
Lograr queria taõ Real portento,
Com bello ornato, e béllico exercicio:
Notando que da auzencia o sentimento
Com termo se extinguia taõ propicio,
Esta dita esperava verdadeira,
Naõ sómente festiva, mas guerreira.

XXI. Já

XXI.

Já dos Aſtros o Feniz cintilante,
Do mar deixando as liquidas eſpumas,
Por toda a esphera deſcubria amante
As bellas gállas, e douradas plumas:
Em doce acclamaçaõ ſempre triunfante,
As varias aves com cadencias ſummas
Adulavaõ ſeus claros reſplandores,
Gloria do prado, perfeiçaõ das flores.

XXII.

Tanto que o Sol reſplandeceo formoſo,
Ficando neſte agrado repetido,
O ar ſem tanta trevoa mais luſtroſo,
O Ceo ſem tanta ſombra mais luzido:
Vencida a noite do farol viſtoſo,
Permittio que com garbo mais creſcido
Deixaſſe no fulgor, que reverbera
Brilhante o dia, e luminoſa a esphera.

XXIII.

Vendo luzir a ſingular belleza
Se eximem da infeliz melancolia,
As plantas enfeitando a gentileza,
As flores alentando a galhardia:
Porque livres da funebre triſteza
Da noite, que eclipſou tanta alegria,
Reverdeciaõ com delicias tantas
Gratas as flores, proſperas as plantas.

XXIV. Era

XXIV.

Era do dia o mimo ſocegado
No brando alento, com que o ar ſerena;
Tanto dos olhos, como do cuidado
Liſonja alegre, formoſura amena:
O campo dava com benigno agrado
Ferias á dor, interrupçoens á pena,
Sendo tudo motivo de alegria
Com rizo o campo, com belleza o dia.

XXV.

Mas no tempo, em q̃ o Sol já declinava,
O Rey ſublime de Azeitaõ ſahia,
Que parece que os rayos humilhava
Quando o Sol Portuguez reſplandecia:
Deſte apraſivel ſitio ſe apartava,
Cauſando com Real Soberania
A's flores de taõ freſca amenidade
Mais que inveja efficaz, grande ſaudade.

XXVI.

A vaidoſa républica das flores
Em terna, quanto uſana competencia,
Lamentou dos diſtantes reſplandores
A digna falta, e meditáda auzencia:
Bem que eſtampas de aromas ſuperiores
Retratando do garbo a preeminencia,
Com caractéres dizem ſempre amantes
Do Regio nome em ſylabas fragrantes.

XXVII. Era

XXVII.

Era no alegre dia consagrado
A'quelle assombro peregrino, áquella
Aurora, que, sem sombras do peccado,
He do mundo esplendor, do mar estrella:
Angelico luzeiro immaculado,
Que foy contra Lusbel sempre luz bella;
Espelho, em que entrou o Sol Divino,
Ficando intacto seu crystal taõ fino.

XXVIII.

Maria, illustremente Sacrosanta;
Archivo do candor mais transparente;
Que pizou bella com Divina planta
O cóllo astuto da infernal serpente:
Em quem resplandeceo virtude tanta,
Que nas luzes da graça preeminente
Dos thesouros do Ceo foy Santo Erario;
Templo da perfeiçaõ, de Deos Sacrario.

XXIX.

Neste admiravel dia, que ditoso,
Vigesimo de Junho se numera,
Buscou o Luso Sol taõ luminoso
De Tubal a Colonia para esphera:
O tempo brandamente carinhoso
Entaõ das horas vespertinas era, (da
Quando no cāpo entrou do Anjo da Guar-
Com Regia pompa, ostentaçaõ galharda.

XXX.

Para admirar-se, vendo a Mageſtade
Mais Regia, veyo turba populoſa,
Qual nunca ſe aggregou na antiga idade
Na acclamaçaõ dos Ceſares famoſa:
Ou já na Militar ſolemnidade,
Quando Scipiaõ triunfara da invejoſa
Carthago, de quem teve o Soberano
Honorifico nome de Africano.

XXXI.

O Magnanimo Rey reſplandecia
Aſſombro em tudo, ſendo na grandeza
Mais forte que Alexandre em valentia,
Mais bello que Narciſo em gentileza:
Das luzes exemplar na galhardia,
Protótypo das flores na lindeza,
Porque com graves brios ſuperiores
Vencia as luzes, dominava as flores.

XXXII.

Era da Tyria cor a gálla illuſtre
Nos purpureos aſſeyos que aſſignála,
De toda a gálla peregrino luſtre,
Moſtrando o luſtre, ſem q̃ affecte a gálla:
A mimoſa fragrancia ſem desluſtre
Delicias bellas docemente exhála,
Prodigio ſendo em brios duplicados
Tanto dos olhos, como dos agrados.

XXXIII.

Na flor dos annos, ſempre appetecida,
Que a flor mais bella retratar deſeja,
Com relevante admiraçaõ luzida
Erá de todas Mageſtoſa inveja:
Pois de tanta grandeza repetida,
Para que aſſombro peregrino ſeja
Aprendiaõ com licitos recreyos
O jardim perfeiçoens, o prado aſſeyos.

XXXIV.

Porèm naõ ſe preſume ſer poſſivel
Do Luſitano Sol incomparavel
Dizer a galhardia taõ plauſivel,
Por ſer no reſplandor ſempre admiravel:
Parecendo èſta gloria incomprehenſivel
Pelos altos exceſſos de ineffavel,
Naõ deve com diſcurſos expender-ſe,
Porq̃ nunca he poſſivel comprehender-ſe.

XXXV.

Taõ portentoſo aſſumpto venerado,
Como naõ póde ſer encarecido,
Só no ſilencio deve ſer louvado,
E nunca em rude applauſo diffinido:
Por eſta cauſa fica o limitado
De taõ neſcio diſcurſo inadvertido,
A' viſta deſta luz taõ Mageſtoſa,
Parecendo huma ſombra deſairoſa.

XXXVI.

De Alexandre, Monarcha generoso,
Apelles merecendo ser aceito,
Lhe ordenou com desejo fervoroso,
Que o Sol retrate com pincel perfeito:
Para formar debuxo taõ formoso
O pintor, incitado do preceito,
Huma sombra no lenço retratava,
Porque o Sol só por sombras se pintava.

XXXVII.

Sendo, pois, taõ sublime o luzimento,
De que ornou liberal a natureza
Este de prendas singular portento,
Esta de agrados superior grandeza:
Naõ se atreve o mais raro entendimento
A louvar de seu garbo a gentileza,
Que, como peregrino tanto assombra,
De Sol taõ bello só se pinta a sombra.

XXXVIII.

Todas as cores, que matiza Flora,
Os resplandores dessa esphera ardente,
A galhardia da brilhante Aurora,
Dos Planetas a luz resplandecente:
A belleza dos Astros brilhadora,
Das joyas o valor mais eminente,
A copia dos diamantes estimada
A' vista de seu brio tudo he nada.

XXXIX. Os

XXXIX.

Os Principes, na luz que reverbera
Do Sol fraterno neſte luzimento,
Foraõ flores da Luſa Primavera,
Sendo eſtrellas do Regio Firmamento:
Nas galhardias relevantes era
Qualquer delles magnifico portento;
Onde com graça ſe aggregou ditoſa
Diſcreta a pompa, a diſcriçaõ pomposa.

XL.

A' viſta de ſeu brio Mageſtoſo
Podia já ficar como eſquecido
O capricho de Adonis deſairoſo,
O reſpeito de Aſcanio desmentido:
Antes no excelſo garbo decoroſo,
Que reſulta de adorno taõ luzido,
Bem pudera julgar-ſe ſem receyo
Inculto Aſcanio, quando Adonis feyo.

XLI.

Porque qualquer na graça peregrina
Retrato Soberano ſer pudera
Deſta flor, que nas flores ſó domina,
Deſta luz, que nas luzes ſempre impera:
Pois tanto neſſa esphera cryſtalina,
Como tambem na viridante esphera
Lhe rendem vaſſallagem decoroſa
Humilde o Sol, e reverente a roſa.

XLII. No

XLII.

No campo entaõ do Anjo ſuſpenderaõ
As Peſſoas Reaes o ſeu caminho,
Sendo o primeiro dia que tiveraõ
Do campo as plantas taõ ſublime alinho;
Mas como venturoſas mereceraõ
O Regio luzimento taõ viſinho,
Se veſtiraõ, levadas da jactancia,
De nova gálla, e ſingular fragrancia.

XLIII.

Como eſte bello campo viridante
Arvoredos oſtenta taõ viçoſos,
Freſcura produziaõ bem galante
As verdes fayas, alamos frondoſos:
Melhor que a Selva Idalia, donde amante
Logrou Venus recreyos deleitoſos,
Ou que o bello dos tempos Orizonte,
Elyſio valle, ou Helyconio monte.

XLIV.

Pois neſte freſco epytome de agrados
Se viaõ, como em centro, mais formoſos
De Athenas os jardins taõ decantados,
De Adonis os payneis taõ primoroſos:
Os Hortos de Lucano celebrados,
Os Vergeis de Mecenas taõ famoſos,
E quanto foy na ayroſa Primavera
Gloria de Egnido, adorno de Cythéra.

XLV. En-

XLV.

Entre os gratos passeyos, q̃ os verdores
Dividem com galante variedade
Por fazerem mais bellos os primores
Do alegre alinho, e fresca amenidade:
De artificios se ostenta superiores
A fonte, que em gentil sublimidade
Excede quantas foraõ com grandeza
Pasmo na traça, assombro na belleza.

XLVI.

O licor crystallino destilava
Das Ninfas o primor, do agrado idéa,
Que nos sonoros éccos se julgava
Nevado Cisne, ou candida Serêa:
Em diluvios de prata desatava
A copia natural com que campêa,
Sendo o susurro, que alternar se atreve
Lyra de aljofar, ou clarim de neve.

XLVII.

Como por fino seu crystal se quebra,
No meyo do arvoredo em copia grata,
Foy para a Regia pompa, que celebra,
Arpa de gelo, e cythara de prata:
Tanto os ouvidos singular requebra
O liquido alabastro, que desata,
Que pareceo na acorde melodîa
Que descantava, quando mais corria.

XLVIII. No

XLVIII.

No cume desta fonte resplandece
De finissimo marmore esculpida
Huma imagem do Anjo, que ennobrece
Taõ bem formada machina luzida:
Defronte logo á vista se offerece
Do proprio Anjo a celebrada Hermida,
A quem dos freixos o verdor sereno
Fabrica claustro variamente ameno.

XLIX.

Na Capella Mayor com Religiosa
Decencia no seu Throno sublimado
A Sacrosanta Imagem milagrosa
Se adora de Jesus Crucificado:
Do Bom Fim se intitûla, porque gosa
Ditoso alegre fim no seu cuidado
Quem lhe supplica com fiel designio
Celeste amparo, egregio patrocinio.

L.

Seus milagres dizer nunca he possivel,
Porque vencem na summa inexplicavel
As estrellas, que o Ceo mostra plausivel,
As flores, que o jardim produz amavel:
Porque á vista do excesso imperceptivel
Dos prodigios, que faz sempre admiravel,
Parecem no primor das pompas bellas
Poucas as flores, menos as estrellas.

LI. Sol-

LI.

Solicita ſuas aras numeroſa
Frequente concurrencia de devotos,
Sendo victima ſempre affectuoſa
Tantos ſuſpiros, como aſſiſtem votos:
Ardendo em chammas deſta fé piedoſa
Se apreſſaõ dos lugares mais remotos
A buſcar neſte pélago de amores
Mares de graça, enchentes de favores.

LII.

Ouve o Senhor as ſupplicas ſentidas,
Nas petiçoens do pranto articuladas,
Seguindo-ſe á piedade de attendidas
O benigno favor de deſpachadas:
Antes fazendo ás lagrimas vertidas
As clemencias do affecto anticipadas,
Por dar á toda a magoa deſafogos
Permitte allivios, ſem cuſtarem rogos.

LIII.

Neſte horror dos terrenos maleficios,
Bello Sol com Divinos luzimentos,
Alternando amoroſo os beneficios,
Diſpenſa luzes, communica alentos:
Porque á viſta de rayos taõ propicios,
A nuvem de indecentes penſamentos
No mais infauſto damno com q̃ aſſombra
Se acabe nevoa, e ſe deſminta ſombra.

LIV. O

LIV.

O Magnifico Rey com zelo ardente
Seguido dos tres Inclytos Infantes
Entrou na Santa Hermida, e reverente
A Deos affectos sacrifica amantes:
Por huma, e outra parte toda a gente
Se admirou dos suspiros relevantes
Com que nesta occasiaõ taõ meritoria
Adora o Rey da terra ao Rey da Gloria.

LV.

Mas como seu favor com tanto augmẽ-
Da Igreja o Culto amplificar deseja, (to
He certo que a Deos tem no pensamento
Quem zela tanto a perfeiçaõ da Igreja:
Taõ Catholico amor, taõ Sacro intento
Digno de eterno applauso he bem q̃ seja,
Que o Monarcha, q̃ em Deos vive empre-
gado, (tado.
Deos lhe defende o Imperio, exalta o Es-

LVI.

Taõ Magestosa pompa acompanháraõ
Os Titulos do Reyno mais illustres,
Que todos com grandezas ostentáraõ
Flamantes gállas, e garbosos lustres:
A galhardia Lusa sublimáraõ,
Sem que se vissem no primor deslustres,
Que todos se exporaõ cõ mais decencia,
Passãdo-se em silẽcio a preferẽcia. LVII.

LVII.

As Peſſoas Reaes com fé devida
Medidas Sacras foraõ recebendo
Do Senhor do Bom Fim, em que a luzida
Amante devoçaõ ſe eſtava vendo :
Eſtas lhe offerta o Capellaõ da Hermida
Elias Xavier do Couto, ſendo
Quem na entrada tambẽ (ſendo mãdado)
Agoa benta lhe deo todo humilhado.

LVIII.

Como o Monarcha heroico entrar que-
Neſta Praça feliz publicamente, (ria,
Os Infantes com nobre companhia
Para o Palacio foraõ preeminente:
Hum coche foy com rápida porfia
A portatil esphera, que eminente
Seis brutos apreſſados tranſportáraõ,
Que exhalaçoens velozes ſe oſtentáraõ.

LIX.

Qualquer delles na graça parecia,
Que em ſeu roſto gentil reverberava,
Que ás flores mais ayroſas competia,
Ou que ás luzes mais bellas igualava:
Se bem que a gentileza, que ſe via,
Que tantos luzimentos duplicava,
Fazia com mais unicos primores
Exceſſo ás luzes, preferencia ás flores.

LX. Naõ

LX.

Naõ brilha tanto a Imperatriz do prado,
Que ſe applaude com garbo preſumido
Cometa de carmin, Aſtro encarnado,
Purpureo reſplandor, Rubi luzido:
Quando ſeu grave adorno nacarado
Sobre o throno de Abril ſe vê ſubido,
Aonde, dando leys, à Primavéra
Gentil domina, e Mageſtoſa impéra.

LXI.

Menos o cravo, que ſe julga ayroſo,
Com taõ ſoberba galhardia altivo,
Aromatico enigma do formoſo,
Emblema rubicundo do attractivo:
Pois veſtindo de nacar luminoſo
A belleza do adorno ſucceſſivo,
Parece nas cheiroſas relevancias
Theſouro dè ambar, cofre de fragrancias.

LXII.

Nem tanto reſplandece nos candores
O jaſmin, que no livro ſe deſcreve
Da tenra planta, em folhas de verdores
Ponto de prata, e virgula de neve:
A quem fragrantes mimos ſuperiores
O prado ameno agradecido deve,
Pois lhe offerta com glorias taõ propicias
Benigno aromas, prodigo delicias.

LXIII.

E menos da Açucena a gentileza
Com tanto aroma, que galante exhála,
Pois no efpelho da candida pureza
Enfeita a formofura, adorna a gálla:
Por mais que jactanciofa na lindeza
Ser claufura fragrante fe affigná-la,
Que entre muros de prata tem luzida
A pompa occulta, a graça recolhida.

LXIV.

Porque os Altos Magnificos Infantes
Na fua refpeitofa galhardia
Os adornos venciaõ mais flammantes,
Que o vergel alimenta, o prado cria;
O primor dos affeyos relevantes
Os naturaes alinhos excedia,
Que lograõ na républica cheirofa
A açucena, o jafmin, o cravo, a rofa.

Def-

Descrevem-se os arcos, que estavaõ nas ruas principaes, por onde Sua Magestade entrou.

OBSERVAÇAM III.

I.

PAra applaudir a entrada Magestosa
Do seu Grande Monarcha Lusitano,
Setuval lhe destina generosa
Festiva pompa, obsequio soberano:
Na grandeza inculcando decorosa
Jubilos graves do desejo usano,
Tres arcos lhe dedica em desempenho
Da illustre acclamaçaõ, sublime empenho.

II.

Igual demonstraçaõ de galhardia
Nunca Roma ostentou nas superiores
Opulencias triumphaes com q̃ applaudia
As victorias de seus Imperadores:
De Cesar nunca teve a regalîa
Taõ magnificos cultos brilhadores,
Collocando triumphante o Regio Solio
Sobre as glorias do Augusto Capitolio.

III. Nem

III.

Nem menos taõ Real magnificencia
Manifeſtou Pompeo, quando o Senado
Vencedor o acclamava da inſolencia
Do Syrio pertinaz, do Perſa armado:
Exaltando na publica eminencia
De tantas luzes o valor ouſado
Com q̃ tanto aſſombrára em toda a parte
No mar Neptuno, nas campanhas Marte.

IV.

Nem gloria mereceo taõ ſucceſſiva
Do grande Octaviano o applauſo juſto,
Que a propria Roma conſagrou feſtiva
A ſeu capricho heroico, e nome Auguſto:
A quem, para vangloria perſuaziva,
Rendidas foraõ do inimigo injuſto,
Em ſignal das victorias verdadeiras,
Por deſpojos as Indicas bandeiras.

V.

Ou quando nas Provincias do Oriente,
Reduzidas a miſera penuria,
Marco Aurelio deixava do inſolente
Avidio Caſſio taõ punida a injuria:
Pois vencedor entrando preeminente
Pelas Colonias da admirada Hetruria,
Obſequio tanto lhe naõ coube em ſórte
No excelſo applauſo da Romulea Corte.

VI. Quan-

VI.

Quanto agora conſagra agradecida
A ſeu Monarcha com louvor notorio
Eſta de Tubal fundaçaõ luzida,
Illuſtre Corte, decantado Emporio:
Porque no zelo amante dirigida
De ſeu nobre congreſſo Senatorio,
De tanto goſto relevante exprime
A ſumma elevaçaõ, dita ſublime.

VII.

Para theatro deſtas relevancias
Bem deſejára expôr tantas fortunas,
Seguindo de Corintho as elegancias,
Imitando de Memphis as columnas:
Ou do pincel mais deſtro as obſervancias,
Pertendendo affectar mais opportunas
Fazer que concorreſſem neſte empenho
Pharrhaſio no primor, Zeuxis no ingenho.

VIII.

Ou q̃ as linhas regeſſem competentes,
Por regras do artificio nunca errantes,
Para eſtatuas poliſſem mais decentes
Jaſpes Philiſca, marmores Thimantes:
Em cujas eſculturas eminentes,
Como em nobres idéas relevantes,
Se renovaſſem com mayores luſtres
Generoſos Padroens, Timbres illuſtres.

IX. Po-

IX.

Porèm ſubſtituio da antiga idade
Taõ divulgados celebres primores
O zelo ſingular de huma vontade
Explicada em finezas exteriores:
Porque ſempre huma grande actividade;
Executando affectos ſuperiores,
Com deſvélos exprime mais egregios
Magnificas acçoens, jubilos Regios.

X.

O portico primeiro na eminente
Porta do Sol com luzimento eſtava,
Que eſte nome logrou mais propriamente
Pelo Sol Luſitano, que eſperava:
Taõ ſumma perfeiçaõ reſplandecente
De rayos brilhadores oſtentava,
Que foy nos ſeus reflexos duplicados
Paſmo dos olhos, gloria dos agrados.

XI.

Moſtrava ayroſamente guarnecidos
Com proporçaõ gentil ambos os lados,
Seguindo-ſe á belleza de luzidos
As ſuſpenſoens precizas de admirados:
Do metal, que de Phebo os repetidos
Luzimentos retrata, taõ copiados
Reſplandores vibrava, que continha
Quáto Ophir ennobrece, e Colchos tinha.

XII.

No admiravel lavor o novo acerto
Bem descobria, para illustre indicio,
Entre os adornos graves do concerto
As invençoens mais raras do artificio:
Dos olhos o absoluto arbitrio incerto,
Entre as glorias de agrado taõ propicio,
Distinguir naõ sabia no vistoso (so:
Qual era o mais perfeito, ou mais formo-

XIII.

Neste ornato, que he justo q̃ se estime
Por grande assombro, se admirava sobre
Seu cume o grave Escudo taõ sublime
Das Regias Armas com realce nobre:
Entre as grandezas, que luzido exprime,
O beneficio excelso se descobre,
Que Nosso Redemptor Crucificado
Ao forte Affonso fez, Rey sublimado.

XIV.

Por bayxo estavaõ, com debuxo bello,
As Armas de Setuval opulenta,
Sendo a fabrica insigne de hum Castello,
Que sobre duas barcas se sustenta:
Nos lados delle com piedoso zelo
Das Ordens Militares, se accrescenta
De Christo, Nosso Bem, a Cruz Sagrada,
E de Jacobo Santo a invicta espada.

XV. De

XV.

De huma, e outra parte dos curiosos
Alinhos desta machina decentes
Dous Anjos assistiaõ caprichosos,
Guarnecidos de adornos refulgentes:
Dispendiaõ com termos respeitosos
Flores sobre o concurso differentes,
Que, sendo muito varias nos primores,
Mostravaõ ser Angelicas as flores.

XVI.

Por conta dos Ourives só corria
A despeza de fabrica taõ grata,
Que logo ser de gente parecia,
Que logra immenso ouro, e muita prata:
No galhardo fulgor, que transluzia,
Hum jardim florescente se retrata,
Que das mais flores na excellẽcia propria
Suspirava o primor, vencia a copia.

XVII.

Assim como no ameno labyrintho
De odoriferas flores mostra o prado
Em debaixo de pompas naõ succinto
Hum thesouro de aromas naõ versado:
Em cujo garbo, nunca sendo extincto
O successivo adorno duplicado,
Parece a varia perfeiçaõ, que avista,
Assombro da attençaõ, pasmo da vista.

XVIII.

Da mesma sórte enleyo parecia
O portico admiravel, sem desdouro,
Brilhando na pomposa galhardia
De luzes bellas singular thesouro:
No seu garbo sem duvida se via
A propria esphera do Planeta louro,
Porque todo o discurso confessava
Que na porta do Sol o Sol brilhava.

XIX.

Com varia industria de hũ lavor jucun-
Outro portico estava lisongeiro, (do,
Que, cabendo-lhe em sórte o ser segundo,
Merecia nas pompas ser primeiro:
Na eminencia dos garbos foy profundo
Paradygma de rayos verdadeiro,
Aonde foy na excelsa architectura
Sublime a graça, egregia a formosura.

XX.

Esta elevada fabrica perfeita
Com peregrina admiraçaõ se via
Na grande rua, que por ser direita,
Direitamente só lhe pertencia:
Com taõ notavel artificio feita
A fórma do lavor, que parecia
Natural formosura, que no indicio
Naõ dependeo de enfeites do artificio.

XXI. Em

XXI.

Em quatro perſpectivas ſe formava ;
Conreſpondendo altiva a quatro ruas ,
Com tantas perfeiçoens, q̃ bem moſtrava
Que ſingulares eraõ , naõ commũas :
Porque á viſta das flores , que oſtentava,
O proprio Mayo enfeitaria as ſuas ,
Porque no bello adorno dar pudera
Engraçadas liçoens á Primavera.

XXII.

No viſtoſo apparato da eſtructura
Se admirava com lúcida grandeza
Dar a riqueza graça á formoſura ,
A formoſura eſmaltes á riqueza :
Que , como ſempre dividir procura
Eſtes dotes avara a natureza ,
Alli ſe via com primor garboſo
O rico vinculado no formoſo.

XXIII.

Ferindo o Sol as flores , que ſe viaõ ,
Indecizos os olhos duvidavaõ
Se os rayos eraõ flores, que luziaõ ,
Se as flores eraõ rayos, que brilhavaõ ;
Porque tantos luzeiros reflectiaõ
Dos flámantes eſmaltes que as douravaõ,
Que o ſeu ſitio faziaõ, ſem deſmayos ,
Mappa de lúzes , e jardim de rayos.

XXIV.

A vifta pertendendo recrear-fe
Naquella gloria, que chegava a ver-fe;
Hydropica no gofto de alegrar-fe,
Naõ podia jámais fatisfazer-fe:
Da admiravel cobiça de empregar-fe,
Novo affecto nafcia de entreter-fe,
Ficando em tanta galhardia immenfa
Naõ fómente elevada, mas fufpenfa.

XXV.

Tantos naõ patentea refplandores
Iris flammante, quando reverbera,
Fazendo oftentaçaõ das varias cores
Na fcena circular da vaga esphera:
For influxo dos rayos fuperiores,
Que liberal o Sol lhe concedera,
Nos grandes luzimentos, que accumula,
Os Orizontes doura, a vifta adula.

XXVI.

Como entaõ transluzia portentofa
A debuxada fabrica benigna,
Os olhos attrahindo luminofa,
As attençoens roubando peregrina:
Porque a fua belleza portentofa,
De naõ vulgares excellencias digna,
Parecia no bem compofto affeyo
Luzido affombro, fcintillante enleyo.

XXVII. Com

XXVII.

Com magnifica pompa ſe erigia
O portico terceiro junto á Praça ,
Guarnecido com tanta galhardia ,
Que foy nova a invençaõ, ſublime a traça:
Prototypo de adornos ſe applaudia ;
Porque de tanto luzimento a graça
Por aſſombro chegava a reputar-ſe ,
Porque o meſmo era ver-ſe, q̃ admirar-ſe.

XXVIII.

Enganados os olhos nos lavores ,
Que o ſubtil artificio compuzera ,
Prezumiraõ que alli todas as flores
Cifradas tinha a verde Primavera :
Ou que ſeus agradaveis reſplandores
Communicar-lhe o meſmo Sol quizera ,
Porque prodigio foſſe luminoſo
Igualmente o luzido , que o formoſo.

XXIX.

As cores dos debuxos engraçadas
Formavaõ com liſonjas differentes
Entre amenas folhagens complicadas
Labyrinthos de ramos florecentes :
Em cujas galhardias retratadas ,
Com viſtoſos matizes refulgentes ,
A novidade do ouro na verdade
Repreſentavá de ouro nova idade.

XXX.

A summa perfeiçaõ, que se assigná-la,
A vista mais curiosa tanto adula;
Que, até do muito excesso do estimá-la,
Pelo julgar taõ pouco se estimula:
Mas galante o primor de tanta gálla,
Inexplicaveis gostos lhe accumula,
Perdendo-se o discurso entre os enleyos
Da nova Babylonia de recreyos.

XXXI.

Naõ penetraõ taõ bellos os fulgores
Da Thitonea Consorte os Orizontes,
Quando com seus purpureos resplandores
Matiza ós valles, enriquece os montes:
A quem festejaõ respirando as flores,
Ou já celebraõ discorrendo as fontes,
Porque nas luzes, que brilhante excita,
Humas alegra, as outras resuscita.

XXXII.

Como alegrava os olhos a eminente
Sumptuosa grandeza relevante,
Conciliando encomios de excellente
Nas magnificas pompas de elegante:
Testimunho fiel do reverente
Fervoroso desejo, com que amante
Setuval, para gosto recreativo, (vo.
Do seu Monarcha espera o ingresso alti-

XXXIII. Ne-

XXXIII.

Neſtes arcos, emfim, que o goſto attento
Formou para triumpho taõ pompoſo,
Se cifrava o mais nobre luzimento,
Tanto no excelſo, como no cuſtoſo:
Porque nelles ſe unio, para ornamento
De taõ feſtivo obſequio decoroſo,
Quanto aprendeo com docil exercicio
O diſcurſo na eſcóla do artificio.

XXXIV.

Nelles ſe quiz fingir recopilado
Quanto a cobiça deſcubrio luzido,
Ou no centro das agoas ſepultado,
Ou no clauſtro das minas eſcondido:
O diamante em reflexos deſatado,
O Pirópo em luzeiros convertido,
A perola, a quem fazem brilhadora
Rizos do Sol, e lagrimas da Aurora.

XXXV.

Eſſe metal, que avaro difficulta
A's ancias dos mortaes tanta riqueza,
Pertendendo eſconder na mina occulta
De ſeus formoſos rayos a belleza;
Depois que nos incendios mais avulta
Dos precioſos quilates a fineza,
Entre os lavores com brilhante eſcolha
Taõ dobrado ſe vio, que eſtava em folha.

XXXVI. Alli

XXXVI.

Alli fèz o debuxo eſtar ſuaves,
Entre ſeus odoriferos verdores,
No frondoſo vergel voando as aves,
No aprazivel jardim luzindo as flores:
A fonte, diſpendendo as copias graves
Dos liquidos cryſtaes murmuradores,
Se fingia entre as plantas, que retrata,
Em galla verde guarniçaõ de prata.

XXXVII.

Por eſtes altos porticos brilhantes,
Erigidos nas ruas mais formoſas,
Entrará, dando aſſombros relevantes,
O Auguſto Rey com pompas mageſtoſas:
Nunca adornos oſtentaõ mais flammantes
No mimo da manhãa purpureas roſas,
Como em tanto concerto ſe aſſignála
Garboſa a perfeiçaõ, ſublime a galla.

XXXVIII.

O Palacio ſe via taõ luzido
Nos aureos paramentos de adornado,
Que ás viſtas, cobiçoſas do attendido,
Motivos ſe ſeguiaõ do admirado:
A grandeza do ornato dividido
Pelas ſálas com luſtre concertado,
Bem podia fazer com juſto exceſſo
Avaro a Conſtantino, e pobre a Creſſo.

XXXIX. Pro-

XXXIX.

Prototypo de luzes ſe moſtrava
No Regio ornato a Soberana esphera;
Pois no concerto inſigne ſe cifrava
Quanto a India idolatra, Ophir venera:
Nas peregrinas reflexoens, que dava,
De tantas ſedas matizadas era
Cada eſtancia hum Elyſio trasladado,
Ou cada ſála hum Ceo recopilado.

XL.

Dos aromas a doce actividade
Delicias motivou com tal vehemencia,
Que, ſendo dos ſentidos ſuavidade,
Foy do goſto attractiva complacencia:
De Arabia, e de Pancaya a variedade
Odorifera dava competencia,
Imitando em regálos liſongeiros
Arabia em mimos, e Pancaya em cheiros.

XLI.

As ruas ſe oſtentavaõ ricamente,
Adornadas com tanto luzimento,
Quanto nunca pudera diligente
Excogitar curioſo penſamento:
Guarnecidas com pompa taõ decente,
Que parece em ſeu methodo opulento
Se clauſulava com primor jucundo
Todo o grande apparato, q̃ ha no mundo.

XLII. As

XLII.

As bellas colchas oſtentou da China,
Os ricos lós da India relevantes,
Da terra Auſonia a ſeda peregrina,
Da Tartaria os brocados ſcintillantes:
Do Norte a téla, que ſe applaude fina,
Os damaſcos da Perſia mais galantes,
A prata do Japaõ ſem ter desdouro,
Do noſſo Rio de Janeiro o ouro.

XLIII.

As pedras, que abatidas ſe cobriaõ
Com freſcas eſpadanas, que as ornavaõ,
Como taõ precioſas ſe fingiaõ,
Talvez por eſmeraldas ſe julgavaõ:
Alcatifas amenas pareciaõ,
Que com liſonja uſana ſe offertavaõ
Para ſerem no humilde rendimento
Do Regio faſto verde pavimento.

XLIV.

O povo, que em concurſo numeroſo
Vinha ver hum feſtejo taõ luzido,
Os parabens ſe dava venturoſo
De lograr eſte applauſo nunca ouvido:
Mas fundamento teve muy forçoſo,
Pois no concurſo dos annos repetido
Nunca a eſperança merecer podia,
Taõ ditoſa occaſiaõ, taõ fauſto dia.

Da

Da Igreja do Anjo vay Sua Mageſtade para a porta, que ſe chama do Sol.

OBSERVAÇAM IV.

I.

O Invencivel Joaõ, Monarcha Quinto
No nome fauſtamente venturoſo,
Cujo applauſo naõ póde ſer extincto;
Mas ſempre em toda a idade decoroſo:
Depois que ſe apartou do labyrintho
De taõ viſtoſas arvores frondoſo,
Onde a delicia vive, o goſto mora,
Républica de Abril, Corte de Flóra.

II.

Modeſto ouvindo a popular frequencia,
Que nas plauſiveis vozes exceſſivas
Lhe dava com ſolemne complacencia
Dignas acclamaçoens, alegres vivas:
Com luſtroſa Real magnificencia,
Que condecora glorias taõ feſtivas,
Paſſou pelo Convento ſublimado,
Que o nome tem do Precurſor Sagrado.

III. Do

III.

Do Santo, que foy livre da desgraça
Da culpa no materno claustro, sendo
Santificado, pois nascendo em graça
Lhe veyo a graça entaõ como nascendo:
Depois, para que a Deos mais satisfaça
Na virtude, em q̃ foy sempre crescendo,
Mereceo os applausos taõ luzidos
De se acclamar mayor entre os nascidos.

IV.

De frequente concurso apparatoso
Neste breve caminho acompanhado
A' porta chega, que do Sol formoso
O nome participa celebrado:
Alli sendo com zelo decoroso
Recebido do amplissimo Senado,
Com discreta oraçaõ, palavras graves,
Da nobre Praça lhe offerece as chaves.

V.

Neste tempo com jubilos decentes
A grande multidaõ dos populares
Lhe repetia vivas preeminentes,
Ferindo os coraçoẽs, rompendo os ares:
Porque como nos seculos presentes
Tantas ditas naõ teve singulares,
Era nesta alegria taõ notoria
Sem termo o gosto, sem limite a gloria.

VI. Lo-

VI.

Logo foy procedendo este admiravel
Triumpho pela rua mais plausivel,
Que o nome tem do Santo incomparavel,
Que desterra da peste o mal terrivel;
Que estava nos adornos taõ notavel,
Quanto a todo o desejo foy possivel,
Pois retratava com diversas cores
De Abril as perfeiçoes, de Mayo as flores.

VII.

Foraõ diante deste applauso ufanos
Os sonoros clarins, que na harmonia
Dos alternados éccos soberanos
Os jubilos duplicaõ da alegria:
Com taõ bella cadencia, que os tyrannos
Effeitos da tenaz melancolia
Venciaõ; pois nos musicos assentos
Eraõ do gosto doces instrumentos.

VIII.

Das altas torres, com q̃ os sumptuosos
Templos se qualificaõ celebrados,
Servindo-lhe edificios taõ formosos
De excellentes adornos sublimados:
Os sinos, repetindo sonorosos
Differentes repiques alternados,
Eraõ nos seus harmonicos ruidos
Consonancia estrondosa dos ouvidos.

IX. Lo-

IX.

Logo diverſas danças ſe ſeguiaõ
Ornadas com belliſſimos aſſeyos,
Que, nos circulos gratos, que faziaõ,
Multiplicavaõ celebres recreyos:
Nas lindas invençoens, com que ſe uniaõ,
Eraõ da viſta curioſa enleyos;
Cauſando no ſeu methodo ajuſtado
Alegre allivio, gracioſo agrado.

X.

Regulando os galantes artificios
Pelo ſom de ſonoros inſtrumentos,
Plauſiveis davaõ da delicia indicios,
Na graça dos ayroſos movimentos:
Regalos ſendo da attençaõ propicios,
Ou doces do prazer divertimentos,
Deixavaõ ſempre com liſonja immenſa
Abſorto o genio, a inclinaçaõ ſuſpenſa.

XI.

Admirado primor taõ concertado
Se moſtrava em taõ licito cortejo,
Cobiçoſo de goſtos o cuidado,
Hydropico de allivios o deſejo:
Por ficarem no invento deſtinado
Para a gloria feliz deſte feſtejo,
No carcere do agrado ſem recurſo
Vinculada a razaõ, prezo o diſcurſo.

XII. Qual

XII.

Qual na alegre planicie divertida ,
Que oſtenta o Cynthio ,com gentîs deco-
De Nynfas engraçadas aſſiſtida , (ros
Exercita Diana os bellos córos :
Sendo de mil Oriadas ſeguida ,
Alternando ſeus canticos ſonóros ,
Duplica no recreyo concertado
Glorias do goſto , e jubilos do agrado;

XIII.

Dos canhoens a colerica porfia
As ſalvas dando , do furor violento ,
Tremeo a terra , perturbou-ſe o dia ,
Moveo-ſe a esféra,alvorotou-ſe o vento;
O rio , que os horrores percebia ,
Provocado do eſtranho movimento ,
Serpe de prata nas ceruleas vêas
Mordia conchas , devorava arêas.

XIV.

Os clarins entre ſi ſe competiaõ ,
Os ſinos huns aos outros ſe emulavaõ ,
As charamélas éccos proſeguiaõ ,
Os canhoens ſeus incendios fulminavaõ :
Porque em tudo alvoroços ſó ſe ouviaõ ,
Quando no meſmo tempo os feſtejavaõ
Charamélas gentîs , clarins ſonóros ,
Inceſſaveis canhoens , ſinos canóros.

XV.

Tambem se via com plausivel arte
A gente Militar, querendo forte,
Nos grandes brios, com q̃ imita a Marte,
Mostrar que resoluta vence a morte:
Nos applausos, que o Povo lhe reparte,
Dobrava o gosto da festiva sórte,
Naõ cessando nos béllicos clamores
De hũa parte clarins, de outra tambores.

XVI.

Na vaidade das gallas admirada
Se via com grandeza primorosa
Huma pompa de enfeites extremada,
Huma dita de applausos extremosa:
Lisonja foy de todos duplicada
A multidaõ de adornos caprichosa,
Porque nelles alegre competia
Grave a riqueza, insigne a bizarria.

XVII.

Como bellas as Armas transluziaõ,
Quando em seus movimẽtos se vibravaõ,
Nos rayos, que brilhantes reflectiaõ,
Mayores seus luzeiros duplicavaõ:
Os olhos diligentes, que attendiaõ
No vario resplandor, que contemplavaõ,
Ficavaõ com neutraes desassocegos
Na luz confuzos, na efficacia cegos.

XVIII. Se-

XVIII.

Seguia-se a Nobreza, que empenhada
Nesta grande alegria portentosa,
Tanta dita applaudia desejada,
De mayores festejos desejosa:
De gallas differentes adornada
Com tanta galhardia primorosa,
Que podia no illustre luzimento
Ser o garboso inveja do opulento.

XIX.

Nos decentes vestidos se admirava
O metal, que de Ophir se transferia,
Pois nas luzes os olhos alegrava,
Quando na tyria côr resplandecia:
Tanta copia brilhante naõ lograva
O thesouro, que em Cólchos se escondia,
Aonde as Nynfas foraõ sem cautélas
Buscar seu vélo, com primeiras vélas.

XX.

De Santiago os Freires, que occupavaõ
Deste Povo as Parochias numeroso,
Communidade illustre lhe formavaõ
Em congresso gentil, acto lustroso:
Com Cruz alçada todos lhe cantavaõ,
Em concordante estylo sonoroso,
Os Psalmos de David taõ celebrados
Com doces vozes, éccos alternados.

XXI.

A Deos rogavaõ com fervor ardente,
Que exaltasse no cume mais louvado
Deste Excelso Monarcha preeminente
O largo Imperio, e venturoso Estado:
E naõ menos seu zelo reverente
Gratificava o gosto sublimado,
Que esta Praça ditosa recebia,
Quando a Regia presença merecia.

XXII.

Seguiaõ-se os Ministros com luzido
Resplandecente adorno respeitado,
Sendo neste apparato ennobrecido
Decente ostentaçaõ, lustre admirado:
Causavaõ no decoro repetido
Igual veneraçaõ ao summo agrado,
Com grandezas expondo persuasivas
As insignias dos cargos respectivas.

XXIII.

Temor dava esta vista poderosa,
Que sempre deve a Magestade amada
Naõ só ser pelas Armas decorosa,
Mas tambem pelas letras venerada:
Na discreta inteireza judiciosa
Deixavaõ tanta pompa acreditada,
Mostrando neste luzimento Augusto,
Que sempre fazem galla do que he justo.

XXIV.

Armas, e letras neſte competente
Feſtejo brilhaõ com luzidas gallas,
Por ſe unirem no goſto preeminente
Culta Bellona, e Militante Pallas:
Aſſombro tambem ſaõ de toda a gente
As Regias Guardas em diſtinctas álas,
Ornadas com decente gravidade
Em decoro da Auguſta Mageſtade.

XXV.

Nas janellas eſtavaõ com luſtroſo
Alinho as Damas neſte obſequio amante,
Como Sóes no Zenith mais luminoſo,
Como eſtrellas na esféra mais flammante:
Applaudiaõ com genio appetitoſo
Taõ ſolemne triunfo relevante,
No liberal cortejo dos primores,
Vertendo aromas, derramando flores.

XXVI.

Entre copias choviaõ mais propicias
Nos que paſſavaõ, com gentîs jactancias,
De nuvens duplicadas de delicias
Diluvios repetidos de fragrancias:
Servindo de liſonjas as caricias,
Alentavaõ do goſto as relevancias;
Porque pudeſſe com mayor vangloria
Augmentar-ſe o favor, creſcer a gloria.

XXVII. Tan-

XXVII.

Tantas flores Abril naõ galantêa,
Difpenfando aromaticas doçuras,
Quando no lenço alegre de Amalthéa
Debuxa pompas, pinta formofuras:
Por mais que a vifta ufana fe recrêa,
Notando a perfeiçaõ das cores puras,
Achando nellas o defejo grato
Luzida eftampa, efplendido retrato.

XXVIII.

Com luzes tantas a faudade trifte
A Thitonia conforte naõ diverte,
Quando dos olhos, em que a graça affifte,
Defperdiça cryftaes, perolas verte:
Porque como na auzencia, a que refifte,
Em gofto o fentimento fe converte,
Saõ nos doces allivios da efperança
Rayos, que vibra. as lagrimas que lança.

XXIX.

Menos com tantos garbos fe ennobrece
O luzimento do viftofo dia,
Scintillante farol, que refplandece,
Para o mundo adornar de galhardia:
Quando do obfcuro horror, q̃ prevalece,
Extermina a confufa tyrannia,
Reveftindo com lúcida grandeza
O Ceo de galla, os campos de belleza.

XXX. Nem

XXX.

Nem com tantas eſtrellas ſe diviza
Eſſa esféra de luzes taõ radiantes,
Primavéra feliz, que ſe matiza
Com tantas flores, quantos tem diamãtes:
Quando Cynthia formoſa lhe ſuaviza
O reſplandor dos rayos ſcintillantes,
Para que a viſta lhe decifre grata
Em papel de zaphir letras de prata.

XXXI.

Como ſe via com ſubtil diſcurſo,
Que as bellas Damas, miniſtrãdo cheiros,
Lançavaõ ſobre o proſpero concurſo
De flores aromaticos chuveiros:
Com tanta multidaõ, que ſem recurſo
Venciaõ ſeus caprichos liſongeiros
Toda a pompa gentil, que reverbera
No proprio dia Aurora, Abril, e Esféra.

XXXII.

De Cavalheiros ſingular frequencia
Seu Monarcha ditoſo acompanhava,
Celebrando com publica decencia
O ſolemne triunfo com que entrava:
A pomposa feliz magnificencia,
Que nas gallas brilhantes ſe oſtentava,
Era mais que dos olhos grave enleyo,
Primor do garbo, admiraçaõ do aſſeyo.

XXXIII. A'

XXXIII.

Alli com gravidade reſpectiva
Os dous Duques ſe viaõ generoſos,
Da Luſa Esféra com grandeza altiva
Athlantes dignamente os mais zeloſos:
Na illuſtre relevancia ſucceſſiva,
Com que exaltaõ ſeus timbres decoroſos,
Se divizava a primazia egregia
Do ſangue eſclarecido, eſtirpe Regia.

XXXIV.

Luzimento immortal do nome ufano
Daquelle grande Conde, cujo anhélo
Foy terror bellicoſo já do Hiſpano,
E depois gloria inſigne do Carmélo:
A quem no Auguſto timbre Soberano,
De heroicos brios ſingular medélo,
Devem ſempre offertar, para mais glorias,
Os volumes annaes, o tempo hiſtorias.

XXXV.

De Fontes ſe ſeguia o generoſo
Marquez, que no ſeu tronco taõ fecundo,
Inſigne deo com timbré Mageſtoſo
Honras ao Reyno, admirações ao mundo:
Arvore Regia, que brotou ditoſo
Luzimento de flores taõ profundo,
Que ſe verá do Tejo até o Idaſpe
Gravar-ſe em bronze, deſcrever-ſe em jaſpe.

XXXVI.

Deſte feſtejo foy participante (ſto,
De Alegrete o Marquez em tudo Augu-
Que dá por entendido, e por conſtante
A Pallas ſuſpenſoens, a Marte ſuſto:
Taõ grande em prendas, quanto relevante
Deve ſer ſeu louvor; mas fora injuſto
Que coubeſſe na penna o nome altivo,
Para quẽ todo o mundo he breve archivo.

XXXVII.

Neſta pompa ſe achou com gloria ſũma
De Santa Cruz o Conde, na admirada:
Grandeza ſingular mais que nenhuma,
Deixando a Regia prole acreditada:
Pois ſem que o tempo avaro lhe conſuma
De ſeus timbres a gloria ſublimada,
Dos Maſcarenhas a excellencia altiva
Illuſtre exalta, e Soberano aviva.

XXXVIII.

Caprichoſo brilhava o Regio Conde
De Unhaõ naõ menos, realçãdo o herda-
Inſigne luſtre, q̃ modeſto eſconde, (do
Com brioſas acçoens ſempre admirãdo:
Benigno eſpelho da Nobreza, donde
O timbre dos avós reverberado
Moſtra em reflexos, que efficaz exprime,
Ser imagem de ſeus brazoens ſublime.

XXXIX. De

XXXIX.

De San Lourenço o Cõde preeminente
Galhardia oſtentou taõ venerada,
Que os reſpeitos inculca de eminente,
Tanto na diſcriçaõ, como na eſpada:
Que muito ſe no ſangue Regiamente
Da aſcendencia, que logra remontada,
Aprende para ſer em toda a parte
Se Mercurio na paz, na guerra Marte.

XL.

No meyo deſta pompa por tributo
O Conde da Ericeira venerado
Do reſpeito mayor colhia o fructo,
Entre as flores do mais cortez agrado:
Porèm todo o louvor he diminuto,
Merecendo em ſeu plectro ſer louvado,
Pois he ſó com noticias taõ diffuſas
Mimo de Apollo, e credito das Muſas.

XLI.

Naõ faltou neſte obſequio decoroſo,
Para tambem lhe dar bizarro augmento,
O Conde ſingular do Vimioſo,
De Portugal illuſtre luzimento:
Para expôr ſeu capricho reſpeitoſo
Preciſas ſaõ da Fama as boccas cento,
Ou do mundo as diſtancias ſuperiores,
Para ſerem volume a ſeus louvores.

XLII. Da

XLII.

Da mesma sórte se ostentou luzido
O Conde de Redondo, com decentes
Caprichos exaltando esclarecido
A gloria dos illustres ascendentes:
Cujo insigne decoro ennobrecido,
Como digno de encomios eminentes,
Devia ser assumpto no que admira
Do Thracio plectro, da Thebana lyra.

XLIII.

Igualmente respeitos merecia
De Coculim o Conde nos primores
Com que illustrava a herdada Fidalguia
O resplandor de seus progenitores:
Porque sendo a garbosa bizarria
Esmalte superior dos pundonores,
Nelle se via competir ufano
Tanto o luzido, como o Soberano.

XLIV.

Nesta propria Real sumptuosidade
De Santiago o Conde se diviza,
Condecorando a Regia qualidade
Tantos meritos altos, que eterniza:
Sem que nunca affustasse a gravidade
Da decorosa estimaçaõ preciza,
A todos inculcava sublimado
Naõ sómente respeito, mas agrado.

XLV.

O Conde Soberano de Pombeyro
Tambem vinha com brio generoſo,
Fazendo nos agrados verdadeiro,
Quanto fora em Narciſo fabuloſo:
Mas como deſeſtima o liſongeiro
Vulgar applauſo, ſempre decoroſo,
Melhor ſe lhe attribue o ſer no luſtre
Gloria do grave, e reſplandor do illuſtre.

XLVI.

Juntamente eſſe Conde, que na idade
Juvenil taõ magnanimo promette
O fructo de prudente gravidade,
Sendo flor do mais inclyto Alegrete:
Pois collocando a fama a immenſidade
De tantos timbres, ſobre os globos ſette,
Fará, por ſe eſcreverem verdadeiros,
Pennas dos rayos, tinta dos luzeiros.

XLVII.

Gravemente tambem de Valladares
O grande Conde ſublimando vinha
As altas preeminencias Titulares
Já de Villa Real, já de Caminha:
Herdeiro das grandezas ſingulares
De taõ Regios brazoens, Auguſta linha,
Em decoros illuſtres, com que a fama
Marquezes celebrou, Duques acclama.

XLVIII. Du-

XLVIII.

Duplicava em feſtejo taõ pomposo
O illuſtre Mello as glorias excellentes,
Monteyro Mór do Reyno, e decoroſo
Paradygma de Regios aſcendentes:
Em cujo excelſo ſangue generoſo
Concorrem tantos meritos prudentes,
Que faz q̃ em ſeu capricho ingenuo ſeja
Aggravo a adulaçaõ, encomio a inveja.

XLIX.

Finalmente, aſſiſtiaõ com cuidado
Diogo de Mendoça, que os ſecretos
Oraculos attende do Alto Eſtado,
Archivo ſendo dos Reaes Decretos:
Por naſcimento illuſtre taõ louvado,
Quanto exceſſivo nos leaes affectos,
Com q̃ o Regio ſerviço obſerva amante,
Argos prudente, e Lynce vigilante.

L.

Do Crime alli da Corte o veneravel
Corregedor tambem luzio plauzivel,
Douto Brochado, em letras admiravel,
Se em rectas equidades inflexivel:
Fazendo em ſeu reſpeito inſeparavel
Da Nobreza a ſciencia indefectivel,
Porque nelle ſe vejaõ juntamente
Capricho illuſtre, erudiçaõ prudente.

LI. Gual-

LI.

Gualter de Andrada Rua, q̃ no ag...
Com que ferve a feu Rey taõ cuidadofo,
Inda que alguem o imite no extremado,
Nenhum póde excedê-lo no extremofo;
Pois fendo pelas prendas venerado,
Pela illuftre afcendencia generofo,
Lhe daraõ por fubir ás ditas todas,
A fama as azas, a fortuna as rodas.

LII.

Nefta pompa, que illuftre fe applaudia,
Rebello infigne fez nobre affiftencia,
A cujo zelo activo pertencia
Defta jornada a Regia providencia:
Da Camara Porteyro, em quem fe via
Memoravel a heroyca diligencia
Com que a conduzir do Imperio fora
A Germanica Flor, Cefarea Aurora.

En-

Entra pela porta do Sol Sua Mageſtade, viſita a Igreja Matriz, e recolhe-ſe no Palacio.

OBSERVAÇAM V.

I.

ENtrava, pois, com Mageſtoſo Eſtado
O ſublime Monarcha taõ luzido,
Que entre o preciſo amor de venerado
Merecia os encomios de applaudido:
Attrahindo com ſeu benigno agrado
Dos Vaſſallos o ſequito ſubido,
Eraõ de ſeus affectos os quilates
Agradaveis Magnetes dos Magnates.

II.

Na dourada regiaõ, que o Sol matiza,
De alegres pompas repetindo enſayos,
Para ſer com belleza taõ preciſa
Copia de adornos, lámina de rayos:
Goſto taõ ſingular ſe naõ diviza,
Animando das flores os deſmayos,
Que a noite com desdouro moſtra injuſto
Mortas do aſſombro, pallidas do ſuſto.

III. Quan-

III.

Quanto lograva, ſendo recebido
O Veneravel Rey, com tanto zelo
Do fervoroſo affecto repetido
Do nobre applauſo, popular deſvélo:
Decente acclamaçaõ, ſe naõ devido
Alto cortejo do exceſſivo anhelo,
Com que amante Setuval lhe declara
A mais firme affeiçaõ, fineza rara.

IV.

Eſte foy Regiamente o mais glorioſo
Memoravel troféo, que ſe divulga,
Pois vence o luzimento decoroſo,
Que a fama em tantos ſeculos promulga:
Nos eternos encomios de famoſo,
Entre todos por celebre ſe julga,
Vencendo quantos foraõ com vaidade
Gloria do mundo, admiraçaõ da idade.

V.

Mas toda eſta grandeza, que ſe apura
Na memoria dos annos ſucceſſiva,
Ou parece ſofiſtica pintura,
Ou ſe inculca ſonhada perſpectiva:
A' viſta da eminente gloria pura,
Com que Setuval taõ zeloſa aviva
O ſeu conſtante amor, quando empenhada
Celebra do ſeu Rey a Auguſta entrada.

VI.

Hum ginete montava taõ briofo,
Que, fe naõ lhe domára o forte alento,
Fora no impulfo da carreira ayrofo
Vivente rayo, arrebatado vento:
Se pára altivo, inculca por viftofo
Tal garbo, fufpendendo o movimento;
Que, revendo-fe em fi, parece aftuto
Nas ondas do fuor Narcifo bruto.

VII.

Era purpurea a galla, que veftia,
Cujo nacar vencer a luz pudera,
Que prologo fe inculca de alegria
No livro illuftre da dourada esféra:
Ou de Venus a flor, que a galhardia
Augmenta da fragrante Primavera;
Porque excedia, fem temer defmayos,
Da rofa os brios, e da aurora os rayos.

VIII.

Moftrou no Regio afpecto taõ luzida
Gentileza, que a muitos na verdade,
Naõ fendo a Mageftade conhecida,
Fez logo conhecida a Mageftade:
Pois na prefença Imperiofa unida
A graça á relevante gravidade,
No fublime infundia, e no perfeito
Garbofo agrado, e fingular refpeito.

IX.

Dos olhos tantas luzes ſuperiores
Engraçado influio nas faces bellas,
Que ſe uniaõ com ſummos reſplandores
Lindas as flores, graves as eſtrellas:
Se bem que o Sol abſorto nos candores
Que admirava no jubilo de vellas,
A tanto Regio fulgor, que ſe aſſignalla,
Proſtrava a pompa, ſubmettia a galla.

X.

Com taõ viſtoſo Pállio ſe cobria
A preſença Real, que motivava
No reſpeito galhardo, que infundia,
Decoro ſuperior com que admirava:
Que, como a Mageſtoſa bizarria
Tantos aſſombros ſcintillante dava,
Fazia na magnifica grandeza
Luzida a graça, ayroſa a gentileza.

XI.

As Varas, que eſte Pállio ſuſtentava,
Foraõ com moſtras de exceſſivo agrado
Repartidas, confórme lhes tocavaõ,
Pelas nobres peſſoas do Senado:
Que, como neſte dia feſtejavaõ
Hum goſto ſummamente requintado,
No empenho de alegria taõ notoria
Paſſava a meſma dita a ſer vangloria.

XII. Ti-

XII.

Tinha o lugar primeiro o venerado
Preſidente, e Juiz ſempre applaudido,
Tanto pela Nobreza reſpeitado,
Quanto pela ſciencia engrandecido:
Que, com graves acções, tendo illuſtrado
Dos Salemas o tronco conhecido,
Promette a ſórte aos ſeus merecimentos
Ditoſas honras, proſperos augmentos.

XIII.

No ſegundo lugar tinha igualdade
Mattheus da Silva, que tambem ſe preza
De exaltar com decente gravidade
O venerado timbre da Nobreza:
Naõ menos Frias, dando á qualidade
Da ſublime Familia mais grandeza,
Eſte applauſo augmentava ennobrecido,
Tanto no ayroſo, como no luzido.

XIV.

Seguia-ſe entaõ Coſta, que brioſo
Igual aos outros nos caprichos era;
Martim Domingues Banha reſpeitoſo
Na nobre obrigaçaõ com que naſcera:
Tambem Pedro da Roſa, que zeloſo
Do publico intereſſe ſe venera,
Moſtrando cada hum no grave aſpecto
Vangloria eſpecial, goſto ſellecto.

XV.

Por hum, e outro lado se admirava
A grandeza dos Titulos mayores,
Que do seu Regio Sol, que scintillava,
Recebiaõ lustrosos resplandores:
Tantos rayos na esféra naõ lograva
A belleza dos astros brilhadores,
Quantos nesta occasiaõ vibrava ayrosa
Do Regio rosto a vista generosa.

XVI.

No meyo dos illustres Cavalheiros
Luzia o grande Rey com pompas bellas,
Como insigne Planeta entre os luzeiros,
Como brilhante Sol entre as estrellas:
Com jubilos o Povo verdadeiros,
Rompendo dos silencios as cautellas,
Em frequentes tumultos de alegria
Vivas lhe dava, applausos repetia.

XVII.

De taõ sublime pompa acompanhado,
Para a Igreja Matriz foy dirigido,
Em cujo altivo pórtico elevado
Outro Pállio lhe estava apercebido:
Sendo nelle com gosto avantajado
Do Clero dignamente recebido,
Seu Capellaõ Mayor taõ generoso
Agoa benta lhe offerta obsequioso.

XVIII.

O Veneravel Cunha, em cuja illuſtre
Clara eſtirpe com merito profundo
Se admira o timbre do mais Regio luſtre,
Que applaude a fama,e reconhece o mun-
Dos caprichos eſpelho ſẽ desluſtre (do:
De eſmaltes generoſos taõ fecundo,
Que ás Caſas de mais alta Jerarchia
Une Grandeza, e dá Soberania.

XIX.

Taõ digno da mayor ſublimidade,
Quanto nas prendas ſe exaltou mayores,
Augmentando na illuſtre qualidade
Os decoros de ſeus Progenitores:
Sendo a Suprema Auguſta Dignidade
De Inquiſidor Geral nos ſuperiores
Progreſſos da virtude mais preclara
Preſagio certo da mayor Tiara.

XX.

Pelo meyo da Igreja, que excellente,
Pela copia de luzes taõ flammante,
Fazia emulaçaõ reſplandecente
A belleza dos aſtros ſcintillante:
Entre o concurſo da admirada gente,
A' Capella Mayor foy relevante,
Primeiro reflexaõ fazendo attento
Ao Altar do Divino Sacramento.

XXI. He

XXI.

He eſte grande Tẽplo o mais ſumptuo-(ſo,
Que com Regio diſpendio foy fundado,
Pelo nobre artificio portentoſo,
Quanto pela grandeza celebrado:
Pois para ſe exaltar mais decoroſo
A' Senhora da Graça he conſagrado,
Que, ſem de Adaõ ſentir mortal deſgraça,
He Joya da pureza, e Sol da Graça.

XXII.

Depois que a ſua Veneravel Ara
O Monarcha admirou taõ reverente,
Piedoſo expondo a devoçaõ preclara
De ſeu zeloſo amor, impulſo ardente:
Foy levado outra vez com pompa rara
Do applauſo univerſal de toda a gente,
E debayxo do Pállio recebido
Amplificou no excelſo o mais luzido.

XXIII.

Com a propria grandeza do apparato,
Que lhe aſſiſtia com deſvélo amante,
Qualificando neſte obſequio grato
O timbre heroico de hũ fervor conſtante;
Pelas ruas, que mais luſtroſo ornato
Oſtentavaõ, no alinho relevante,
Foy dando ayroſo com galhardo aſſeyo
A' viſta admiraçaõ, ao goſto enleyo.

XXIV.

Que concha ſe moſtrou nos matutinos
Agradaveis crepuſculos da aurora, (nos
Quãdo enclauſtra entre os nacares benig-
Cryſtaes q̃ exhala, e lagrimas que chora:
Taõ rica dos theſouros peregrinos
Na Gangetica margem donde mora,
Que igualem ſeus aljofares no preço
Taõ Regio garbo, taõ ſublime exceſſo?

XXV.

Que roſa madrugou no viridante
Hemisferio do prado refulgente,
Sendo cometa de ambar ſcintillante,
Ou luzeiro de nacar floreſcente:
Que da galla, que veſte taõ galante,
Naõ deſalinhe a purpura luzente,
Se acaſo competiſſe a bizarria
De tanta galla, e tanta galhardia?

XXVI.

He certo que a ſublime gentileza,
Que ſe admira no Regio luzimento,
Excedendo os applauſos da lindeza,
Sem ſer encomio moſtra ſer portento:
Aſſim ſem ſe jactarem da belleza,
Que lhe ſerve de taõ luſtroſo augmento,
Sujeiçaõ lhe tributaõ conhecida
A concha bella, a roſa preſumida.

XXVII.

Os ſonoros clarins, que ſe alternavaõ,
Taõ doce conſonancia produziaõ,
Que ſe na guerra os brios deſpertavaõ,
Os ſentidos entaõ adormeciaõ:
Nas cadencias alegres, que formavaõ,
Acordes entre ſi ſe competiaõ,
Porque nos éccos do canóro aſſento
Se ſuſpendia o ar, parava o vento.

XXVIII.

Naõ ceſſavaõ da alegre melodia
No proprio tempo as muitas charamellas,
Motivando na harmonica energia
Suaves recreaçoens, delicias bellas:
Dos vivas repetidos a porfia
Penetrava nos éccos as eſtrellas,
Dos ſinos atroou o eſtrondo ufano,
Tremeo Neptuno, e fulminou Vulcano.

XXIX.

Com furor duplicavaõ repetido
As Fortalezas ſeu eſtrondo uſado,
Eſtremecer fazendo no bramido
De Thetis o ceruleo principado:
Retrocedeo, confuſa do ruido,
A corrente do noſſo patrio Sado,
Fugindo com mais timida efficacia
Para a Colonia antiga de Salacia.

XXX. Das

XXX.

Das janellas, e ruas, que a vaidade
Popular adornou com tanto alinho,
Só de applausos se ouvia a immensidade,
Com grave affecto, singular carinho:
Por toda a parte, adonde a Magestade
Soberana fazia seu caminho,
Soavaõ juntos com geraes agrados
Do gosto os éccos, da alegria os brados.

XXXI.

No vario giro, que o discurso attento
Nos seculos antigos tem notado,
Obsequio naõ se vio mais opulento,
Festejo naõ se achou mais sublimado:
Nem Roma teve igual contentamento
No tempo dos seus Cesares passado,
Que emular talvez possa na alegria
Taõ plausivel funçaõ, taõ Regio dia.

XXXII.

Os Cavallos do Estado numerosos
Conduziaõ serventes bem luzidos,
Com séllas, e telizes muy preciosos,
De ouro, e prata sendo guarnecidos:
Entre brilhantes circulos lustrosos,
Com primorosa fabrica tecidos,
Gravadas vinhaõ com decoro justo
As Sacras Armas do Monarcha Augusto.

XXXIII. Já

XXXIII.

Já no Real terreiro eſte admiravel
Decoroſo triunfo ſe encontrava,
Adonde eſtava gente innumeravel,
Por ver o fim do applauſo,que eſperava:
Moſtrando-ſe o Monarcha muito affavel,
No reſpectivo agrado, que indicava,
Do Cavallo deſceo com Regio modo,
Roubando os olhos do concurſo todo.

XXXIV.

Da Ordenança da Praça o Regimento,
Que alli ſe achava muito bem formado,
Duplicando da feſta o luzimento,
Tres ſalvas deo com methodo ajuſtado:
Do ruido ficou confuſo o vento,
O ar do fumo ſe oſtentou turbado,
Os meninos, que os éccos obſervárão,
Triſtes gemerão, trémulos chorárão.

XXXV.

De guarda entrou com ſua Companhia
Na porta Auguſta do Palacio Regio
O Capitão Franciſco de Faria,
No timbre altivo, na Nobreza egregio:
João Peres de Macedo em outro dia,
E nos mais teve o proprio privilegio,
Moſtrando inſigne ſublimado luſtre,
No brio ſingular, no ſangue illuſtre.

XXXVI. Tan-

XXXVI.

Tanto q̃ entrou no Paço o Rey zeloſo
Foy fazer Oraçaõ logo á Tribuna,
Fundando neſte affecto taõ piedoſo
O bom ſucceſſo da mayor fortuna:
Eſta exemplar acçaõ muy generoſo
Na hora repetio mais opportuna,
Em quanto ſe deteve, cada dia,
Com grave devoçaõ, ſumma alegria.

XXXVII.

Que ſẽ buſcar-ſe a Deos nunca he poſſi-
Que ſe logre ventura favoravel, (vel
Que do ſeu grave arbitrio incõprehẽſivel
Depende todo o bem mais eſtimavel:
De taõ Suprema luz indefectivel,
Como Divina cauſa inexplicavel,
Reſulta o ſummo augmento deſejado
Do grande Imperio, Auguſto Principado.

XXXVIII.

Que debil ave romperia os ares,
Que rude féra o boſque mais violento,
Que leve peixe os inconſtantes mares,
Que atrevido baxel o dubio vento:
Que goſto naõ teria os ſeus pezares,
Que allivio naõ chegara a ſer tormento,
Sem favor da Celeſte Providencia
Deſte increado Bem, Divina Eſſencia.

XXXIX. Mal

XXXIX.

Mal pódem referir os ſeus louvores
Do ethereo globo as bellas luminarias,
Por mais que ſe convertaõ ſeus fulgores
Em vozes naturaes, em linguas varias:
Nem menos os rhetoricos primores
Das artes ao diſcurſo tributarias,
Pois naõ póde explicar, por Soberano,
Applauſo taõ Divino engenho humano.

XL.

Nem o deſcreve o Sol, porq̃ ſuccintas
Se julgaõ tantas reflexoens ſerenas,
Ou ja das luzes ſe fizeſſem tintas,
Ou ja dos rayos ſe apparaſſem pennas:
Inda as cores, que fórma Abril diſtinctas,
Entre as delicias da fragrancia amenas
Saõ ſombras; porq̃ eſtaõ ſeus reſplandores
Vencendo as luzes, excedendo as flores.

Re-

Referem-se outras sublimes acçoens de Sua Mageſtade até partir para a Corte.

OBSERVAÇAM VI.

I.

PIzava Cynthia com ligeiro curſo
O cume altivo do nocturno emporio,
E das ſombras o funebre concurſo
Roubava as luzes com rigor notorio:
Quando o Monarcha, para mais recurſo
Do deſcanço no ſeu reclinatorio
Buſcava nos allivios do ſocego
Do doce ſomno o natural emprego.

II.

He o ſomno delicia liſonjeira,
Feitiço doce, ſaboroſo alento,
Labyrintho, em que fica priſioneira
A fórma do corporeo movimento:
Remora, que ſuſpende a mais ligeira
Subtileza do vago penſamento,
Veloz reſpiraçaõ, caricia leve,
Deſcanço fugitivo, allivio breve.

III. Ape-

III.

Apenas neftes vinculos propicios,
Recreyos naturaes da humanidade,
Das viventes acçoens os exercicios
Prendia nos grilhoens da fuavidade:
Ficando na carencia dos officios
Racionaes fufpendida a liberdade,
Adulaçaõ do gofto appetecida,
Tregoa da alma, parenthefis da vida.

IV.

Quando ja na Celefte Monarchia
A aurora nos crepufculos primeiros
Alviçaras pedio de que nafcia
Infante o Sol em berço de luzeiros:
Caractères dourados lhe efcrevia
No livro de Zafir taõ lifonjeiros,
Que puderaõ fingir-fe em feus enfayos
Letras de luzes, fyllabas de rayos.

V.

De gallas o Planeta reveftia
O pállido temor dos Orizontes,
Dourando com brilhante galhardia
Os verdes valles, os altivos montes:
Defatavaõ com prodiga alegria
Seu cryftal fugitivo as claras fontes,
E dos rios os impetos nevados
Corriaõ felvas, difcorriaõ prados.

VI. Sa-

VI.

Sahiaõ neste esplendido recreyo
Ufanas celebrando allivio tanto,
As flores do seu claustro para enleyo,
As aves do seu ninho para encanto:
Humas mais alinhando o grave asseyo,
Outras mais affinando o doce canto,
Por serem taõ luzidos resplandores
Mimo das aves, jubilo das flores.

VII.

Neste tempo se tinha levantado
Do aureo leito o Rey, porque deseja
Visitar outra vez o seu cuidado
Do Senhor do Bom Fim a illustre Igreja;
Seu piedoso desvélo anticipado
Naõ soffre intermissaõ, para que seja
Neste deassocego taõ discreto
Mais grave a devoçaõ, mais fino o affecto.

VIII.

De Domingo era o dia, e preparado
O Magnifico fasto ennobrecido
Sahio galhardo com lustroso estado,
Dos Augustos Infantes assistido:
De pomposo concurso sublimado
De illustres Cavalheiros foy seguido,
Da Praça os bronzes glameráraõ logo
Nuvens de fumo com trovoens de fogo.

IX. Hum

IX.

Hum Ginete feroz com summa galla
Reduzia a brandura facil logo,
Pois quando ardente tanto fogo exhála,
Sabia em que parava tanto fogo:
Do estimulo dourado, que assigná-la,
Naõ resultando hum breve desafogo,
Faz que ordenando circulos perfeitos
Inda hũ bruto lhe observe os seus precei-
(tos.

X.

Ja se achava no alegre campo ameno,
Que do Anjo da guarda o nome gosa,
Que no verdor, que o Ceo lhe dá sereno,
He de plantas republica frondosa:
De flores guarnecido o seu terreno
Lhe formava alcatifa taõ vistosa,
Que da Asia excedendo a mais decente,
Natural parecia a florescente.

XI.

Entrou na Igreja, e logo reverente
Do Senhor adorando a Imagem pia,
Lhe supplicava com desejo ardente
Que augmentos desse á Lusa Monarchia:
Em seu devoto Altar resplandecente
A Missa ouvio, com publica alegria
De quantos viraõ neste sacrificio
Seu Regio zelo, seu fervor propicio.

XII. De

XII.

De devoçaõ taõ grande a gente fórma,
Para imitá-la, ſingular conceito,
Que ſempre todo o Reyno ſe refórma
Pelo exemplo do Principe perfeito:
Concluida a funçaõ, na meſma fórma;
Exaltando as grandezas do reſpeito,
A Palacio ſe foy, dando-lhe o Povo
Solemne acclamaçaõ, obſequio novo.

XIII.

Mas quando do ſeu throno já deſcia
O Principe dos aſtros luminoſo,
Outra vez no Cavallo ſe ſubia
O Monarcha dos Luſos generoſo;
Alegre a tarde, e ſocegado o dia,
Allivio lhe offertava deleitoſo;
Sahindo logo do Real terreiro
Buſcou da praya o ſitio liſonjeiro.

XIV.

Junto á muralha nova ſe dilata
Em prolongada fôrma eſte paſſeyo,
Servindo extenſo na planicie grata
De alegre diverſaõ, gentil recreyo;
Porèm mais aprazivel ſe retrata
Pelo famoſo Caes, que tem no meyo,
Em que ſe vê fundada com grandeza
Huma bem prevenida Fortaleza.

XV.

Defronte deste Caes já preparados
Os bergantins estavaõ taõ galantes,
Que nos crystaes do rio liquidados
Puderaõ ser Narcisos por flammantes:
Embarcou-se; e rompendo accelerados
As prateadas ondas espumantes,
Se avistou com derrota favoravel
Da barra o propugnaculo admiravel.

XVI.

Apenas entrou dentro o Soberano
Poderoso Monarcha, quando logo
O salitrado genero tyranno
Colericos trovoens moveo de fogo:
Nereo, temendo algum sinistro damno,
Se affligio, sem que admitta desafogo,
As bálas sendo, com que o mar se altera,
Rayos ardentes de Mavorcia esféra.

XVII.

Está na barra deste rio undoso
Esta Torre, que ardia em vivas fragoas,
Defendendo o perigo mais forçoso,
Dominadora das ceruleas agoas:
A qualquer inimigo cauteloso
Faz sempre retirar sentindo magoas,
Porque a todo o baxel com grande injuria
Lhe impede a entrada, lhe castiga a furia.

XVIII. Dan-

XVIII.

Dando-lhe a Torre ſalvas naõ menores,
Se paſſou para a Troya deſejoſo,
Que habitada ja foy de peſcadores,
Hoje inculto lugar, iſthmo arenoſo:
Deixādo o mais cõcurſo entre os fervores
Da caça, que anhelava cobiçoſo,
Huma Igreja foy ver alli fundada,
A' Senhora da Troya dedicada.

XIX.

Digno exemplo de ſer muito imitado,
E ſó do Regio zelo bem ſeguido;
Pois das couſas Divinas o cuidado
A todo o mais cuidado he preferido:
Chegada a noite, do ſoberbo Sado
Outra vez o cryſtal foy dividido,
Entrando no Palacio com vaidoſas
Repetiçoens de ſalvas eſtrondoſas.

XX.

Segunda feira de manhaã curioſo
Foy ver com Regias pompas aſſiſtido
O Templo do Baptiſta portentoſo,
Pela Caſa de Aveiro ennobrecido:
E paſſando outra vez pelo formoſo
Campo, que a fonte oſtenta taõ luzido,
Viſitou, dando a todos grande exemplo,
Do Senhor do Bom Fim o illuſtre Tẽplo.

XXI.

E como ſe moſtrava deſejoſo
Das novidades, que obſervava attento,
Naõ quiz deixar de ver o Religioſo
De Brancanes magnifico Convento:
Edificio na fabrica viſtoſo, (mento
Que alli mandou fundar com grande aug-
Seu Soberano Pay, em toda a idade
Glorioſo aſſumpto de immortal ſaudade.

XXII.

Naõ longe deſta Praça ſe diviza
Eſte Convento em bella amenidade,
Sendo nas plantas, com que ſe matiza,
Retiro alegre, umbroſa ſoledade:
Na obſervancia da Regra taõ preciſa
Archivo da perfeita Santidade,
Paleſtra, em que ſe eſtuda juſtamente
A fórma auſtera, a vida penitente.

XXIII.

O Templo tambem vio, q̃ he celebrado
Pelo grave artificio peregrino,
Com devoçaõ taõ Regia conſagrado
Ao doce nome de Jeſus Divino:
Em cujo Coro aſſiſte o Venerado
Seraphico Congreſſo taõ benigno,
Louvando ſempre a Deos o tempo todo
Com ſacro eſtylo, e recoleto modo.

XXIV. De

XXIV.

De San Filippe vio com brevidade
O Castello admiravel pelo invento,
Que sempre a nunca vista novidade
Naõ deixa de causar divertimento:
Na elevada de hum monte extremidade
Esta fabrica tem seu fundamento,
Béllico asylo do bifronte Jano,
Classe de Marte, escóla de Vulcano.

XXV.

Hum theatro lhe tinha prevenido
De tarde o Nobilissimo Senado,
De excellentes adornos guarnecido,
Para os Touros se verem, destinado:
O terreiro do Paço foy luzido
Para o mastro lugar determinado,
Cuja bandeira, com vanglorias dignas,
Sendo quadrada, tinha cinco Quinas.

XXVI.

Huma janella no Palacio estava
Revestida de adornos relevantes,
Em que o galhardo luzimento dava
A todo o garbo invejas scintillantes;
Nella o Monarcha Augusto se ostentava
No meyo dos altissimos Infantes,
A cujo Throno o Cavalleiro attento
Tributou seu devido rendimento.

XXVII. Hum

XXVII.

Hum galhardo Cavallo reprimia
Com taõ fogoſa intrépida jactancia,
Que Real nos ſeus brios parecia
Pelos garbos ſoberbos da arrogancia:
Buſcava hum Touro, e vendo que fugia,
Por nelle prezumir gentil conſtancia,
Quando apenas da eſpada fez alarde,
Sendo valente lhe cahio cobarde.

XXVIII.

Outro logo ſahio taõ cauteloſo,
Pelos furores, que fingia vario,
Que a ſeus pés lhe morreo por temeroſo,
Quando mais ſe inculcava temerario:
Naõ menos outro ſe lhe oppôs fogoſo;
Mas querendo moſtrar-ſe por contrario
Com ſeu rojaõ o mata reſoluto,
Que quẽ diſcreto he naõ ſoffre hũ bruto.

XXIX.

Depois deſte, com mais feroz denodo
Outro ſe vio correr diſſimulado,
Que ladraõ parecia no ſeu modo,
Por quanto muitas capas tem roubado:
O Toureiro lhe dava alli de todo
A ſua, por ter meſcla de encarnado,
Mas deixando-a, moſtrou q̃ quãdo a perde
Naõ goſta do encarnado, mas do verde.

XXX. Mui-

XXX.

Muitas danças na Praça ſe admiravaõ
Na vagancia em q̃ os Touros naõ ſahiaõ,
Doçura as charamellas excitavaõ ,
Os clarins melodia diffundiaõ :
E ſe os Touros talvez quando fogavaõ ,
A colera baſtante naõ moviaõ ,
He que o reſpeito Regio da grandeza
Lhes fez perder a natural fereza.

XXXI.

Inda na Praça ſe corria hum Touro ,
Quando com grande põpa acompanhado
O Monarcha ſahio , ſendo hum theſouro
De heroicas perfeições , de excelſo agra-
Hum ginete opprimindo,q̃ desdouro (do;
Era entaõ do Bucephalo affamado ,
Buſcou a praya , para mais recreyo ,
Sitio viſtoſo , ſingular paſſeyo.

XXXII.

Vio do Caes a importante Fortaleza ,
Das Fontainhas o bairo taõ luſtroſo ,
Do novo muro a regular grandeza ,
De San Braz o retiro deleitoſo :
Em cuja alegre praya com deſtreza
Galharda eſcaramuça fez ayroſo ;
Porèm chegadas as nocturnas horas
Entrou no ſeu Palacio ſem demoras.

XXXIII. Na

XXXIII.

Na Terça feira apenas no Oriente
Madrugou de Thitaõ a amada esposa,
A caçar se partio com muita gente
Na espessura da Arrabida fragosa:
Multidaõ de Veados foy decente
Despojo desta empreza taõ gostosa,
E já de noite, pelo alegre effeito,
Se retirou do allivio satisfeito.

XXXIV.

Era naquella noite consagrada
Do Baptista a Santissima memoria,
Da gente desta Praça festejada
Com plausivel fervor, notavel gloria:
Toda a rua em fogueiras illustrada
Competencia ás espheras faz notoria,
As Damas em concursos mais amigas
Lhe entoaõ sempre celebres cantigas.

XXXV.

Mandou o grande Rey que se fizessem
No seu terreiro tres fogueiras bellas;
Que tres moços da Camara viessem
Cõ tres tochas nas mãos logo accẽdê-las:
Elles fazendo, quando lhe obedecem,
Tres graves cortezias ás janellas,
As luzes lhe applicáraõ sem dispendio,
Cresceo o fogo, e parecia incendio.

XXXVI. Em

XXXVI.

Em toda áquella noite naõ cessavaõ
De cantar os concursos femininos,
Porque junto do Paço lhe formavaõ
Em doces vozes cantos peregrinos:
As muitas luminarias duplicavaõ
As lisonjas de applausos taõ benignos,
Porque em todas as noites sempre bellas
As luzes excederaõ das estrellas.

XXXVII.

Como seus éccos duplicavaõ logo
Os sinos, toda a gente prezumia
Que se tocava certamente a fogo,
Quando com luzes toda a terra ardia:
Mas ainda que o bello dezafogo
Das luzes toda a sombra desfazia,
Cada janella entaõ por alinhada
Naõ deixava de estar bem assombrada.

XXXVIII.

O Ceó as proprias luzes emprestava
A' terra, porque em tanta galhardia,
Mais que terra festiva, que brilhava,
Pereceo Firmamento, que luzia:
Nos muitos resplandores, que ostentava,
Luminosas estrellas descubria,
Prezumindo na grata pompa bella
De muy ditosa ser com tanta estrella.

XXXIX. Obri-

XXXIX.

Obrigada do grande affecto amante,
Com que tanto explicou contentamento,
Desejou neste empenho relevante
Sahir á luz com tanto luzimento:
Na bella galhardia scintillante,
Distinguir nunca pode o pensamento
Quem mayores applausos merecia,
Se alegre a noite, se vistoso o dia.

XL.

Sem duvida se foraõ competindo
As luzes, entre si resplandecendo,
Porque todas se estavaõ consumindo,
Por irem cada instante mais ardendo:
Porque como se vio tanto luzindo
A noite, bem se estava conhecendo,
Que, sendo feya, nesta acçaõ pomposa
Tambem logrou tres dias de formosa.

XLI.

Mas nesta universal celebridade,
Que tanto allivio deo no desafogo,
Se seguia do fogo a novidade,
Pois das luzes tambem resulta o fogo:
Porque os foguetes tinhaõ tal vaidade,
Que, por causa dos fumos, foraõ logo
A terra desprezando entre estallîdos,
Subindo para o Ceo por prezumidos.

XLII.

Mas como sóbem com galante traça,
Do fogo da soberba levantados,
Mostravaõ que naõ lograõ muita graça,
Por se verem do Ceo precipitados:
Muitos delles, sentindo esta desgraça,
Do seu mesmo rigor desesperados,
Diante da gente alli, que estava vendo,
Cahiraõ, muitas lagrimas vertendo.

XLIII.

Alguns, por se livrarem desta affronta,
Fugindo para as nuvens mais quietas,
Constrangidos da cauda, que os remonta,
Pareciaõ da esféra ser cometas:
Porèm outros tambem de menos conta
Os pés buscando, como agudas settas,
Por nelles motivarem seus pezares
Vinhaõ logo correndo pelos ares.

XLIV.

Outros muitos talvez, que presumiaõ
De soberbos, no alento que mostravaõ,
Quando elevados para o ar subiaõ,
Entre si de arrogantes rebentavaõ:
As fogosas violencias lhes serviaõ
De ruidoso furor, com que estallavaõ,
Causando nas tres noites sempre a todos
Alegre allivio por diversos modos.

XLV.

Este obſequio ſe fez por diligencia
Do mais claro exemplar da ingenuidade,
Cabedo inſigne, em cuja intelligencia
Mais ſe realça a antiga qualidade:
Se bem que com garboſa competencia,
De qual merece ter mais gravidade,
Contendem no ſeu genio egregiamente
O brio illuſtre, o merito excellente.

XLVI.

Porèm como naõ duraõ muitos dias
Os allivios felices com firmezas,
Porque coſtumaõ ſer as alegrias
As veſperas mais proprias das triſtezas:
Já Setuval chorava as tyrannias
De huma grande ſaudade, nas certezas
De que o ditoſo Rey com fauſta ſórte
Pertendia auzentar-ſe para a Corte.

XLVII.

Era chegado o dia venturoſo
Do Sagrado Baptiſta incomparavel,
Quando logo ſahio taõ Mageſtoſo
Do Palacio com ſequito admiravel:
Caſtigava hum Ginete, que animoſo
Era injuria do vento mais notavel,
Sendo, porq̃ os caprichos naõ transmigre,
Nos impulſos Leaõ, nas furias Tigre.

XLVIII. Os

XLVIII.

Os ſinos deraõ moſtras harmonioſas,
Os bronzes muitas ſalvas incendidas,
As charamellas vozes ſonoroſas,
Os clarins conſonancias repetidas:
Duplicando alegrias taõ goſtoſas,
Confirmavaõ vanglorias applaudidas,
Tudo junto fazendo eſtrondos dignos,
Charamellas, clarins, bronzes, e ſinos.

XLIX.

Já no campo ſe achava, em que diviza
Do Senhor do Bom Fim a Hermida Sãta,
Cujo Altar, que de luzes ſe matiza,
Amante buſca com fineza tanta:
Moſtrando effeitos de affeiçaõ preciza,
Proſtrado adora a Imagem Sacroſanta,
Depois na Miſſa, que devoto attende,
Rogos lhe exprime, ſupplicas lhe expẽde.

L.

Tanto que a devoçaõ foy concluida
De taõ ſolemne Miſſa, ſem demora
Lhe foy beijar a maõ toda a luzida
Nobreza, que a Setuval condecora:
Uſando da clemencia ſempre unida
A' Regia elevaçaõ dominadora,
Se auzentou com ſincera gravidade;
Deixando a todos com geral ſaudade.

LI. Sa-

LI.

Sahindo da belliſſima Capella ,
Que eſtava ornada com decente allinho ;
Sem nada ſe deter , para Palmella
Dirigio generoſo o ſeu caminho :
O Senado , que a viſta tanto anhela
De ſeu Monarcha com gentil carinho ,
Que em todo o Povo nobremente creſce ,
As chaves deſta Villa lhe offerece.

LII.

Com plauſivel tambem ſolemnidade ,
No Convento Real foy recebido ,
Demonſtraçaõ devida á Dignidade
Do ſeu Gram Meſtre, e Protector luzido:
Daquella ſuperior Communidade
Foy á Igreja no Pállio dirigido ,
Em que recebe , porque mais ſe digne ,
Agoa benta do ſeu Prelado inſigne.

LIII.

He Dom Joſeph Pereira de Lacerda
Famoſo em timbres, q̃ modeſto encobre,
Pois de aſcendentes taõ preclaros herda
Familia grave , deſcendencia nobre :
Que ſuppoſto que a inveja ingrata perda
Nos meritos mais inclytos deſcobre ,
A ſórte lhe ha de dar, tẽ grãde empenho,
Mayores honras a ſeu raro engenho.

LIV. Por-

LIV.

Porque efte dia eternizado feja
Na memoria dos tempos mais perenne,
Lhe fez Pontifical na propria Igreja
Com Sacra oftentaçaõ, pompa folemne:
E porque nem tardança alli fe veja,
Ou negligente incuria fe condene,
Nas cafas de Prelado taõ luzido
Da mefa eftava o fafto prevenido.

LV.

Vindo o Monarcha excelfo da precifa
Ceremonia da Miffa preeminente,
Entrou na fála, donde fe diviza
Setuval, e Lisboa claramente:
E tanto que a vontade fe fuaviza
Com manjares de fórma differente,
Para a Ponte da Telha caminhava
Com toda a Committiva, que levava.

LVI.

Porèm como naõ tem perfeverança
Do mundo a mais feliz profperidade,
Porque á grata lifonja da bonança
Se fegue o trifte horror da tempeftade:
No caminho com fubita mudança
O Ceo fe reveftio de obfcuridade,
Frigida pedra os ares granizáraõ,
Trovoens fe ouviraõ, rayos fe arrojáraõ.

LVII.

Condenſadas as nuvens deſatavaõ
Diluvios de chuveiros, que ſe viaõ,
Complicados os ventos conſpiravaõ
Contra as arvores fortes, que cahiaõ:
Relampagos ardentes fulminavaõ,
Os Pólos em continuo fogo ardiaõ,
Os proprios elementos tinhaõ guerra,
Soava o mar, eſtremecia a terra.

LVIII.

De nada ſe alterou o Athláte egregio,
Que naõ póde temer algum traſpaſſo
Quem naſceo com ſublime privilegio
Grande no bérço, intrepido no braço:
Porque a ſeu coraçaõ nos brios Regio
He todo o mundo muito breve eſpaço,
Aſſim cahindo os rayos naõ ſe move,
Que nunca o invicto Marte teme a Jove.

LIX.

A' Ponte ja chegava; e ſocegado
O mar de ſeu terrivel movimento,
Lhe offertava em ſeu rio ſerenado
Feliz navegaçaõ, proſpero vento:
Entrou no bergantim, que o liquidado
Penetrando diaphano elemento,
Chegou ligeiro com propicia ſórte
A's tres horas da tarde á illuſtre Corte.

LX.

Onde com glorias taõ felices viva,
Que a seus pés se sujeite a furia brava
Da inconstante fortuna, por captiva,
Da intratavel inveja, por escrava:
E Cupido adorando a galla altiva
De tantas perfeições, lhe renda a aljava;
Porque a seu brio humilde se submetta
Sem força o arco, sem virtude a setta.

LXI.

Eu, que fuy atégora acompanhando
A Principes taõ altos, discorrendo,
Seus vestigios illustres observando,
Para os ir nesta copia descrevendo;
Taõ relevante assumpto ja deixando,
Vou os rasgos á penna suspendendo,
Porque mais dilatar-me naõ convinha:
Deixo a Lisboa, e volto á Patria minha.

LXII.

Nesta terra com Regios pensamentos
Mandava o Rey fazer todos os dias
A pessoas honradas, e Conventos
Grandes esmólas, muitas obras pias:
Deixou para os Sagrados Ornamentos
Do Senhor do Bom Fim, que as regalías
Da Capella preservem sem desdouro,
Muy grande somma de moedas de ouro.

LXIII.

Gualter de Andrade Rua era o ſecreto
Eſmoler, que eſtas obras miniſtrava,
A quem com Regio eſpecial Decreto
Taõ ſoberana commiſſaõ ſe dava:
Por arbitrio de ſeu fervor diſcreto,
Subſidio taõ commum ſe diſpenſava,
A todos dando por diverſos modos,
Porque conhece neſta terra a todos.

LXIV.

Aſſim ſe julga ſempre agradecida
A taõ zeloſo amor, porque deſeja
Que nos augmentos, ſendo a mais luzida,
Sirva ás mais terras de luſtroſa inveja:
De ſeu Porto a importancia conhecida
Propôs ao grande Rey, para que ſeja
Motivo para vir a viſitá-lo,
Naõ ſómente por vê-lo, mas honrá-lo.

LXV.

Elle foy Director deſta jornada,
Que quiz fazer a Excelſa Mageſtade,
Porque ſe viſſe a induſtria bem traçada
Com que o Rio tem mais capacidade:
Pois do deslaſtre a fórma exercitada
Lhe reſulta de tanta utilidade,
Que ſe livra de ſer para desditas
Hum monſtro de cabeças infinitas.

LXVI. Diſ-

LXVI.

Difpondo as novas Leys do Regimẽto,
Com que o Direito do feu Sal fe cobra;
Deo á Regia Fazenda mais augmento
Na fua direcçaõ, notavel obra:
Correndo os annos, cõ mais jufto intento
Se verá que o Commercio mais fe dobra;
Devendo-fe taõ profpero recurfo
A feu bom zelo, e fingular difcurfo.

LXVII.

Defta Praça a grandeza mais honrofa
Sempre procura com fie l defignio,
Que fe póde chamar muy venturofa,
Sómente por lograr feu patrocinio:
Taõ nobre diligencia generofa
De feu futuro augmento he vaticinio,
Devendo-fe acclamar no amor piedofo
Por Pay da Patria, e Protector zelofo.

LXVIII.

Efta he a copia, emfim, (fe naõ me engano)
Da nunca vifta pompa fublimada,
Com que o Lufo Monarcha Soberano
Fez em Setuval generofa entrada:
Que impére Augufto, que domine Ufano
Com propicio louvor, fórte elevada,
Com plaufiveis troféos, perpetuas ditas,
Pompas immenfas, glorias infinitas.

LXIX.

Assim permitta o Ceo, para que o veja
Portugal com taõ prospera fortuna
Ser Luz da Europa, Protecçaõ da Igreja,
De Africa Terror; da Fé Columna:
E gozando das ditas, que deseja,
Com sorte a seus designios opportuna,
Exalte o seu louvor, que a Fama abona,
De Pólo a Pólo, e de Zona a Zona.

LXX.

Seu nome acclame sempre victorioso
Todo o Paîz, que o Sol tem manifesto,
Desde que nasce em thalamo formoso,
Até que morre em tumulo funesto:
E das armas, que logra venturoso
Com tanta inveja do inimigo infesto,
Veja o Sacro pendaõ ser collocado
Sobre as ruinas do Agareno ouzado.

LXXI.

Da Asia offerta, que o seu nome zela
Benigno o Sol, e liberal a Aurora,
Na mina singular, na concha bella,
Rubîs, que cria, e perolas, que chora:
Para que logre com ditosa estrella
Dos Lusos a bandeira vencedora
Muy propicios troféos a seu desejo,
Por ser o Indo tributario ao Tejo.

LXXII. No

LXXII.

No nome de Joaõ bem ſe acredita
Eſta fortuna Regiamente grata,
Que ha de ſer para nós de grande dita;
Pois parece do Ceo propicia data:
De Joaõ o Primeiro heroico imita
O valor, que invencivel ſe relata,
Debellados ficando com desdouros
Na Campanha Heſpanhoes, em Ceuta os
(Mouros.

LXXIII.

De Joaõ o Segundo, que ſe acclama
Oraculo diſcreto da prudencia,
Com providentes documentos ama
As mais cultas idéas da advertencia:
De Joaõ o Terceiro, que na Fama
Exemplo fora da melhor Regencia,
Segue, para os arbitrios mais perſeitos,
Os ſabios dogmas, inclytos preceitos.

LXXIV.

E do Quarto Joaõ, ſeu generoſo
Memoravel Avò, taõ decantado,
Com prompto eſtudo obſerve cuidadoſo
Os altos pontos das razoens de Eſtado:
Porque em ſeu grave ſeculo ditoſo,
Em politico acerto adminiſtrado,
Reſuſcite com mais proſperidade
De Auguſto o tempo, ou de ouro a idade.

LXXV. No

LXXV.

No jardim de seus annos, sem mudãça,
Se habilite a colher em paz segura
Das flores aprazíveis da esperança
Os fructos mais suaves da ventura:
Mais que Tito, com firme confiança
Da Patria chegue a ser delicia pura,
Melhor que Cesar com progresso insigne
Na terra impére, sobre o mar domine.

LXXVI.

Para Rey taõ sublime, reverentes
Só formem por idéas relevantes
Os Lysipos estatuaes excellentes,
Os Apelles retratos elegantes:
Para que sempre fique em preeminentes
Dourados caracteres scintillantes,
Escrito em prata, eternizado em bronze
Nas partes quatro, nas esféras onze.



EGLO

EGLOGA
NA MORTE DO SENHOR
D. MIGUEL,
FILHO DELREY
D. PEDRO II.

Que em 23 de Janeiro de 1724 naufragou no Tejo.

ESCRITA

PELO CONDE DA ERICEIRA

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES.

INTERLOCUTORES:

Anfriso, Caçador. Fileno, Pescador. Lise, Pastora.

Anfriso.

QUe fazes neſtes boſques, meu Fileno?
Se do mar já deſprezas o exercicio,
Trocaſte o tormentoſo pelo ameno.
Deyxas da peſca o perigoſo officio?
Se antes as aves, do que os peixes ſegues,

Hoje

Hoje o Fado cruel me foy propicio.
Pois na minha amizade he bem q̃ empregues
Quanto a ſua fineza te aſſegura:
Se eſta inferencia he certa, naõ ma negues.
Suſpiras? Choras? Que occaſiaõ taõ dura
Aſſim perturba hum animo conſtante,
Me move hum ſuſto, e hũ pezar te apura?

Fileno.

Anfriſo, ſe o naõ diz o meu ſemblante,
Naõ ſaberás meu mal, porque naõ fio
Que a debil voz taõ forte pena cante.
Da minha magoa agora deſconfio,
Porque naõ he taõ grande o ſeu exceſſo,
Que explique a dor, q̃ ás lagrimas confio.

Anfriſo.

Antes q̃ faça em mim mayor progreſſo
O temor, que a certeza, dize, amigo,
Se o meu peito addivinha eſte ſucceſſo?
Preſago o coraçaõ falla commigo,
E me diz, quando tu timido calas,
Que teve Melibeo algum perigo.
Naõ me reſpondes, e do peito exhalas
Triſtes ſuſpiros, com que vejo os ares
Chorar nos éccos quanto tu me callas!
Oh como ſe anticipaõ os pezares!

Se

Se he certo o que imagino, agora vejo
Que buscas nos meus olhos outros mares.

Fileno.

Em parte faz a pena o que desejo,
Pois deyxa conhecer-te quanto sente
A Tragedia mayor, que chora o Tejo.
Do triste naõ esperes o eloquente,
E se o suppoens, a duvida, ay Anfriso,
O pezar na certeza naõ te augmente.

Anfriso.

Se discorresse livre o teu juizo,
Soubera que a verdade de hum affecto
Mais teme o mal confuso, que o preciso.
He desesperaçaõ o teu projecto,
Commigo tanta dor fiel reparte,
Naõ vejas só taõ lastimoso objecto.
De Melibeo me toca tanta parte,
Que aos dous huma amizade pura, e fina
Póde sincera a ambos igualar-te.

Fileno.

Naõ me esquece q̃ hum symbolo ima- (gina
Aos tres nos seus altares a amizade,
No Triangulo igual, que nos destina.
Apagou-se huma linha, com crueldade
Desfez a Parca huma uniaõ taõ forte,
Que até vencia a mesma eternidade.
De hum golpe atroz o inexoravel córte

Fez

Fez ſepultar no mar, e no Occidente
Hum Sol, q̃ ha de dar luz á meſma morte.
Anfriſo. (ſente
Oh, naõ me digas mais! Pois naõ con-
O coraçaõ no horror deſte contagio
Novo veneno, que no ouvido ſente.
Fileno.
Se já to prevenia o ſeu preſagio,
Attende agora quanto ouvir querias,
Padeçamos no pranto outro naufragio.
A naõ ſer ſepultado em ondas frias,
O' Melibeo, ás tuas cinzas puras
Duas Pyras ardentes já terias.
Neſtes dous coraçoens ardes, e duras,
E eternamente em qualidade, e fórma
Pyramides, e Pyras te aſſeguras.
Anfriſo.
Se em ambos huma pena ſe confórma,
E hoje mais ſó do monte a ſoledade
Em a noſſa ſaudade ſe transfórma,
Conta-me eſta Tragedia com verdade,
E unidos, o Epicedio cantaremos,
Mas que depois morramos da ſaudade.
Fileno. (mos,
Para q̃ augmente a dor os ſeus extre-
Tyrannizando as vozes a memoria,
Quãto ellas doces cantaõ, nós choremos.
Vi-

Vivia, Melibeo, com tanta gloria,
Que até na nossa Patria superava
A inveja em benemerita victoria.
Regio sangue ao espirito animava,
Nobremente a modestia o abatia,
Altamente a grandeza o elevava.
Esta contrariedade, que vencia,
Vinculando o carinho, e o respeito,
Voluntarios obsequios lhe adquiria.
Por mais que a inveja com maligno ef-
Cegasse das virtudes ao luzido, (feito
O odio da razaõ ficou sujeito.
E deyxou o impossivel conseguido
De que huma vez neste Paiz se visse
Ser invejado, e naõ aborrecido.
Se a sua gentileza te exprimisse,
Ou te julgára esquecimento indigno,
Ou quizera teu peito mais sentisse.
Era teu digno irmaõ, assim defino
O valente, o discreto, o generoso,
E quantos bens dá prodigo o destino.
Da illustre, e bella Lise amado esposo,
Lograva amante em vinculo adorado,
Sórte, que fez a Jupiter cioso.
Lise, que de opulento, e rico Estado
O fez Senhor, e de tres bellos fructos
Entre flores o amor vio coroado.

Her-

Herdeyros de preclaros attributos ,
A quẽ tinha elevado o Graõ Monarcha ,
A ſer de antigas glòrias ſubſtitutos.
Naõ ſe atrevia a temeroſa Parca
A Heróe tanto , ſe elle lhe naõ dera
Fatal motivo na infelice barca.
Com Alecto , Theſyfone , e Megéra
Se introduz nella o funebre Caronte ,
E ſó alli mortal o conſidera.
O Tejo transformado em Flegetonte ,
Em tumulo de prata , em urna de ouro
A laſtima renova de Faetonte.
Occulta avaro o mais feliz theſouro ,
Que guardou no ſeu Templo cryſtallino ,
A quem venera o Vouga,adora o Douro.
Da caça ancioſo Adonis peregrino ,
Com ſettas mais activas,q̃ as de Apollo ,
Suavizava dos Cyſnes o deſtino.
Das nuvens negras ſe cubria o Pólo ,
De eſcumas brãcas ſe encreſpava a agoa ,
De horriveis furias ſe valia Eólo.
Rayos forjava de Vulcano a fragoa ;
Tantas Deidades , tantos Elementos
Querem ſer triſtes cauſas de hũa magoa !
Os que ſó devem ſer os inſtrumentos
Da alta felicidade dos humanos ,
Os artifices ſaõ dos ſeus tormentos ?
Ado-

Adoremos decretos Soberanos,
Porque a fé, e a razaõ vê que saõ justos,
E os negaõ só sacrilegos profanos.
No animo heroyco nunca entráraõ sustos;
O valor muitas vezes da cautéla
Naõ attende aos avisos, nunca injustos.
Por ver em Lise a sua amada estrella,
Despreza as que ou escuras, ou contrarias
Huma luz lhe escondiaõ menos bella.
De Leandro as finezas temerarias
Na erudita memoria hoje esquecidas
O expõem cõ peito firme ás ondas varias.
Do amor, e da fortuna achou unidas
As sempre lamentaveis inconstancias,
Contra quem mais merece, prevenidas.
Incauto Palinuro, as ignorancias,
Perdido o leme, padeceo primeiro,
Pequeno emprego a tantas arrogancias.
Piedoso Melibeo, corre ligeiro
A soccorrê-lo, imita-o na clemencia,
E em tudo igual o illustre companheiro.
Iphis, que do perigo na violencia,
Naõ na fortuna, fino o acompanha,
E só venceo dos Fados a inclemencia.
De infernal furacaõ a furia estranha,
Tanta heroyca piedade abominando,
Desce do Imperio azul á azul campanha.

De

De Zefyro fugio o impulſo brando,
E aos implacaveis impetos do Noto
Ceo, terra, e mar ficáraõ vacillando.
O Bergantim ſem leme, e ſem Piloto,
Contra quem ſobejavaõ menos iras,
Sepultado ſe vio, perdido, e roto.
Anfriſo, tu deſmayas; tu ſuſpiras?
Tu, que antes me animavas, já cobarde
No fim da Tragedia te retiras?

Anfriſo.

Permitte-me, ó Fileno, me acobarde,
Que he nobre eſte temor, e ſe he poſſivel,
Faze que tanto mal hum pouco tarde.

Fileno.

Anfriſo, como o mal he infallivel,
E o teu preceito unido com teu rogo
Deyxa o ſilencio inutil, e impoſſivel;
Seja aſpero remedio o deſafogo:
Quando a prizaõ ſulfurea o Ethna rõpe,
Ninguem ſuſpende o rápido do fogo.
E pois que a tua voz naõ me interrõpe,
Acabarey o laſtimoſo caſo, (pe.
Por quẽ meu peito em lagrimas proromi-
Antes que foſſe o mar eterno Occaſo
De Melibeo, que reſiſtindo á ſorte
Naõ prevenio eſte fatal acaſo:
O pinho arroja, que o opprime forte,
E do-

E dominando a quem o dominava,
Em triunfante carro vence a morte.
Invejoso Neptuno, porque achava
Quem naõ cedia ao seu feróz imperio,
Convocou de Protheo a furia brava.
Do centro do maritimo Hemisferio
Feridas do Tridente vem as Fócas
Da vida mais illustre em vituperio.
Naõ reserváraõ as occultas rocas
Monstros, q̃ pelo abysmo se introduzem,
Que naõ abrissem as horrendas boccas.
Os rayos de Diana inda naõ luzem,
E Melibeo, que intrépido vencia,
Já naõ acha as estrellas, que o conduzem.
Fiel Iphis primeiro o soccorria,
E ouve que humilde ao Ceo invoca pio,
Teme devoto, forte naõ temia.
Expõem-se por livrá-lo, e no desvio
Que fez dos dous irmãos a mayor onda,
Sepulta a Melibeo o Patrio rio.
Se Pollux vive, Castor naõ se esconda
Se naõ para viver, e repartida
Huma immortalidade os conresponda.
Thetis, de tanto mal compadecida,
As Nereidas, e as Tagides ao pranto
De Melibeo com lastima convida.
Ceruleo coro com funesto canto
Aug-

Augmenta com as lagrimas as agoas,
Foge das Focas o horroroſo eſpanto.
Entre a neve o Amor accende as fragoas,
Ardem nas ondas os amantes rayos,
Naſcem das mortas cinzas vivas magoas.
Cantaõ as Nynfas tragicos enſayos,
E ſuavizando as triſtes conſonancias,
Animaõ os obſequios nos deſmayos.
De Suprema Deidade as finas ancias
Já nas margens auriferas feriaõ,
Interrompendo as doces diſſonancias.
Da bella Franceliza conheciaõ
A ſuaviſſima queixa, o doce accento,
Que as maritimas grutas repetiaõ.
Thetis, tocando o funebre inſtrumẽto,
Que a Melpomene rouba na Hypocrene,
Equivocava o canto, e o lamento.
Conſagra a Melibeo rito ſolemne,
E em Semideos do Tejo o immortaliza;
Mas que Aquiles o inveje, e a condene.
Pois vê que hoje o adopta, e eterniza,
E o deyxa inteiramente invulneravel,
Que aquelle exemplo a prevençaõ lhe aviza.
Regenerado o Semideos amavel,
Melhor defende o Tejo, que Portuno,
Do

Do irmaõ o Imperio fica inexpugnavel.
Jove, que manda o Reyno de Neptuno,
Em alto solio quasi a si o iguala,
E o destino cruel faz opportuno.
O ambar mais puro já do amor exhala
Fumos fragrantes, que no sacrificio
Ardente culto ao Numen assignála.
Hum templo de crystal deo exercicio
De Glauco em breve tempo á rara idéa,
Só para ter a Melibeo propicio.
De coral o enriquece Galatéa,
E de nacar Doris o seu tecto esmalta,
As paredes de perolas Deyopea.
Estatua viva a Melibeo se exalta,
Fica divinizada a gentileza,
E nem da morte entre os horrores falta.
As laminas de aljofar tanta empreza
Em bem gravados symbolos publicaõ,
E nem occulta o mar a alta grandeza.
A' Fé, e á Religiaõ a hum tempo applicaõ
As mysticas figuras, que retrataõ
Luzes, que em Melibeo se multiplicaõ.
Aõ valor Jeroglyphicos dilataõ
Em mais sólida fórma, e mais robusta,
Com que à Parca, e ao tempo desbarataõ.

Tem a Docilidade copia justa;
Sinzel exacto representa o Regio
Do Sangue excelso na prosapia Augusta.
Mostra a verdade o seu semblante egregio,
Sempre adorado, e pouco conhecido,
Porque fugio do mundo ao sacrilegio.
A Generosidade, o mais luzido
Emblema achou, e em ouro bem gravado
Estava, ainda que prezo, diffundido.
Vê-se a Constancia em throno sublimado;
Com rosto igual debuxa-se a Prudencia;
Com suave attracçaõ está o Agrado.
Aguda a Discriçaõ, clara a Sciencia;
Florida a Erudiçaõ, e laboriosa,
E, unida com as tres, doce Eloquencia.
A Agilidade prompta, e vigorosa,
E em ara triangular tem a amizade
Culto, que o mundo razas vezes gosa.
Hercules a sustenta, e persuade,
Theseo a conresponde, e fino observa,
Perithôo a merece na igualdade.
Tudo em sonhos me disse hoje Miner- (va,
E me inspirou Melpomene; ensinando
Quanto aos altos espiritos reserva.
Os meus barcos já deyxo naufragando,
As

As redes rompo, o porto, que buſcava,
Aborreço por placido, e por brando.
De Erice a altiva rocha eu dominava,
A quem deo nome Venus Ericina,
Que com candidos Cyſnes a illuſtrava.
O caracol torcido, a concha fina,
De que a Lyra formou o Deos ligeiro,
A Muſa funeral hoje abomina.
O mar foy deſte mal motor primeiro,
Naõ quero vê-lo mais, ſuas mudanças
Tolere o ambicioſo aventureiro.
No boſque as floreſcentes eſperanças
De Melibeo o nome reproduzaõ
Em verdes folhas tragicas lembranças.
Do Tejo as agoas juſtamente accuzaõ,
Pois ainda Melibeas as naõ chama,
Porque a taõ grande nome ſe reduzaõ.
O mar Icario perpetûa a fama
De hum vôo transfotmado em precipicio;
A que a cega vaidade Febo inflamma.
Foy de Helle menos nobre o ſacrificio,
E em eterna memoria o Helleſponto
Leo da ſua piedade claro indicio.
Naõ foy igual ao caſo, que te conto,
O que immortalizou com doce pena,
As triſtes ondas barbaras do Ponto.

Anfriso.

Cessa, Fileno, cessa, pois condena
O meu affecto em lagrimas afflictas
Quanto a ti só Melpomene te ordena.
Dotes heroicos, glorias infinitas
Tambem quero cantar, para que logo
As sciencias, e as artes tu repitas.

Fileno.

Seja o louvá-lo eterno desaffogo.

Anfriso.

Galhardo Melibeo, quando te via
Na caça nestes verdes orizontes,
Teu acerto, e teu braço parecia
Nobre estrago dos ares, e dos montes;
Velóz, e astuta a ave, que corria,
Faz que tu mais sublime te remontes,
Sem que possa livrá-la a azul esféra,
Nem verde asylo á mais horrivel féra.

Fileno.

O engenho mais sublime, e mais agudo
Se elevava, e feria mais activo;
E no amor da sciencia alcançou tudo,
A que naõ chega o sabio mais altivo:
Naõ basta aos argumentos forte escudo,
Mysterio occulto, ou inferior motivo
Naõ teve a natureza reservado
Ao douto Filosofico cuidado.

Anfriso.

Se o visses dominar destro, e robusto,
De hum cavallo os impulsos vigorosos,
E quando mais ardente, e mais adusto
Render-lhe os féros impetos fogosos:
Mandar sem ira, executar sem susto
Da arte equestre os preceitos generosos;
Entenderás que o mar o acha opportuno
Para reger o carro de Neptuno.

Fileno.

Quanto nas Mathematicas ensina
Clara a verdade com principios certos,
Dos numeros na celebre doutrina,
Das linhas nos mysterios encobertos:
Lusitano Archimedes examina,
E deyxa os seus segredos descobertos;
Mas sendo eterno o circulo, que apuras,
Naõ te haõ de comprehender tantas figu-
(ras.

Anfriso.

Scientifico fazia o exercicio
Da negra espada nos ensayos claros,
Robusto esgrime, mas naõ quer propicio
Que sirvaõ ás offensas os reparos:
Pois quando fora debil sacrificio
Todo o valor, a golpes taõ preclaros,
Os impulsos activos da violencia,
Moderava nas iras a prudencia.

Fileno.

Tanto ſabia do Latino idioma,
Que adoptariaõ ſuas doutas frazes
No mais polîdo ſeculo de Roma,
Horacios puros, Tullios efficazés:
E quanto Italia, Heſpanha, e França toma
Da origem Lacia as linguas ſó capazes,
Deve á ſua eloquencia os documentos,
Em Lyricos, Rhetoricos accentos.

Anfriſo.

Doce harmonîa em claúſulas canoras
Compunha o Cyſne, que no Tejo morre,
Velóz o plectro a agitaçoens ſonoras,
Sem faltar á cadencia a lyra corre:
Ayroſo, e deſtro nas nocturnas horas
Hum Coliſſeo magnificó diſcorre,
Na muſica ſe vê a melodîa,
Na dança ouvem os olhos a harmonîa.

Fileno.

Quanto a fábula em véos ſubtil enco- (bre,
Quantos ſucceſſos referio a Hiſtoria,
Quanto erudita a Critica deſcobre,
E acha a Filologia na memoria:
Feliz emprego da attençaõ mais nobre
Deo aos vaſtos eſtudos tanta gloria,
Que quaſi em cinco luſtros pareciaõ
Que nas folhas dos livros floreſciaõ.

An-

Anfriso.

Pincel polîdo, e remontada penna
Destros rasgos com vôos elevados
Fia ao papel, a quem a fama ordena
Que fiquem no seu Templo debuxados:
Com caracter perfeito assim condena
Caracteres vulgares, que apagados
Indigno emprego a hum Escritor famoso
Vem inutil o jaspe, o bronze ocioso.

Fileno.

Mas huma voz ao longe mais suave
O Epicedio interrompe, o ar lastima.

Anfriso.

He Filomena, que lamenta grave
O grande mal, que a Aurora desanima:

Fileno.

Naõ he taõ triste, ou harmoniosa a av
Como esta, que desmaya quanto anin

Anfriso.

Ouve, q̃ he Lise quẽ cantando assomb
Que ao silẽcio deo voz, deo luz á somb

Lise.

Melibeo adorado, já que a sórte,
Para que eu morra mais, naõ quer que
pire;
E a vida em q̃ ainda vive a minha mo
Faz, porque dure o fogo, que resp

E já que ſurdo o mar, tyranno, e forte
Entre as ondas naõ deyxa que ſuſpire,
Sem que penetrem no rigor das magoas
Os ſuſpiros em ar, do pranto as agoas.
Para chamar por ti, a eſte deſterro
Buſca ſaudoſa huma infelice amante:
A côr das eſperanças, he hum erro,
Que liſonjêa huma alma taõ conſtante:
Tem vizos de ouro, e coraçaõ de ferro.
O Tejo, que te rouba naufragante,
E ſe a firmeza no ſeu centro occulta,
Como a ti ſó, e a mim me naõ ſepulta?
Se naõ baſta o carinho de meus braços
Para reſuſcitar-te, donde fino
Te naõ deixe outra vez romper os laços,
Mas que o queira fatidico o deſtino:
Vê que te chama Aonia, os ſeus abraços
De affecto paternal emprego digno,
Com Pierio, e com Inaco renovem
Os nomes Regios, que o reſpeito mo-
vem,
Verey ſe he a innocencia mais activa,
Já que foy a fineza delinquente,
Mas ſe do meu affecto a chamma viva
Naõ baſta, as outras obraõ tibiamente:
Se naõ accende as ondas, e ſe altiva
Naõ leva aos Ceos hum holocauſto ar-
dente,
Ou

Ou se perca entre os Astros, ou naufrague,
Certa estou, Melibeo, que naõ se apague.
Ainda que congelasse a errante neve
A tua bella estatua crystallina,
A animá-la o meu peito aqui se atreve,
Sem usurpar ao Ceo chamma Divina:
E se a huma idolatria o premio deve,
Quem a outra rendeo victima fina,
Corra o véo o maritimo theatro,
Verá se ao dar-lhe espirito a idolatro.
Naõ temo q̃ chegasse a corromper-se
Quem de mim nunca pode dividir-se,
E se em meu coraçaõ veyo a accender-se,
Como hũ eterno ardor vejo extinguir-se?
Tambem sey que naõ ha de desfazer-se
Quem á minha firmeza soube unir-se,
E se em urna inconstante as cinzas vagaõ,
Na pyra de meu peito naõ se apagaõ.
Thetys cruel, a tua sórte invejo;
Mas naõ hey de imitar tua inconstancia:
Sol menos bello entre os teus braços vejo,
E cada dia o largas sem constancia:
Quem te chamou formoso, horrivel Tejo,
E achou suave a tua dissonancia!
Finges, e ainda és mais barbaro q̃ o Nilo,
Dourado Monstro, vago Crocodilo.

Meli-

Melibeo, Melibeo, naõ me respondes?
Pois immudeça o meu ſentido canto;
E ſe nas agoas tragicas te eſcondes,
Porque naõ eſcolheſte as de meu pranto?
Mas ſe divinizado conreſpondes
A hum fino affecto, que te adora tanto,
Faze que eu ſeja na immortal idéa
De melhor Acis nova Galatéa.

SENTIMENTOS DE D. PEDRO, E DE D. IGNEZ DE CASTRO,

POR

MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA.

PRIMEIRA PARTE.

I.

ERa na meya idade, a que chegava
Em fragoas de zafir o Sol que ardia,
E nas azas do tempo, que voava,
Icaro de seus rayos era o dia:
Quando com flâmas de ouro se abrazava,
Que morrer incendido então queria,
Sendo por renascer com novo alarde
Em cinzas de rubim Feniz da tarde.

II. Na

II.

Na lisonjeira planta se enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a rosa, que encalmava;
Em berços de esmeralda adormecia:
A simplez avezinha se banhava
No murmureo correr da fonte fria,
Renovando na vista, e doce alento
Narcisos nos crystaes, Orféos no vento.

III.

Mas Ignez, que por penas só vivia,
Naufragando em soluços cada instante,
Ignez, aquella Ignez; que amor fazia
Por lhe dobrar as magoas mais constante:
Aquella, em cujas graças competia
Ser formosa, discreta, e ser amante;
Em cujas prendas naõ tiveraõ parte
Artificios da industria, invenções da arte.

IV.

A que nos dotes da alma taõ possante,
Discreta, grave, terna, e generosa;
Que, da mesma belleza sendo Atlante,
Tinha por menor prenda o ser formosa:
Nos donaires do talhe taõ galante,
Nos alinhos da graça taõ vistosa,
Que, topando na culpa de Narciso;
Fora sem culpa o seu discreto aviso.

V. Mas

V.

Mas qual o passarinho descuidado,
Lisonja mais gentil da tenra idade,
Foy das mãos do menino aprisionado,
Que lhe roubou no laço a liberdade:
E quando delle mais galanteado
Exprimenta no mimo a crueldade,
E quando a cor das pennas lhe contenta,
Nas que lhe tira, muitas lhe accrescenta.

VI.

Tal Ignez na manhaã dos tenros annos,
Nas primeiras auroras da esperança
Deo nos laços de amor doces enganos,
Do vendado rapaz linda vingança:
Mas os golpes da Parca deshumanos
A belleza por flor em flor alcança,
E exprimentou na sempre amarga sórte
Por mãos do Deos de amor armas da (morte.

VII.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados
As finezas de Pedro, que a beldade
Soube nellas trazer aprizionados
Ceptro, Coroa, vida, e liberdade:
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os soltos alvedrios da vontade,
Que foy nelles baldado, e foy perdido
Nascer Anteros, por crescer Cupido.

VIII. Mas

VIII.

Mas oh tyranna dor, que amor inventa!
Forçosa foy de Pedro a dura auzencia,
Atropos da alma, que da pena izenta
Sabe nella sentir mortal violencia:
Como prezo partir-se Pedro intenta,
Ignez na alma sentio nova inclemencia,
Que quer a sórte, pois amor ordena,
Onde naõ chega a morte, offenda a pena.

IX.

Quantas vezes, Ignez, no pensamento
Este dezar notaste a teus favores,
Quantas vezes, Ignez, nas mãos do vento
Os viste, vês agora, e verás flores!
Tanto nas affeiçoens gosto avarento
Este pezar sentiste em teus amores,
Que naõ posso dizer que neste emprego
Estavas, linda Ignez, posta em socego.

X.

Entre os braços de Pedro ardẽte fragoa
Se acosta Ignez sem vida, e sem sentido,
Que multiplica a dor, e dobra a mágoa
Lograr presente o bem, q̃ he já perdido:
Dos olhos solta dous chuveiros de agoa,
Oceanos de neve, onde Cupido
Quiz da belleza já molhando as vélas,
Chegasse a tempestade até ás estrellas.

XI. Qual

XI.

Qual em berços de purpura olorosa,
Delicias da manhaã, da tarde empreza,
Dos melindres de flor enferma a rosa,
Desmayado o valor, murcha a lindeza:
A que já foy de Abril pompa lustrosa,
Livro de amor, emblema da belleza,
Perde a graça, por ver que o Sol lhe talha
Do mesmo carmesim gálla, e mortalha.

XII.

Tal do fogo de amor na immẽsa calma
A cor Ignez perdeo, que amor ordena
Os desmayos, q̃ tinha impressos n'alma,
Trasladasse no rosto a viva pena:
Já despojo da dor, da magoa palma,
Com respirar de flor, ar de açucena,
Exhala nova dor ao pensamento
Em saudosos ays o doce alento.

XIII.

Ay caduco prazer, diz lastimada,
Esperança de hum bem, doce tormento!
Ay que por verde murchas apressada
Primavera de amor, da dor portento!
Ay melindrosa flor agonizada,
Despojado jasmim de qualquer vento,
Que quando nasce traz na mesma alvura
Gálla, mortalha, berço, e sepultura!

XIV. Ay,

XIV.

Ay, que chegas, ó dia, em q̃ amor tira
Duas almas de hum peito! oh noite fria!
Oh noite, digo; porque a quem suspira
Foge a luz, morre o Sol; acaba o dia:
A bocca, de que hum ay outro ay retira
Já cançada, mais baixo repetia:
Paray, Senhor; mas hum soluço ardente
Suffoca o par; repete o ay sómente.

XV.

Paray, torna a dizer, meu gosto amado,
Gloria desta alma em quãto gloria tinhâ;
Mas ay, allivio meu, ay meu cuidado;
Como podeis parar, se he gloria minha!
Mas se destina o Céo, e manda o fado
Esta alma castigar, que amor mantinha,
Deixay-me a vossa, porque a sórte ordene
Mais almas tenha, porq̃ assim mais pene.

XVI.

Mas naõ, q̃ hé contra amor esta porfia;
Mas naõ, q̃ deixo amor nisto aggravado!
Muitas almas naõ quero, que seria
Repartir o tormento a meu cuidado:
Mas se a pena permitte companhia
Nesta auzencia cruel, (oh triste fado!)
Antes que a dor n roube da partida,
Levay-me, vida minha, a minha vida.

XVII. Só

XVII.

Só comvosco, Senhor, irá segura,
Sem que mortal achaque lhe aconteça;
Porque talvez do fado a sórte dura
Fóra deste meu peito a desconheça:
Nem poderá temer minha ventura
Que sombra de pezar vos entristeça,
Pois farey no tormento mais esquivo
Correr por conta della o sensitivo.

XVIII.

Se só para viver na ley de amante
Forçosa seja a vida repetida,
Ay, Senhor, que naõ póde ser bastante
Para viver auzente huma só vida!
E se amor he de vidas taõ possante,
Huma nos dê por ambos repartida,
Posto q̃ a dor entre ambos se accommoda,
Melhor vos partireis levando-a toda.

XIX.

Cá me fica outra vida, que naõ passa,
Em que padeça morte repetida,
Que quer amor tyranno que renasça
Huma vida das cinzas de outra vida:
Pois como taõ cruel penas me traça,
Como me traz em fogo convertida,
A acabar outra Feniz me condena,
Morrendo em cinza, renascendo em pena!

XX.

Ay, quẽ cuidára, amor, q̃ os teus favores
Fossem fingidas sombras mentirosas!
Ay, quem cuidára, amor, q̃ em teus amores
Fossem mais os espinhos do que as rosas!
Mas depois que triunfo a teus ardores
Foraõ de Marte as armas generosas,
Taõ guerreiro ficaste, ufano, e forte,
Que bem pódes matar a propria morte.

XXI.

Mas, pois forçosamente me condena
A que vos auzenteis, a tyrannia; (na,
Deixay, Senhor, deixay, deixay-me a pe-
Porque só della quero a companhia:
Na noite, ou mais escura, ou mais serena,
(Que para auzentes nunca nasce o dia)
Chorarey, permittindo minha estrella,
Inda mais que a saudade, a causa della.

XXII.

Nas remontadas penhas mais visinhas
(Sujeitar a meus ays penhasco possa)
Vos buscarâõ, Senhor, lagrimas minhas,
Minhas, se póde ser, sendo a alma vossa:
De meus annos a flor entre as espinhas
Passarey, sem perder esta fé nossa;
Mas antes perderâõ seu bruto alento
O Mar, o Fogo, o Ar, a Terra, o Vento.

XXIII.

Mas ay; q̃ he tal a dor de meus retiros,
E taõ firme nas leys da tyrannia,
Que vendo q̃ me assistem meus suspiros,
Quiçá delles me roube a companhia:
Mas ainda mais, e mais acerbos tiros
Contra mim fuzilar amor porfia,
Pois sem dar attenções á minha queixa,
Por mais só me deixar, sem mim me deixa.

XXIV.

Qual quádo na manhãa naufraga o dia
Nos undosos crystaes, que o Ceo desata,
O jasmin desmayado se agonia
Dos achaques da gotta, que o maltrata;
E com dezar trocando a galhardia,
Icaro já nas agoas se retrata,
O que lisonja foy taõ prateada,
Se no prado jasmin, nas ondas nada.

XXV.

Tal Ignez já de lagrimas banhada,
De seus olhos gentîs mortaes desares,
Pois quiz a natureza acautelada,
Que o Occaso de dous Sóes fossem dous (mares:
Exhalava de todo agonizada
O suspiro final a seus pezares,
Que, com ver-se entre lagrimas undosas,
Soube na bocca achar maré de rosas.

XXVI.

Já Pedro, emfim, rendido a seu cuidado,
A dor quer disfarçar de seu retiro,
Mas como o coraçaõ tem já quebrado,
Hum pedaço lhe traz cada suspiro:
E como, emfim, no peito agonizado
Sentio da mortal frecha o novo tiro,
Notando Ignez no pranto do seu rogo,
Exhala em agoa quanto bebe em fogo.

XXVII.

Naõ chores, diz, formosa Ignez, agora
Ficar auzente sem partir commigo,
Que se es vida da minha, que te adora,
Na alma te levo, por viver contigo:
Naõ pertẽdo auzentar-me hoje, Senhora,
Supposto que partir-me hoje prosigo,
Que se as almas trocar amor consente,
Nem tu só ficas, nem me parte auzente.

XXVIII.

O corpo se auzenta, a alma naõ parte,
Que em fim naõ vivo de potencias suas,
Que, como me alimento só de amar-te,
Bastaõ para viver memorias tuas:
E porque amor nos tiros, que reparte,
Fulmina contra mim frechas mais cruas,
Quãdo a vida me rouba, outra me ordena,
Que fora em mim matar-me a menor pe-
na.

XXIX.

Mas notá, Ignez formosa, esta fineza
A fazer impossiveis offrecida,
Pois que contraminando a natureza,
Teu mesmo amor me mata, e me dá vida;
Mas como amor notou nessa belleza
Os impossiveis só de merecida,
Quiz tomar por razaõ, força infallivel,
Obrar por alcançá-la outro impossivel.

XXX.

Bem vês agora, Ignez, como abrazado
Nos vivos holocaustos de meu peito
Meu coraçaõ consagro a teu cuidado
Em victimas de lagrimas desfeito:
Agora alcançarás como alentado
Todo me sacrifico a teu respeito,
Pois chego a consagrar-te em viva calma
Sangue do coraçaõ, reliquias d'alma.

XXXI.

Succeda á Primavera o secco Estio,
A serena manhãa tarde calmosa,
Seja manso regato quem foy rio,
Sejaõ seccas reliquias quem foy rosa:
Seja, quem foy clavel, cadaver frio,
Seja, quem foy jasmin, cinza olorosa,
Seja tudo á mudança, emfim, sujeito,
Que amor firme será dentro em meu peito.

XXXII. Nes-

XXXVIII.

Já nos braços da Aurora, q̃ assomava,
Renascido chorava o novo dia,
Quando Ignez saudosa entaõ negava
A seu triste pezar a companhia:
A' solidaõ do campo se apartava,
Onde só lamentava, e só gemia,
Porque mais no rigor de seus retiros
Piedade faltasse a seus suspiros.

XXXIX.

Entre flores inquire o doce amado,
Presente em cada flor o considera,
E dando hũ breve encanto a seu cuidado,
Busca nas flores quanto em flor perdera:
Corre de flor em flor, de prado em prado,
Topa só magoas, onde gosto espera,
Que foraõ seu prazer, e seus favores
Perdas choradas, quando apenas flores.

XL.

Procura em cada planta o q̃ anhelava,
Porque no seu tormento engano escolha;
Mas oh, que seu pezar escrito achava
Lições para sentir em cada folha!
Já nas liquidas perlas, que chorava,
Penhascos, plantas, prado, e flores molha;
E na lembrança já do bem perdido
Lhe interrompe hum gemido outro gemido.

XLI. Qual

XLI.

Qual o menino fica enternecido ,
Entre perplexidades pasmadinho ,
Quando no verde prado entretenido
Lhe foge o gosto atraz de hũ passarinho :
Já soluça , já pasma esmorecido ,
Já busca cada flor , cada raminho ,
Já melindrosos ays , mimoso alento
Apoz o passarinho leva o vento.

XLII.

Tal Ignez na penosa tyrannia ,
Entre flores inquire o doce amado ,
Mas foy lisonja só da fantazia , (do :
Pois mais se nega hum bẽ quando busca-
Já queixosa das flores se desvia ,
Já nas queixas diverte seu cuidado ,
E nos alentos d'alma , com que espira ,
Já soluça , já pasma , já suspira.

XLIII.

Na margem de hũa fonte se acostava ,
Que já clara correo com seus favores ,
E se delles travessa murmurava ,
Em lagrimas agora exhala amores :
A's plantas , aos penhascos se queixava ,
Outra vez já seu mal contava ás flores ,
Onde nos eccos , que respira o monte ,
Suspira o valle , porque chora a fonte.

XLIV. Ay,

XLIV.

Ay, caducas bellezas, lhes dizia,
Ay, flores, ſe queixava enternecida,
Que ſendo voſſa vida de hum ſó dia,
Muitas horas contais na voſſa vida!
Mas, oh de minha dor mór agonia!
Oh morte em menor vida repetida!
Que, como em ſoledades ſó diſcorro,
Naõ conto inſtantes, porq̃ ſempre morro.

XLV.

Vós, roſas, que no mimo de hũa Aurora
Lograis do voſſo adorno a pompa bella,
Que, talvez por firmar voſſa melhora,
Tiveſſeis ao naſcer taõ bõa eſtrella:
Mas, oh que pezar, que choro agora!
Neſtes fogoſos ays, que o peito anhella,
Eſcolheo minha eſtrella em triſte ſórte
Por pena a vida, por liſonja a morte.

XLVI.

Vós, plantas, que ſentîs mudavel erro,
Cifrando em cada folha hũ penſamento,
Se Dezembro lamenta voſſo enterro,
Abril em flor vos dá dobrado alento:
Mas, oh, q̃ em meu ſentir, e em meu deſter-
Eterniza hum rigor meu ſentimento! (ro
Pois quer amor, na ſórte, que me ordena,
Se alimente huma pena de outra pena.

XLVII. E

XLVII.

E tu, bruto penhaſco inhabitado,
Toſco ſepulchro da polida fonte,
Es agora das flores matizado
Idolo de cryſtal, gálla do monte:
Mas, oh tyranna dor! que meu cuidado
Hoje lamenta o mal, que chorou honte,
Vendo que teu terror com bruto aviſo
Hontem foy Poliſemo, hoje he Narciſo.

XLVIII.

Mas, oh queixas, paray, tornay, cuida-(dos,
Paray, façamos tregoas penſamento,
Que dos males talvez communicados
Póde naſcer dezar ao ſentimento:
Correy da alma pedaços deſtillados,
Dizey, lagrimas minhas, meu tormento:
Minhas! Naõ digo bem, que juntamente
Perdî tudo no bem, que choro auzente.

XLIX.

Germanay-vos, correy mais caudaloſas,
Seja voſſo correr mais repetido,
Naõ cuideis que vos choro cuidadoſas,
Porque deis deſaffogo a meu ſentido:
Que como nas memorias rigoroſas
Voſſa cauſa lamento o que hey perdido;
Se talvez mitigais hum ſentimento,
De novo accreſcentais outro tormento.

L. Ol

L.

Oh, corraõ cõ valor vossas violencias,
Por duplicar incendios a meu rogo!
Que naõ fora querer sentir auzencias,
Se vos chorára só por desaffogo:
Que posto deis allivio ás inclemencias,
Naõ podeis dar allivios ao meu fogo;
Pois, como sou das penas avarenta,
Qualquer allivio vosso me atormenta.

LI.

Correy livres, correy, q̃ amor ordena
Sejais a meu rigor ancia penosa,
Que naõ comprais allivio a huma pena,
Quando chegais a ser paga forçosa:
Que pois amor por força me condena
Tributar-vos por divida custosa,
Mal podeis mitigar o mal, que tenho,
Quando sois do que devo desempenho.

LII.

Naõ me póde obrigar outro motivo,
Se naõ chorar-vos só por natureza,
Que quer que seja amor, por excessivo,
Tributo natural o que he fineza:
Que como a seu querer sujeita vivo,
Rendida a seu rigor, cativa, e preza,
Naõ se póde isentar minha affeiçaõ,
Que meu chorar naõ seja obrigaçaõ.

LIII. Em

LIII.

Em vos ſentir agora mais penoſas,
Deſſas mudas razoens faço argumento,
Porque quando chegais a ſer queixoſas,
Naõ limitais a dor ao ſentimento:
E foreis ſó liſonjas enganoſas,
Mas naõ crueis verdugos ao tormento,
Quando na voz queixoſa, que formára,
Laſtimas a meus ays ſolicitára.

LIV.

Mais duro ſentimento, mais nocivo
No ſer da alma pedaços vos confeſſo,
Pois ſe levais a parte, com que vivo,
A parte me deixais, com que padeço:
Que como neſte mal, por exceſſivo,
Repartida minha alma reconheço,
Se levais huma parte naõ pequena,
A vida póde ſer, mas nunca a pena.

LV.

Oh, torna atraz, arroyo fugitivo,
Alma da penha, coraçaõ do monte,
Torna atraz, que o meu pranto ſucceſſivo
Te fará rio, quando apenas fonte:
Oh, torna atraz velóz, detem-te eſquivo,
Detem-te, eſpera que meus males conte,
Que vás talvez com prata taõ luſtroſa
Calçar as plantas de huma ingrata roſa.

LVI. S

LVI.

Se te vás despenhar ambicioso
Por aspirar a creditos de rio,
Leva meu triste pranto lacrimoso,
Oceano será teu senhorio:
Embarga teu correr taõ cuidadoso,
Suspende teu raudal, teu desvario,
Que lá terás no mar, onde te escondas,
Quantas lagrimas levas, tantas ondas.

LVII.

Mas, oh, paray, razões, tornay gemidos,
A dor interpretay, que o peito sente,
Que talvez em meus ays, por repetidos,
Os éccos ouça de quem choro auzente:
Ay, doce auzente meu, naõ dos sentidos,
Ay, quem pudéra, amor, ter-vos presente;
Mas deixay-me fallar, talvez que possa
Ouvir na minha voz éccos da vossa.

LVIII.

Aqui, meu doce amor, meu bẽ querido,
Se me duplica a dor ao pensamento;
Pois quando em vós me falta meu sẽtido,
Naõ me sabe faltar meu sentimento:
Em vós lamenta amor meu bem perdido,
Em mim renova a dor novo tormento;
Mas creyo, doce amor, que sentir possa
Menos a minha dor, que a falta vossa.

LIX. Me-

LIX.

Menos dor, menos dãno, em fim, tivera,
Menos cruel sentira meu cuidado,
Quando neste rigor, que padecera,
Me pudera esquecer do q̃ hey logrado:
Mas ay, que nesta dor outra me espera,
Hum mal outro me traz appensionado!
Pois chego a padecer em meu sentido
O mal que passo, o gosto q̃ hey perdido.

LX.

Bem conheço que possa na lembrança
Vossas prendas lograr, meu doce esposo,
Mas o bem, que se perde na esperança,
Fica, quando lembrado, mais penoso:
Mas nesta triste dor, dura esquivança,
Se me duplica amor mais rigoroso;
Pois só quer meu sentido vincular-se,
Para mais padecer, ao mais lembrar-se.

LXI.

Assim chorava Ignez, e assim sentia.
Mas, oh, tragica dor, rara estranheza!
Que já topa nas mãos da tyrannia
Armas sempre mortaes contra a belleza:
Nas mãos de dous tyrannos já se via
Entre crueis espadas, (tosca empreza!)
Mas que rosa no campo, Aurora, molhas,
A que naõ falte a vida, e sobrem folhas?

LXII.

Paray, detende a furia procellosa,
Paray, paray, detende o bruto alento:
Quem contra o fresco mimo de hũa rosa,
A quem sobeja hum Sol, e basta hũ vento?
Mas, ay; discreta Ignez, Garça formosa!
Remonta agora mais teu soffrimento,
Que temo, linda Ignez, teus lindos brios
Accrescentem coraes a tantos fios.

LXIII.

Qual na tecida sylva da espessura,
Labyrintho de espinhos intricado,
Com ballidos se queixa da ventura
O simplez cordeirinho aprisionado:
Já soluça em melindres com ternura,
Das maternas delicias apartado,
E o que mimos achou em cada hervinha,
Topa mortal rigor em cada espinha.

LXIV.

Tal lastimada Ignez troca em gemidos
Quantas vozes no peito articulava,
Em quanto os dous algozes fementidos
As mãos lhe prendem com q̃ amor atava:
Já fugindo os alentos aos sentidos,
O soluçar as vozes lhe embargava;
Mas, oh, que amor lhe deo no pensamento
Razões ás ancias, voz ao sentimento!

LXV. Ay,

LXV.

Ay, tyrannos crueis! oh sórte dura!
(Entre suspiros diz agonizada)
Que delicto commette a formosura,
Com que possa a belleza ser culpada?
Oh, deixay-me esta vida em pena escura;
Se me quereis a morte dilatada,
Que nesta triste dor taõ repetida
Menos me mata a morte, do que a vida.

LXVI.

Oh! suspendey sentença taõ penosa,
Mitigay por hum pouco a crueldade,
Que naõ podeis dar morte rigorosa,
Que possa matar mais que a saudade:
Mas já que minha dor menos piedosa
Vos naõ póde causar nova piedade,
Naõ me roubeis meus filhos taõ queridos,
Unicas prendas só de meus sentidos.

LXVII.

Ay, caras prendas minhas taõ queridas,
Reliquias do amor, d'alma pedaços,
Ay, como sentireis em mim perdidas
As mimosas delicias de meus braços!
Mas pois naõ póde ser entre homicidas
Lograr, amores meus, vossos abraços,
A Deos ficay-vos já gostos amados,(dos.
A Deos alma, a Deos vida, a Deos cuida-

LXVIII.

Mais quizera fallar enternecida; (te!
Mas, oh naõ digna acçaõ de hũ peito for-
Hum tyranno cruel, torpe homicida,
Nos fios de hũ punhal lhe tece a morte:
Inclina o lacteo collo adormecida,
Avassallada já da infausta sorte,
Exhala a vida o corpo de alabastro;
Fenece amor com Dona Ignez de Castro.

LXIX.

Qual a branca açucena, que cortada
Sentio do tempo, ou ferro a crueldade,
Em seu mesmo candor amortalhada,
Defunta flor em flor, da flor idade;
A quem ficou somente de engraçada
Os antigos rascunhos da beldade;
Tal fica a bella Ignez amortecida,
Com galla, luz, com graça, mas sem vida.

LXX.

Vós, agora, troféos da formosura,
Apparencias vitaes de ramilhete,
Colhey as vélas, porque a pouca altura
Qualquer onda vos molha o galhardete:
Olhay que a branca rosa, flor mais pura,
Acha berços, e campas no alegrete,
Attentay, leve flor, belleza vãa,
Que he mais antiga a tarde, q̃ a manhãa.

SEN-

SENTIMENTOS DE D. PEDRO, E DE D. IGNEZ DE CASTRO.

SEGUNDA PARTE.

I.

JA' da fatal tragedia retiradas
As reſtantes ruinas da fereza,
Ficáraõ ſó no campo idolatradas
Humas breves reliquias da belleza:
Auzente Pedro, ſem que as malogradas
Lamentaſſe memorias da fineza,
Taõ ditoſo nas magoas ſó diſcorre,
Que morre uſano ſem ſaber que morre.

II.

Queixoſa, emfim, fenece a galhardia;
Solicîta queixumes a ternura,
Vendo já no desdem da tyrannia
Menos cruel a Parca, que a ventura:

Que como qualquer dote se avalîa
Por symptoma mortal da formosura,
Aquella mesma dita, que entre sórtes
Cumûla prendas, multiplica mortes.

III.

A ventura se queixa que a beldade
Fosse causa da perda, porque unida
Naquellas prendas da melhor idade
Fez acabar rigor o que era vida:
Pois a Parca tyranna por vaidade
Solicîta bellezas advertida,
Porque dellas talvez se se olvidára,
Morte fora huma prenda, e só matára.

IV.

Só suspiraõ, só choraõ lastimosas,
Que naõ pára nas queixas a fineza,
Aquellas, que restáraõ só piedosas
Troyas do amor, ruinas da belleza:
Aquellas, digo, prendas lacrimosas,
Dous Infantes gentîs, que a natureza
Deixou com vida, porque em seu tributo
Fosse a morte da flor vida do fructo.

V.

Qual nos braços da plãta mais visinha,
Em roupas de rubim, cama olorosa,
Sentindo huma lanceta em cada espinha,
Sangrada no jardim fenece a rosa:

Con-

Consagrando-se flor quem foy Rainha,
Em Tyrios holocaustos sanguinosa,
De cujas cinzas restaõ por grinalda
Reliquias de ouro em cofres de esmeral-
(da.

VI.

Que pezares, que penas, que rigores
Amor formava, e cada qual sentia!
Qual nos gemidos soluçando amores,
Em carinhos as magoas confundia:
Qual desmayado no tapiz das flores
Se recosta troféo da tyrannia,
Notando aquelle peito, cujo enfeite
Lhe troca em pena quanto foy deleite.

VII.

Quantas vezes fallando enternecidos
Em soluços lhes pára o doce alento!
Quantas na voz do monte repetidos
Os lacrimosos ays lhes torna o vento!
Quantas a ser naufragios dos sentidos
Em crystaes se deriva o sentimento!
Pois quer a dor, querendo amor agora,
Chorem dous Sóes a falta de hũa Aurora.

VIII.

Alentado o rigor duplica os tiros,
Sobem globos de fogo, esféras de agoa,
Naõ resiste clavel, que nos retiros
Naõ morra espuma, e naõ feneça fragoa:
Mul-

Multiplica-ſe o vento nos ſuſpiros,
Fogoſos rayos lhe deſpede a magoa,
Já naõ ſabe naſcer, nem brilhar roſa,
Que naõ paſme defunta mariposa.

IX.

Naõ tributaõ liſonjas aos ſentidos
Neſtas mudas razões, que amor ordena,
Que ſujeitos amantes deſunidos,
Aquelle que mais chora, eſſe mais pena:
E ſe lagrimas ſaõ nos mais queridos
Almas do coraçaõ, bem ſe condena
Qualquer a mais ſentir, pois he patente
Que quẽ mais almas tem, muito mais ſẽte.

X.

A ſolidaõ de Pedro imaginada
Lhe accẽde as almas, lhe diſtilla os peitos,
Que naõ morrera Ignez, ſe retirada
Naõ ſentira diſtantes ſeus effeitos:
Porque como he de amor muito apertada
A gentil uniaõ de dous ſujeitos,
Quando matar hum delles a dor trata,
Sem deſunir os dous hum ſó naõ mata.

XI.

Aſſim paſſaõ da magoa a ſer eſpanto
Os dous ayos do mimo, os dous Cupidos,
Narciſo cada qual do proprio pranto,
Actæontes, em fim, de ſeus gemidos:

Se

Se foraõ gálla, da belleza em quanto,
Eraõ gentîs desvélos dos sentidos,
Lastimas ficaõ já da tenra idade,
Culpas de amor, delictos da beldade.

XII.

Quaes simplez avesinhas, que roubadas
A's lisonjas de Abril, mimos de Flora,
Dos maternaes alentos apartadas,
Suspira cada qual, cada qual chora:
As que foraõ do campo idolatradas,
Oraculos do Sol, linguas da Aurora,
De si mesmas agora occulta fragoa
Concebem pena, quando abortaõ magoa.

XIII.

Mas já funesta voz, turbado alento
Por linguas de metal enrouquecido,
Formava o semideos monstro violento,
Gigante pela fama conhecido:
Aquelle, cujo alado atrevimento
Se remonta veloz, e taõ subido,
Porque nelle talvez o mundo veja
Voarem penas a pezar da inveja.

XIV.

Lá fez a tuba lastimoso effeito
Nos alentos de Pedro, que em suspiros,
Os mais dos éccos interpreta o peito,
Dobrando magoas, renovando tiros.

Quando apenas, emfim, na dor desfeito
O coraçaõ lhe pasma, que em retiros,
Suffocado talvez da intensa calma,
Se izentou de viver por conta da alma.

XV.

No combate fatal deste desmayo,
Lastimosos parenthesis da vida
Tributa da vidas ao mortal ensayo,
A's sentinellas da alma já vencida:
Naõ morre, Pedro, naõ, que aquelle rayo
Foy lançada de amor, que repetida
Se pertende matar, a quem suspira,
Menos o mata; se lhe a vida tira.

XVI.

Assim vivendo morre, quando amante,
Assim morrendo vive, quando auzente,
Que se morre, pois pena por distante,
Vive tambem, pois vive porque sente:
Mas, emfim, naõ passára tanto avante
Nas finezas amor, que fora urgente
Acabar-se na vida, se a roubára,
E taõ fino naõ ser, se naõ matára.

XVII.

Mas quem diria agora o que sentiste
Nesta, Pedro, de amor menor ventura,
Dos carinhos auzente, que já viste
Brotar melindres, produzir brandura!

Oh,

Oh, que dirias Pedro, quando abriste
Aquelles dous conceitos da ternura!
Os olhos digo; mas em fim me ordena
Parte das queixas interpréte a pena.

XVIII.

Ja no pardo capuz, roupas saudosas,
Immudecida a terra se encobria,
E nos hombros das nuvens tenebrosas
Ataudes de sombra o tempo erguia:
Consagrando com tochas luminosas
Mudas exequias ao defunto dia,
Dando claros signaes o Joven louro
Em torres de çafir nos finos de ouro.

XIX.

Quando a favor da vida o sentimento
Novos em Pedro reproduz gemidos,
Sendo sumilher da alma o novo alento,
Que lhe corre as cortinas aos sentidos:
Mas a liquida dor, claro tormento,
Se acredita nos olhos advertidos,
Que quem nas penas solitario mora,
Só lhe resiste vivo em quanto chora.

XX.

Solicita retiros, em que unidas
Se acreditem de finas as saudades,
Que saõ mais primorosas, se sentidas
Naõ permittem motivos a piedades:

Tri-

Tributaraõ labéos de mal naſcidas ,
A naõ paſſarem moſtra de vaidades ,
Quando naõ foraõ mais que eternizadas
Solitarias , occultas , retiradas.

XXI.

E já nas ſolidoens entretenido
Interpreta liſonjas aos cuidados ,
Pois vay dando nas flores advertido
Mortas prendas , alinhos mal logrados :
Mas apenas ſe lembra enternecido
Daquelles ſóes agora imaginados ,
Quando já vacillante , e ſó diſcorre ;
Aqui paſma , alli geme , acolá morre.

XXII.

Qual Giraſol gigante , que atrevido
A beber luzes amoroſo aſpira ,
Se bem que entre zeloſo , e preſumido
Deſdenha ufano , e temeroſo gira :
Mas vendo apenas , que o galan querido
Em disfarces de nacar ſe retira ,
Porque ſe vê das glorias todo auzente ,
Languido paſma , cuidadoſo ſente.

XXIII.

Em fim , rompe nas queixas amoroſas
Agora Pedro , quando as vê ſentidas ;
Que naõ pódem livrar-ſe de penoſas ,
Quando ſabem fugir a ſer ouvidas :

E ſó

E só discretas saõ, se rigorosas
As que menos se prezaõ de entendidas,
Que já por isso Pedro, se as pertende,
He só porque a si mesmo naõ se entende.

XXIV.

Ay, gloria minha, diz, gloria sonhada!
Minha te chamo, quando assim perdida,
Que se naõ tens as véras de lograda,
O dezar naõ padeces de esquecida:
Como gloria maltratas, se lembrada,
Como molestas glorias possuida;
Na posse logras ancias de fallivel,
Na memoria rigores de impossivel.

XXV.

Como soube deixarme assim frustrado
Este rigor, que gloria se habilita,
Quando me fez mayor q̃ o mesmo fado,
Mayor que amor, mayor q̃ a mesma dita:
Quem me dissera entaõ que este cuidado
Fosse rosa, que apenas se acredita,
Quando se vê nas mãos da natureza
Troféo da dor, sangria da belleza.

XXVI.

Ay, triste solidaõ! ay, pena ingrata!
Quanto menos cruel foras agora,
Se, permittindo a magoa, que maltrata;
Naõ roubáras a gloria, que se adora:

Mas

Mas esta dor naõ fora, que assim mata,
Rigoroso pezar, se assim naõ fora;
Pois naõ se mede o mal de quem suspira
Pelo que tem, senaõ pelo que tira.

XXVII.

Mas ainda mais avante acompanhada
Desta dor outra pena já me alcança,
Pois na magoa da perda lamentada
Os allivios me rouba da esperança:
Mas como se naõ fora eternizada,
Maltratára das glorias a mudança,
Que o pezar sem remedio padecido
Mata, porque ha de ser, naõ porq̃ ha sido.

XXVIII.

Nem pódem mitigar esta saudade
Assistencias de amor, porque resiste
Outra nova razaõ da soledade,
Que na distancia desse amor consiste:
Que, como aquelle objecto da vontade
Hoje feito impossivel naõ me assiste,
Sendo vinculo amor entre sujeitos,
Naõ tendo extremos, naõ produz effeitos.

XXIX.

Só deixára de ser eternizada
Esta dor, mas se fora divertida,
Se a memoria da prenda imaginada
Naõ passára a ser pena padecida:

Só

Só razaõ de prazer, quando lembrada,
Essa gloria tivera, que he perdida,
Se, sendo assim passada na lembrança,
Soubera ser futura na esperança.

XXX.

Nem queixumes de lagrimas sentidas
Allivio pódem ser nesta saudade,
Que, sendo parte d'alma desunidas,
Saõ causas naturaes da soledade:
Porque quando nos olhos advertidas
Procuraõ fugitiva liberdade,
Aquella mesma vida, que me alenta,
Tambem nellas partida se me auzenta.

XXXI.

Oh, quem me déra já ser assistido
Dos penhascos talvez, que o monte cria!
Mas quem naõ tem razões para sentido,
Naõ póde ser nas magoas companhia:
E hum rigor por auzencias padecido
Com nenhuma presença se allivia,
Que quem nas ancias, q̃ padece hũ triste,
Juntamente naõ pena, naõ lhe assiste.

XXXII.

E menos me permitte esta esquivança
Ser de vós assistido, lindas flores,
Pois por gentîs emblemas da mudança
Jeroglyphicos sois de meus favores:

E se

E ſe produzîs glorias na lembrança,
Mal podeis aſſiſtir a meus rigores,
Que naõ faz aſſiſtencias nos retiros,
Quem motiva principios aos ſuſpiros.

XXXIII.

Nem já, féras, talvez voſſa bruteza
Reſta para topar branda piedade;
Mas como póde ſer, ſe a natureza
As noticias vos nega da ſaudade?
E no fatal rigor de huma triſteza,
Nos effeitos mortaes da ſoledade
Naõ póde ſer a dor compadecida,
Sem que ſeja na cauſa conhecida.

XXXIV.

Nem ſereis, aveſinhas, no ſaudoſo
Companheiras gentîs a meus retiros,
Que differentes ſujeitos no penoſo
Tem diverſas as magoas nos ſuſpiros:
E bem ſe crê que o mal todo invejoſo
Mais a mim do q̃ a vós fulmina os tiros,
Pois hum rigor fatal, hum dáno eſquivo
Mais mata o racional, que o ſenſitivo.

XXXV.

E menos podeis ſer a meus ſentidos
Deleitoſo carinho na ſaudade,
Liſonjeiros arroyos, que atrevidos
Solicitais dos olhos a vaidade:

Mas

Mas como, se a meus ays, e a meus gemi-
Multiplicais melhor a soledade, (dos
Pois em vós retratado descontente
De mim mesmo me vejo estar auzente.

XXXVI.

Mas inda assim, paray, porque melhora
Destas lagrimas minhas vosso augmento:
Se professais correntes, como agora
Sabeis livres fugir ao sentimento?
Paray, naõ murmureis, que nisso fora
Muito mais conhecido vosso alento;
Olhay que se condena, ou se aventura
A naõ fazer remansos quem murmura.

XXXVII.

E vós, paray nas queixas amorosas,
Galantes cortezãas da soledade,
Que naõ cantais por pontos de saudosas,
Quando dais tantas falsas á saudade:
Paray, digo, a meus ays, paray piedosas,
Paray nos quebros, tende a liberdade,
Aprendereis a ser nestes retiros
Hum Feniz cada qual de meus suspiros.

XXXVIII.

Paray, gentis emblemas da vaidade,
Flores, digo, paray, paray saudosas,
Naõ bebais presumpções, q̃ a pouca idade
Sereis de meus incendios mariposas:

Apren-

ɔrendey dos alinhos da beldade ;
: vossa vida digo, a ser piedosas ;
ıe sempre foy nas regras da ternura
ıis capaz de lições a formosura.

XXXIX.

Paray, féras, tambem nesses ruidos,
ıardas do monte, archeiros da fereza ;
zey caso das penas, que os bramidos,
'gumentos parecem da bruteza :
o basta, paray, que os entendidos
ıdem talvez notar vossa estranheza :
inhas queixas ouvi, que allivio fora
ıem naõ póde fallar me ouvisse agora.

XL.

Paray, toscos penhascos, que o Ceo cria
ra pardos Atlantes dos retiros,
: vos vence huma liquida porfia,
ɔmo já resistîs a meus suspiros ?
as, oh! Que digo! Pare a cobardia,
ɛhale o peito, multiplique os tiros,
úplique a dor, e dobre o sentimento
goa nos olhos, nos suspiros vento.

XLI.

Ferido o coraçaõ, tribute em fogo
ndosa prata, derretido alento,
: liquida sangria ao desaffogo,
ısonjeira lanceta ao sentimento ;

Suc-

Succeſſivo queixume, ardente rogo
Se verta em neve, ſe diſtille em vento,
Naõ fique planta, que a pezar do eſpanto
Naõ morra em fogo, naõ ſe affogue em (pranto.

XLII.

Sejaõ linguas dos olhos mudas agoas,
Interpretes da dor triſtes retiros,
Eloquencias do peito vivas fragoas,
Razões do coraçaõ ternos ſuſpiros:
Rhetoricas da pena ardentes magoas,
Elegancias de amor dobrados tiros,
Immudeça a razaõ, que ſó parece
Sabe tambem ſentir quando immudece.

XLIII.

Diſtille o coraçaõ, duplique o vento
Ethnas ao pezar, agoas ao rogo,
Morra por gloria de ſeu meſmo alento
Troya nas ondas, e Narciſo em fogo:
Incendios ſolicite ao ſentimento,
Diluvios multiplique ao deſaffogo,
Sendo de ſeu rigor o meſmo enſayo
Na cauſa nuvem, nos effeitos rayo.

XLIV.

Naõ creſça lyrio, q̃ naõ ſinta os tiros,
Clavel naõ gire, q̃ naõ paſme em fragoas,
O que Feniz naõ for entre os ſuſpiros,
Morra já Faetonte ſobre as agoas:

Sejaõ vozes nas magoas os retiros ,
Que melhor no retiro ſe ouvem magoas,
Se ſe póde na dor , que amor ordena ,
Ouvir a magoa ; ſem ſentir a pena.

XLV.

Naõ reſte planta, que ſe atreva a tanto,
Que naõ murche dos ays enternecidos ,
Roſa naõ fique , que, a pezar do eſpanto,
Se naõ ſeque , ludibrio dos gemidos :
Em fim, duplique a dor, produza o pranto
Laſtimoſos naufragios aos ſentidos ,
Seja neſte pezar , neſta eſquivança.
Carybdis da alma , e Cabo da eſperança.

XLVI.

Mas ay! q̃ as plantas no desdẽ da idade,
Mas ay! q̃ as flores no rigor de hũ vento,
A naõ ſerem jaſmins na brevidade ,
Naõ ſeriaõ perpetuas no tormento :
Só tu , terrivel ancia da ſaudade ,
Eternizas agora o ſentimento ,
Porque quando matar-me amor ordena ,
Me deixas vida , com que o corpo pena.

XLVII.

Quem ſoubera cuidar q̃ a mais creſcida
Tyrannia cruel da dor mais forte
Foſſe , quando nas perdas de huma vida,
Impoſſiveis ſentiſſe de huma morte :

Mas

Mas he rigor da magoa repetida,
Por industria fatal da iniqua sorte;
Porque quando talvez matar-me trate,
Por me topar sem vida, me naõ mate.

XLVIII.

E se fora da vida roubadora
Esta sorte fatal, tormento esquivo,
Tivera só por pena matadora.
Qualidades de grande no intensivo;
Mas naõ; q̃ como o amor pertende agora
Cumular intensoens ao sensitivo,
Naõ quer que a dor me mate, pois duràra
Muito menos a pena se matára.

XLIX.

Agora alcançarás, prenda querida;
Os rigores de amor na minha sorte,
Pois agora me quer roubar a vida,
Só por ma naõ tirar primeiro a morte:
Mas ay! que a pena se duplica unida,
Mas ay! que a magoa se eterniza forte;
Pois que vejo na dor do mal esquivo,
Que naõ posso morrer, porque naõ vivo.

L.

Mas agora na pena, a que me entrega,
Vejo que quer a dor, e a mais aspira,
Que padeça na morte, que o mal nega,
E que pene na vida, que amor tira:

Aqui verás, Ignez, a quanto chega
Esta pena de amor, que amor conspira;
Pois agora naõ sey no que discorro,
Se vivo auzente, nem se auzente morro.

LI.

Mas, emfim, q̃ me queixo dos rigores,
Com que talvez amor me tyranniza?
Quando mais martyrizaõ seus favores
Onde qualquer lembrança os eterniza:
Pois quando apenas se alentáraõ flores,
Passáraõ quasi flor, que se agoniza,
Por isso minha queixa mais se ordena
A sentir meu desdem, que a minha pena.

LII.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos!
Prizaõ da vida, Argel da liberdade!
Martyrio d'alma, guerra dos sentidos!
Encanto doce da melhor vontade!
Teus favores só foraõ conhecidos
Por gentîs prendas da mais tenra idade,
A naõ serem primeiro teus favores
Seccos espinhos, que animadas flores.

LIII.

Que cuidados naõ causas, Joven cego!
Que rigores naõ dás ao pensamento!
Que delicias naõ roubas ao socego!
Que lisonjas naõ finges ao tormento!

A que

A que peito naõ dás custoso emprego !
A que vida naõ tiras doce alento !
De que genios naõ reynas! de que idades!
De que prendas gentîs, de que beldades!

LIV.

Quẽ me dissera, quando Ignez, lograva
Nos carinhos gentîs de teus favores,
Quando nelles amor idolatrava,
Para poder talvez morrer de amores:
Quem me dissera, digo, que aspirava
Hum caduco prazer a taes rigores !
Quem me dissera entaõ, que da ventura
Era mortal delicto a formosura !

LV.

Quem dissera que os lassos alvedrios,
Gentîs madeyxas, onde a natureza
Repartio liberal por tantos fios
Os melhores extremos da belleza:
Esses agora, que acabáraõ brios,
Se arrastassem bandeiras da tristeza !
Mas que muito, se nunca em seus ensayos
Algum por louro se izentou de rayos !

LVI.

Oh bem, que pouco duras possuido !
Só logras algum ser, quando esperado,
Nos molestos receyos de perdido
Tyrannizas o gosto de alcançado:

Oh ſonhada liſonja do ſentido!
Oh mais terrivel ancia do cuidado!
Flor, que apenas ſe vê, quando ſe chora,
Enteada do Sol, filha da Aurora.

LVII.

Aquelles olhos, donde o Sol furtava
Os melhores theſouros da vaidade;
E em luzidas capellas conſagrava
Dous altares amor a huma beldade:
Aquelles, cuja luz interpretava
Os occultos archivos da vontade,
Eſtes meſmos erarios da belleza
Deixa a perder de viſta huma fereza.

LVIII.

Oh debil gloria, liſonjeiro enſayo,
Abel da vida, lingua do eſcarmento,
Desfeita ſombra do mais breve rayo,
Quebrado vidro do mais tibio vento:
Jaſmin, q̃ paſmas de qualquer deſmayo;
Clavel, q̃ morres de teu meſmo alento;
Oh gloria humana, emfim, gloria ſonhada,
Vidro, ſombra, jaſmin, clavel, ou nada!

LIX.

Aquella bocca, donde a mais luſtroſa
Se derivava purpura incendida,
Em quem ſe vio naſcendo a bella roſa
Com menos folhas, quando mais partida:

Ago-

Agora só se occulta lastimosa
Em desmayos de neve amortecida;
Mas que prenda naõ tem, que formosura,
Muito menor a vida, que a ventura?

LX.

Lá pertende o clavel nascer luzido,
Mas em casa gentil botaõ fechado,
Porque aquella manhaã, q̃ o vio nascido,
O chorasse primeiro amortalhado:
Quem purpureo clavel taõ presumido?
Mas quem gentil clavel taõ lastimado,
Que lhe chegue a tecer a natureza
A mortalha primeiro que a belleza.

LXI.

Aquelle brando affeyo da ternura,
Aquelle doce Argel da liberdade,
Aquelle emblema só da formosura,
Aquelle bello encanto da vontade:
Aquelle gentil pasmo da ventura,
Aquelle rico erario da vaidade,
Nos alinhos se vê já confundida,
Troféo da morte, lastima da vida.

LXII.

Que pouca duraçaõ, que mal segura
Tem nas prendas da vida huma belleza!
Só vive em quanto nasce a formosura,
E espira em quanto vive a gentileza:

Em-

Em fim, mais morre, quanto em fim mais
Mortalidades traz por natureza, (dura,
Quanto mais alentada, e mais luzida,
Mais accidental logra, e menos vida.

LXIII.

Mas, se saõ melindrosa enfermidade
Prendas de amor, e dotes de huma vida,
Que muito, bella Ignez, que essa beldade
Fosse de teus alentos homicida!
Contigo a morte foy no Abril da idade
Menos ambiciosa, que atrevida,
Sem reparar, Ignez, que seus rigores
Perdessem fructos por cortarem flores.

LXIV.

Mas vivirás, Ignez, que amor ordena,
Nestas memorias, donde a tyrannia
Por naõ lograr-se mal a minha pena,
Debuxára melhor tua galhardia:
Aqui verás, Ignez, se me condena
Amor, que por tyranno se avalia,
A fazer impossiveis, pois discorro
Viver lembrado, quando ausente morro.

LXV.

Morra no ramalhete flor cobarde
A que rosa nasceo mais alentada,
Vomitando rubins pague na tarde,
Qnantas perlas bebeo na madrugada:

Seja

Seja bruto fiscal de tanto alarde
O mesmo dia, que chorou cortada,
Que nenhuma manhaã, nem tarde temo
As contas tomar possa a tanto extremo.

LXVI.

Aqui passo talvez a mais querer-te
Onde chego mais fino a mais lembrar-me;
Porque foraõ distancias de naõ ver-te
Incentivos quiçá para olvidar-me:
Mas nem topo motivos de perder-te
Nesses teus infalliveis de deixar-me,
Que sendo vida minha, só pudéra
Por perdida julgar-te, se eu morrera.

LXVII.

Assim se queixa Pedro, quando ausente
Daquellas prendas nunca mais queridas,
Pois amor, que lembradas as consente,
As pintou bellas, quando as vio perdidas;
Quando nas penas, que dobradas sente,
Quando nas queixas, que repete unidas,
Já desmayando pasma, porque ordena
A mesma queixa, que se cale a pena.

LXVIII.

Qual o lyrio gentil nas mãos da tarde,
Quando fragoas se alẽta, incendios gira,
Funesta tumba de seu mesmo alarde,
Bebendo rayos, abrazado espira:

O qu

O que roxo matiz nas penas arde,
Parda nuvem murchando se retira,
Em quanto a Aurora tarda, q̃ de hũ rayo
Lhe corte gallas para novo ensayo.

LXIX.

Assim Pedro se pasma, e naõ consente
Os sentidos queixumes, que derrama,
Que se vive queixoso quem mais sente,
Põem limite nas queixas quem mais ama:
Mas aqui lhe concede amor presente
Aquellas prendas, com q̃ mais o infláma,
Que saõ talvez motivos do socego
As memorias gentís do doce emprego.

LXX.

Agora, humanas prendas, se entẽdidas
O desdem desprezais da infausta sorte,
Que naõ duraõ taõ pouco vossas vidas,
Que naõ saibaõ passar álèm da morte:
Attentay, se notardes advertidas,
Que naquelle de amor rigor mais forte
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foy Rainha.

AO MESMO ASSUMPTO,

GLOSSA DA OITAVA

DE

CAMOENS

PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOSA BACELLAR,

OITAVA.

EStavas, linda Ignez, poſta em ſocego
De teus annos colhendo o doce fruto
Naquelle engano da alma ledo, e cego,
Que a fortuna naõ deixa durar muito,
Nos ſaudoſos campos do Mondego
De teus formoſos olhos nunca enxuto,
Aos montes enſinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito eſcrito tinhas.

GLOSSA I.

QUerida prima minha, alma ditoſa,
Que do corpo as prizóes deſampara-
E qual candida flor, ou freſca roſa (ſte,
De teus annos a flor em flor murchaſte:

Hoje

Hoje, que habitas patria luminosa,
Naõ te esqueças de mim, q̃ tanto amaste;
Quãdo, dando a meus olhos doce empre-
Estavas, linda Ignez, posta em socego. (go,

II.

De teu formoso rosto o bem perdido
A's rosas, e aos jasmins eraõ ensayos,
Pois com belleza igual, igual partido
Brotava o rosto Abril, os olhos Mayos:
Os olhos, que eraõ ninho de Cupido,
Os olhos digo, que frechavaõ rayos;
Delles recebe a morte hoje tributo,
De teus annos colhendo o doce fruto.

III.

Já em reynos de luz, passos de gloria
Pizas com pés de prata estrellas de ouro,
E retumbando o Ceo, Ignez, vitoria,
Esconde avara a terra o mór thesouro:
Emprego he já da morte, ou vil memoria
A maõ de prata, e o cabello de ouro;
Da morte he já, se foy da vida emprego
Naquelle engano da alma ledo, e cego.

IV.

Mas por mais q̃ o rigor da esquiva terra
Nas entranhas me escõda o gosto amado,
Com tudo a perfeiçaõ, que bella encerra,
Estará no meu peito debuxado:

No

No prazer, no pezar, na paz, na guerra
De teu formoso gesto o fiel traslado
Durará em meu peito nunca enxuto,
Que a fortuna naõ deixa durar muito.

V.

Meu canto a ti será, e a mim meu pran-
Em victimas de lagrimas sagrado, (to
Canto o pranto será, e o pranto canto
Por mãos de meu tormento dispensado:
Teu nome ensinarey, se posso tanto,
A's conchinhas do Tejo celebrado,
Repetindo saudoso, e sem socego
Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Algoz será da vida meu tormento,
E ministro da morte meu cuidado,
Só penas me daraõ contentamento,
Só gostos me daraõ pezar dobrado:
Affogado em suspiros cento a cento,
De mil a mil em lagrimas banhado,
Pagarey com meus olhos o tributo
De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Alli a terra, o bosque, e o penedo
Ouvidos prestaráõ a meu descante,
Indicios do pezar dará o rochedo
Nas firmezas, e lagrimas constante:

Eſculpirey teu nome no arvoredo,
Sempre choroſo, quando mais amante,
Todas as perfeições, que illuſtres tinhas,
Aos montes enſinando, e ás hervinhas.

VIII.

Pois hoje habitas patria luminoſa
Em tribunaes de luz reſplandecente,
Entre as roſas do Ceo mais bella roſa,
Entre os Aſtros eſtrella mais luzente:
Se naõ te eſqueceo ainda generoſa,
Conſerva na memoria eternamente
O nome, a quem de puro amor mãtinhas,
O nome, que no peito eſcrito tinhas.

SONETO.

DE

FRANCISCO RODRIGUES LOBO,

Com a Glòssa do Doutor Antonio Barboza Bacellar.

FOrmoſo Tejo meu, quam differente
Te vejo, e vi, me vês agora, e viſte,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triſte,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.
A ti foy-te trocando a groſſa enchente,
A quem teu largo campo naõ reſiſte,
A mim trocou-me a viſta, em q̃ cõſiſte
O meu viver cõtente, ou deſcontente.
Já que fomos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem: oh quem me déra
Que foſſemos em tudo ſimilhantes!
Mas lá virá a freſca Primavera,
Tu tornarás a ſer quem eras de antes,
Eu naõ ſey ſe ſerey quem de antes era.

GLOSSA I.

EM fim, mereci verte, ó Tejo amado,
Em fim, pude lograr o meu desejo,
E por prova fiel do meu cuidado
Em meus olhos mostrar-te hũ novo Tejo:
Que differente corres, que mudado!
Naõ sey já como creyo que te vejo,
Quaõ turbadas as agoas, e a corrente,
Formoso Tejo meu, quaõ differente!

II.

Quãdo entre glorias me adulava a sorte
Era térço crystal teu movimento;
Hoje, que triste naõ receyo a morte,
Medonho em ondas te recea o vento:
Oh da minha fortuna fiel consorte,
Companheiro leal de meu tormento,
Pois alegre huma vez, outra vez triste
Te vejo, e vi, me vês agora, e viste!

III.

Ay caduco prazer; doce mentira!
Ay tyrannia pensaõ da mór ventura!
Jasmim, que apenas abre, quando espira,
Rosa, que em quanto nasce, apenas dura!
Voltou-se a sorte, que a meu dano aspira,
Variou-se o tempo, q̃ em teu mal se apura
E em vez daquella gloria, em q̃ me viste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

Naõ

IV.

Naõ chore a pena, quẽ naõ teve a gloria
Que só quem vio o bem, sente o tormẽto,
Quem se vio nos applausos da victoria,
Só sabe quanto custa hum rendimento:
O mal, q̃ he bem passado na memoria,
Só parece que apura o soffrimento, (te,
E assim, porq̃ a dor nossa mais se augmẽ-
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

V.

Em quanto puro, suave, e prateado,
Eras luzido espelho das estrellas,
Entaõ em hũ mar de glorias remontado
Gozava a Lisis doce inveja dellas:
Variou-se o tempo, variaste o estado,
Cansou-se Lisis, e cansaraõ-se ellas; (te,
A mim trocou-me o mal de hũ peito ausẽ-
A ti foy-te trocando a grossa enchente.

VI.

Tanto comigo podem meus pezares,
Que esse campo, que inundas caudalozo,
Igualmente a meus olhos, q̃ a teus mares
Deve o rio adoptivo o curso undoso:
Se nesta tosca gruta repousares,
Verás como se abranda ao som queixoso,
Que só Lisis resiste ao peito triste,
A quem teu largo campo naõ resiste.

VII.

Naõ ha pena, q̃ doa, ou mal, q̃ espante,
Se presente ao q̃ ama, hum peito chora,
Que só cõsiste o bem de hũ peito amante
Na vista do que estima, e do que adora:
Julga pois se he meu mal mais penetrãte,
Pois fugindo cruel Lisis traidora,
Por negar este bem ao peito triste,
A mim trocou-me a vista em que consiste.

VIII.

Mas se do mal, que passo, he procedido
O bem de conhecer, amado Tejo, (hido,
Que inda ha quẽ naõ se esqueça de hũ ca-
Ufano já meu proprio mal invejo:
Oh verdadeiro amigo, e naõ fingido!
Pois ou te vejo alegre, ou triste vejo,
Parece que varîa a tua corrente
O meu viver contente, ou descontente.

IX.

Ambos igual fortuna padecemos,
Mas tu já tens o allivio de queixar te;
Ay de quem passa taõ crueis extremos,
Que do tormento a voz naõ sabe parte!
Ambos pois nossas queixas alternemos,
Pois comigo teu mal soube igualar-te;
E sejamos no allivio similhantes,
Já que fomos no mal participantes.

Naõ

X.

Naõ seja muda a voz em tanta guerra,
Nẽ ande ociosa a lingua em tal tormẽto,
Ouça o mar, saiba o Ceo, e veja a terra,
Que se dou agoa ao mar, dou vẽto ao vẽto
E se ainda em tanta pena hũ bẽ se encerra
Que he poder declarar o sentimento,
Já que somos iguaes na pena fera,
Sejamo-lo no bem, oh quem me déra!

XI.

Ay quem me dera, que pudera o prãto
Desabafar o peito em tanta pena;
Mas a causa da pena póde tanto,
Que a perpetuo silencio me condena;
Seja por ambos o teu triste canto,
Já que a gloria da causa, que me ordena,
Naõ quizeraõ os fados inconstantes
Que fossemos em tudo similhantes.

XII.

Mas oh naõ chores, naõ, teu mal presẽ-(te,
Pois te aguarda a ventura de outro fado,
Que ocioso sente, quem seus males sẽte,
Quãdo espera a seus males outro estado:
Hoje escurece o campo tua corrente,
Mas lá virá Abril mais socegado;
Hoje as estrellas o teu curso altéra,
Mas lá virá a fresca Primavera.

XIII.

Teraõ no campo as flores varias cores,
E adornando-ſe o Ceo de luzes bellas,
Competiráõ com luzes, e verdores
Eſtas cheiróſas, lucidas aquellas:
Entaõ mimo de eſtrellas, e de flores
Serás eſpelho ás flores, e ás eſtrellas,
Entheſourando perolas brilhantes,
Tu tornarás a ſer quem eras de antes.

XIV.

Mas eu, q̃ morro ás mãos de hũ falſo (trato
Como poſſo dar tregoa ao ſoffrimento!
Pois me dá a fortuna de barato,
Por curar de hũ tormento, outro tormẽ(to:
Mas pois q̃ o tempo a hum peito ingrato
Naõ quiz eſperar allivio ao ſentimento,
E entre as mudanças de hũa ingrata fera,
Eu naõ ſey ſe ſerey, quem de antes era.



AO

AO MESMO SONETO.

OUTRA GLOSSA

Do mesmo Author.

I.

Espelho de cryſtal das Ninfas eras,
Quando eu Cupido fuy deſtas Serranas,
Luzes a mayor luz preſtrar puderas,
Como eu favores dar ás mais uſanas:
Mas ſe do tempo a ſorte conſideras,
Qualquer de nós verás, ſe naõ te enganas,
Eſtar daquillo, que era antigamente,
Formoſo Tejo meu, quaõ differente!

II.

Já vi teu reſplandor em meu cajado
Argentar campos, e enlaçar penhores,
Como as arêas, que douraſte ao prado,
Como as do prado, que brotavaõ flores:
Agora feyo tu, e eu deſprezado,
Se exemplos de favor ſaõ disfavores,
Sentir o mal do bem, que naõ ſentiſte,
Te vejo, e vi, me vez agora, e viſte.

III.

Em quãto com brandura, e cõ piedade
Regaste os campos, q̃ eu amey prudente
Tivemos sempre igual prosperidade,
Tu com ser claro, eu com ser contente:
Mas depois que o poder te deo vaidade,
E o favor me fez impertinente,
Com q̃ eu fuy claro, e tu da mãy sahiste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

IV.

Hum refrigerio só, huma esperança
Podemos ter nos lances da ventura, (ça,
Que inda q̃ mude o mal, (naõ por bonan-
Mas por nos dar segunda desventura)
Impossivel naõ faça esta mudança
Ver-me eu sem gosto, tu sem formosura,
Pois neste mesmo campo alegremente
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

V.

De rio a fonte estavas reduzido,
Olha o rigor do tempo; e eu mudado
Das ufanias do favorecido,
Com ser teu similhante consolado:
De fonte em mar te vejo convertido,
Tu nunca a mim me viste melhorado,
Nada a mim me trocou de descontente
A ti foy-te trocando a grossa enchente.

Das

VI.

Das nuvens de meus olhos fomentado
Entras no mar com tanto poderio,
Que tornas doce a quem te faz salgado,
E a quem te pintou mar, debuxas rio:
Repara em mim, naõ corras taõ inchado;
Olha que em vindo a sequidaõ do Estio
Essa furia te quebra hum seixo triste,
A quem teu largo campo naõ resiste.

VII.

Pouco tens que sentir, se alternamente
Teu mal, e bem n'um anno o considero,
Mas eu passey de alegre a descontente,
E neste mesmo estado persevero:
Melhor estás, pois que huma só enchente
He igual ao que soffro, e ao que quero,
Se por mais me naõ ves, qual tu me viste,
A mim trocou-me a vista, em que cõsiste.

VIII.

De modo se accrescentaõ lastimosos
A' vista de teus gostos meus pezares,
Que turvaõ estes olhos de invejosos
Os crystaes de teus rios com seus mares:
Sejamos ambos tristes, ou ditosos,
Porque eu naõ chore quãdo tu cantares,
E naõ te impedirá correr florente
O meu viver contente, ou descontente.

Mas

IX.

Mas naõ repares, naõ, corre avarento,
Que confiado eſtou que inda algum dia,
Como naſceo teu bem do teu tormento,
Naſcerá de meu mal minha alegria:
Turvo eſtiveſte jâ, eu deſcontente,
Quando choravas tu, eu naõ me ria:
Hemos de ſer nos bens communicantes,
Já que ſomos no mal participantes.

X.

Em quanto fomos triſtes, conſervaſte
Cõmigo ſempre eſtreita ſociedade,
Tanto que foſte alegre, me deixaſte,
Pode mais o intereſſe, que a amizade:
Se agora me mudar, qual te mudaſte,
Já que naõ fomos na infelicidade
Companheiros no mal, como devera,
Sejamo-lo no bem: oh quem me déra!

XI.

Sejamo-lo no bem, ſem te offenderes
De ſer meu companheiro em tal deſtino,
Porque eu poſſo ſubir, e tu deſceres,
A ſer ditoſo eu, tu a mofino:
Reparte com meu mal de teus prazeres,
Para depois pagar-te, que imagino
Tem decretado os fados inconſtantes,
Que foſſemos em tudo ſimilhantes.

Mas

XII.

Mas ay de mim, q̃ nesciamente igualo
O bem dos dous n'um mesmo parallelo,
Se para naõ viver basta esperá-lo;
Melhorando-te tu sempre em perdê-lo:
Desesperado estou de restaurá-lo,
Tu naõ o perderás; pois para tê-lo,
Nunca mais cá tornou aquella fera,
Mas lá virá a fresca Primavera.

XIII.

Virá a Primavera, e matizando
De boninas o campo em varios cofres,
Infante de jasmim, solemnizando
Com linguas de crystal livres aljofres:
Entre estrellas de flores coroando (fres
Das Ninfas, q̃ em cothurnos de ouro sof-
Esperdiçando perlas, e diamantes,
Tu tornarás a ser quem eras de antes.

XIV.

Eu estou de ser feliz taõ duvidoso,
Que inda em tanta abũdancia de alegria,
Que tudo faz alegre, e faz ditoso,
Eu se hey de ficar, como sohia:
Nesta mudança deste Abril formoso,
Segundo minha estrella me annuncia,
Tu bem sey q̃ has de ser o que se espera,
Eu naõ sey, se serey quem de antes era.

AO MESMO SONETO.

OUTRA GLOSSA.

I.

FOrmoſo Tejo meu, triſtes ſuſpiros,
Que do mar, e do peito derivados
Tudo lagrimas ſois, que em varios giros
Huns corrẽ manſos, e outros magoados:
Vós alegres buſcais verdes retiros,
Eu chorando contẽplo os meus cuidados;
Quaõ differente ſois neſſa corrente,
Formoſo Tejo meu, quaõ differente.

II.

Em riſo alegre, em ondas carregado
Nos vimos, tu furioſo, eu florecente,
Tu agora ſereno, antes inchado,
Eu agora chorando, antes contente:
A ti mudou-te a ſorte, a mim o fado,
A mim trocou-me a magoa, a ti a corren-
Com eſta differença alegre, e triſte, (te;
Te vejo, e vi, me vês agora, e viſte.

III.

Mudou-ſe o ſer, mudaraõ-ſe as corrẽtes,
Com differente emprego as agoas vejo,
Fontes os olhos choraõ ás enchentes,
Corre ſuave em lagrimas o Tejo:

Tri-

Tristes sim maravilhas, mas decentes,
Pois quando o rio (oh misero desejo!)
Tumba te solicîta, espelho assiste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

IV. (ouro
Naõ basta, ó Tejo meu, q̃ em cãpos de
Brindes ao Sol a prata em ondas frias,
Nem que de escarcha o liquido thesouro
Corra por dilatadas galarias: (ro
Entaõ se enluta o campo, humilha o tou-
Quando tu manso as perolas enfias,
A pena naõ se muda, o gosto mente,
Alegre te vi eu já, tu a mim contente.

V.
Oh fortuna infeliz, triste mudança,
Que do bem para o mal passas correndo!
Diga-o mentida essa corrente mansa,
Que embravecida foy diluvio horrendo:
Muda-se em desengano o q̃ he esperança,
Outro es já, Tejo meu, outro estou sẽdo:
A mim trocou-me em cinza hũ Sol ausẽte
A ti foy-te trocando a grossa enchente.

VI. (to!
Mas ay minha saudade, ay meu tormẽ-
Se assim dentro do peito manso, e brando
Corréras, como o Tejo, doce, e lento,
Naõ matáras, passáras magoando:

O 1

O Tejo em si se alenta, eu desalento,
Elle pára esquecendo, e eu lembrando:
Esta he a differença amante, e triste,
A quem teu largo campo naõ resiste.

VII.

Ditoso tu, que vez ao Sol brilhante,
Quãdo eu cego hũa sombra adoro, e sigo;
Em ti cada reparo he hum diamante,
Em mim cada memoria he hum castigo:
Tu vez ao Sol em ti, eu cego amante
Naõ vejo o Sol, q̃ sempre anda cõmigo:
E pois consiste a vida em ver hum triste,
A mim trocou-me a vista, em que consiste.

VIII.

Mas que digo, que pasmo, e que admiro!
Entre penas, allivios, agoas, flores,
O que he recreaçaõ, he já retiro,
Naufragio as agoas saõ, veneno as cores:
Morte o descanço foy, vida o suspiro,
Naõ quero suspensaõ, quero os rigores;
Pois consiste em penar, e estar presente
O meu viver contente, ou descontente.

IX.

Naõ te enganes, ó Tejo, brando, e máso,
Quãdo mais descuidado em teu emprego;
Que assim sereno fuy no meu remanso,
Assim serás tu agora ledo, e cego:

Hum

Hum rayo consumio o meu descanso,
Hum trovaõ moverá o teu socego;
Choremos pois do bem breves instantes,
Já que somos no mal participantes.

X.

Confórmes já nas lagrimas suaves,
Que he lisonja da dor sentir as penas,
Gemendo tristes, e sentindo graves,
Em sotos de crystal, urnas amenas;
Nos seraõ canto as mais sonoras aves,
Nos seraõ pranto as fontes mais serenas:
Unidos neste mal, que a sorte altéra,
Sejamo-lo no bem: oh quem me déra!

XI.

Mas naõ, ó Tejo meu, q̃ he mais constã- (te
A pena em mim, do q̃ ẽ teu curso a sorte,
Tu muita enchente tens, muita vazante,
Eu tive huma só vida, huma só morte:
Hum dia corres turvo, outro brilhante,
Eu sempre tenho hũ ser, e sigo hũ norte:
Quem pudera alcãçar, quanto distantes,
Que fossemos em tudo similhantes.

XII.

Bem vejo que do Estio o fogo ardente
Te prende humilde em carceres sóbrios,
E que o fingido Outono altéra, e mente
De tanto impulso os alentados brios:

Mas

Mas eu do Inverno o luto infauſtamente
Viſto, ou corra o mar, ou ſequem os rios;
Agora arrebatado o ar, ſe altéra,
Mas lá virá a fréſca Primavera.

XIII.

Se aſſim como has de ſer, eu foſſe agora,
Ou algum dia a ſer tornaſſe o que era,
Menos a morte padecida fora,
Dobrada a pena agora padecera:
Mas quem tanto impoſſivel cego implora;
Primeiro o bronze ſe tornará em cera,
Eu jámais largarey laços amantes,
Tu tornarás a ſer quem eras de antes.

XIV.

Com éſta impaciencia, éſte tormento,
O que perdeo hum bem, a ſorte apura,
Tu correndo no mar buſcas aſſento,
Eu parado me chego á ſepultura:
Tu tornarás com novo naſcimento,
Eu ficarey depoſto á perda dura;
Como de antes ſerás gloria da esféra,
Eu naõ ſey ſe ſerey quem de antes era.

AMAN-

AMANTE DESPREZADO.

IDILIO.

EM hum valle adornado
De rozas, e boninas,
Por onde o manſo Tejo caminhava,
Que o deixa matizado
De gotas cryſtalinas,
Hum mancebo gentil chorando eſtava.
E pois alli me achava,
E me compadecia
De o ver eſtar gemendo,
Anciozo a procurá-lo fuy correndo
Para ver ſe abrandar ſeu mal podia;
Pois hum pranto exceſſivo
Torna o mais cruel peito compaſſivo.
  Cheguey, e á ſombra amena
Com elle deſcançando,
Logo lhe perguntey quem lhe cauzava
Taõ inſoffrivel pena;
Mas elle, ſoluçando,
Só em reſpoſta lagrimas me dava:
E como eu dezejava,
Que allivio exprîmentaſſe
No ſeu mal rigorozo,

Outra

Outra vez lhe intimey que era forçozo ,
Que a cauza da sua magoa m'explicasse :
Elle , que já me ouvia ,
Na resposta, que dava, assim dizia.
Nas margens desse rio ,
Que a fragrante espessura
De brilhantes crystaes está bordando ,
Me pôs o fado impio ,
Porque a magoa mais dura
Meu coraçaõ ficasse exprîmentando :
Alli , amigo , quando
Cheguey , quiz logo a sorte ,
Que eu visse huma belleza,
Obra taõ singular da natureza ,
Que â troco de a avistar soffrera a morte;
Pois tal me parecia
Como a luz do luzido Sol que ardia.
Esta formoza estrella
Dava luz aos meus olhos ;
E qual iman deixava-me attrahido
A sua graça bella.
Se d'asperos abrolhos
O mais agreste campo era vestido,
Apenas taõ luzido
Sol nelle se mostrava
Quanto triste o fazia,
Parece que de gloria se vestia

E ale-

E alegre a ſua vinda feſtejava,
Que hum taõ lindo portento
Motiva univerſal contentamento.
  O natural mais brando
Moſtrava no ſemblante,
E nas acçoens de bronze ter o peito
Ella eſtá indicando;
Pois quanto eu mais amante
Altares lhe erigia no reſpeito,
Tanto menos acceito
Era o meu ſacrificio:
E como a minha vida
Era da ſua viſta procedida,
Porque me naõ fizeſſe hum beneficio,
E a morte me cauzaſſe,
Nunca mais permittio que a aviſtaſſe.
  Vê tu, prezado amigo,
Se eu poſſo eſtar contente
Depois de ſopportar tanto deſgoſto;
Se aviſtar naõ comſigo
Quem amo firmemente,
Como poderey ter o menor goſto?
Eu vivo já diſpoſto
Para acceitar a morte;
Pois vida taõ penoza
Só quando finaliza he proveitoza.
Mas ay! que determina a dura ſorte,

Que inda mais tempo eu viva,
Só porque soffra a magoa mais activa.
Vive em minha lembrança
Aquella ingrata bella,
Para que meu pezar seja dobrado;
Porque sem esperança
De ver taõ linda estrella
Cada vez serey mais desconsolado.
Com aleivozo agrado
Ella me vio hum dia:
Mas oh quem de tal gloria
Já pudesse riscar toda a memoria!
Que assim mais toleravel ficaria
A minha dor vehemente,
Que a lembrança he q̃ faz q̃ o mal se augmente.
As chammas em meu peito
Mais fortes se ateáraõ
Quando me vi por ella desprezado;
E com grande respeito
Meus olhos intentaraõ
Outra vez conseguir taõ bello agrado:
Mas fuy dezenganado
Vendo que se auzentava
Sem que indicio me desse
De affecto, que igualar o meu pudesse;
Pois como enfurecida me deixava,
Fazendo desta sorte

Que eu ficaſſe chorando até á morte.
Qualquer fonte correndo
Gaſta a pedra mais dura:
Só de meus triſtes olhos as correntes
Naquella formozura
Vejo fazer effeitos differentes;
Pois muito mais vehementes
Se oſtentaõ ſeus rigores,
Se o meu pranto ſe augmenta,
E parece que em mim fogo accreſcenta;
E produz no ſeu peito mais furores,
Só porque deſgoſtozo
Eu acabe no eſtado mais penozo.
Meus ſuſpiros podiaõ
Tornar hum ferro brando,
E nos montes as féras ſe eſpantavaõ
Dos ays, que ahi me ouviaõ:
As aves, que voando
Seu canto pelos ares eſpalhavaõ,
Apenas me aviſtavaõ
Mudas hiaõ fugindo,
Moſtrando ſentimento
Deſte pranto, que ouviaõ taõ violento;
Pois taõ grande martyrio eſtou ſentindo,
Que a todos cauza pena,
Menos áquella ingrata, que o ordena.
Naõ póde ſer naſcida

De humana creatura,
Quem trata deſte modo a quem a adora.
Nas brenhas eſcondida,
E na verde eſpeſſura
Huma féra tambem outra namora.
Tanto que naſce a Aurora,
As aves do ſeu ninho
Sahem tambem cantando
Seus amores occultos publicando:
E ſe até vive amante hum paſſarinho,
E huma féra tyranna,
Para que me aborreces deshumana?
Permittio-me a gloria
De ver ſeu lindo roſto,
Só porque eſte martyrio hoje ſoffreſſe.
Mas oh quam tranſitoria
Foy eſta, e que deſgoſto,
Deſta lembrança no meu peito creſce!
Ella de mim ſe eſquece
Mas eu a todo o inſtante
Suſpiro ſó por vê-la,
E por mais que tyranna ſe moſtre ella
Sẽpre me heide moſtrar ſeu firme amãte;
Que hum verdadeiro affecto (cto.
Naõ póde em tempo algũ mudar de obje-
Se a minha amarga pena
Creſce a qualquer inſtante,

He forçozo que eu viva descontente:
Pois se quem me condena
A dor taõ penetrante
Meu verdugo ha de ser perpetuamente,
Cada vez mais vehemente
Será o meu tormento,
Até que desta sorte
Eu chegue a dar a vida pela morte:
Que d'um taõ insoffrivel sentimento,
A magoa procedida
Só póde ser extincta com a vida.
Disse, e com triste pranto
Da vista me fugindo
Nenhuma attençaõ dava ao que eu dizia:
Cada vez mais espanto
Me estavaõ influindo
Os afflictos suspiros, que lhe ouvia;
O lugar, por donde hia,
Com lagrimas molhava,
Qual hum grande chuveiro,
E parece que aos lobos nesse outeiro
O seu cruel pezar communicava;
E desgraça taõ forte,
Deve servir de exemplo até á morte.

Por hum Engenho desta Corte.

AO

AO CONDE
DE
VAL-DE REYS,
SENDO REGEDOR DAS JUSTIÇAS.
OITAVAS.

I.

NO Regio Throno, no Solio primi- (tivo
Do Supremo Senado preeminente,
Empunhay o bastaõ, ó Conde altivo,
Que Astréa vos tributa reverente:
Porque nos jaspes, ás memorias vivo,
Empenho a tanto merito decente,
Se veja em vós regîda sem mudança
Recta a justiça na fiel balança.

II.

Mas suspende, ó Muza, o vôo incerto,
Com que ao Sol te remontas sublimada,
Que ao ver-te subir da luz taõ perto,
Te vaticinio a quéda despenhada:

Já

Já Propercio te accuza o dezacerto,
Na ruina de tantos celebrada,
A quem tributa em funeraes, que teve,
Brandoens a cera em tumulos de neve.

III.

Mas sẽdo certo que empenhar se deve,
Em funçoens grãdes o q̃ quer vencellas,
Pois nunca a honra de conseguillas teve,
O que temeo o risco de emprendellas:
Por gloria immortal de quem se atreve
Basta sómente o empenhar-se nellas,
Que o valor naõ prevê cazos avêssos,
Que he só Mãy a fortuna dos successos.

IV.

Bem pódes pois, ó Muza, em gloria tãta
Remontar-te ao explendor, q̃ eterno dura,
Pois os riscos, que a gloria te levanta
Ao despenho os applausos te assegura:
Na lyra pois, que metrica descanta,
Elogios immortaes, que a fama apurá
Affina accentos ja que he feliz sorte
Cantando hũ Fenix tarde Cisne a morte.

V.

Porèm para fazé-lo só tomara
Das Castallias o liquido thesouro
Ter nos influxos dessa luz preclara,
Com regio auspicio, com felice agouro:

Por-

Porque quando a Hypocrene liberara
O candido cryſtal com bico de ouro,
Cantar pudeſſe o que aqui ſe trata,
Em tiorba de ofir com vóz de prata.

VI.

Agora ſó, o Conde eſclarecido,
Invejo aquelle eſtylo ſoberano,
Em clauſulas ſonoras repetido,
Que inclinou mais Divino, do q̃ humano:
E toque a vós o modo encarecido
Do Tracio, do Grego, e do Thebano,
Que a impulſo ſó de accentos ſingulares,
Enfrea as ondas, retrocede os mares.

VII.

Porèm ſe ja naõ pude merecê-lo,
Mereça hum deſejo affectuozo
As deſculpas no arrojo de emprendê-lo,
Temerario igualmente, e temerozo:
Subſtitua as finezas de hum deſvélo,
As faltas do diſcurſo primorozo,
E ſó lhe explique em gloria relevante,
As azas deſſe paſſaro gigante.

VIII.

Regey pois, Conde illuſtre, o merecido
Baſtaõ, que o Cezar Luzo vos offereçe,
Que ſempre o voſſo merito ſubido,
Ha de Conde informar do que merece:

Nelle

Nelle verá o mundo ſuſpendido ,
Que em vós a piedade reſplandece ,
Quando neſſa paleſtra eſclarecida
De juſtiça a regeis á vara unida.

IX.

Melhor Licurgo, Conde ſoberano,
Sereis de noſſo Imperio venerado ,
E neſſe Capitolio Luſitano ,
Ficareis nas acções eternizado :
Excedendo a Tito , e a Troyano ,
Sempre da fama no gloriozo brado ,
Por glozador a Curcio dos melhores
Sereis veneraçaõ de profeſſores.

X.

E ſe fazendo o ramo parecido ,
Ao Tronco Regio, donde derivado ,
O moſtra o nobliario mais ſubido ,
Se eſſe ramo do tronco ſublimado :
Tornando em ramo o tronco florecido,
O tronco deixa em ramo equivocado ,
Trocado Cõde excelſo em vós acclamo ,
Em ramo o tronco, e em tronco o ramo.

XI.

Porèm ſe ſois de Jove rayo ardente ,
Que muito q̃ de hum pólo a outro pólo
A tanto ſimulacro reverente
Eterno culto ſacrifique Apollo !

Se

Se na Campanha com furor vehemente,
Tirais do louro insigne de Pactolo,
De hum, e outro luminozo ensayo,
A Phebo o ramo, a Jupiter o rayo.

XII.

E porque o mundo veja conresponde,
Nesse valor o medo do Otomano
Lá de donde o Sol nasce, the cá donde,
Se lhe constroe pira o Oceano:
Mostray, *Mendoça* illustre, excelso Códe,
Que assóbro Portuguez, pasmo Africano
Seguis em tudo a gloria, passo a passo
Do da Veiga famozo Garcilaço.

XIII.

Dilate pois o Ceo a vossa vida,
Para que nos progressos da grandeza
Deixeis da Patria a fama engrandecida,
Em pira de alabrasto Troya acceza:
O mesmo Sol com gloria repetida,
O vosso nome em singular fineza,
Lhe tribute *Furtado*, o mesmo bronze
Onze estatuas nas espheras onze.

XIV.

Só vós podeis, só vós, Conde excellēte,
Louvar aquillo mesmo, que vos toca,
Por galan, por discreto, e por valente:
E assim ferindo de metal a boca,

A tan-

A tanta gloria o paſmo reverente,
Vos dá, quando a fazé-lo vos provoca,
Para correr do mundo as partes todas,
A fama as azas, a fortuna as rodas.

XV.

Suſpende pois as vozes ja remiſſas,
Dos accentos, ó lyra reſonante,
Que os applauſos nos eccos deſperdiças:
Baſte dizer, que deſſe Imperio Athante
Sois Regedor ſupremo das Juſtiças,
Pois em padroens eternos de diamante
O voſſo nome ſó na voſſa idade
Val de Reys, Cõde excelſo, a Mageſtade.



RE-

RETRATO DE HUMA DAMA

POR O PADRE

EUSEBIO DE MATOS.

OITAVAS.

I.

PODeis dezafiar com bizarria,
Só por ſó, cara a cara, bella Aurora,
Que a Aurora nem ſó cara vos faria,
Vendo taõ bõa cara em vós, Senhora:
Senhora ſois do Sol, e luz do dia,
Do dia, em que naſceſtes até agora,
Que ſe a Aurora foy luz por ſua eſtrella,
Duas tendes em vós a qual mais bella.

II.

Sey que vos dera o Sol o ſeu theſouro,
Pelo negro gentil deſſe cabello,
Taõ bello, q̃ em ſer negro foy desdouro
Do Sol, q̃ por ſer de ouro foy taõ bello:
Bella ſois, e ſois rica ſem ter ouro,
Sem ouro haveis ao Sol de convencello,
Que ſe o Sol por ter ouro he celebrado,
Sem ter ouro eſſe negro he adorado.

Vaõ

III.

Vaõ os olhos, Senhora estay attento:
Sabeis os vossos olhos o que saõ?
Saõ de todos os olhos hum portento,
Hum portento de toda a admiraçaõ:
Admiraçaõ do Sol, e seu contento,
Contento, que me dá consolaçaõ,
Consolaçaõ, que mata o bom desejo
Desejo, que me mata quando os vejo.

IV.

A boca para cravo he pequenina,
Pequenina se he, será rubí,
Rubí naõ tem a cor taõ peregrina,
Taõ peregrina cor eu nunca vi:
Vi a boca, e julguey-a por Divina
Divina naõ será, eu o naõ creyo,
Mas creyo que naõ quer a vossa boca
Por rubí, nem por cravo fazer troca.

V.

Ver o nevado aljofar, que dezata,
A Aurora sobre a galla do rosal,
Ver os rayos de nacar dessa prata,
E perolas em conchas de coral:
Ver diamantes em golpes de escarlata,
Em piques de rubí puro crystal,
He ver os vossos dentes de marfim,
Por entre os bellos labios de carmin.

VI.

Em peito naõ ſocega eſſe Amor cego,
Cego ſó pelo amor de voſſo peito,
Peito, em que o cego Amor naõ tẽ ſocego,
Socego por vos ter amor perfeito.
Perfeito foy o amor em tal emprego,
E o emprego perfeito em tal effeito,
Effeito, que he mal feito dizer mais,
Quando chega o amor a extremos taes.

VII.

Tanto ſe preza Amor de voſſo amor,
Que o mayor, que tem, he amor tanto
Tanto, que diz o Amor que outro mayor
Naõ teve por amor, nem por encanto:
Encanto he ver o Amor em tal ardor,
Que arda tambem o peito por eſpanto,
Tendo, do fogo vivo por ſinal,
Duas vivas empolas de cryſtal.

VIII.

A dizer deſſas maõs naõ me aventuro,
Que a ventura das maõs a tudo mata,
Mata Amor neſſas maõs já taõ ſeguro,
Que tudo ás maõs lavadas desbarata:
A cuja neve, prata, e cryſtal puro,
Se apurou o cryſtal, a neve, a prata,
Belliſſimas pyramides formando,
Onde Amor vay as almas ſepultando.

A deſ-

IX.

A descrever a cinta naõ me atrevo,
Porque a vejo taõ breve, e taõ succinta,
Que em ve-la me suspendo, e me elevo,
Por naõ ver ategora melhor cinta:
Mas por seguir o estylo, que aqui levo,
Digo que he vossa cinta taõ distincta,
Que o Ceo se faz annel da formosura,
Sò para cinta ser de tal cintura.

X.

Vamò-nos para o pé, mas tate, tate,
Que descrever o pé taõ peregrino,
Se loucura naõ he, he disparate,
Disparate, que passa a dezatino:
Aqui dezatiney, pois me deo mate
O picante do pé taõ peregrino,
Que pé tomar naõ posso em tal pegada,
Pois he tal vosso pé, que em pontos nada.



DE

DE BERNARDO VIEIRA,

PELOS MESMOS CONSOANTES

Applicando-as a hum Cadaver.

OITAVAS.

I.

QUem vos moſtra mudada a bizarria
Da cara, q̃ a luz dava á bella Aurora
Creyo nenhuma affronta vos faria,
Se a morte contemplara em vós Senhora:
Porque ſem luz vereis naquelle dia
A cara, que brilhar vedes agora,
Porque entaõ haveis ter ſó por eſtrella
Ver em cinza desfeita a cara bella.

II.

Horror ſerá entaõ eſſe theſouro,
Que hoje naufraga em ondas de cabello,
Trocando com mortifero desdouro
Em fealdades quanto tem de bello:
Por mais rico ſe vence agora o ouro,
Entaõ a terra ha de convencello,
Que quem na vida vive celebrado
Perde na morte as prendas de adorado.

III.

Esses olhos, que hoje olhaõ taõ sẽ tẽto
Entaõ naõ haõ de ser o que hoje saõ,
Porque hoje se saõ da luz portento,
Das trevas haõ de ser admiraçaõ:
E se por claros hoje daõ contento,
Naõ haõ de dar entaõ consolaçaõ;
Porque veraõ o fim de seu dezejo
Terminar nas cavernas, que eu já vejo.

IV.

A boca, que, por ser taõ pequenina,
Ao cravo conquista, e ao rubí,
Trocará quanto tem de peregrina,
Pela mais triste boca, que eu já vi:
Algum dia a ouvi chamar Divina,
Mas confesso, Senhora, que o naõ crí,
Porque entendia que havia a vossa boca
Pela de huma caveira fazer troca.

V.

Esse aljofar, que agora se dezata,
Para brilhar melhor nesse rozal,
Naõ mostrará no nacar fina prata,
Quando vir consumido o seu coral:
Esses dentes, que em golpes de escarlata
O rutilante mostraõ do crystal,
Entaõ, no descorado do marfim,
Dentes se haõ de ver, e naõ carmim.

VI.

O peito, q̃ hoje he fragoa do amor cego
Naõ será fragoa entaõ, nem será peito;
Porque por dar á parca seu socego,
Perderá quanto tinha de perfeito:
Se em algum tẽpo foy do fogo emprego,
Entaõ verá em si taõ rico effeito,
Que julgará perfeito a tudo o mais,
Que naõ chegue a ver prodigios taes.

VII.

A cauza, q̃ algum tempo foy do amor,
Aqui vomitará tal odio, e tanto,
Que naõ verá o mundo outro mayor
Na fabuloza Ley de seu encanto:
Porque o que cauzava tanto ardor
Da fealdade mesma será espanto,
Naõ vendo em si figura, nem signal
Dos dous botoens, que tinha de crystal.

VIII.

Das maõs hey de dizer, pois me avẽturo,
Que se sua belleza agora mata,
Seu horror matará entaõ seguro,
Quanto timido agora desbarata:
Que se agora saõ prata, e crystal puro,
Entaõ naõ se verá crystal, nem prata:
Pois ossos haõ de ser, que vaõ formando,
Gadanhos, que vaõ mortos sepultando.

Por

IX.

Pòr os olhos na cinta naõ me atrevo,
Porque a vejo de carne taõ ſuccinta,
Que já me naõ ſuſpendo, nem me elevo,
Da belleza, que vejo neſſa cinta:
De a ver, na garganta a morte levo,
Porque a vejo taõ feya, e taõ diſtincta,
Que naõ acho ſignal da formozura,
Mais que hum oſſo, que ſerve de cintura.

X.

Do pé hia 'a fallar mas tate, tate,
Que naõ tem nada o pé de peregrino.
Oh loucura do mundo! oh diſparate!
Aqui minha ſenhora dezatino:
Quem conſumio o pé, quẽ lhe deo mate?
Mas ay! que a terra o vio taõ pequenino,
Que por naõ ver em ſi ſua pégada,
O picante do pé tornou em nada.



Descripçaõ da noite.

SONETO.

COmo está toda a terra escurecida!
Como corre callada aquella fonte!
Já o Sol naõ se avista no Orizonte,
Já nenhuma outra luz he conhecida.
He horrivel a selva mais florida,
Dezampara o rebanho o verde monte,
Ninguem se vê passar aquella ponte,
Nenhuma vóz ao longe he percebida.
Com o gado o pastor á aldea chega,
Nos bosques dorme a fera, o peixe na agoa,
Tudo em fim ao silẽcio já se entrega.
Mas em meu triste peito, ardente fragoa,
Por hum tenue momento naõ socega
O estrõdo, que motiva a minha magoa.

A Clori, que tocando una cithara hizo morir hum Cysne.

SONETO.

TAñia Clori hermosa, y la escuchaba
Un armiño canoro, un jasmin vivo,
Mas no me admiro en verlo assi cautivo,
Que una belleza al fin todo lo acaba.
A consonancia tal suspenso estaba,
Quando de Clori el canto successivo
A su muerte apressada diò motivo,
Quando a su pecho amãte alivio daba.
Pero no es mucho acabe en tal encanto,
Pues de Clori no fuè la tyrannia,
Como del Cysne fuè consuelo tanto:
Porque si ha de morir con harmonia,
Esperar no podia mejor canto,
Que de Clori la dulce melodia.

Descripçaõ de hum prado.

SONETO.

ADonde o manso Tejo a clara en-
chente
De suas agoas mostra mais crescida,
Revestido da galla mais luzida,
Hum verde prado está, que assombra
a gente.
Alli logo que as portas do Oriente
Apollo patentêa, he conhecida
A sua linda luz, e sempre ouvida
A voz, que as aves fazem docemente.
Em fim aquelle sitio he taõ brilhante,
Que julgo a natureza o tem criado,
Para que allivio fosse a hum triste
amante.
Mas nelle meu martyrio foy dobrado;
Porque em quanto de vós viver di-
stante,
Crescerá cada vez mais meu cuidado.

Alludindo ao que diz Eliano lib. 14. cap. 23. que o Cysne vence a Aguia, se esta o dezafia.

SONETO.

A' Rainha das aves provocando
Persegue o Cysne só, como entendido,
Que quem he por prudente conhecido,
Só deve pelejar dezafiado.
Prudente, generoso, e alentado
No conflicto jámais fica vencido,
Porque como peleja de offendido,
Anima-lhe o valor ver-se aggravado:
Jeroglyfico o Cysne he da sciencia,
A Aguia do valor, e bizarria,
Ambos querẽ vencer em competencia:
Mas quem troféos ao Cysne negaria,
Conhecendo que he tymbre da prudencia
O saber triunfar da valentia?

De

Dezejando na sanguinolenta batalha de Canas os mais nobres mancebos dezamparar Italia, Scipiaõ Affricano com a sua authoridade os impedio. Falla com elles.

SONETO.

HEroes famozos, que animozamente
Tendes este contrario accommettido
Pelejay, que he mais nobre ser vẽcido,
Que fugir, ou render-se livremente.
Se temeis que vos vença facilmente,
Seja o vosso furor mais accendido,
Que no combate o medo conhecido
Faz que o fraco se atreva ao mais valente.
A grande mortandade, que estais vendo,
Nenhum susto vos cauze, que a victoria
Só se alcança com risco combatendo.
Combatey, que esta acçaõ fará notoria
A vossa illustre fama, e aqui morrendo,
Ainda á gente Romana dareis gloria.

Voan-

Voando huma borboleta junto aos olhos de F.

SONETO.

VAno viviente, irracional alado,
Que quemarte procuras atrevido,
Por te ver como Fenix renaſcido,
Reſuſcitando en llamas abrazado:
Aqui tienes el fuego deſtinado
En los ojos de Filis encendido,
Onde revivirás deſvanecido,
Quando no pueda ſer por inflamado.
Quemate como Fenix, pues te inflamas,
No temas padecer contraria ſuerte,
Que atrevidos deſdichas no maltratan:
Quemate pues dichoſo en eſtas llamas,
Adquiriras la vida con la muerte,
Que dan vida eſtos ojos, quãdo matan.

Venceo Scipiaõ a nova Cartago, no mesmo dia, em que a ella chegou, e havendo alli huma muito gentil Donzella, para ver a qual gente innumeravel concorria, logo prohibio que ella viesse á sua prezença, e ordenou que a seu Pay, e Esposo fosse restituida. Falla com os seus Soldados.

SONETO.

Essa Donzella, q̃ admirais formoza,
Sujeita a meu Imperio naõ se entende,
Pois querer castigar quem naõ offende
A hum heroé he acçaõ indecoroza.
A mayor gloria desta empreza honroza
Só consiste em vencer quem naõ me attende:
O meu animo agora naõ pertende,
Senaõ q̃ a Patria fique mais famoza.
Naõ cõsintais que o meu semblante veja,
Porq̃ naõ digaõ q̃ he de amor vẽcido
Hum peito, em que a victoria já sobeja.
Levay a a seu Esposo, e Pay querido,
Porque vejaõ, na força da peleja,
A razaõ com que tenho combatido.

A ALE-

A ALEXANDRE

Chorando, porque ouvio dizer que havia mais mundos.

SONETO.

SE deseja mais mundos arrogante
Para vencer teu animo valente,
Melhor sinal de teu desejo ardente
Era, q̃ hũ prãto, hum rayo fulminante.
Neste luzira teu valor constante,
E naquelle naufraga debilmente;
Se já o mundo te adora reverente,
Suspiras vencedor, choras triunfante?
Que mais fizeras, se á contraria sorte
Alguma vez te viras reduzido,
Se assim sentes as glorias de Mavorte?
Mas como o mundo, q̃ ha, tens já rẽdido,
Naõ se distingue em teu alento forte
O naõ ter que vencer de estar vencido.

Mata Junio Bruto seus filhos, e sobrinhos, por se terem conjurado com os Aquilios, e Vitelios para meterem em Roma os Tarquinios.

SONETO.

BArbaro iniquo, e indecorozo intēto
He o vosso, ó ingratos, ó traidores,
Pois do dano da Patria sois fautores,
Devendo só querer o seu augmento.
Prestais universal consentimento
A' entrada daquelles contendores,
Para que Roma, e seus habitadores,
Outra vez sintaõ seu rigor violento?
A' vista d'uma acçaõ taõ indecente,
Pede o meu brio q̄ eu tome o despique,
E fulmine o castigo mais vehemente.
Morrey, que he bē tal pena vos applique,
Para que a affronta da Romana gente
Tambē por vossas mortes morta fique.

A F.

A F. que morreo de ar.

SONETO.

COm ar madruga a flor mais engraçada,
Pavaõ de Abril pomposo, e matizado;
Mas para o seu alinho ser prostrado,
Basta-lhe o mesmo ar da madrugada.
Nasce ayrosa a vergontea delicada,
Pluma do bosque, pavelhaõ do prado,
Mas de hum zefiro o sopro arrebatado
Entre as plantas a deixa sepultada.
Assim foy, Fabio, Filis soberana,
Delicada vergontea, e flor luzida;
Hum ar a corta, se outro ar a abala:
Fragil morreo, se madrugava ufana,
Porque em fim toda a põpa desta vida
Apenas brilha, quando em ar acaba.

Descripção da Aurora.

SONETO.

Como se vê no Aereo firmamento
Luzir da brilhante alva os resplãdores,
E servirem do prado ás lindas flores
As lagrimas da Aurora de ornamento.
Febo mostrando vem seu luzimento
Aos valles, aos penhascos, aos verdores,
E as aves com harmonicos clamores
Applaudem seu vistozo nascimento.
Em fim, logo que rompe o claro dia,
Deste Planeta a luz resplandecente
Enche todo o Emisferio de alegria.
Só eu existo triste, e descontente,
Sopportando da sorte a tyrannia,
Sem jámais esperar viver contente.

A F. com huma espada na maõ.

SONETO.

EN vano, ó Filis, esse azero, en vano
Cortar quiere a una vida el plazo estrecho,
Que quien muere al azero de tu pecho,
Ya no siente la espada de tu mano.
Vibra los filos desse harpon tyrano,
Que yo le darè mi vida satisfecho;
Que si la muerte a un triste es de provecho,
Quien vive desdeñado, muera ufano.
Però nò, que es agravio a tus luzeros;
Dexa Filis hermosa los enojos,
Porque escusas las armas, quando miras:
Vibra los ojos, dexa los azeros,
Que más rinden pestañas de tus ojos,
Que sujetan impulsos de tus iras.

A Filis.

SONETO.

EM quanto ás Leys de amor naõ fuy
ſujeito,
E gozava da minha liberdade,
Vivia na melhor tranquilidade,
Afflicçoens naõ ſentia eſte meu peito.
Naõ tinha em mim lugar algum preceito,
Naõ dominava alguẽ minha vontade,
Para mim era d'ouro aquella idade,
Para mim era o tempo mais perfeito.
Porèm quando vos vi, bella Senhora,
A vós me dediquey inteiramente,
De querer mais naõ tive huma ſó hora.
Mas com a minha ſorte ſou contente,
Pois como firme eſtá alma vos adora,
He meu goſto ſer voſſo eternamente.

Ao seu cuidado.

SONETO.

NO verdor da floresta deleitosa,
Quando de Abril a Aurora he mais serena,
Reclinado nos braços da açucena
Vi o purpureo carmin da mesma rosa:
Essa de ambar fragrante maripofa
Vi bordar de escarlata a selva amena,
E em quebros vi cantar a filomena,
Entre as ramas de Daphne mais frondosa.
De Flora o campo cheyo de harmonias,
De aljofar guarnecendo os verdes prados,
Essas de Thetis liquidas sangrias,
Tudo em fragrancias concedia agrados:
Mas ay, que entre taõ doces melodias
Sómente me elevaraõ meus cuidados!

Descripção da Primavera.

SONETO.

JA' de Pomona os campos matizados
Estaõ de lindas flores nobremente,
E parece convidaõ toda a gente
Para ver sua galla os verdes prados.
Já selvas, montes, bosques adornados
De verdores se ostentaõ novamente,
E fazem nos seus ramos docemente,
Os passarinhos cantos alternados.
Já em fim ao romper da amena Aurora,
Alegre o gado espalha na espessura,
E nella se revê huma pastora.
Só eu da magoa mais tyranna, e dura,
Offendido me vejo a toda a hora,
Porque auzente da vossa formozura.

Aos gostos breves do Mundo.

SONETO.

GLoria do amor, q̃ breve q̃ feneces!
Pena do amor, que larga te dilatas!
Que largamente hũ coraçaõ maltratas!
Com quanta brevidade desvaneces!
Gosto fingido no melhor perecces,
Verdadeiro tormento sempre matas;
Se te concedes, logo te recatas,
Se te apoderas, nunca te enterneces.
Pena cruel, que a alma me trãspassas!
Gloria caduca, que taõ pouco aturas!
Quẽ pudéra emmendar tãtas disgraças!
Quem tivera n'hum ser sẽpre as vẽturas!
Es doce de passar, por isso passas;
Es dura de soffrer, por isso duras.

Descripçaõ do Campo.

SONETO.

AMenos campos, tremolos verdores
Dos crystaes desta fonte matizados,
Que agora novamente sois ornados,
De verdes folhas, de fragrantes flores.
Apenas no Orizonte os resplandores
Do luminozo Sol saõ avistados;
Vos illustraõ, e em vós saõ conservados
Até que a noite mostre seus horrores.
Oh quam distincta he minha sorte agora
Desse vosso brilhar, e formozura,
De que vos adornou a roxa Aurora;
Pois se a vossa alegria hoje se apura,
A pena porque meu coraçaõ chora;
A mais cruel tristeza me perdura.

A hum

A hum passaro cantando.

SONETO.

QUe alegre pẽdurado de hũ raminho
Cantãdo em alta voz estás cõtente,
Sem temeres o mal, estando ausente,
Que te espera, ó incauto passarinho!
Acorda pois depressa, que addivinho,
Se tardares hum pouco, descontente
Inda mal chorarás eternamente
O roubo de teus filhos, e o teu ninho.
Faze já de meus males claro espelho,
Pois por viver ausente, e confiado
Perdi tudo o que tinha merecido.
Mas ah, que tarde tomas meu conselho!
Na perda ficarás desenganado,
Já que cantas, ausente, e divertido.

Com pena de morte prohibio Charondas Thurio, que nenhum Atheniense, armado de espada, entrasse em ajuntamento de povo, e cazualmente vindo de huma Quinta com a mesma arma, que trazia, foy visto entre bastante gente, e advertindo-se-lhe a Ley, que estabelecera, por lhe dar execuçaõ, a golpes da propria espada se mata.

SONETO.

MOrre Charondas, porq̃ mais se apura
Em cōservar as Leys, q̃ a propria vida,
Porque sabe que dellas he nascida
Dos Imperios mayores á ventura.
A paz deixar a Athenas só procura
Na morte, que recebe da ferida,
Naõ se mostrá a Republica sentida,
Por elle a regerá na sepultura.
Aos exemplos do Rey ninguem resiste,
E por isso, a pezar do mayor damno,
Este em dá-lo ao seu povo agora insiste.
Podia desculpar-se com o engano
Mas taõ grande justiça nelle existe,
Que do seu corpo o obriga a ser tyranno.

APPLAU-

APPLAUSO
DA
GLORIOSA VICTORIA DAS LINHAS DE ELVAS,

Alcançada em 14 de Janeiro de 1659.

PANEGYRICO
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,

Conde de Cantanhede.

OITAVAS.

POR

ANTONIO DA FONSECA SOARES.

I.

SE, invicto Cõde, a Muza, a voz, o accento
Debil voz, Muza indigna, accento he breve
ára louvar acçoens, cujo ardimento
á nos Annaes da Europa a Fama escreve:
Vós me inspiray aquelle heroico alento,
Que em vós o mũdo admira, a patria deve,
areis que acezas deste ardor na chama
oe a voz, cante a Muza, e grite a Fama.

Oh

Com pena de morte prohibio Charondas Thurio, que nenhum Atheniense, armado de espada, entrasse em ajuntamento de povo, e cazualmente vindo de huma Quinta com a mesma arma, que trazia, foy visto entre bastante gente, e advertindo-se-lhe a Ley, que estabelecera, por lhe dar execuçaõ, a golpes da propria espada se mata.

SONETO.

MOrre Charondas, porq̃ mais se apura
Em cõservar as Leys, q̃ a propria vidà,
Porque sabe que dellas he nascida
Dos Imperios mayores á ventura.
A paz deixar a Athenas só procura
Na morte, que recebe da ferida,
Naõ se mostra a Republica sentida,
Por elle a regerá na sepultura.
Aos exemplos do Rey ninguem resiste,
E por isso, a pezar do mayor damno,
Este em dá-lo ao seu povo agora insiste.
Podia desculpar-se com o engano
Mas taõ grande justiça nelle existe,
Que do seu corpo o obriga a ser tyranno.

APPLAU-

APPLAUSO
DA
GLORIOSA VICTORIA
DAS LINHAS DE ELVAS,
Alcançada em 14 de Janeiro de 1659.

PANEGYRICO
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. ANTONIO LUIZ
DE MENEZES,
Conde de Cantanhede.

OITAVAS.
POR
ANTONIO DA FONSECA SOARES.

I.

SE, invicto Cõde, a Muza, a voz, o accẽto
Debil voz, Muza indigna, accẽto he breve
Para louvar acçoens, cujo ardimento
Já nos Annaes da Europa a Fama escreve:
Vós me inspiray aquelle heroico alento,
Que em vós o mũdo admira, a patria deve,
Fareis que accezas deste ardor na châma
Soe a voz, cante a Muza, e grite a Fama

VIII.

Disto informado o Conde generoso
De Cantanhede, o Conde, que de parte
Pondo o gosto da Corte delicioso,
Para as fadigas se dispõem de Marte:
Naõ soffre, naõ, q̃ o Reyno mais glorioso,
De quem inda veneraõ o Estandarte
Tãtos climas, nações, Reynos, e Imperios,
De Hespanha se sujeite aos vituperios.

IX.

Já lida aquelle espirito invencivel
Nas prevenções, q̃ faz para esta empreza,
E aquella fé no zelo inaccessivel
Arde entre chammas de valor acceza:
Das forças junta logo o que he possivel,
E engrossando a milicia Portugueza
Cõ as levas, que lhe vem do Reyno todo,
De soccorrer a Praça estuda o modo.

X.

Por naõ pôr a fortuna em contingẽcia,
Que tudo arrisca hũa hora, e perde hũ dia,
A gente fez sahir com diligencia,
Bem que o valor ao numero excedia:
As acções, que se estudaõ na experiencia,
De tal sorte o valor substituia,
Que armado o peito desta confiança
Mostrou mayor o acerto, que a esperãça.

Sobre

XI.

Sobre hum rayo quadrupede parece,
Quando se ostenta em breve movimento,
Que o feroz animal se ensoberbece
Do pezo insigne, que lhe infunde alento:
Tanto ao pizar os campos estremece,
Tanto ao correr corrido deixa o vento,
Que o julga a vista com veloz desmayo
Emplumado cometa, ayroso rayo.

XII.

Vendo pois já o Exercito formado,
E estando para a marcha prevenido,
Oh que observancias mostra de soldado!
Oh que eloquencas vérte de entèndido!
Desorte anîma a todos alentado,
Tanto persuade a todos advertido,
Que co'as razões, em q̃ a efficacia sobra,
Tanto o juizo, como as armas, obra.

XIII.

A confiança, que ha de quem governa,
Desorte anima a Lusitana gente,
Que, por ser digna de memoria eterna,
Anhela os riscos com furor ardente:
Hum bravo orgulho, hũa alegria externa
Faz a victoria a todos taõ presente,
Que era das que o destino promettia,
A menor circunstancia profecia.

XIV.

Deo final o clarim com força estranha,
Cujo bellico impulso, e vivo alento
Fazendo estremecer toda a campanha,
Foy salva ao Sol, e adulaçaõ ao vento:
Movem-se as tropas com galharda sanha,
E os esquadroens iguaes no movimento
Ao som tremolaõ de armas, e tambores
Dos Estandartes as diversas cores.

XV.

O Sol, que ou já das nuvens offendido,
Ou já da nossa injuria envergonhado,
Negava ao mundo em sombras escõdido
A luz, que alegra o mõte, anima o prado:
Entaõ de tantos rayos guarnecido
Desvaneceo das nevoas o toucado,
Que coroando a todos de esplendores,
Outros Soes pelas armas fez mayores.

XVI.

Porèm antes que a fulgida carroça
Em montes de crystal se submergisse,
E antes q̃ ao pobre alvergue, á breve cho-
Lavrador, ou pastor se reduzisse: (ça
Mandando á gente já, que se alvoroça,
O Conde fazer alto, e que se visse
O sitio mais capaz de alojamento,
Deo ao trabalho allivio, ao cãpo assento,

Dous

XVII.

Dous curſos tinha o coche luminoſo
Repetido na eclyptica luzente,
E triunfando do horror caliginoſo
Terceira vez brilhava no Oriente:
Quando o Varaõ ſupremo cuidadoſo
Da grande empreza, que ſe vê preſente,
Medindo a fórma, em q̃ ha de executá-la,
Aos Cabos principaes conſulta, e falla.

XVIII.

Reſolvendo em fim todos eſte dia
Quanto o grande Varaõ determinava,
Já do quartel o Exercito ſahia,
Galharda a fórma, a valentia brava:
O coraçaõ no peito naõ cabia
A cada qual, que a todos lhe faltava
Pelas maõs, pelos olhos de tal ſorte,
Que o menor catapulta era da morte.

XIX.

Donde dos Generaes mais defendidas
Linhas, trincheiras, foſſos, eſtacadas
Se vem, e com cuidado guarnecidas
De tantas gentes bravamente armadas:
Manda ſejaõ primeiro accommettidas,
Bem que mais para viſtas, que eſcaladas;
Que o peito a grandes couſas deſtinado
Vay ao riſco mayor mais alentado.

Havia

XX.

Havia de huma nevoa o toldo espesso,
A pezar do desvélo Castelhano,
Com véo escuro, e tenebroso excesso
Coberto o risco, e recatado o damno:
E bem que tinha no discurso impresso
Qual era o fim do intento Lusitano,
Tinha em tardar a crer que era precizo
Mais nevoas, que nos olhos, no juizo.

XXI.

Discorria o Valido, entaõ facundo,
(Que tambem erra ás vezes o inimigo)
Que era exercito breve todo hũ mundo
Para vencer das linhas o perigo:
O fado contra nós via iracundo,
O poder, e a opiniaõ tinha comsigo,
Do terreno a vantajem o ajudava,
E mais que tudo o que de nós cuidava.

XXII.

Mas a pezar do agouro, que este dia
Aos Menezes tégora ameaçava;
Por naõ perder o Conde a bizarria,
Que em todos arde, e ferve, o desprezava:
Se isto de si nos móres transes fia,
Quando a superstiçaõ lho condenava,
E isto em dia de agouro mostra o fado;
Que fará, no seu dia affortunado!

O' Mu-

XXIII.

O' Muza; se algum hora a minha lyra
Mereceo de teu plectro o doce encanto,
Divino alento a meu favor inspira,
Que humana voz naõ basta a dizer tãto:
Assim nunca esse monte, onde respira
O brando som de teu mellifluo canto,
Se veja em lastimosa dissonancia
Profanado da inveja, ou da ignorancia.

XXIV.

Começou da trombeta o som terrivel
A encher o ar de horror, de espãto a ter-
Intimando fatal com furia incrivel (ra,
Medo ao Sol, ira ao vẽto, ao mũdo guer-
Sinal do ultimo dia era infallivel (ra:
A muitos dos que o cãpo agora enterra,
Naõ nos mortos, que entaõ resuscitaraõ,
Porèm nos muitos vivos, que acabaraõ.

XXV.

Logo o grande Varaõ, que á sua espada
Tinha da guerra as artes reduzido,
Manda se désse ás linhas a escalada,
A que o valor se tinha offerecido:
E porque em tudo naõ ficasse nada,
Que naõ vencesse o braço naõ vencido,
Sendo merecedor de eterno templo,
Menos usou do mando, que do exemplo.

XXVI.

Naõ taõ violento o mar tempestuoso,
Quando abysmos, e estrellas ameaça,
Escumando de bravo, e de furioso
A praya investe, as rochas despedaça:
Como o Conde entre os riscos valoroso,
A pezar dos perigos, que rechaça,
Sem se lhe dar do posto, que interrompe,
As linhas quebra, as estacadas rompe.

XXVII.

Para cegar o fosso dilatado
Voa, naõ corre, cada qual ligeiro;
E apenas algum cahe de apressado,
Quando serve de ponte ao companheiro:
Parece que da morte arrebatado
Naõ basta o espirito ser guerreiro;
Pois faz que ao Rey, em taõ confusa sorte
Sirva até c'os cadaveres a morte.

XXVIII.

As cargas da Hespanhola artilheria
Taõ vastas se repetem cento a cento,
Que o ar se atroa, e se esmorece o dia,
Turbaõ-se os Céos, e treme o Firmamẽto.
Pállido o Sol o resplandor enfia,
O mar se esconde em seu profũdo assẽto,
E tudo em fim confusamente triste
Sem luz, sem forma, e sem discurso assiste.

Ven-

XXIX.

Vendo da Praça os Héroes generosos
O valor, e o soccorro dos amigos,
Já naõ socegaõ bravos, e invejosos
De que a hõra lhes ganhem nos perigos:
Bem que em numero breve, valorosos
Accommettem desorte aos inimigos,
Que nas acçoẽs, que a cõpetencia cresce,
Cada qual hum exercito parece.

XXX.

Menos feroz o touro, que estivera
Prezo, quando no curro se dilata,
Com furia brava, e catadura féra
Brama, escarva, accõmette, offẽde, e mata:
Menos embravecido o mar altera,
As penhas ergue, os orbes arrebata,
Vento, que solto das prizoens, que teve,
Ao mar, á terra, ao mesmo Ceo se atreve.

XXXI.

Pelo meyo das armas Castelhanas
Unir se ao nosso Exercito pertendem;
E franquear ás Quinas Lusitanas
Hũa das partes, que do campo emprendẽ:
Naõ bastaõ ao Hespanhol forças huma-
Bem q̃ cõ arte as forças se defendẽ; (nas,
Porque o valor daquelles vencedores
Inda mais he que para acçoens mayores.

XXXII.

O Conde illustre, que os amigos via
De Bellona entre as armas empenhados;
E entrar tambem em cada qual queria
A' honra dos successos arriscados:
Onde a peleja mais se embravecia,
Onde vê já ceder muitos soldados,
Bravo se arroja, e na mayor tormenta
Quãto hũ perde outro ganha, elle sustẽta.

XXXIII.

Todos a seu exemplo aventureiros
Do amor da chara vida se despojaõ,
E expondo-se das bálas aos chuveiros,
Só de naõ verse em tudo o mais se enojaõ:
Nenhum ha, que naõ seja dos primeiros,
Todos ao risco intrepidos se arrojaõ
Com furia tal, que em golfos de escarlata
Este choca, esse fere, aquelle mata.

XXXIV.

Em fim, rotas as linhas do inimigo,
E formado o esquadrão no seu terreno,
Dando ás soberbas tragico castigo
De estrago se enche logo o cãpo ameno:
Está já com temores do perigo
O mayor dos seus Grandes taõ pequeno,
Que se antes lhe era hũ mũdo estreita pra-(ça,
Hum canto já lhe sobra na desgraça.

De

XXXV.

De Marte entaõ co' as iras, e rigores
Foy a batalha taõ cruel, e ardente,
Que parece que os orbes superiores
Chocavaõ pelo mundo iradamente:
Todo o campo entre furias, e clamores
Era da morte huma rapida torrente,
Sendo hum fatal da vida parocismo,
Copia do cáhos, e original do abysmo.

XXXVI.

Granizando os mosquetes, e arcabuzes
Rayos de chumbo entre trovões ardẽtes;
O mesmo fogo das funestas luzes
De farol serve aos animos valentes:
Os leoens Estremenhos, e Andaluzes,
Por mais que entaõ as garras impacientes
Féros esgrimaõ, morrem, bem q̃ ufanos,
Entre os Herculeos braços Lusitanos.

XXXVII.

Entre nuvens de fumo anoitecido
O Ceo se ignora, o mundo se escurece,
Tudo vaga entre as armas confundido,
Tudo em iras, e mortes se enfurece:
Em diluvios de chammas derretido,
Que chega o mundo ao triste fim parece;
Pois sem que baste a tanta furia escudo,
Tudo se offende, e se consome tudo.

No

XXXVIII.

No roxo mar, que o campo representa
Desorte o mais intrepido naufraga,
Que çoçobrado em misera tormenta
A vida perde quando a sede apaga;
Outro desorte as veyas alimenta,
Se exhausto delle em suas ondas vaga,
Que ao mesmo tẽpo, q̃ esta acçaõ lastima,
Quando aquelle se affoga, este se anima.

XXXIX.

O Conde invicto, que a fortuna irada
Vê no vagar, com que a victoria chega,
Montes rompe de ferro com a espada,
De sangue huns rios abre, outros navega;
E qual o segador co' a mão armada
Da curva fouce em Julho espigas sega,
De hum golpe só nas bellicas fadigas
Cabeças corta mais que aquelle espigas.

XL.

As pernas bate ao rapido ginete;
Que impellido da força, que o domina,
Se piza, em quanto intrepido accomette,
Quanto encontra belligero arruina;
Sendo do ar fogoso martinete,
Tanto a vista, e distancias desatina,
Que n'hum só ponto a tudo está presẽte,
Vivo trovaõ, relampago vivente.

Dos

XLI.

Dos cavallos o estrepito furioso,
O retinir das armas repetido,
Dos mortos o espectaculo horroroso,
Os ays do afflicto, as vozes do rendido:
Do estropeado o grito lastimoso,
E em fim dos que agonizaõ o alarido
He tal, que ecco só de tantos males
Magôa as penhas, e atormenta os valles.

XLII.

Mas já de Hesperja as gẽtes, cujo estra-
As nossas tropas sem parar cresciaõ, (go
O campo convertendo em roxo lago,
Apressados das sombras se valiaõ:
Huma infausta ruina, hum triste amago
Nos deformes cadaveres se viaõ,
Causando a vista deste horrendo ensayo
Aos olhos medo, aos coraçoens desmayo.

XLIII.

Em fim, cahio a estatua, que queria
Adoraçaõ no mar, na terra, e vento,
Cahio a torre, que intentado havia
Chegar do Luso ao alto firmamento:
Com pedra negra Hespanha deste dia
Conte a memoria, e chore o sentimento;
Que o Luso, inda q̃ esqueça isto, q̃ acclama,
Em vivos bronzes lho eterniza a fama.

Vol-

XLIV.

Voltando rota em fuga declarada
Toda Hespanha com vozes, e alaridos,
Já deixa a preza, e gente assinalada,
E os mais dos Cabos mortos, e feridos:
Segue a victoria a Portugueza espada,
E os clarins vivamente repetidos
Celebrando do Conde excelso a gloria,
Alegres já lhe cantaõ a victoria.

XLV.

Com pressa logo o Conde, cujo alento
Nenhum repouso ao braço consentia,
Os fortins cerca, e com cuidado attento
Mais, que do bem, da vigilancia fia:
Alludindo de Hespanha o sentimento,
Capuz de sombras arrastava o dia;
Mas logo o Ceo lho rõpe em luzes bellas,
Pondo por luminarias as estrellas.

XLVI.

Mas já da Aurora o rosicler brilhante
De aljofares bordado amanhecia,
E o Sol, deixando o leito de diamante
Rayava os montes, e dourava o dia:
Dos Ceos o que era lugubre semblante
De luzes cheyo, e nácares se via,
E ao brando som, que o vento respirava,
A fonte ria, e o Rouxinol cantava.

Quan-

XLVII.

Quando rendidos os fortins, e entrado
A ſaco todo o campo do inimigo,
Foy o deſpojo mais que imaginado,
Foy mayor a ventura que o perigo: (do
O Conde entaõ (oh grãde Heroe!) proſtra-
Do mũdo ao grãde Author, fóra, e cõſigo
As graças do que ao Ceo dever entende,
Como a Deos dos exercitos lhe rende.

XLVIII.

Se pois ſois a columna deſte Imperio,
(O' *Varaõ grande, ó Conde eſclarecido*)
A quem o Atlante do Monarcha Hiſperio
Se vio proſtrado, e ſe chorou vencido:
Do polo Auſtral ao Artico hemisferio
Seja eſſe nome, eſſe valor ſabido;
E porque mais a todo o mundo eſpante,
A Muza o louve, a meſma Fama o cante.

XLIX.

Porèm ſe empreza he louca e preſumi- (da
Querer louvar acçoens da voſſa eſpada,
A melhor Muza em vozes convertida,
E a meſma Fama em linguas dezatada:
Voe a Muza em ſilencios reduzida;
Cale a Fama ẽtre os paſmos elevada; (gua,
Que onde o mayor dizer o applauſo min-
O ſilẽcio he diſcurſo, o paſmo he lingua.

VIDA

VIDA DE HUM ESTUDANTE POBRE.

OITAVAS.

I.

OS Portuguezes peitos naõ domados
Cante o Corte Real dignos de eſtima,
Os mares ſó por elles navegados,
Celebre Camoens com grande rima:
As magoas, e os amores delicados,
Alcides cante junto ao ſeu Lima,
Moſtre Pereira a quem o naõ ſabia,
O ſangue hoje freſco em Barbaria.

II.

E quem deſta alma tẽ a melhor parte,
A quem todos ſaõ hoje inferiores,
Moſtre no que quizer engenho, e arte,
E ganhe para ſi dignos louvores:
Pinte a ſeu goſto o ſanguinozo Marte,
Ou faça alegres rimas por amores,
Que eu naõ canto amor, nem gentilleza,
Mas chorarey miſerias, e pobreza.

De-

III.

Depois de nascer nú, sendo criado
Em tal miseria, qual me naõ convinha;
Passey da vida o pueril estado,
Em bexigas, serampaõ, sarna, e tinha:
Depois ao juvenil sendo chegado,
E querendo provar a sorte minha,
O Reyno desprezando, sorte, e terra,
O exercicio segui da dura guerra.

IV.

E nelle consumi seis, ou mais annos,
Os melhores de toda minha idade;
Levando as esperanças com enganos,
E louvando da vida a liberdade:
Por esta naõ temia graves damnos,
Nem morte, nem doença, ou adversidade,
Porque por tudo passa sem receyo
Hum livre peito de nobreza cheyo.

V.

Zomba do dito do vilaõ praguento;
E se naõ zomba, da-lhe seu castigo,
Ao misero Fidalgo avarento,
Que tudo funda em seu sangue antigo:
Se de primor carece, ou fundamento
Descobre sem temor de algum perigo,
E cõ temor que a todo o Mundo excede,
Lhe prova vir de Sara o Mafamede.

Aque-

VII

A quenta com illicita ousadia,
O fumo do fantastico escudeiro,
Que tem por honra só na estrevaria,
Hum quasi morto, e misero sindeiro:
E sendo Almotacel por qualquer via,
Provê primeiro o Sastre, e o Çapateiro,
E deixa o pobre, posto que honrado,
Sem vinho, carne, e paõ, e sem pescado.

VII.

O rustico villaõ, que com torpeza
Com o suor do seu sangue se fez nobre,
Naõ aguardando tempo, a villeza
Do pay, mãy, e avô logo descobre;
Estima o primor, e a gentilleza,
O honrado venera, ainda que pobre,
Que naõ se ha de estimar só pela renda,
O que honrado nasceo, e sem fazenda.

VIII.

Traz esta liberdade fuy gastando
Os annos por Provincias muy remotas,
A vida de continuo arriscando,
Por terra em Esquadrões, por mar em Fro(tas:
Comendo hum dia muito, outro jejuando,
Hora despido nú, hora sem botas,
Até que de miserias enfadado
Determiney tomar hum novo estado.

Este

IX.

Este foy tal, qual foy minha ventura,
Pois naõ o tomar nunca fora acerto,
Fora-me melhor na sepultura
Estar de humida terra bem coberto:
Porque huma fome, e mofina pura,
Me tem chegado, e posto em tal aperto,
Que vivẽdo todo homem porque come,
Eu vivo só por só morrer de fome.

X.

He manifesta causa destes damnos,
E de outros muitos males, que padeço,
Ser Estudante, se me naõ engano,
Na terra onde nasci, e ser sem preço:
A culpa he minha, pois de anno em anno,
Ando para fugir, porque conheço;
Mas tem-me taõ atado o soffrimento, (to.
Que hoje soffro hũ nescio, amanhaã cẽ-

XI.

Hum jura que me vio forçar Dózellas,
Outros que me vem roubar Altáres,
Hum meu delicto tem cem mil quérellas,
Todas as noites mato homens a pares:
As publicas matracas dey de Cellas,
D'outros delictos fiz cem mil milhares;
A insignes Prelados virtuosos
Fiz torpes versos baixos, e odiosos.

Qu-

XII.

Outro me tem por nescio impertinẽte
Outro por infame emmascarado;
E juraõ ser muy licito, e decente,
Emmascarar-se hum homem avizado:
Assi que a vida he qualquer agente,
Mas a morte he de fome em hũ honrado;
Naõ ha quem por vedar taõ grãdes males,
Me encha a bolsa vazia de reales.

XIII.

Entaõ o nescio vem, e de enfadado,
Quer ser cortezaõ, e dar preceitos,
E só por Estudante, e bom Letrado,
Fallar por girigonças, e mil geitos:
He para mim hum castigo taõ pezado,
Que me tem bofes, e figados desfeitos,
Assim que a fome pura, e tal madraço,
Me tem a vida posta no espinhaço.

XIV.

Se tivera este tal seu aposento,
Qual tenho o meu sem baço, e sẽ cadeira,
E sem dormir passara o meu tormento,
Pois me serve de cama huma esteira:
Se como a mim, lhe faltara o mantimẽto,
E comera, como eu, sempre lazeira,
Houvera de fazer mil dezatinos,
Corrido a cada passo dos meninos.

Mas

XV.

Mas eu com tudo isto ando pairando,
E he-me por demais, que quando entro,
Na pobre caza, entro suspirando,
Por naõ ter que comer da porta adentro:
Entaõ com grãde angustia ando buscãdo
Da engelhada bolsa o duro centro,
Se topo algum vintem com alvoroço,
Nas maõs o meto do faminto moço.

XVI.

O qual com huma pressa naõ usada
Me traz quatro de paõ pelo costume,
Seis de ovos com mais huma sellada,
E hum dos ovos foy-se pelo lume:
Contempla, alma devota; em tal jornada,
O que se descobre, ou ainda prezume,
Que fará com tanto paõ, e ovo e meyo,
Hum grande ventre de agoa fria cheyo.

XVII.

Outras vezes tambem com brevidade,
(Quem della amigo for aprenda;)
Vay o moço com graõ facilidade,
Entra muy prestes na primeira venda:
E diz á Taberneira, á puridade,
Que nenhum dos circunstantes o entenda,
Dez de carne me day, Senhora minha,
E lhe enche a tigella de enzinha,

No

XVIII.

No mesmo instante, com alegre rosto,
A carne me aprezenta mal cozida;
Tomo-lhe a salva, e com pouco gosto,
Acho-a salgada, ou enchabida:
Mas como sou de boca bem disposto,
E naõ tenho para que poupar a vida,
De carne como cinco, e da tigella,
A agoa xilra sorvo, que vem nella.

XIX.

Se hũ amigo me convida, he escuzado
A fabrica, ou gasto em que se mete,
Porque huma sua breve consoada,
He para mim explendido banquete:
A vida trago sempre regulada,
Pelo pouco que a fortuna me promette,
Assim naõ faço caso da comida, (vida.
Porque fome, q̃ a outros mata, a mim dá

XX.

Assim já de comer desesperado,
Por outra via caminhar procuro,
Astrologo serey muy consumado,
E o fio romperey do fado duro:
Os olhos porey sempre no estrellado
Crystallino Ceo, que he limpo, e puro,
Eu medirey do Sol curso, e caminho,
Pois naõ posso medir nem paõ, nẽ vinho.

A vi-

XXI.

A vida passarey contando estrellas,
Por naõ ouvir de mim mil falsidades;
Satisfarey a fome só com vellas,
E com gozar de suas claridades:
E quem me vir tratar tanto com ellas,
Dirá, em que lhe pez, do Ceo verdades,
E se algum por si entaõ foy distrahido,
A causa naõ serey de ser perdido.

XXII.

Naõ me daraõ entaõ por culpa, e erro,
Aquillo que naõ foy, nem será dado
A minha pouca dita, tal desterro,
Qual lhe quizeraõ dar, mas he forçado:
Se houver de morrer a sangue, e ferro
Deixem-me antes morrer de lazerado,
E naõ póde a morte dar-me mór tormẽto,
Que tomar a fome só por instrumento.

XXIII.

E quando disto naõ se contentarem,
E quizerem que morra por mofino,
A traça lhe darey para acabarem
De cumprir c'o seu desejo, e dezatino:
A vez primeira que muy bem fartarem
Este meu ventre de comida indigno,
Desta presente vida logo parto, (to.
Porque eu naõ posso morrer senaõ de far-

VARIOS SONETOS DE SOROR VIOLANTE DO CEO,

Religiosa no Convento da Rosa de Lisbôa.

A LA SEÑORA CONDEÇA DA VIDIGUEIRA

Vestida de pardo por la auzencia del Conde.

SONETO.

OStenta la mayor soberania (sa,
En la misma humildad, Nise la hermo-
Quedando por bizarra victoriosa,
Sin dever a las galas bizarria.
Por nò causar su Sol tanta alegria,
Quando de una tristeza está quexosa,
Pardas nubes admite rigurosa,
Y en pardas nubes luze mas su dia.
O' tu, que por quedar en todo rara,
Opuestos admitiste en lo divino,
Bien tu ingenio tu intencion declara:
Pues muestra de tu Sol lo peregrino
En nube tan escura luz tan clara,
En traje tan grossero amor tan fino.

A DO-

A DONA MARIANNA DE LUNA.

SONETO.

MUzas, que no jardim do Rey do dia
Soltãdo a doce voz, prendeis o vento:
Deidades, que admirando o pensamẽto
As flores augmentais, que Apollo cria:
Deixay, deixay do Sol a companhia,
Que fazendo invejoso o Firmamento
Hũa Lua, que he Sol, e que he portẽto,
Hum jardim vos fabrica de harmonia.
E porque naõ cuideis que tal ventura
Póde pagar tributo á variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura:
Sabey que, por mercê da divindade,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro immortal da eternidade.

A LA MUERTE DE LA SEÑORA DUQUEZA DE AVERO.

SONETO.

AQui yaze ſin luz el Sol de Avero,
Muerta ſu claridad, ſu dia obſcuro,
Que pudo de la Parca el rigor duro
Dexar ſin explendor tan gran luzero.
Tú, que mirando eſtás, ó paſſagero,
En la preſente pira el mal futuro,
Sabe, que en un valor tan ſanto, y puro
Principio fue del bien el mal poſtrero.
Juliana muriò, mas de tal ſuerte
Siguio de la virtud el miſmo paſſo,
Que vive, porq̃ es muerta, eternamẽte.
Nó te deſmayes pues, que en eſta muerte
Si fue para tal Sol el Mundo ocaſo,
Tambien es de tal Sol el Cielo oriente.

A LA SEÑORA
CONDE C, A DE PENAGUIAN.

SONETO.

SI como admiro en vós, lo que en vos (miro,
Explicara de mi lo que en mi siento,
No hallara en el abono detrimẽto (ro.
Lo que en mi siento, y lo q̃ en vòs admi-
Mas ay! que a tanto bien en vano aſpiro,
O' rara ſuſpenſion del penſamiento:
Explique admiracion, y ſentimiento
El exceſſo feliz, con que deliro.
Que quien en tal objeto contemplando
Como en immẽſo mar ſe và perdiendo,
Callando ſignifica, acierta errando:
Pues admirando, al paſſo que ſintiendo,
Si offende la cordura delirando,
Acredita el ingenio conociendo.

A UNA

A UNA AMIGA.

SONETO.

BElisa, el amiſtad es un teſoro
Tan digno de eſtimarſe eternamente,
Que a ſu valor no es paga ſufficiente
De Arabia, y Potosî la plata, y oro.
Es la amiſtad un licito decoro, (te;
Que ſe guarda en lo auſẽte, y lo preſẽ-
Y con que de un amigo el otro ſiente
La triſteza, el pezar, la riſa, el lloro.
No ſe llama amiſtad la que es violenta,
Sinò la que es conforme ſimpatia,
De quien lealtad haſta la muerte oſten-
Eſta la amiſtad es, que hallar queria (ta.
Eſta, la que entrẽ amigas ſe ſuſtenta,
Y eſta, Beliſa, en fin la amiſtade mia.

A EL-

A ELREY
D. JOAÕ IV.
SONETO.

QUe logras Portugal? Hum Rey perfeito.
Quem o constituîo? Sacra piedade.
Que alcançaste com elle? A liberdade.
Que liberdade tens? Ser-lhe sujeito.
Que tens na sujeiçaõ? Honra, e proveito.
Que he o novo Rey? Quasi deidade.
Que ostenta nas acçoens? Felicidade.
E que tem de feliz? Ser por Deos feito.
Que eras antes delle? Hum labyrinto.
Que te julgas agora? Hum firmamento.
Temes alguẽ? Naõ temo a mesma Parca.
Sentes algũa pena? Huma só sinto.
Qual he? Naõ ser hũ mũdo, ou naõ ser cento,
Para ser mais capaz de tal Monarcha.

AO MESMO SENHOR

D. JOAÕ IV.

SONETO.

HUm ſó pezar, Senhor, ſente a vontade
Neſte exceſſo da gloria Portugueza,
E he naõ poder comvoſco huma fineza
Deixar de parecer commodidade.
Quem ſe vós rende, alcança liberdade;
Quem vos adora, oſtenta ſubtileza;
Servir-vos muito he denotar grãdeza;
Morrer por vós buſcar eternidade.
Tudo finezas ſaõ, mas de tal modo
Commodidades ſó parecem, quantas
Finezas ha, na paga que dais nellas:
E aſſim de todas o remedio todo
He fazermos por vós finezas tantas,
Que talvez o pareça alguma dellas.

A'O DOUTOR DUARTE MADEIRA ARRAES.

SONETO.

O'Tu, q̃ opposto sempre á dura Parca
Conservas em teu ser o ser humano,
Pois por ser Esculapio soberano,
Menos respeito teu a morte abarca.
Tù, que Arraes deves ser da vital barca,
Que navega no mar do mal tyranno,
Novo Galeno, Apollo Lusitano,
Medico em fim do Portuguez Monar-
Logra de singular a feliz sorte, (cha:
Tanto a pezar da intrepida homicida,
Que sejas do mais douto immortal
Norte.
Pois victoria será bem merecida,
Que quẽ oppor se sabe á mesma morte,
Saiba dar a seu nome immortal vida.

CAN-

CANTO
EPICO, E ENCOMIASTICO.

Em que se descrevem Soberanias, Altivezas, e Suavidades da Voz, Discriçaõ, e Formozura da Senhora

D. FLORENCIA,

Religioza em certo Mosteyro.

OITAVAS.

I.

NAõ cãto as armas, cãto a gentileza
Do rosto mais gentil de huma clausura;
Porèm se canto os dotes da belleza,
Canto as armas tambem da formozura:
As armas saõ de amor pela fereza,
E de Venus os dotes por brandura;
Pois quando por formoza mais se exalta,
Com as armas de amor Florencia mata.

II.

Tambem canto a nobreza mais seleta,
Daquella discriçaõ mais decoroza;
Pois quando a formozura he taõ discreta
Naõ deixa a discriçaõ de ser formoza:
Em Florencia deixou a sorte affeta,
Dous contrarios uzar uniaõ gostoza,
Querendo nella, só por novidade,
Unir a discriçaõ com a beldade.

Tam-

III.

Tambem canto da voz o sonorozo
Attractivo do peito mais distante,
Por cujo estylo vive venturozo,
Quem só por escutá-lo morre amante:
Tres dotes cãto, e qual mais portentozo,
Ou tres graças, e qual mais similhante,
Pois canto em cantar tal soberania,
Belleza, Discriçaõ, e Melodia.

IV.

Naõ rogo q̃ me inspire a sacra chãma,
Que diffunde na mente discursiva,
Aquella, a quem ficou a laurea rama,
Por despojo da bella fugitiva:
Naõ quero que me assista mais que a fama
Ao pintar de belleza taõ altiva,
Pois só pode inspirar a meu contento
Quem repete huma voz por bocas cẽto.

V.

Bella fama te louve taõ somente,
Mas de ouvir teus assombros taõ amante,
Que nego ter alguem quando presente,
O poder, que tu tens quando distante:
Vem ferir-me no peito reverente,
Aquelle ecco da fama penetrante,
E quando meu amor por fé te pinta,
A fama da-me a penna, o peito a tinta.

Já

VI.

Já naõ falta senaõ capacidade
No meu debil furor, fragil talento,
Mas póde a fortaleza da vontade
As trevas desterrar do entendimento:
Naõ me falta da tua gravidade
Memoria, que por fé te represento;
Porque devem tres graças infinitas
Com tres potẽcias d'alma ser descriptas.

VII.

Cuidou a providencia de ocultar-te,
E depois na clausura de esquecer-te,
Somente por culpada naõ achar-te
Nos estragos de quem chegasse a ver-te:
Porèm como naõ soube despojar-te
Daquella gentil cauza de querer-te,
Effeito do que intenta naõ rezulta,
Que o gentil nem se esquece, nẽ se occul-(ta.

VIII.

He causa de querer-te, a formozura,
Que mostra no Divino o permanente;
E se a causa he Divina, e sempre dura
O effeito deve ser sempre existente:
Por isso naõ te impede essa clausura
Tantas vidas tirar taõ gravemente
Pois sẽpre foy com graça, e cõ primores
Costume do gentil, matar de amores.

Tam-

IX.

Tambem as tuas vozes,quãdo ouvidas,
Podem, quanto de amor as armas fortes ;
Que se as settas de amor acabaõ vidas,
As tuas consonancias causaõ mortes :
E pela similhança das feridas
Equivócas na gloria os doces córtes,
Parece que por doces, e discretas
As vozes saõ de amor, tuas as settas.

X.

Mas já vejo, Florencia, que preferem
A's settas de Cupido as tuas vozes ;
Porque como os teus eccos almas ferem,
Ostentaõ mais poder por mais velozes :
As settas com menór poder deferem,
Pois estas só nos peitos saõ ferozes,
E parece que he menos tirar vidas,
Que fazer nos espritos as feridas.

XI.

Na tua suavidade, e na belleza
Ha da gloria celeste similhança,
Pois como he Ceo a tua gentileza
A tua voz he bemaventurança :
Aquelles teus requebros por terneza
Te fazem perduravel na lembrança,
E naõ devem deixar de ser lembrados,
Fazendo a todos bemaventurádos.

Pela

XII.
Pela voz, pela graça, e pelo agrado,
Que em ti vejo,em ti acho,e em ti contẽ-
Só teu composto bello tem ornado, (plo,
Com despojos de amor o Sacro Templo:
Tem Cupido o seu arco pendurado,
Porque, como tu segues seu exemplo,
Bastaõ só teus agrados, e ternuras,
Para ter as victorias mais seguras.
XIII.
Oh que forte poder Florencia amada,
Nas tuas doces vozes se imagina!
Pois he com duas almas animada
Cada voz, que repetes peregrina:
He alma a discriçaõ por elevada,
He alma a consonancia por Divina:
E quem póde, por mais que seja isento,
Negar ás vozes d'alma o rendimento!
XIV.
Até o Amor de amor por ti perdido,
A' vista dessa luz,em que me emprego,
Perdendo o ser de lynce fementido,
Só por ver-te ficou de todo cego:
E eu sem ver-te da mesma luz ferido,
A' força dos reflexos naõ me nego,
Nem podia negar-me aos resplandores
De quem o mesmo Amor cega de amores.
Po-

XV.

Porèm cegar o Amor por ti de amante,
Muito bem pode sêr, pois em ti mora;
Mas hum peito Florencia taõ distante,
Como assim de teus olhos se namora!
Confesso que me deixa vacillante
O effeito de huma causa, que se ignora;
Mas bem se mostra a causa da porfia,
Adonde naõ se esconde a sympatîa.

XVI.

Mas ay, que dous ultrajes vou fazẽdo,
No affecto, e no louvor, que te vou dãdo!
Ultrajo o teu decoro em te ir querendo,
Ultrajo o teu primor em te ir louvando:
No louvor, por ser teu, vou-te offendẽdo,
No affecto, por ser meu, vou te aggravãdo
Pois aggravaõ sujeitos superiores,
Por humildes, affectos, e louvores.

XVII.

Porèm quando em mim vês tãta humil-(dade,
Naõ trates por indigno o que he decente;
Pois todo o sacrificio da vontade
Humilde pode ser, mas reverente:
Inclina por hum pouco a Divindade,
Se he que o teu genio altivo to consente,
E verás se parece horror muy fero,
Desprezar por humilde o que he sincéro.

Oh

XVIII.

Oh naõ te esqueças, naõ, bella Florẽcia,
Da fé, que te consagro na distancia!
Mas ay, que, tendo tu muita excellencia,
Parece que naõ tens muita constancia!
A belleza he tyranna por essencia;
E como tens a mesma circunstancia,
Vais fazendo tyrannos desperdicios
De tantos amorozos sacrificios.

XIX.

Para a fé, que minha alma te segura,
Naõ importa que sejas rigoroza;
Que para ser constante, viva, e pura,
Só lhe basta que sejas taõ formoza:
Mas ainda para amar por conjectura
A tua faculdade lhe he forçoza;
Pois sem dares o teu consentimento
Naõ te quero aggravar por pensamento.

XX.

Mas ay, q̃ o fero amor com finas traças
Me foy fazer errar os meus projectos!
Pois entrey decantando as tuas graças,
E fuy por fim chorãdo os meus affectos:
Porèm como os discursos embaraças
Com dotes superiores, e selectos,
He força que quem chega a decantar-te
Naõ acabe o seu canto sem amar-te.

JORNADAS
DE
JERONYMO BAHIA.

DEDICATORIA.

MEu D. Francisco de Sousa,
Que por linguas taõ diversas
Sois homem de muitas partes,
Nascendo só n'huma terra:
Vós, cujas armas publicaõ
De crescentes Luas feitas;
Que sois Fidalgo nas Luas,
Que ainda he mais, que nas Estrellas:
Vós, Cesar novo in utroque,
Digo na espada, e na penna,
Em quem he lustre, e naõ mancha,
O ter folha, e saber letra:
Vós, que no jogo da espada
Tendes a dextra taõ déstra,
Que quem vos mantém o jogo,
Sempre de piques se queixa:

Vós, que ao ginete mais bravo
Sem esporas, e sem rédeas,
Quando naõ he todo trigo,
O meteis n'huma joeira:
Vós, a quem fez Capitaõ
A Musal Corte novena,
Que por versos de Bengala
Vos dá posto da gineta:
Vós, (mas basta tanto vós)
Que a minha Muza burlesca
Temo, que della se diga
Que naõ canta, mas vozea.
Passo pois avante, e digo
Que a mim me deo na veneta
(Que a minha vea por pobre
He mais veneta, que vea)
Escrever-vos muy de burlas
O que senti muy de veras:
Ouvi pois minhas jornadas,
E vereis minhas tragedias.
Ouvi, Francisco elegante,
Que cedo Muza mais tersa,
Revestindo meus affectos,
Celebrará vossas prendas.

JOR-

JORNADA I.
DE LISBOA PARA COIMBRA.

ROMANCE.

O Senhor da Esféra quarta
Mais armado, que o da quinta,
Pois sempre traz a pessoa
Dentro n'hum sino metida,
Ouro brilhante pezava,
Que foy nascido nas Indias,
Ouro fino para Daphne,
Bem que Daphne lhe pôs liga.
Naõ puro para jacintho,
Pois dizem prender queria
Em seu ouro amartellado
Jacintho por pedra fina.
Porèm façamos já ponto,
Que naõ quero que se diga
Vay minha Muza com pezo,
Mas que naõ vay com medida.
Pezava todo o seu ouro
A deidade sobredita,

E por final, que pezava
Todo o feu ouro huma libra.
Quando (naõ ouvida mágoa!)
Partí (naõ dita, desdita!)
De Olyſſea, ay Olyſſea!
Para Coimbra, ay Coimbra!
As meninas dos meus olhos
Choravaõ como meninas
Pedaços d'alma, que entaõ
De cantaro parecia.
Perlas netas naõ choravaõ,
Que, como ſaõ taõ tenrinhas,
Inda naõ tem perlas netas,
Apenas tem perlas filhas.
Dava-me a agoa pela barba,
E creyo ſe affogaria
O meu rosto, ſe o meu rosto
Naõ nadára com bexigas.
Mas ah ſim, que o dia, e hora
Da jornada me eſquecia,
Porque ſobre ingenium tardum
Sou tambem memoria infirma.
De outro dia me parece
Que foy aquella hora eſquiva,
Pois foy a hora de terça,
Sendo da ſegunda o dia.

Se

Se quereis ver meu alforje ,
Ouvi minha Poesia ,
Que se naõ dais audiencia ,
Mal vos poderey dar vista.
Tres aves , que n'hum só valle
Fiz eu despachar da vida ,
Matey ; mas naõ foy façanha ,
Porque em fim eraõ gallinhas.
Mais hum , que qual verso culto
Dente de coelho tinha ,
Animalejo taõ rico ,
Que tem em casa huma mina.
O Graõ Diogo Ferrás ,
A quem Castella inimiga,
Mais que bravo no appellido,
Vio bravo na valentia,
Seis queijos para meus queixos
Me deo com graõ fidalguia ,
E foraõ para a memoria
Naõ achaque , mas mésinha.
Os doces vos naõ descrevo ,
Pois bem vedes que convinha
Levar alforjes de doce
Hum engenho da Bahia.
Só caminhey duas legoas ,
E porque rifoens desminta ,

De vir mal acompanhado
O vir taõ ſó me naõ livra.
Na Boca de Sacavem
Encontrey linguas malditas,
Que mais que a Boca de larga,
Tinhaõ ellas de compridas.
Rico fora o meu barqueiro
Mais que Creſſo, mais que Midas,
Se recolhera de juros
O que de juras dizia.
Reynava no mar hum vento
Daquelles, que Camoens pinta,
Taõ valente, que de hum ſopro
A mil vélas mataria.
Para reparar ſeus golpes
Puz huma gorra de friza;
Mas elle ſe fez taõ facil,
Que de gorra ſe metia.
Tomey terra, achey pouſada;
Chamey, reſpondeo Maria:
Poz-ſe a meza, e ſobre a meza
Paõ de ſegunda, e de prima.
Agora, Apollinho, agora
Manday, meu louro, que aſſiſta
A Poeta comedor
Huma Muza comeſinha.

Comi

Comi dous Santantoninhos
Com huma fome excessiva;
E ser entaõ papa Santos
Naõ foy certo hypocrisia.
Despachey o paõ primeiro,
E o outro, que se seguia;
Naõ estava todo trigo,
Vendo fome taõ canina.
Pedi mais peixe, mais peixe
Pôs rebolindo a mocinha
Pescada partida em postas,
E pela posta comida.
Cuidareis, lendo meus versos,
Que jantey com alegria?
Ah, que levey muitos tragos
Por certas razoens, que tinha!
Acabo pois de jantar,
Nesta rima, e nesta rima
Basta dizer a Deos graças;
Sem que aos homens graças diga.
Calvaguey n'hum macho negro,
Que já ser branco podia,
Posto que está nos seus treze:
Bella idade para Ninfa!
Caminhey de espora, e botas,
E sempre o moço dizia

Nas tabernas : Lança , lança ;
Nas estradas : Pica , pica.
Tambem fuy só nesta tarde
Sem encontrar alma viva ,
Mariano do dezerto ,
Naõ Padre da Companhia,
Dey co' meu corpo na Alhandra ,
Estalagem bem provîda ,
Já quando a boca da noite
Beijava o rabo do dia.
Naõ me estranheis este verso ,
Pois com razaõ conhecida
A taes beiços taes alfaces
Applicou minha Thalia.
Perguntey : Ha que comer ?
Respondeo-se : Ha azevías :
E temí , porque naõ saõ
A negros muito propicias.
Com tudo doze comi ,
E dando-mas muy bem fritas ,
Me admirey de vir taõ quente
Peixe , que taõ fresco vinha.
Eraõ valentes as doze
A's doze mil maravilhas ,
Mas eu as deixey taõ fracas ,
1e foraõ postas na espinha.

N'huma

N'huma caixa de perada
Bem temperada, e bem fina
Já tocava a recolher,
Porque marchar naõ podia:
Quando vossas saudades,
E logo lagrimas minhas
Deixaraõ qual peixe na agoa
O peixe, que em mim se via.
Da cea me levantey,
E porque o somno cahia,
Presto caminhey da Cea,
Com ser taõ longe, a Caminha.
Fim da Jornada: Laus Deo,
E quem me naõ der hum viva,
Morra de morte macaca
Sem huma vela bugia.

JORNADA II.

ROMANCE.

A Bella mãy de Memnon,
Memnon monstruozo parto,
Porque, sendo a mãy taõ alva,
Foy o filho taõ mulato;

Como

Como bella bellicosa,
Armada de ponto em branco
Campava com sua estrella,
E capeava os mais astros:
Quando, amicissimo Sousa,
De huma cama me levanto,
Que foy, por fria, de vento,
Que foy, por dura, de campo.
Puz-me a cavallo, mas minto,
Naõ me puz senaõ em macho,
Taõ matador, que estivera
N'hum potro mais descançado.
De singular presumido
Deixa o caminho trilhado,
Naõ anda a rasto da besta,
Sendo besta, que anda a rasto.
Esgrimidor fez o golpe
Onde naõ fez o ameaço,
Pois, por matar-me a revezes,
Sempre me buscava atalhos.
Eu lhe grito: Porque foges,
Dize, besta do diabo?
Naõ de diabo ligeiro,
Mas de algum diabo tardo.
Dando hum sonorozo orneyo,
intimidou o lacayo,

Me

Me respondeo muy humilde,
Que nunca foy desbocado.
Escutay, que he muy subtil,
E vereis, Francisco amado,
Em versos muy pouco femeos
Conceitos, mas muito machos.
Nada comi na estalagem,
Como quer pois, Senhor amo,
Que tenha pés de repente
Quem naõ tem pés de pensado?
Fujo a estrada por fugir
Hum atoleiro nefando,
Porque sendo taõ agudo,
Naõ he bem fique atolado.
De que lhe serve apertar-me
Essas estrellas nos lados,
Se as vejo mais de faminto,
Do que as sinto de picado?
Ha quasi dezeseis horas
Que me tem feito mil quartos
Seus piques, porque seus piques
Só saõ de saca bocado.
De mais, que já sou muy velho,
E qual se fora novato,
Ha seis dias me meteraõ
Mil encravaçoens nos cascos.

Quer que caminhe com fome,
Como caminho com pasto?
Sou eu *Gemi*, para ser
Hum mesmo em diversos casos?
Quem disse barriga farta
Pé dormente, he hum madraço,
Pois eu tenho o pé dormente
Em naõ tendo o ventre farto.
Nem agoa me sabem dar,
E com effeitos contrarios,
Quando venho mais sedento,
Entaõ venho mais agoado.
Morto me creyo, meu Padre,
Se pois estima os adagios,
Depois do seu asno morto
Lance-lhe cevada ao rabo.
Seja liberal commigo,
Que, bem que conto mil annos,
Hum Bucefalo serey,
Se for commigo Alexandro.
Como posso caminhar
Por hum caminho empedrado,
Se está calçado muy bem,
Quando me acolhe descalço?
Se vou por hum prado ameno
De mil flores matizado,

Pizo

Pizo lirios, pizo rosas,
Porèm nunca pizo cravos.
  A penuria me tem feito
Poeta de pé quebrado,
As chagas me fazem Cancer,
Entaõ como Cancer fallo.
  Porèm já naõ fallo mais,
Porque temo ser notado,
Que quem vive taõ estreito,
Naõ he bem falle taõ largo.
  Mas vá de vagar, que eu espero,
Bem que seja censurado,
Que só por naõ ver-me em pressas
Escolho ver-me em trabalhos.
  Tanto os vagares estimo,
Tanto com pressas me canso,
Que fugi de ser vendido,
Só por naõ ser apressado.
  Contar-lhe quero hum segredo,
Mas tanto que for contado,
Mande-me tapar a boca
Com todos os de cavallo.
  Aquellas meyas Inglezas
Para o Miranda admirando,
Que he cunhado de seu tio,
Mas naõ val mais por cunhado;

Per

Per si só tem tanto preço,
Tem per si só valor tanto;
Que bem que naõ he bizonho,
Nunca poderá ser pago.
Essas meyas pois lhe ficaõ
Na maõ do vendeiro Caco,
Que só mear lhe faltava,
Para ser de todo gato.
Acabou sem dizer *Dixi*
O machinho de cansado,
Muy sobrado de razoens,
Porèm de raçoens muy falto.
As minhas meyas, infame,
Disse entaõ para o lacayo,
He bem que em venda me fiquem
Depois de te-las comprado?
Tornemos atraz por ellas,
Me disse, mas eu bizarro,
Esso no es de Cavalleros
Lhe respondo em Castelhano.
Torna tu só para Turco,
E dize a esse borracho,
Que se te der o perdido,
Que tu lhe darás o achado.
Dize-lhe que sou sobrinho
De hum Lente de Prima raro,

Ha muitos annos Marçal,
Ha poucos mezes Casado.
  Dize-lhe mais que he meu tio
Desembargador de Aggravos,
Que se pōem embargo ás meyas,
Que tem certo o desembargo.
  Ameaça-o com algozes,
De que o Reyno está muy farto,
Pois he cousa, que já Deos
Os dá por esses Carrascos.
  Quando nada disto baste,
Chama o Juiz espadano,
Que to prenda; e pois tem meyas,
Tenha ligas o velhaco.
  Dize-lhe que será sempre
Em meus cultos Sonetaços
Naõ espadano Juiz,
Porèm sim Juiz louvado.
  Dize-lhe: Mas isto basta,
Vay correndo, vay voando,
Que te terey por bom servo,
Se correres como hum gamo.
  Partio de carreira o moço,
Eu me fiquey esperando
As meyas sobre a carreira,
Porèm naõ sem sobresalto.

Em

Em Villa-Nova efperey
Defte dia blasfemando,
Mas naõ levarey mordaça,
Que naõ era o dia ſanto.
Oh terça feira, lhe diſſe,
Oh dia ſempre aziago
A Bahias pelas meyas,
A Menezes por çapatos!
Oh, que bem que foſte a Marte,
Sem ſer livro, dedicado,
Dia mais crú que D. Pedro,
Mais que D. Affonſo bravo.
De aço ſe veſte o teu Deos,
De valente rebentando,
Porèm, mais do que nas guerras,
Nos amores gaſta o aço.
Vay-o perguntar a Febo,
Vay-o ſaber de Vulcano,
Que eu naõ quero referir
Succeſſo taõ enredado.
Demais, que fabulas digo,
Se to diſſe mentecapto,
Naõ deves ſer fabuliſta,
Porque tens pouco de humano.
Diſtava igualmente o Sol
Do Oriente, que do Occaſo,

O Sol badalo luzido
De tantos Signos dourados.
Mas o relogio das tripas
Apontava as tres, ou quatro,
Que como estava muy leve,
Corria muy apressado.
Quando pedi de jantar,
Deraõ-me coelho assado,
Que já foy lançado acima,
Que já foy lançado abaixo.
Deo-mo o famozo Pereira;
E posto que neste caso
Hum só coelho me dá,
He senhor de muitos dados.
Chegou mais huma gallinha
Das tres que tenho contado,
E tive paõ como terra,
E vinho como bagaço.
Jantey, fiz da casa cama,
E travesseiro do manto,
Deitey-me falto de gosto,
Porèm de capa sobrado.
Dormi, e acordey mil vezes,
Nas meyas imaginando
Que me tomaraõ de meyas
O desvélo, e o descanso.

Chegou o lacayo em fim,
Odre vivo, e novo Baco,
De meyas muy mal provido;
De botas muy recheado.
A poder de puro tinto
Deixou as meyas em branco
Naõ trouxe o magano meyas,
Mas trouxe gataõ o magano.
Trazes as meyas? lhe disse;
E respondeo muy borracho
Meyas sim; porèm canadas,
Que quanto Inglezas naõ trago.
Das meyas me fez meadas,
E fallou taes embaraços,
Que buscando humas Inglezas,
Com mil ingrezias o acho.
Pergunteу-lhe se comera?
Disse que naõ amuado:
Dey-lhe entaõ huma gallinha,
Bem que merecia hum gallo.
Parto em fim de Villa-Nova,
Em fim na Azambuja páro,
Onde fiz este Romance
Muy miseravel, muy largo.
Foy feito á dourada luz
De hum candieiro estanhado:

Se

Se tem graça, o candieiro
Me emprestou o garavato.
Ceey, sem limaõ, nem lima,
Outr'a franga como hum pato,
Foy mal limado o comer,
Qual o verso mal limado.
Dous contrarios n'hum sujeito
Acho no licor do cacho,
Pois tendo espirito pouco,
Era naõ pouco arrobado.
O somno, ladraõ da vida,
He ladraõ tambem do fato,
Porque nos deixa em camiza
Mais cruel, quanto mais brando,
Neste ponto me rendeo
O meu plectro, Sousa claro:
Foy facil ficar dormindo
Quem nunca foy acordado.

JORNADA III.

ROMANCE.

Rompia esquadroens de Estrellas
Na celestial campanha
Dando com balas de argento
Huma bella rociada.

Bem que saõ todas huns rayos,
De tal sorte as despachava,
Que so ficou huma Estrella
Para contar da batalha.
Companhias de volantes
Deixaõ de estar emboscadas,
Vendo palma taõ luzida,
Vendo victoria taõ clara.
Todos ornados de plumas,
E todos postos em ala,
Quando triunfa no Ceo,
Na terra lhe fazem salva
Perguntareis quem triunfa?
Digo que bem se declara,
Deixando a pessoa em branco,
Que a tal pessoa era a Alva.
Era do pobre Thiton
A bella mal maridada,
Pobre lhe chamey; mal disse,
Que Thiton tem muita branca.
Era a Deidade, que brinca
O Ceo de mil cores varias,
Mas bem que em brincos começa,
Em chorinhos sempre acaba.
Era: porèm basta de Eras,
Que se lhe dou eras tantas,

Ficará terrivel dona,
Naõ ficará bella dama.
O que quero que isto monte,
He que no Ceo se mostrava,
Se naõ taõ batalhadora,
Pelo menos assomada.
Quando muito dorminhoco
Sahi da dita pousada,
Porque he quarto da modorra
Para mim o quarto da Alva,
Fuy caminhando, e dormindo;
Porèm a poucas passadas,
Com naõ ser pessoa illustre,
Me vi pessoa estirada.
Cama me buscou o macho,
Quando vio modorra tanta,
E foy custosa, pois nella
Me vi coberto de lama.
Em fim dormindo cahi,
Mas dey a queda taõ branda,
Que depois de estar cahido,
Cuidey que fora sonhada.
Da roupa me naõ passou,
Meu Senhor, esta desgraça;
Porèm encher-se de barro
Naõ foy barro para a capa,

Quan-

Quando aqui cayo, o lacayo
Qual onça ligeiro salta;
Por onças me serve o moço,
Mas por arrobas me enfada.
Porèm baste já de quedas,
Porque suspeito vos canço
Ver de Author taõ bem cahido
Taõ mal cahidas palavras.
Cuido vaõ pastas de lodo,
Quaes do vestido as botava;
Mas naõ me culpeis que em quedas
Muito chamente se falla.
Almoçar fuy ao Cartaxo
N'huma venda desastrada,
Muito limpa de cosinha,
E muito çuja de fala.
Apresentou-me a vendeira
Cruel bacalháo de pasta:
Oh quem lhe pagára em solho
O que em bacalháo me dava!
Bem que tinha muito sal,
Eu lhe achey taõ pouca graça,
Que me indigney, mas em fim
Naõ me passou da garganta.
Deixey ao lacayo o peixe,
E puz-me eu a ler as chanças;

Que

Que campaõ por bem dispostas
Com nome de Canceradas,
De Dom Jeronymo Cancer
As obras li celebradas,
E me dey a comer livros,
Quando o moço a comer pastas.
Logo nas primeiras folhas
Vi em decimas delgadas,
Que teve seu nome a fome,
Como tem seu nome a fama,
Com fome li, mas com gosto,
Porque em fim me consolava
Nesta miseria presente
Con la miseria passada.
Daqui fuy a Santarem,
De Portugal terra Santa,
De quem dissera milagres
Pela Hostia consagrada,
A jura naõ me estranheis,
Que nesta Villa affamada
Quem lança votos a Christo,
Mais agrada, do que aggrava;
Porèm nada dizer quero,
Porque saõ cousas muy claras
As que por mar, e por terra,
Zela o mar, e a Villa guarda.

A's dez cheguey ao Mosteyro,
E para tratar da pança,
Bem que chegava deixe ficar,
A deshoras naõ chegava.
Naõ refiro o que comi,
Pois cuido que já me chama
O leytor *amicus mensæ*,
Sendo eu amigo *usque ad aras*.
A Santa Clara cheguey,
Onde, e naõ pouco estrellada
A gemma da formosura
Achey n'huma Freira Clara.
Consenti me que vos pinte
Amaryllis a galharda,
Que della naõ direy cousa,
Que lhe naõ venha pintada.
Eyla vem, eyla apparece,
Eyla sahe a formozaça,
Com vestido de Quaresma,
Porèm com cara de Pascoa.
Era mar de formosura
A cara mil vezes cara,
E por ser sempre mar leite,
Maré de rosas formava.
Advirta o leytor que aqui
Do cabello se naõ falla,

Por-

Porque quando tomou ordens,
Logo ficou tonfurada.
Deixou differentes fedas
Só por bufcar a laã parda;
Mas quando veyo por laã,
Foy a moça tofquiada:
He de leite, e de deleite
Sua fronte dilatada,
Mas de leite, a quem pudera
Dar o leite meya bata.
Menos branca junto della
Se via a branca toalha,
Muy de Hollanda para as viftas,
Muy para as viftas de caça.
Os olhos faõ taõ fuaves,
Inda quando eftá mais brava,
Que fe arregalla feus olhos,
Todos os olhos regalla.
As peftanas fuaõ vidas
Taõ agudas como adagas,
Eraõ picantes os nigos
De fuas luzes caftanhas.
Saõ da cor das violetas,
E bem merecem que a fama,
Melhor que Peftanas rofas,
Conte violetas peftanas.

Encordoava os extremos
Da cintura delicada
Hum cordaõ, que ao Ceo chegou,
Sendo nascido das malvas.

Naõ tive de pé cantiga
Para ver do pé a planta;
Porèm digo, e que bem digo,
Que seu pé, n'hum ponto nada.

Da condiçaõ nada sey,
Mas ser bõa se declara,
Porque taõ bella pessoa
Deve ser pessoa bragada.

Em fim, no garbo, no brio
He seu corpo feito de almas,
Dezalmado tem mais obras;
Bõa vista tem Almada.

A' gentilleza as Sereas
Saõ com ella comparadas,
Estas nem carne, nem peixe,
Aquella carne de vacca.

Viraõ-se junto a seu rosto
Ariadna, e Atalanta,
Atalanta em muitas partes,
N'hum Labyrintho Ariadna.

A bella filha de Ceres,
De Perseo a gentil dama,

Huma ficára trigueira,
Outra atadinha ficára:
Ficaraõ do grande Eneas
As consortes olvidadas,
Creusa toda perdida;
Digo toda traspassada.
A brancura, e a brandura
De seu rostinho deixára
Thisbe negra como Moura,
Daphne dura como planta.
Se o Sol de seus olhos vira,
Rhodas ao Sol dedicára;
Deixando o Sol com seus olhos,
Rhodas lhe chamára Amalta.
Se tornára a competir,
Sobre a maçaã Venus alva,
Posto que venceo em Ida,
Naõ vencera na tornada.
Porèm direis que sou largo,
Sendo muy breve a muchacha;
Mas bem que ficou pequena,
Crede que naõ ficou baixa:
Alta por seus ascendentes,
E por suas prendas alta,
Só no corpo he mal medida,
Porèm naõ he mal talhada.

Falley-lhe com bravo estylo,
Poaèm com modestia rara,
Pois chegando a *Musa*, *Musa*,
Naõ passey a *Amo*, *amas*.
Discorria respeitozo,
Amante me naõ mostrava;
Rara foy a cortesia,
A continencia mais rara.
Naõ sey inda entender como
Suas discretas palavras,
Tendo tantas descahidas,
Tem tanto de levantadas.
Mas os conceitos, que diz,
Já nas veras, já nas graças,
Naõ retratarey, amigo,
Que o que diz, naõ se retrata.
Houve merenda no caso,
De diversos doces ampla,
Foy esta tarde muy doce,
Mas tambem foy muy salgada.
Despedi-me quando o Sol
Em todo hum mar se affogava;
Que quem he Sol, naõ convèm,
Affogar-se em pouca agoa.
O' Muza sentencioza,
Como me dás esperanças

De andar muy cedo por feitos,
Pois já por ſentenças andas.
Chego a caſa, poem-ſe a meza;
Mas acabe-ſe a jornada
Que teve, por ſer terceira,
Gran parte de Franciſcana.

JORNADA IV.

ROMANCE.

A Democrita do Ceo,
Ou a Heraclita do Polo,
Que ſe desfaz toda em riſo,
Que ſe desfaz toda em choro:
Filozofa no deſprezo,
De perolas hum theſouro
Derramava ſobre a terra,
Bem qne as trazia nos olhos.
Quando acordey, doce amigo,
Ao ſom de meus proprios roncos
Era o tal ſomno cobarde,
Ronquey-lhe, e fugio logo.
Veſti-me, e o roſto lavey,
Porque ſe naõ lavo o roſto,

Por

Por meyos de deslavado
Se mete a ſer vergonhozo.
 Almocey hum frangainho,
E peras cobertas oito;
Seis foraõ, mas conto mais,
Porque me vem mais a conto.
 Os conſoantes pediraõ
As duas, que de mais ponho,
Que por amigos de doce
Querem campar de bom goſto.
 Inda que as tiro da boca,
O que me pedem lhe otorgo,
Que como ſaõ taõ meus amos;
Com elles peras naõ jogo.
 Montey, meu Souſa, no macho,
Bem que nelle nada monto;
Pois da minha authoridade
He inimigo nos oſſos.
 Por eſſes trigos me vou,
Porèm no campo eſpaçozo;
Bem que vou por eſſes trigos,
Do caminho naõ me alongo.
 Na Golegaã deſcavalgo,
Ou deſmacho, que he mais proprio,
E ſe deſaſnára, fora
Muy mais elegante modo.

Eſta-

Estalajem'á maõ direita,
N'hum aposento taõ roto,
Que por seus velhos remendos
Se viaõ seus entreforros.
A miseria lhe notey,
Mas a soberba mais noto;
Porque, tendo poucas partes,
Acho naõ tem fumos poucos.
Poeta me pareceo,
Mas naõ Poeta ostentozo,
Porque com ter varias rimas,
Mostra nada ter composto.
Hum instrumento de bocca
Temperou nossa ama logo,
E eu vendo que ella tempera,
Minha garganta dispònho.
Mas nisto chegou nossa ama
Com hum prato muy formozo,
Porque tinha huns olhos verdes,
A pedir de bocca os olhos.
Eraõ muy tenros, muy doces;
Mas sou eu de taõ máo gosto
Que com serem taes, os trouxe
Entre meus dentes hum pouco.
Depois dos olhos de couve
Huma forçurinha como,

E comi bem por miudo,
Bem que o digo muy por grosso.
Huma franga muy sem penna
No cadafalso golozo,
Por ser christaã nova hum tanto,
Sahio condenada ao fogo.
Era o vinho, que bebi,
Taõ delgado, taõ gostozo,
Que muitos furos abaixo
Lhe fica o Falerno tosco.
Era em fim tal, que melhor,
Que a Freira de melhor gosto,
Obrigaria aos amantes
Naõ se apartarem do torno.
Regaley-me como hum Padre,
E fartey-me como hum tolo,
Cevey-me como espingarda,
E fiz-me como hum pelouro.
Comi finalmente hum doce,
Mas por ser muy torpe poço
O desta Villa, naõ quiz
Que fosse agoado o meu gosto.
Puz-me logo a caminhar,
E já depois do Sol posto,
Qual engenhosa abelhinha,
N'huma cortiça me alojo.

Referir-vos eu a cea
Fora processo enfadozo,
Bem que por estar muy quente,
A despachey n'hum assopro.
Comer, e calar me agrada,
Darey pois na bocca hum ponto,
Porque de mim se naõ diga
Que bem como, e que mal cozo.

JORNADA V.

ROMANCE.

OH Como estou descançado!
Mas que muito, illustre Sousa,
Se na minha quinta estou:
Pouco falta; maõs á obra.
Vergonhosa, e magoada
Se mostrou a bella Aurora,
Magoada de huma morte,
De huma vida vergonhosa.
Por Tithaõ a ter taõ muita,
Por Memnon a ter taõ pouca,
Traz no coraçaõ a magoa,
E traz no rosto a vergonha.

Em fim, que chorava, e ria
A froxissima modorra,
Que como prudente guarda
La risa para la llora.
Quando eu muy Cavalleiro
Redeas solto, aperto esporas,
E Pegaso feito o macho
Naõ corre só, porèm voa.
A vista lhe arde em cachões
Com colera generosa,
E da fervura dos olhos
Escumas lhe vem á bocca.
Pasmey-me desta esperteza
Depois de tanta modorra;
Em fim correo como gama
Quem naõ caminhava jota.
He conceito do A B C,
Mas por ser Grego se soffra,
Que bem com taõ Grega besta
Grega frase se accommoda.
Cedo entrey por Anciaõ,
Mas naõ direy nesta copla
Cousa nova, porque implica
Anciaõ com cousa nova.
Eraõ sette horas e meya,
Pouco importava esta conta,

Mas de pobres, e covados
Dando eſtaõ meus verſos horas.
A' porta deſcavalguey
De huma venda muy bõa,
Mas ſendo muy bõa a venda,
Fiz eu muy infame compra.
Pelo almoço perguntey,
Acudio logo huma moça
De fórma muy liberal,
Mas de muy ſeccas reſpoſtas,
Temos bacalháo, me diſſe;
Pedi logo duas poſtas
Muito mais ſeccas que hum páo,
E mais que hum páo matadoras.
Em provando as reprovey,
Pedi mais alguma couſa,
E vindo huns ovos com mel,
Me cahio no mel a ſopa.
Era taõ bemquiſto o mel,
Que ſegundo minhas contas,
Nunca por elle ſe diſſe,
Que nelle ſenaõ põem moſcas.
Pois quando a torta virey,
Ay que viſta taõ nojoſa!
Na torta huma moſca vi,
Que me deixou a alma torta.

Na

Naõ acabo de entender
Como foy taõ rigoroſa
Aquella, que por taõ mança
Parecia moſca morta.
Nada mais pude comer,
Mas que muito que naõ coma,
Se a torta me deo quebranto
Com ſua viſta medonha?
Logo me púz a cavallo,
Seguindo minha derrota,
E caminhey taõ depreſſa,
Como quem hia com moſca.
Logo deſcobri Coimbra,
E com trompa dorminhoca,
Dorminhoca lhe chamey,
Porque reſonava a trompa.
O' Cidade, que eſtás rindo,
Lhe digo, das mais luſtrozas,
Ou cá neſte Mundo vivas,
Ou no outro Mundo morras.
Vós ſois a melhor Cidade,
Que tem Luſitania toda,
Mais gente de capa preta
Naõ vio Pariz, nem vio Roma.
O pé vos beija o Mondego,
Fonte em graça, rio em copia,

Que campa com ſua Eſtrella
Entre os mais rios de Europa.
Vós me déſtes de mammar,
Vós me criaſtes com broa,
Que ſe fazia amarella
De minha fome medroſa.
Vós me fartaſtes de tentos,
Feijoens digo, e em minhas trovas,
Porque entaõ tentos me déſtes,
Vos dou louvores agora.
Hoje de Lisbôa chego,
E bem que he terra famoſa,
Me crede, que os voſſos longes
Saõ os pertos de Lisbôa.
Palavras naõ eraõ ditas,
Quando entro pela porta,
Que tem Moça, Leaõ, Serpe,
Que tem Serpe, Leaõ, Moça.
A caſa fuy de meu tio,
E ſubi ſem dizer oyla,
Hum pajem me encontra, minto,
Recebe-me, naõ me encontra.
Em fim me abraça meu tio,
E minha Muza goſtoſa
As graças em pé remata,
Quando dou principio ás glorias.

Acabey qual Prégador,
Porèm foy traça engenhosa
Dar-lhe com gloria no fim,
Que alfim se canta la gloria.

Fim das Jornadas de Lisbôa para Coimbra.



EGLO-

EGLOGA
PASTORIL.

Timarinto, Palémon, Vilanio.

COm os rayos brilhãtes, q̃ espalhava,
Os viventes a Aurora despertava:
O Sol, que vinha entrando no Orizonte,
Já reflexo fazia no alto monte:
Tornava a florecer o verde prado,
Sahia dos curraes o manso gado:
Quando já na espessura das campinas,
Que rega o Tejo chêas de boninas,
Timarinto, e Palémon se encontravaõ,
Que alli a seus rebanhos pasto davaõ:
Hum cabras, outro ovelhas possuîa,
Qualquer de pouca idade parecia;
Ambos da mesma Aldêa, e de igual gẽte,
Ambos cantar sabiaõ docemente.
Era a Estaçaõ, em q̃ as fragrãtes rosas
Brilhavaõ entre as plantas mais viçosas:
Na verde relva os doces passarinhos,
Faziaõ canto alegre nos raminhos;
E attrahidos das sõbras d'huns verdores
Estavaõ neste sitio estes pastores.

Aqui todos entregues ao descanso
Viaõ correr aquelle rio manso;
Tudo quanto a seus olhos se mostrava
A mayor gloria cada vez lhes dava,
Viaõ seus gados fartos de verdura,
Julgavaõ naõ haver mayor ventura.
Vilanio neste tempo conduzia
Os seus novilhos para a fonte fria,
E entrando já nas agoas a manada,
Escutou esta muzica alternada:

Timarinto.

Graças ao Ceo, que já nos tẽ mostrado
O feliz tempo, o tempo dezejado:
A' nossa vista o campo já florece,
Todo a nossos rebanhos já se ofrêce.

Palémon.

Tornará, Timarinto, aquella idade,
Em que reinou na terra a liberdade,
E offrecia o sustento á humana gente
A natureza cuidadosamente.

Timarinto.

Ja parece, Palémon, que estou vendo
Os homens a Saturno obedecendo;
De abundancia, e innocencia chêa a terra,
Até o nome esquecerá da guerra.

Palémon.

Nestas verdes campinas desde agora
Habi-

Habitará goſtoſa a bella Flora :
Cada dia mais gordos , e augmentados
Noſſos olhos veraõ os noſſos gados.

Timarinto.

Os outeiros , os valles ſem cultura
Veremos cheyos da melhor verdura :
As ovelhas , as cabras abundantes
Seraõ em leite mais do que eraõ d'antes.

Palémon.

De nós os meſmos Deoſes mais amigos
Apartarâõ a ira , os ſeus caſtigos :
Da violencia dos lobos carniceiros
O Deos Pan livrará noſſos cordeiros.

Timarinto.

Em quanto aqui brilhar a luz do dia ,
As aves faraõ doce melodia :
Ouviremos as Ninfas deſſe monte
Reſponder ás que habitaõ neſſa fonte.

Palémon.

Paſtay , minhas ovelhas , livremente
Na verdura, que o Ceo vos faz prezente;
Que em quanto durar voſſa feliz vida
Para vós ha de a terra eſtar florîda.

Timarinto.

Paſtay, tenras cabrinhas,nos verdores,
Que rebentando vaõ entre eſſas flores :
Naõ temais o rigor do lobo irado ,

Q

Que em vós hũ grãdeDeos pöem seu cui-
Vilanio, q̃ soffrer já naõ podia (dado.
O dezejo de ver a quem ouvia,
Seus novilhos á pressa conduzindo,
Corria atraz do som, que estava ouvindo;
Quãdo n'huma campina deleitosa
Os vio ao pé d'huma arvore frondosa:
A ambos logo abraçando, de contente
Estas palavras disse alegremente:

Vilanio.

Quanto vencem as rosas ás mais flores,
Tanto em cantar vẽceis os mais pastores:
A vossa melodia vale tanto,
Como dos roxinoes o doce canto.
Cãtay, q̃ mais me agrada essa harmonia
Que o murmureo daquella fonte fria:
No vosso alegre canto o mundo veja
Quanto Arcadia vos deve ter inveja.
O mundo veja o tempo dezejado,
Tempo, que só por vós lhe será dado:
Cantay, moços pastores, na espessura,
Cantay, que igual naõ tem vossa vẽtura,
Como servẽ de enfeite ao prado as flo-
Vós tambẽ sois a gloria dos pastores;(res,
Este campo sem vós triste parece
A' vossa vista tudo aqui florece.
Vivey gostosamente a vossa vida,
Que

Que á alegria este sitio vos convida:
Dos antigos trabalhos a memoria
Perca-se á vista dessa vossa gloria.
As Oreadas desçaõ lá dos montes,
As Napéas se apartem dessas fontes;
Venhaõ-vos offerecer crôas vistosas
De verdes murtas, de brilhantes rosas.
Assim Vilanio alegre lhes mostrava
O muito, que o seu canto lhe agradava:
Mas como o ardor do Sol, que já subia,
Naquelle sitio ameno os perseguia,
Contentes procuraraõ com seus gados
Melhores sombras nos vizinhos prados.



SOLILOQUIO DE HUM PECCADOR

prostrado aos pés de hum

CHRISTO CRUCIFICADO.

Pelo Padre
ANTONIO DE BARROS.

SONETO PREVIO.

JA', Muza, os meus cabellos prateados,
A's exhortaçoens da neve reduzidos,
Me admoestaõ que saõ todos perdidos
(Tirãdo os de salvar-me) outros cuidados.
Sejaõ, pois, do meu plectro desterrados
Os affectos de Lidias, e de Armidos,
E cante só soluços, e gemidos,
Pregoeiros da dor de meus peccados.
Se o Cysne, quãdo está vizinho á morte,
Disfarça em canto as lagrimas, q̃ chora,
Eu, que já Cysne fou, justo he q̃ o cãto,
Com que elle chora, imite; e desta sorte
Minha voz, outro tempo taõ sonora,
Se já muzica foy, seja hoje pranto

SEXTI-

SEXTINAS.

I.

MEu Deos, cuja ſagrada humanidade
Pregou neſſe madeiro ſacroſanto
Mais voſſo amor, que a noſſa crueldade;
Porque, ſe o meſmo amor naõ fora tanto,
A uzar comvoſco naõ ſe atreveria
Tal odio, tal furor, tal tyrannia.

II.

Meu diſſe! Oh q̃ exceſſivo atrevimẽto!
Como meu! Se no tempo, q̃ hey vivido,
Apenas houve inſtante, houve momento,
Em que por mim naõ foſſeis offendido:
Só quiz com meus peccados, e torpezas
No numero igualar voſſas finezas.

III.

Mas, meu torno a dizer, porq̃, ſe he cer-(to
Que me compraſtes quando fuy cativo,
Pelo preço, que deſſe lado aberto
Correo taõ liberal, como exceſſivo;
Como poſſo negar, ſem novo aggravo,
Que ſois vós meu Senhor, e eu voſſo eſ-
cravo?

Eu

IV. (era
Eu ſou, meu Deos, aquelle eſcravo, q̃
Taõ desleal, protervo, e taõ perjuro,
Que ſendo para os vicios branda cera,
Para as virtudes ſuy marmore duro,
Tal, que quando me vejo, e me contẽplo,
Em mim ſó de mim meſmo acho exẽplo.

V. (rivel,
Eu ſou, meu Deos, aquelle mõſtro hor-
Que ſem medo á juſtiça, e ſem receyo
Do tremendo Juizo, e do terrivel
Fogo do inferno temerozo, e feyo,
Tantas vezes peque y, que parecia
Que era eſpora aò peccar quanto temia.

VI. (nha,
Taõ coſtumada ao vicio era a alma mi-
Que ſem que a tentaçaõ foſse o convite
Do peccado parece que em mim tinha
Mais lugar o coſtume que o appetite;
Peccando de manhã, á tarde, e á noite
Sem temer da juſtiça o digno açoite.

VII.
Para cahir nos laços, que me armava,
E que me offerecia o penſamento,
Quando aos delictos mais me convidada,
Foy taõ ligeiro o meu conſentimento,

Que

Que, ao mesmo pensamento anticipado,
Naõ quiz ter a desculpa de tentado.

VIII.

Tanto me habituava no peccado,
Que, antes de ver o objecto prohibido,
Sem me vencer, me tinha já prostrado,
Sem me prostrar, me tinha já vencido!
Com que era em mim (estou para dizer)
Primeiro o consentir, que o appetecer.

IX.

Na guerra, que o Demonio me fazia,
De suas settas nenhuma malograva;
A que naõ me matava, me feria,
Senaõ que alguma feria, e naõ matava.
Oh quantas vezes fez no peito brecha
Antes do golpe o disparar da frécha!

X.

Nas tentações, q ás culpas me incitavaõ,
Naõ posso, inda q queira, achar desculpa,
Que, como auxilios nunca me faltavaõ,
Se peccava, era só por minha culpa;
Patrocinando nisto a natureza
Mais a minha maldade, que á fraqueza.

XI.

A Primavera dos floridos annos
Aos vicios me servia de lisonja;

O Outono prégador de dezenganos,
E que he dos appetites branda esponja,
Em vez de os apagar, pelo costume,
Novas chammas lhes dava de novo lume.

XII.

Oh quantas vezes vossa piedade,
Do meu profundo mal compadecida,
Me trazia á memoria a brevidade
Dos deleites, e gostos desta vida!
Mas esta inspiraçaõ só me servia
Como azeite ás chammas, em que ardia.

XIII.

He breve a vida, breves os deleites,
Da-te pressa aos gozar por varios modos;
Me dizia a mim mesmo; naõ rejeites
Algum de quantos ves, logra pois todos.
Naõ tardes, que as delicias saõ boninas,
E só saõ flores, quando saõ meninas.

XIV.

Occorria-me a morte de repente;
Mas eu dizia, cego aos dezenganos:
Naõ temas, que na idade florecente
Tẽs inda vida para muitos annos; (corrẽ)
Se algũs morreraõ assim, (poucos me oc-
Logo has de ser dos poucos, q̃ assim mor-
rem?

XV.

Mas quando que assim seja, e que severa,
Antes do tempo a Parca córte o fio;
Faze tu por gozar na Primavera
O que naõ poderás no secco Estio;
Farás que a vida seja doce, e leve,
Larga nos gostos, se nos annos breve.

XVI.

Quando entre os horrorozos estampidos
Me achava dos trovoens, que fulminavaõ
Relampagos aos olhos, e aos ouvidos
Com formidaveis eccos espantavaõ;
Dizia: este terror naõ me embaraça;
Que, quẽ me quer matar, naõ me ameaça.

XVII.

Em quantas tempestades similhantes
Me achey mil vezes! Mas se a minha sorte
Me livrou de suspiros fulminantes,
Porque só nesta hey de achar a morte?
Olha que nesta casta de perigos
Saõ mais sẽpre os temores, q̃ os castigos.

XVIII.

Se quando me lembrava a eterna pena,
A que taõ justamente os peccadores
Vossa justiça com razaõ condena,
Dizia; deixo, deixo, esses temores

Que hũa lagrima ſó, quando a derramas,
Baſta para apagar aquellas chammas.

XIX.

Eſtas inſpiraçoens, que poderiaõ
A dureza abrandar dos diamantes,
Em vez de me abrandar, me endureciaõ
Cada vez mais; e os golpes penetrantes
Se exaſperavaõ mais às minhas chagas,
Pois faziaõ veneno das triagas.

XX.

Como a todos os vicios me entregava,
Mil motivos em todos deſcobria;
Se eſte pelo difficil me agradava,
Aquelle pelo novo me attrahia.
Porèm, qualquer motivo era eſcuzado,
Pois para mim baſtava o ſer peccado.

XXI.

Deſte modo vivi ſempre eſquecido
De vòs, de mim, da morte, e do Juizo;
Tinha o Inferno por chaça, e por fingido
O que a Eſcritura diz do Paraiſo.
Sò tinha por Inferno a vida eſtreita,
E por Ceo o que ao corpo mais deleita.

XXII.

Deſte modo vivi, ſem que a virtude
Me deveſſe o mais leve penſamento;

Só cuidar que podia ter saude
Me dava com molestia, e sentimento;
Vivendo de meus males taõ contente,
Que tinha por saude, o estar doente.

XXIII.

Mas, porque toda a Bemaventurança
Collocava nos gostos desta vida,
A' memoria naõ dava outra lembrança,
Que os deleites, com que ella nos convida,
Dando aos ouvidos muzicas serenas,
Ao gosto latas, e pompozas ceas.

XXIV.

Eraõ do olfato o almiscar preciozo,
Ambar, balsamo, e algalia, as iguarias;
Para o tacto o veludo mais mimozo,
Finos cambrais, e tudo, quanto fias,
Ou téças com lavores singulares
Industrioza Hollanda em teus teáres.

XXV.

A vista alimentava se de rosas,
De amarantos, jasmins, e outras boninas,
Perspectivas gentîs, e curiozas,
Raros quadros, pinturas peregrinas,
Fantaziando sempre em mil chimeras
Novos Abrîs, perpetuas Primaveras.

XXVI.

Da memoria trazia desterrado
Tudo, o que me podia dar tristeza;
Cuidado só naquillo, em q̃ acha agrado
A estragada, e corrupta natureza:
Nadando alegres sempre os pensamẽtos
Em pelagos de gostos, e contentos.

XXVII.

Este fuy, meu Jesus, mas se até agora
Fuy tal, qual vós sabeis, e eu vou dizẽdo;
Hoje, que vossa graça me namora,
De ser qual tenho sido me arrependo;
E me arrependo tanto, que quizera,
Que a dor o coração me desfizera.

XXVIII.

Para ter esta dor tomo por meyo
Fallar-vos hoje humilde, e pezarozo;
Mas, como me conheço, inda receyo
Se me ouvireis irado, se piedozo:
Mas que receyo? Quẽ me ouvio perdido,
Como não me ha de ouvir arrependido?

XXIX.

Chego pois, porém temo q̃ me impeça
O horror de tantas culpas cometidas;
E porque tambem temo, que aconteça
...ovar outra vez vossas feridas:

Por-

(gue,
Porque hũ morto, por mais q̃ esteja exan-
A' vista do inimigo lança sangue.

XXX.

(vejo,
No horrorozo das Chagas, q̃ em vós
Farey por ver das minhas hum retrato;
Humas, e outras me podem causar pejo,
Naõ sey se por cruel, se por ingrato:
Porèm sey que verey, como em crystal,
Em vós todo o meu bem, e em mim meu

XXXI.

(mal.
Mas se he certo que morre o Basilisco,
Vendo-se taõ deforme em hum espelho,
A morrer com razaõ tambem me arrisco,
Pois tanto ao Basilisco me assemelho:
Porèm, quando assim morra, será sorte
Que o horror dos peccados me dê morte.

XXXII.

Ouvi-me, pois, e para que me ouçais
Com mayor piedade, e mais clemencia,
Sejaõ, quanto disser, suspiros, e ays,
Que esta he de arrependidos a eloquẽcia
Começo pois: mas as palavras calem,
E com linguas de pranto os olhos fallem.

XXXIII.

Porèm, para chorar tantos peccados
Que lagrimas seraõ sufficientes,

Inda

Inda que o Nilo, e Ganges dezatados,
Mudem para meus olhos as correntes?
Day-lhes vós o valor, já q̃ eu naõ posso,
Ajuntando o meu prãto ao sangue vosso:

XXXIV.

Sayaõ, pois, pelos olhos derretidos
Os sentimentos, que meu peito encerra,
Desfaça-se em soluços, e gemidos
Quãto á minha alma fez taõ dura guerra:
Tudo em mim testemunha a dor, e a ma-
No peito incẽdios, e nos olhos agoa. (goa

XXXV.

Affoguẽ-se no prãto as culpas minhas,
E aquelles mesmos olhos, q̃ outras vezes
Foraõ venenos, sirvaõ de mezinhas;
Se foraõ espadas, sejaõ agora arnezes:
Qual a lança de Aquilles, que servia
De balsamo ás feridas, que fazia.

XXXVI.

Porèm, que chagas curarey primeiro?
As que fez na minha alma o meu pecca-
Ou as que abrio o odio carniceiro, (do,
Nessas mãos, nesses pés, e nesse lado?
Mas nas lagrimas se achaõ taes mezinhas,
Que as vossas curarey, se curo as minhas.

Sinto

XXXVII.

Sinto de modo haver-vos offendido,
Que deste sentimento naõ quizera
Nem a noticia ter de estar sentido;
Porque, se quanto o sinto, conhecera,
Seria tal o meu contentamento,
Que o gosto extinguiria o sentimento.

XXXVIII.

Quem me dera, meu Deos, o sentimẽto,
Com que o mayor do vosso Apostolado,
Lagrimas derramando cento, a cento,
Lamentou pezarozo o seu peccado:
Porque foy, na fraqueza de vencido,
Elle o ingrato, e vós desconhecido!

XXXIX.

Oh quem me dera a dor, que publicava
A Magdalena, quando em seus cabellos
O aljofar recolhia, que lançava,
Prostrada a vossos pés, dos olhos bellos;
Pois mais bellos entaõ, e mais formozos,
Quando mais magoados, e chorozos!

XL.

Mas estes sentimentos vos confesso
Que sou mais que atrevido em dezejá-los;
Porque, sendo elles Santos, fora excesso
Pertender nas virtudes igualá-los.

Sou

Sou peccador, dos peccadores quero
Ter as dores, que nelles considero.

XLI.

Quizera ter na dor de meus peccados
Todas as afflicçoens, e sentimentos,
Que estaõ soffrendo todos os damnados
Entre as chammas mayores, e tormentos,
E que fossem no numero infinitos,
Porque a dor fosse igual a meus delictos.

LXII.

Naõ porque queira seja este o motivo
Da dor de meus peccados, q̃ he mais no-
Mas porq̃ exprimir quero o festivo (bre;
Da dor, que o coraçaõ no peito encobre,
E dobra-se esta dor no meu dezejo,
Quando assim vos contemplo, e assim vos

LXIII. (vejo.

Quando vos vejo nessa Cruz ferido,
E sto meu coraçaõ, que todo he neve,
Acezo em chammas quer agradecido
Pagar parte do muito, que vos deve:
Mas he taõ grande o empenho, em q̃ me
Que o dezejo naõ passa do dezejo. (vejo,

XLIV.

Devo essa grande copia de rubîs,
Com que liberalmente me comprastes:

Devio esses preciozos carmezîs,
Cô que as plantas, e as pedras matizastes,
Quando em Gethsemani vossos suores
De purpura, e carmin tomarão as cores.

XLV.

Devo açoutes, escarneos, bofetadas
Coroa de espinhos, lãça, e outras affrõtas;
E estas partidas todas, que lançadas
Estaõ nas addiçoens das nossas contas,
Minhas dividas fazem taõ crescidas,
Que as naõ posso pagar com cem mil vi-
(das.

XLVI.

Mas o que cõ mil vidas naõ se atrevem
Pode satisfazer huma só morte;
Essa applicay, meu Deos, ao que vos devẽ
Minhas ingratidoens; e desta sorte
Se dirá (pois naõ póde o devedor.)
Que paga o justo pelo peccador.

XLVII.

Devo mais, mas porque entro em tãto
(abysmo?
Ou como murmurar em vaõ me atrevo,
Quando caber naõ podem no algarismo
As mercês infinitas, que vos devo?
Das quaes quizera ser com mais cuidado
Antes agradecido, que lembrado.

Mas,

XLVIII.

Mas como hey de mostrar-me agrade-
Se he taõ grãde a pobreza, em q̃ me vejo?
Salvo se for tomando por partido
Substituir as obras no dezejo,
Ou fazendo de amar-vos veniaga,
Pois q̃ hũ amor com outro amor se paga.

XLIX.

Seja esta a paga já que naõ me atrevo
A pagar de outro modo o amor vosso:
Que quero, pois naõ posso quanto devo,
Amar-vos, pelo menos, quanto posso:
E as lagrimas, que agora aqui derramo,
Sejaõ prendas do muito, que vos amo.

L.

Amo-vos, pois, e amar-vos de maneira
Quizera, que em meu peito se accendesse
Huma fornalha viva, huma fogueira,
Em que meu coraçaõ vivendo ardesse,
Qual Salamandra, que no fogo izenta
Vive, e do mesmo fogo se alimenta.

LI.

Tanto vos amo, que, se ser pudera
Gozar de vós no Ceo, naõ vos amando,
Mas amar-vos no Inferno, inda q̃ ardera
Com os damnados, que alli estaõ penando

Entre incendios de fogo sempiterno,
Deixára o Ceo, e fora para o Inferno.

LII.

Amo-vos, meu JESUS, co tanto extremo,
Que, sendo o coraçaõ pequeno vaso
Para taõ grande amor, o que mais temo
He que me tire a vida; se neste caso
Acabando-se a vida em tal empenho,
O amor grande acabasse, que vos tenho.

LIII.

Bem sey, q̃, se assim morto, eternamẽte
Vos hey de amar no Ceo; mas tãbẽ vejo
Que o amor lá naõ he livre; e livremente
Vos quizera amar sempre o meu dezejo;
E a chamma, que assim arde, por ventura
Naõ he taõ fina, posto he mais segura.

LIV.

Este feliz senaõ tem na verdade
Hũ grade excesso em mea conhecimẽto;
Pois, se vos amo alli, sem liberdade,
Naõ tenho em vos amar merecimento;
E aqui logro o amor, que quero ter,
Que he poder-vos amar, sem merecer.

LV.

Quizera no amor meu ter a finesa
Dos amantes mais finos; e entre tantos

Quizera ter o amor de huma Thereza,
De hũ Francisco, Agostinho, e outros Sã-
Quizera, se he possivel, a ternura, (tos:
Que teve em vos amar a Virgem pura.

LVI.

Quizera vos amar, quanto vos amaõ
Os Serafins, que, quando abatem as azas,
Accẽdem mais o fogo, em q̃ se inflãmaõ,
Formando incendios das q̃ só saõ brazas:
Quizera em fim, Senhor, saber amar-vos
Quãto soube offẽder-vos, e aggravar-vos.

LVII.

E se julgais que todos estes modos
Naõ satisfazem quanto me obrigastes,
Seja o mayor hyperbole de todos
Querer amar-vos, quãto vós me amastes:
Que inda que isto naõ póde ser possivel,
O amor sẽpre quer mais, q̃ o q̃ he factivel.

LVIII.

Naõ me move a este amor, de nenhum modo
O Ceo, que vós me tendes promettido;
Nem me move o terror do Inferno todo,
Posto que justamente merecido:
Porque em taes dous motivos se desco-
Que, inda que o amor he fato, he menos (bre,
nobre.

O que

LIX.

O que me move a amar-vos he somente
O mesmo amor, sẽ outro algũ empenho;
O que me move he ver quaõ cruelmẽte
Os homens vos pregaraõ nesse Lenho;
E que de tudo quanto padecestes
Foy causa o grande amor, q̃ nos tivestes.

LX.

Deixay-me, pois, para q̃ mais me incite
Na consideraçaõ destes tormentos
O meu amor; deixay-me que os medite,
E delles tire novos sentimentos;
Day-me licẽça, e day-me, o q̃ mais quero,
Amargo pranto, em quanto os cõsidero.

LXI.

Porèm qual ha de ser destes objectos
O primeiro, em q̃ empregue o meu cuida-
Tẽ todos tal lugar nos meus affectos, (do,
Que confesso me vejo embaraçado:
Que, como a todos igualmente estimo,
Igualmente de todos me lastimo.

LXII.

Começo, pois, mas sempre indifferente,
Sem que a nenhum conceda a preferẽcia:
O primeiro, que aos olhos se aprezente,
Tenha esse de primeiro a preeminencia.

Nenhum será mayor, q̃ eu nunca admito
Infinito mayor que outro infinito.

LXIII.

Esses dous Soes, q̃ tendes eclipsados
Naõ sey se foy da morte alta conquista
Para que naõ fossem os meus peccados
Foy os objectos de taõ bella vista:
Abri-os, pois, Senhor, porq̃ em taes pégos
De luzes, achem luz meus olhos cegos.

LXIV.

Porèm, para que peço que os abrais
Quando posso temer que, estando abertos,
Vos haõ de provocar cada vez mais
A horrores novos, e a castigos certos?
Tudo ha de causar-vos, quanto olhares,
Nova ira, novo horror, novos pezares.

LXV.

Naõ vereis mais, q̃ chagas lastimosas
Nodoas horriveis, cicatrizes feyas,
Golpes mortaes, feridas asquerozas,
Mais de peçonha, que de sangue cheyas,
Manchas, que das mortiferas serpentes
Imprimiraõ n'alma venenozos dentes.

LXVI.

Isto vereis; mas como juntamente
Vereis as minhas chagas, e as feridas,

Com

Com q̃ o grande amor voſso fez patente
O muito, que eſtimava as noſſas vidas,
Por mais que as minhas ſejaõ aſcorozas,
Naõ as eſtranhareis, olhando as voſſas.

LXVII.

Eſſas maõs, que algum dia torneadas
Viò voſſa Eſpoſa ornadas de jacintos,
Como as contemplo agora traſpaſſadas
De dous cravos em voſſo ſangue tintos?
Taes, que poſſo cuidar, vendo-as feridas,
Que, poſto q̃ ſaõ maõs, ſaõ maõs perdidas.

LXVIII.

Eſſas maõs, a q̃ a terra deve as plantas,
E o Ceo deve as Eſtrellas rutilantes;
Eſſas maõs, que puderaõ vezes tantas
Desfazer ſerras, fulminar Gigantes;
Quem teve tanta força, e tanto engenho,
Que ambas pode pregar n'hum duro Le-
(nho?

LXIX.

Eſſas maõs, que eſtaõ cheyas de coral,
Que derretido corre deſſas veyas,
Vos moſtraõ manirroto, e liberal,
Pois fazeis beneficios ás maõs cheyas;
Porque, a pezar dos cravos, q̃ as tẽ prezas,
Repartem menos ſangue que finezas.

LXX. (mẽtos;

Mas já q̃ o odio as pregou para os tor-
Pregue-as o vosso amor para os castigos:
Naõ se digaõ que foraõ mais attentos
Que o vosso amor, os vossos inimigos:
Pois será (se estaõ prezas) cousa rara,
Estando prezas, sacudir a Vara,

LXXI.

Mas q̃ Vara, ou q̃ açoute temer posso,
Se em vossas maõs me ponho humildemẽ-
E os effeitos espero do amor vosso (te?
Taõ liberal, que vejo claramente
Nessas maõs, q̃ de sãgue estaõ banhadas,
Que o Ceo me quereis dar ás maõs lava-

LXXII. (das.

Dessas maõs passo aos pés; de-me licẽ-
A Magdalena, q̃ choroza os prẽde, (ça:
Nem cuido que lhe faço nisto offensa,
Que a minha dor da sua dor aprende:
De-me licença, pois, para que chegue,
E que essas plãtas com meu prãto regue.

LXXIII.

O que aqui me dá mais admiraçaõ,
E o que serve ão discurso de embaraço
He, que, sendo hũ dos passos da Paixaõ;
Naõ os podeis bullir, nem dar hũ passo:

E que, estando assim prezo, como estais,
Se eu vos naõ busco a vós, vós me buscais.

LXXIV.

Prendem-vos esses cravos; porèm, sẽdo
Para produzir flores taõ contrario
Esse asperrimo tronco, que estou vendo,
E sendo esse terreno do Calvario
Apto só para dar espinhos bravos,
Como produz agora pés de cravos?

LXXV.

Mas, pode-os produzir, porq̃ saõ filhas
Do mesmo monte as mais boninas bellas,
As flores da Paixaõ, as Maravilhas,
E os Bẽ me queres; sendo qualquer dellas,
Sem que perca das flores o conceito,
Entre as mais flores, a do Amor perfeito.

LXXVI.

Nesses pés, q̃ de sangue estaõ banhados,
Já tomo pé paraque alentos cobre;
E para que no mar de meus peccados
A dezesperaçaõ me naõ soçobre:
E tenho pé para que humilde peça
Perdaõ, por mais q̃ a culpa o desmereça.

LXXVII.

A estes pés, meu Jesus, dou mil abraços,
Porque postos com os meus emparallelo,

Acho que elles só podem de meus passos
Ser norte, e ser certissimo modello:
E que rectas seraõ minhas jornadas,
Seguindo, como he bem, suas pizadas!

LXXVIII.

Ah pés! cujas pégadas sempre bellas
Podiaõ ser estampas preciozas
Das que do prado saõ lindas estrellas,
E das que saõ do Ceo fulgentes rosas:
Prodigo, mas cruel, o amor vos trata,
Pois vos prẽde em correntes de escarlata.

LXXIX.

Mas, naõ vos prende, naõ, q̃ da corrẽte,
Que parece prizaõ, remedio fez,
Com que vos quiz curar da febre ardẽte
Desse vosso amor, sangrando vos nos pés:
Mas, ah cruel remedio! ah tyrannias!
Minha a doença, e vossas as sangrias!

LXXX.

Sim; para que com tal medicamento,
Que inventaraõ as finezas mais divinas,
Me curasseis, poupando-me o tormento,
Que causaõ, de ordinario, as medicinas;
E porque o enfermo à purga naõ rejeite
He bem que a tome o mesmo, q̃ a receite.

Mas,

LXXXI.

Mas para q̃ nos pés mais me detenho,
Se com vozes de ſangue me convida
Eſſe lado a que veja o raro empenho
Do voſſo grande amor, que da ferida
Forma huma fonte tal, q̃ os Sacramentos
Corrẽ della em raudaes ſanguinolentos?

LXXXII.

Porèm, naõ ſey ſe he fóte, ſe he theſou-
Fonte parece, porque correm della (ro:
Rios de ſangue, que parecem de ouro:
Theſouro a julga quem ſe chega a vê-la;
Porque naõ poderia de outro modo
As dividas pagar do mundo todo.

LXXXIII.

Mas, ſe he theſouro, que juizo grave,
Sendo do amor theſouro, julgaria (ve
Que, para abrir-ſe, lhes empreſtaſse a cha-
A crueldade o odio, e a tyrannia? (to,
Mas, antes do odio a abrir, tenho por cer-
Que a gazûa do amor o tinha aberto.

LXXXIV.

Entre os coraes, que deſſa fonte corrẽ,
Vejo que ſe deſata outra corrente
De cryſtaes derretidos, que ſoccorrem
O peito, que ſe abraza em fogo ardente:

Ma-

Mas ay,q̃ a tanto incendio,a tãta fragoa,
He pequena huma ſó fonte de agoa!

LXXXV.

Mas, ſe forem meus olhos taõ ditozos,
Que a laſtima de verem eſſa ferida
Os transforme em dous rios caudalozos,
Unidos a eſſa fonte taõ creſcida,
Poderaõ conſeguir,ſem mais diſpendios,
Que modére eſſe fogo eſſes incendios.

LXXXVI.

Porèm o voſſo amor, q̃ os ſeus regálos
Acha no meſmo fogo, que o alimenta
Nenhum remedio quer para apagá-los;
Antes chammas a chammas accreſcenta,
E oppõem, para remedio dos ardores,
A Vezuvios de amor, Ethnas de amores.

LXXXVII.

Se quereis,pois,q̃ creſça incendio tãto
(Se he q̃ póde creſcer ſendo elle immẽſo)
Communicay-me parte,e vereis quanto
He, ſe naõ mais fogozo, mais extenſo:
Porque do fogo ſó ſe verifica
Creſcer mais, quanto mais ſe cõmunica.

LXXXVIII.

Eſte grande favor,ſuppoſto o eſpero,
Quem haverá,porèm,que mo aſſegure?

Por iſſo, para o haver, eu meſmo quero
Ser quem o ſolicite, e o procure: (ta
E eu meſmo quero entrar, q̃, aberta a por-
Deſſe lado, ou fornalha, bem me exhorta.

LXXXIX.

Já dentro eſtou, Senhor: Oh q̃ finezas
Experimento aqui do voſſo amor!
Oh que chãmas! q̃ incendios! e q̃ accezas
Levaredas! Mas ay, que eſte calor,
Que vos abraſa, em mim ſe apaga logo;
Pois que naõ me derreto em tanto fogo!

LXL.

Pareço-me com Pedro, quando eſtava
No atrio do Pontifice, em que ardia
O fogo, que, ſe aos outros abraſava,
Só para elle de neve parecia:
Pois ſe moſtrou taõ frio, e taõ regêlo
Que huma mulher baſtou para vencê-lo.

LXLI.

Porèm ſe ſe deixou vencer do medo,
Voſſa viſta fez nelle tanto abállo,
Que, quem o vio no Horto dormir cedo,
Deſperto o vio tambem cantando o gallo;
Sinta, pois, meu regêlo o meſmo effeito
Derretido nas chammas deſse peito.

LXLII.

Naõ ſey ſe deſse lado taõ ferido
Foy carnifice o amor; porèm naõ nego
(Sendo taõ cego o amor) que parecido
Foy Lõguinhos ao amor, porq̃ era cego;
Faltou-lhe a viſta, e quãdo o peito aſsalta,
Ganha á ponta da lança o que lhe falta.

LXLIII.

Menos cruel no golpe, que no intento
Foy, pois, ſem achar quem lhe reſiſta,
Quiz moſtrar q̃, o q̃ em vós foy rẽdimẽto
Fora da ſua lança huma conquiſta:
Para que ſe julgaſse neſta empreza
Que obrara mais a força, que a fineza.

LXLIV.

No golpe deſsa lança o amor voſso
Deixou tantas finezas eſtampadas,
(Que de tãto diluvio dizer poſso? (das)
Que ſe he chuva do amor chove ás lança-
Que ſaõ (por iſso nelle naõ me affogo)
Sendo lanças de amor, lanças de fogo.

LXLV.

Mas ay, meu bom Jeſus, q̃ eſtou temen- (do
Que entre lanças de tanta piedade,
Já que de minhas culpas naõ me emendo,
Haja outra lança, em cuja crueldade

Voſsa

Vossa justiça irada, e offendida
Tome a satisfaçaõ, que lhe he devida.

LXLVI.

Porèm, de que justiça taõ severa
Me posso recear? se estou mettido
Neste peito, do qual se se valera
O mesmo Judas, fora defendido:
Peito, que, se das culpas he Sagrado,
Para a justiça está sempre fechado.

LXLVII.

Peito, que he soberano relicario
Da reliquia melhor, que o mundo adora;
Porque serve de cofre, e de Sacrario
Ao coraçaõ de hũ Deos, que nelle mora:
Peito, onde se retrata o excessivo (vo.
Amor, se em cores mortas, muito ao vi-

LXLVIII.

Peito, em fim, onde quiz fazer-se forte
Cõtra as guerras do odio o amor Divino,
Que lhe quiz peito a peito dar a morte,
Mas, com menos valor, que dezatino;
Porque, se a hũ morto deo grande lãçada,
Pôs-lhe a lança no peito, e naõ fez nada.

LXLIX.

Naõ fez nada: pois, quando parecia
Mais cruel na ferida desse peito,

Inta

Intacto o coraçaõ, que nelle ardia,
Deixou ſem fazer nelle algum effeito;
E a victoria, cabal neſta contenda,
Leva-a quem faz que o coraçaõ ſe renda.

C.

Suppoſto, pois, que do furor da lança
O coraçaõ naõ pode ſer deſpojo,
Day-me licença, e day-me confiança
Para eſte atrevimento, a que me arrojo;
Roubando o coraçaõ, que no conflicto
O odio quiz deixar *pro derelicto.*

CI.

Com eſte piedozo ſacrilegio
Porey termo a outros muitos; confiado
Em que hei de achar hum privilegio
Para ficar de todos perdoado:
Entretanto, deixay que o ſentimento
Contemplar poſſa em vós outro tormẽto.

CII.

Mas, outro ainda! couſa me parece,
Depois de ſerem tantos, impoſſivel;
Porèm naõ, porque aos olhos ſe offerece
Outro objecto cruel, fero, e terrivel
Nos eſpinhos, que teçem a Coroa,
Que à cabeça vos fere, e vos magòa.

Cruel

CIII.

Cruel bem, que com nome especiozo,
Disfarçou de Coroa a crueldade;
Tormento de tormentos copiozo,
Pois fez brotar a sua impiedade
Da cabeça, que fere, e que maltrata,
Settenta e duas fontes de escarlata.

CIV.

Quando nessa Coroa considero,
O q̃ me assombra, e mais me causa espãto
He, q̃, sendo hum tormento taõ severo,
A vossa cortezia o estima tanto,
Que apondes, inda que ella o naõ mereça,
Com summa estimaçaõ sobre a cabeça.

CV.

Porèm ella naõ sey se presumida,
Vendo a honra excessiva, que lhe dais,
Ou se por rustica he desconhecida
Aos obsequios, e amor, que lhe mostrais;
Vejo que, quando chega a recebê-los,
Se está comvosco, está pelos cabellos.

CVI.

Mas, como essa Coroa he de maneira,
Que se compõem de espinhos, está claro
Que ha de ser muito rustica, e grosseira:
Nos espinhos, q̃ a formaõ, he q̃ eu reparo,

Po

CXIV.

Perdoay-me, meu Deos, mas ay, q̃ digo!
Huma mercê taõ grande assim se alcãça!
Já me esquece que fuy vosso inimigo!
Pois, em que fundo agora a confiança,
Naõ digo de alcançar, (que fora excesso)
Mas de intentar pedir o que vos peço.

CXV.

Mas, inda q̃ eu me esqueça, por vẽtura
Podeis vós esquecer-vos, quando tenho
(Como disse S. Paulo) huma Escritura
De meus crimes pregada nesse Lenho?
Mas, bem póde isto ser, que certo estou
Que o sãgue, q̃ a escreveo, esse a apagou.

CXVI.

Mas, se a naõ apagasse, e inda estivesse
Viva aquella Escritura, naõ seria
Maravilha que já vos esquecesse
Quanto de minhas culpas referia;
Que as culpas de quem vive arrependido,
Já naõ saõ culpas, posto o tenhaõ sido.

CXVII.

Pequey; porèm parece q̃ hey peccado
Poucas vezes; pois toda a minha vida
Hum só peccado foy continuado:
E, sendo hum só peccado, quem duvida

Que,

A vossa Espoza? Como agora horrores
Vejo, em vez de boninas? Naõ me admiro,
Porq̃ as flores, quaesquer q̃ vós quizeres,
Tornaõ-se sepinhos, sẽdo malmequeres.

CXI.

Se, em quãto a terra pura, e innocente,
Naõ produzia espinhos, (que esta planta,
Só na culpa de Adaõ, teve a semente)
Vós, que destes á mesma terra Santa
A santidade, como agora destes
Tantos espinhos hórridos, e agrestes!

CXII.

Se quizestes fazer deste tormento
Coroa para os mais, era escuzado;
Porque, para lograres esse intento
Já estaveis muitos mezes coroado:
E qualquer delles, pelo que magóa,
Vos servio de tormento, e naõ de Coroa.

CXIII.

Baste já de discursos; falle agora
O silencio, porque este tambem falla:
Falle a dor, que entaõ falla, quãdo chora,
E arrezôa melhor, quando mais cala:
Peçaõ de obras, palavras, pensamentos,
Perdaõ, pois deraõ causa a taes tormẽtos.

Per-

(lho,
Que, por mais que eu perdesse o ser de fi-
Vós naõ perdestes nunca o ser de Pay;
E, se sois Pay, sou filho, pois me occorre
Que o Pay já naõ he Pay, se o filho morre.

CXXII.

Porèm, ou seja filho, ou seja escravo,
Deve-me perdoar o vosso amor,
Se a filho, como Pay, qualquer aggravo,
E se a escravo, tambem como Senhor:
E saõ estes dous titulos de sorte, (forte.
Que naõ sey se ha de achar-se outro mais

CXXIII.

Se perderes hum filho, perdereis
A relaçaõ de Pay; e se acabares
Hum escravo, quem sabe se o achareis,
Como dizia Job, quando o buscares?
Vede, pois, q̃ eu naõ sey como isto possa
Ser perda minha, sem que seja vossa.

CXXIV.

E tambem perdereis as excessivas
Finezas, que por mim na Cruz obrastes:
Do sangue perdereis as fontes vivas
Demonstraçoens do muito, q̃ me amastes.
E perdendo-me a mim, perdeis hũa alma,
Que a todas as mais perdas leva a palma.

Se

CXXV.

Se me naõ perdoais, tereis queixozo
Vosso a mor; e por isso he necessario
Considerar, se sois taõ valorozo, (rio?
Que ás queixas rezistais de hũ tal contra-
Deixay, pois, esse empenho, esse rigor,
Naõ vos queirais tomar c'o vosso amor.

CXXVI.

Soborno seja á vossa piedade
O receyo de haver alguem, que diga
Que, se commigo usais severidade,
A que a vossa justiça vos obriga,
Parece, pelo menos, na apparencia,
Que he mayor a justiça, que a clemencia.

CXXVII.

Bem sey q̃, sendo tãtos meus peccados,
(Se a fé me naõ valesse) temeria
Se em vós, para que fossem perdoados,
Hum cabedal taõ grande se acharia:
Porèm, por mais que sejaõ meus delictos,
Vossos thesouros saõ mais infinitos.

CXXVIII.

Pois, se saõ infinitos, sem receyos
De que se esgottem, os reparti por mim;
E se os vossos tormentos foraõ meyos
Para salvar-me, naõ se balde o fim:

Nem ſe cuide q̃ os meyos, q̃ eſcolheſtes,
Naõ foraõ iguaes ao fim, q̃ pertendeſtes.

CXXIX.

E ſe o dar he certiſſimo ſinal
De hum coraçaõ amante, e peito nobre,
Moſtrando-vos commigo liberal,
Podeis-me enriquecer, ſem ficar pobre,
Pois, ſem diminuir tantas riquezas,
Podereis oſtentar voſſas finezas.

CXXX.

Vede que na Doutrina do Evangelho
Reſplandece entre todos os artigos
Aquelle mais que heroico conſelho
De perdoar a noſſos inimigos:
Vede agora, ſe naõ me perdoais,
Que diráõ da Doutrina, que enſinais.

CXXXI.

Naõ me ſirva de obſtaculo o haver ſido,
Entre os mais inimigos, mais protervo,
Pois póde acontecer que arrependido
Entre os mais ſervos ſeja o melhor ſervo;
Porque podeis fazer, ſem muito eſpãto,
De hũ grande peccador, hũ grãde Santo.

CXXXII.

Seja tal o perdaõ, que de repente
Quãto a culpa em mim fez, tudo desfaça,

E que

E que sirva a minha alma juntamente
De Occazo á culpa, de Oriente á graça:
Seja qual luz do Sol esclarecida
Que, se á noite dá morte, ao dia vida.

CXXXIII.

E se, para que seja perdoado,
Pede a razaõ q̃ o meu primeiro empenho
Seja ter odio, e horror ao meu peccado;
He tal o odio, e asco, que lhe tenho,
Que, se a culpa pudera ser formoza,
Me parecera fea, e horroroza.

CXXXIV.

He tal o odio, que, sendo preciso
O conhecê-la para que a aborreça,
Dá-se por satisfeito o meu juizo
De aborrecê-la, posto a naõ conheça;
Porque, considerando-a, receya
Ver quanto tem de horrivel, e de feya.

CXXXV.

Tal odio tenho ás culpas, q̃, somente
Por saber que fuy dellas o instrumento,
Quizera de mim mesmo estar auzente;
Porque taõ feyo a mim me reprezento,
Que, se me vejo em publico, e em segredo
Eu mesmo de mim mesmo tenho medo.

CXXXVI.

Mas ſe, para alcançar o que pertendo
Valem para comvoſco outros padrinhos;
Valha-me voſsa Mãy, á qual devendo
Eſtais taõ terno amor, tantos carinhos:
Vede, pois, que por mim ella intercede;
E ſe deveis negar-lhe o que vos pede.

CXXXVII.

Valha-me a Magdalena, que choroza
Com preces de cryſtal por mim advoga,
Petiçaõ para vós taõ poderoſa,
Que naõ podeis negar-lhe o q̃ vos roga:
Nem he muito que, ſendo peccadora,
De outro peccador ſeja interceſsora.

CXXXVIII.

Valha-me quem do titulo de amado,
Quando falla de ſi, tanto ſe preza;
Em ſeus rogos eſtou muy cõfiado (preza;
Que-ha de ter bõ deſpacho a minha em-
Porque tem, para ſer melhor ouvido,
Grande prerogativa em ſer valido.

CXXXIX.

Eſtes, que deſsa Cruz mais perto eſtaõ,
Companheiros fieis de voſsas dores,
Pedem de minhas culpas o perdaõ:
Mas para que recorro a interceſsores,

Se

Se outro mais poderozo allegar poſso?
Perdoay-me, meu Deos, pelo amor voſso.

CXXXX.

Perdoay-me : porèm naõ me contento
(Tanto preſumo já neſta contenda)
Somente do perdaõ, porque inda intento
Fazer que voſso amor a mais ſe eſtenda ;
Day-me, álèm do perdaõ, graça taõ firme;
Que neſsa meſma graça me confirme.

CXXXXI.

Day-me hũa graça tal, q̃ na pendencia
De quaeſquer tentaçoens dizer ſe poſsa
Que, inda que ſeja minha a reſiſtencia,
Menos minha pareça, do que voſsa :
E que, até quando for minha a victoria
Leve o troféo ſomente a voſsa gloria.

CXXXXII.

Deſta graça taõ grande neceſsito,
Porque conheço em mim tanta fraqueza
Que na continua guerra, e no conflicto,
Que me faz a corrupta natureza,
Temo que me derrube, e que me mate
D a menor tentaçaõ qualquer combate,

CXXXXIII.

Temo as occaſioens, em que conſiſte
Das tentaçoens a força mais urgente,

Ar

A's quaes armas he raro o que resiste,
E menos, se prezume de valente:
Day-me, pois, meu Jesus, para vencê-las
Hũ grande auxilio, q̃ he livrar-me dellas.

CXXXXIV.

De mim mesmo me temo, que ferido
Dos golpes de meus proprios pẽsamẽtos,
Tantas vezes me vi delles vencido:
Livray-me, pois, de taõ sanguinolentos
Contrarios, porque vejo que me aguarda
Em cada pensamento huma bombarda.

CXXXXV.

Porèm, se estas mercês, se estes favores,
Como a indigno, q̃ sou, quereis negar-me;
Se quereis entre tantos peccadores
Aos tormentos do Inferno condenar-me,
Vossos decretos, inda que os ignoro,
Humilde aceito, reverente adoro.

CXXXXVI.

Neste terrivel caso, condenado
Quando me veja ao Inferno, q̃ mereço,
O que alli me ha de dar mayor cuidado
Naõ haõ de ser as penas, que padeço:
O q̃ a minha alma afflicta alli mais teme
He que, em lugar de amar-vos, vos blasfeme.

Con-

CXXXXVII. (tos,
Cõtẽtay-vos, pois, ſó dos meus tormẽ-
Sem permittir que a minha iniquidade
Nas blasfemias mitigue os ſentimentos,
E que chame á juſtiça crueldade:
Blasfemar-vos a que ſe encaminha, (nha?
Quando he mais pena voſſa, do q̃ he mi-

CXXXXVIII.
Peço-vos, meu *Je*... mas já me aſſalta
Tal copia de ſoluços, que naõ poſſo
Articular o *Sus*, que inda me falta
Para pronunciar o nome voſſo:
Mas, pois naõ poſſo mais, faço aqui pauſa,
E ponho em voſſas maõs a minha cauſa.

F I M.

Adverte-ſe aos curioſos, que ſe eſtá imprimindo o ſegundo Tomo.

Mrs Henry Steele